

LIANA BRAGA PARAGUASSU

**TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL (TEA): REVISÃO DO TEMA E
PROPOSTA DE DISCIPLINA PARA CURSOS DE GRADUAÇÃO
EM TRADUÇÃO.**

Porto Alegre
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TRADUÇÃO: RELAÇÕES TEXTUAIS

LIANA BRAGA PARAGUASSU

**TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL (TEA): REVISÃO DO TEMA E
PROPOSTA DE DISCIPLINA PARA CURSOS DE GRADUAÇÃO
EM TRADUÇÃO.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Estudos de Linguagem. Linha de Pesquisa: Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria José Bocorny Finatto

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria José Bocorny Finatto

Porto Alegre
2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

CIP - Catalogação na Publicação

PARAGUASSU, LIANA
TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL (TEA): REVISÃO DO
TEMA E PROPOSTA DE DISCIPLINA PARA CURSOS DE GRADUAÇÃO
EM TRADUÇÃO / LIANA PARAGUASSU. -- 2018.
272 f.
Orientador: MARIA JOSÉ BOCORNY FINATTO.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. TRADUÇÃO. 2. ACESSIBILIDADE TEXTUAL. 3.
COMPLEXIDADE TEXTUAL. 4. SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL. I.
BOCORNY FINATTO, MARIA JOSÉ, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LIANA BRAGA PARAGUASSU

TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL (TEA): REVISÃO DO TEMA E PROPOSTA DE DISCIPLINA PARA CURSOS DE GRADUAÇÃO EM TRADUÇÃO.

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área: Estudos de Linguagem. Linha de pesquisa – Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais.

Aprovada pela banca examinadora em
29/11/18

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria José Bocorny Finatto (Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Rozane Rodrigues Rebechi

Prof. Dr. Guilherme Fromm

Prof^ª. Dr^ª. Andrea Jessica Borges Monzon

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha orientadora Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto pelo acolhimento, pela admirável paciência, por todas as oportunidades e por ter acreditado em mim e que eu poderia contribuir com a sua pesquisa tão valiosa no âmbito da Acessibilidade Textual e Terminológica.

Um agradecimento especial à Profa. Dra. Anna Maciel por ter acreditado no meu potencial e ter sido a primeira pessoa a entender que um mundo tão técnico quanto o dos maquinários agrícolas poderia fazer parte de uma pesquisa em Letras.

Agradeço à Profa. Dra. Rozane Rebechi pelas portas sempre abertas, pela parceria na pesquisa da SEAD/UFRGS Edital 24 sobre Complexidade Textual. Sem a tua ajuda a pesquisa não teria sido possível.

Agradeço ao Prof. Marcos pela oportunidade de trabalhar com suas turmas de Terminologia durante a pesquisa da SEAD/UFRGS Edital 25 sobre Complexidade e Simplificação Textual.

Agradeço à SEAD/UFRGS pela possibilidade de realizar as pesquisas que subsidiaram esta dissertação.

Agradeço aos membros da banca examinadora por se disporem a ler este trabalho e trazerem contribuições valiosas para enriquecê-lo.

Agradeço aos mestres que contribuíram muito para a minha formação como pesquisadora e tradutora e pelos valiosos ensinamentos durante o Mestrado: Profa. Dra. Cleci Bevilacqua, Profa. Dra. Patrícia Reuillard, Profa. Dra. Sabrina Abreu e Prof. Dr. Félix Bugueño.

Agradeço aos meus colegas e parceiros de jornada Asafe Cortina, Carolina Ourique e Mauren Cereser. A amizade de vocês tornou o caminho até aqui muito mais fácil e prazeroso.

Agradeço ao meu marido, Ricardo Eizerik Machado, pelo suporte, pela compreensão pelas tantas horas que precisei estar ausente do convívio familiar para que o meu grande objetivo pudesse ser cumprido. Agradeço ainda os momentos de consultoria médica que foram tão valiosos neste trabalho e por estar sempre pronto para me ajudar.

Agradeço com todo o meu coração à minha filha Júlia por sua maturidade e entendimento e por, apesar de ter muitas vezes chamado a dissertação da mamãe de “desertação”, ter compreendido os momentos de ausência. Espero que o teu orgulho por eu ter atingido o meu objetivo supere os momentos que a mamãe não pode estar contigo.

Agradeço aos meus pais Sandra e Luiz Carlos Paraguassu pelo suporte sempre que precisei e por acreditarem em mim.

Dedico esta dissertação a você, filha, pois em tudo que faço está sempre presente o desejo de ser um exemplo para ti.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo estabelecer as bases de uma nova disciplina, intitulada Tradução Especializada Acessível (TEA), a ser proposta para os cursos de Letras, principalmente Bacharelado, e Tradução no Brasil. Para que pudéssemos desenhar uma disciplina que melhor se adequasse às necessidades do tradutor em formação, partimos dos achados e resultados de duas pesquisas em Educação a Distância (EaD) financiadas pela SEAD/UFRGS intituladas “Complexidade textual em contraste português-inglês: bases para elaboração de atividades EaD para a formação de tradutores na UFRGS” e “Complexidade e simplificação textual em contrastes multilíngues: melhores atividades EaD para a formação de tradutores profissionais na UFRGS”. As pesquisas trataram dos temas da complexidade textual (CT), da simplificação textual (ST) e da Acessibilidade Textual (AT), visando a subsidiar atividades didáticas no curso de Letras/Tradução da UFRGS. Estes projetos buscaram estender as propostas de atividades já verificadas para disciplinas específicas que tratam de terminologias técnico-científicas, mas que tratam, simultaneamente, de textos especializados, primeiramente em inglês e português e, posteriormente, em diferentes idiomas em um cenário multilíngue de formação. A partir dos projetos mencionados, pudemos estabelecer as bases do trinômio CT, ST e AT a serem trabalhadas na TEA e o que perfaz a TEA, juntamente com noções de Tradução, como a Teoria Funcionalista da Tradução proposta por Christiane Nord (1996), e as noções de Tradução Intralinguística propostas por Jakobson (1975), e de Terminologia, como a TCT de Cabré (1999) e a Terminologia de uma perspectiva textual apresentada por Finatto (2004). Assim, a partir de uma revisão sobre o mundo da Tradução hoje e de noções e teorias que viriam a subsidiar a proposta da TEA, partimos para o desenho de uma nova disciplina que surge para agregar valor à formação do tradutor de hoje e dos cursos de Tradução no Brasil.

Palavras-chave: Tradução. TEA. Trinômio CT, ST e AT.

ABSTRACT

This master's research aims at establishing the bases of a new discipline called Accessible Specialized Translation (AST) to be proposed in the Undergraduate Language and Translation courses in Brazil. In order to design a course that best meets the needs of undergraduate translators, we start with the findings and results of two studies in Distance Learning (DL) funded by SEAD/UFRGS called "Text Complexity in Portuguese-English Contrast: bases for designing DL activities for the training of translators at UFRGS" and "Text Complexity and Simplification in Multilingual Contrasts: best DL activities for the training of professional translators at UFRGS ". The researches addressed Text Complexity (TC), Text Simplification (TS) and Text Accessibility (TA), aiming to subsidize didactic activities in the Languages/Translation courses taught at Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). These projects sought to extend the activities already verified to specific disciplines dealing with technical-scientific terminologies, but which deal simultaneously with specialized texts, firstly in English and Portuguese and later in different languages in a multilingual training scenario. From the above-mentioned projects, we were able to establish the bases for the triad TC, TS and TA provided in AST, and what constitutes the AST, as well as notions on Translation, such as the Functionalist Approach proposed by Christiane Nord (1996), and the Intralinguistic translation notions provided by Jakobson (1975), in addition to Terminology theories, such as the TCT by Cabré (1999) and Terminology from a textual perspective presented by Finatto (2004). Thus, based on a review of the world of Translation today and the notions and theories that supported the proposal of AST, we set out to design a new discipline that arises to add value to the training of today's translator and the Translation courses in Brazil.

Keywords: Translation. AST. Triad TC, TS and TA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A tradução como produto	41
Figura 2: Classificações Brasileiras de Ocupação.....	42
Figura 3: O mercado de traduções mundial por receita líquida de vendas	44
Figura 4: Segundo a Nimdzi, 39% das empresas de tradução do mundo estão localizadas nos Estados Unidos	46
Figura 5: Algumas modalidades de tradução versus oportunidades de trabalho	47
Figura 6: Oportunidade de trabalho no site ProZ.....	52
Figura 7: Diversidade de ferramentas de tradução mapeadas pela empresa de consultoria linguística Nimdzi	55
Figura 8: Exemplo de especialização e suas subespecialidades.....	57
Figura 9: Modelo de categorização do texto em 4 níveis de Ciapuscio.....	74
Figura 10: Modelo de características linguísticas e extralinguísticas	75
Figura 11: Os diferentes interlocutores da comunicação especializada.....	79
Figura 12: As cinco questões da tradução especializada acessível de acordo com a teoria funcionalista	84
Figura 13: Esquema do processo TEA.....	89
Figura 14: Modelo de competência tradutória elaborado pelo PACTE (2002)	94
Figura 15: Esquema de subcompetências da Tradução Especializada Acessível (TEA)97	
Figura 16: Tabela com as competências científicas.....	113
Figura 17: Tabela com os níveis de escala de proficiência científica conforme o ILC114	
Figura 18: Letramento em Saúde – Quando paciente e profissionais de saúde realmente se entendem.....	115
Figura 19: Dicionário médico de linguagem acessível	117
Figura 20: Capa do livro infantil, Vovó agora é cavaleiro, sobre DP e do livro Terminologia Médica para Leigos	119
Figura 21: Exemplo de cálculo do Índice Flesch em Português	123
Figura 22: A CT como forma de análise textual	127
Figura 23: Análise parcial de um texto sobre a Doença de Parkinson realizada no Coh-matrix-Port.....	135
Figura 24: Análise do texto em inglês “Little Red Riding Hood” realizada no Word	136
Figura 25: A Simplificação Textual como processo	144
Figura 26: Pesquisa realizada no Linguee com a temática de nossa pesquisa em DP	148

Figura 27: Pesquisa sobre a frequência do termo ‘patologia’ no corpus geral <i>on-line</i> BYU-Português	150
Figura 28: Contexto do termo ‘patologia’ no corpus BYU-Português	150
Figura 29: Pesquisa do termo patologia no corpus PtTenTen11 na ferramenta Sketch Engine	151
Figura 30: Consulta ao termo ‘patologia’ no dicionário <i>on-line</i>	152
Figura 31: Pesquisa sobre a frequência do termo ‘doença’ no corpus geral <i>on-line</i> BYU-Português	153
Figura 32: Consulta ao contexto de patologia no corpus geral <i>on-line</i> BYU-Português ..	153
Figura 33: Teste de simplificação no Cohmetrix-Port	155
Figura 34: Fragmento do Corpus Simplext com frase original e simplificada	164
Figura 35: Simplext Teste 1 – Texto técnico-científico	167
Figura 36: Simplext Teste 2 – Texto jornalístico	167
Figura 37: Os tipos de simplificação do Simplifica: léxica e sintática	168
Figura 38: A simplificação léxica no Simplifica.....	169
Figura 39: A simplificação sintática no Simplifica.....	169
Figura 40: Editor do Simplifica com simplificação lexical e sintática	171
Figura 41: Editor do Simplifica com opções de sinônimos para o termo ‘depressão’	171
Figura 42: O editor do Simplifica não conseguiu realizar a simplificação sintática...	172
Figura 43: Editor Simplifica com os candidatos a sinônimos para ‘Habitação’	173
Figura 44: Editor Simplifica sem candidatos a sinônimos para ‘envelhecimento	173
Figura 45: Editor Simplifica com o resultado da simplificação sintática, que, na prática, não realizou nenhuma alteração	174
Figura 46: Página inicial do CorPop onde o usuário seleciona com quais corpora quer trabalhar	177
Figura 47: Pesquisa do termo ‘patologia’ realizada no CorPop	178
Figura 48: Resultado da pesquisa por ‘patologia’ no concordanciador do CorPop....	178
Figura 49: Resultado da pesquisa por ‘doença’ no concordanciador do CorPop	179
Figura 50: Acessibilidade Textual como produto	180
Figura 51: O mapa da Acessibilidade.....	182
Figura 52: Tela de pesquisa realizada no Sketch Engine – Mal.....	190
Figura 53: Tela de pesquisa realizada no Sketch Engine – Doença.....	191
Figura 54: Tela de pesquisa realizada no Sketch Engine – Doença de Parkinson.....	192

Figura 55: Apresentação em PPT realizada em sala de aula sobre a temática da Complexidade Textual.....	194
Figura 56: Apresentação em PPT realizada em sala de aula: o processo de simplificação	194
Figura 57: Apresentação em PPT realizada em sala de aula: o objetivo da Acessibilidade Textual.....	195
Figura 58: Questionário sobre Acessibilidade Textual para os alunos participantes do projeto	200
Figura 59: Pergunta sobre a relevância da Acessibilidade Textual para os alunos da graduação em Letras	201
Figura 60: Pergunta sobre o entendimento dos conceitos de AT apresentados em sala de aula	201
Figura 61: Pergunta sobre os exercícios propostos durante o projeto e o grau de dificuldade	202
Figura 62: Pergunta sobre a relevância das atividades práticas	202
Figura 63: Pergunta sobre as atividades de Acessibilidade Textual em EaD	203
Figura 64: Gráfico comparativo entre as turmas de TRAD III (azul) e TRAD I (laranja)	204
Figura 65: Exemplo 1 de estratégias bem-sucedidas de simplificação, ano de 2017..	207
Figura 66: Exemplo 2 de estratégias bem-sucedidas de simplificação	208
Figura 67: Figura ilustrativa do vídeo sobre Linguagem Acessível.....	210

LISTA DE QUADROS E TABELA

Quadro 1- As dez maiores empresas de tradução do mundo por receita líquida	45
Quadro 2- Cálculo por população versus margem de erro	61
Quadro 3- Exemplos de texto sobre a DP	76
Quadro 4 - Análise classificatória de textos sobre a DP	77
Quadro 5 - Modelo pré-translativo de Nord (2012)	87
Quadro 6 - Exemplo de simplificação do projeto Complexidade Textual	92
Quadro 7 - Índice Flesch e grau de dificuldade de leitura (em português).....	131
Quadro 8 - Índice Flesch-Kincaid por grau de escolaridade.....	131
Quadro 9 - Comparativo dos índices de inteligibilidade (complexidade) de três tipos distintos de texto	139
Quadro 10 - Métricas e estratégias simplificadoras	145
Quadro 11 - Teste de simplificação textual realizado no Simplext.....	165
Quadro 12- Teste de simplificação no Simplext com texto jornalístico	166
Quadro 13 - Critérios utilizados na avaliação do primeiro exercício de simplificação e percentual dos alunos que atingiram os critérios.....	197
Quadro 14 - : Critérios de avaliação trabalho final TRAD III e percentual de alunos que atingiram o objetivo.....	199
Quadro 15 - Critérios de avaliação trabalho final TRAD I e percentual de alunos que atingiram o objetivo.....	199
Quadro 16 - Resultados da pesquisa realizada com os alunos pós-projeto.....	205
Tabela 1 - Tabela com as respostas dos entrevistados no grupo Tradutores, Intérpretes e Curiosos.....	621

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AF	Analfabetos Funcionais
AICC	Associação Internacional de Congressos e Convenções
API	<i>Application Programming Interface</i>
AT	Acessibilidade Textual
ATT	Acessibilidade Textual e Terminológica
CAT Tool	Computer Assisted Translation Tool ou Computer-Aided Tool
CFM	Conselho Federal de Medicina
CT	Complexidade Textual
CTr	Competência Tradutória
DP	Doença de Parkinson
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBM	<i>International Business Machines</i>
ILC	Indicador de Letramento Científico
Inaf	Indicador de Alfabetismo Funcional
INTRA	Tradução Intralinguística
LA	Linguagem Acessível
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LSP	<i>Language Server Protocol</i>
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NILC	Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional
NMT	<i>Neural Machine Translation</i>
NPL	<i>Natural Processing Language</i>
OMC	Organização Mundial de Comércio
PISA	<i>Program for International Student Assessment</i>
PorSimples	Português Simples
SEAD	Secretaria de Ensino a Distância
SMT	<i>Statistical Machine Translation</i>
ST	Simplificação Textual
TCT	Teoria Comunicativa da Terminologia
TEA	Tradução Especializada Acessível
TGT	Teoria Geral da Terminologia
TI	Tecnologia da Informação
TM	Translation Memory
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

PARTE 1

INTRODUÇÃO	18
1 A ORIGEM DO TRABALHO, TEMA E OBJETIVOS.....	20
1.1 QUESTÕES NORTEADORAS E QUESTÕES ESPECÍFICAS DE PESQUISA..	22
1.2 ORGANIZAÇÃO DESTE TRABALHO.....	23
2 BASES TEÓRICAS E POSICIONAMENTO DO TRABALHO	25
2.1 TRABALHOS PIONEIROS, TRABALHOS DO NOSSO GRUPO DE PESQUISA E ESTUDOS RELACIONADOS	25
2.1.1 Outros trabalhos importantes	32
2. 1. 2 Bases teóricas gerais	34
2. 1. 3 Síntese do posicionamento geral deste trabalho	36
3 A TRADUÇÃO E O TRADUTOR NO BRASIL E NO MUNDO: Uma revisão	38
3.1 REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO E O TRADUTOR NO BRASIL: MERCADO E PROFISSÃO.....	40
3.1.1 O cenário brasileiro da Tradução	48
3.1. 2 Os requisitos do tradutor de hoje.....	50
3.2 O TRADUTOR EM FORMAÇÃO.....	58
3.2.1 Os cursos de Tradução no Brasil e a regulamentação da profissão.....	58
3.2.2 A formação do tradutor brasileiro.....	60
3.2.3 A formação de Tradutor-Intérprete, Letras Bacharelado na UFRGS: um relato pessoal.....	65
3.3 O PAPEL DO TRADUTOR NO ACESSO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	67
4 A ACESSIBILIDADE NA TRADUÇÃO ESPECIALIZADA.....	70
4.1 OS TIPOS DE TRADUÇÃO: A TRADUÇÃO DE TEXTOS ESPECIALIZADOS	70
4.2 INTERLINGUÍSTICA OU INTRALINGUÍSTICA? A SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL (ST) COMO TRADUÇÃO INTRALINGUÍSTICA	79

4.3 A TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL (TEA) DE UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA	81
4.3.1 A fidelidade na Tradução Especializada Acessível (TEA).....	90
4.4 AS COMPETÊNCIAS DO TRADUTOR DE TEXTOS ESPECIALIZADOS ACESSÍVEIS	93
5 A LINGUAGEM ACESSÍVEL (LA).....	98
5.1 <i>PLAIN LANGUAGE (PL)</i> OU LINGUAGEM ACESSÍVEL (LA)	98
5.1.1 Movimentos em prol da Acessibilidade do Texto	101
5.1.2 Para quem a Linguagem Acessível (LA) é dirigida: conhecendo o seu público.....	104
5.2. ACESSO À INFORMAÇÃO <i>VERSUS</i> ACESSIBILIDADE DA INFORMAÇÃO	106
5.2.1 Letramento.....	109
5.2.2 Letramento científico.....	112
5.2.3 Letramento em Saúde (<i>Health Literacy</i>)	115
5.2.4 A comunicação em Saúde.....	116
5.2.5 Letramento digital.....	120
5.3 NOVAS E VELHAS CRÍTICAS AO <i>PLAIN LANGUAGE</i>	121
6 COMPLEXIDADE TEXTUAL	127
6.1 <i>READABILITY FORMULAS</i> : A INTELIGIBILIDADE DE UM TEXTO COMO PONTO DE PARTIDA	129
6.2 A VISÃO MACRO DO TEXTO E AS MÉTRICAS DE COMPLEXIDADE TEXTUAL	132
6.3 AS FERRAMENTAS AUTOMÁTICAS DE ANÁLISE DA COMPLEXIDADE DE UM TEXTO	134
6.4 OS DIFERENTES GRAUS DE COMPLEXIDADE CONFORME O PÚBLICO LEITOR	136
6.5 A COMPLEXIDADE TEXTUAL NOS TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS E EM OUTROS TEXTOS	137
6.6 O TRADUTOR E A COMPLEXIDADE TEXTUAL (CT)	141

7 O PROCESSO DE SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL.....	142
7.1 MEDIDAS E ESTRATÉGIAS POTENCIALMENTE SIMPLIFICADORAS	145
7.1.1 Medidas e estratégias de ordem lexical: por substituição.....	146
7.1.2 As medidas e estratégias simplificadoras de ordem lexical: por explicação	153
7.1.3 Medidas e estratégias simplificadoras de ordem sintática.....	155
7.1.4 Medidas e estratégias simplificadoras por conteúdo.....	157
7.1.5 Outros recursos de simplificação: recursos gráficos, organizadores textuais e outros	158
7.2 A SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL (ST) E A LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL/PLN	162
7.2.1 A Simplificação Textual (ST) no PSET	163
7.2.2 A Simplificação Textual (ST) no Simplext	164
7.2.3 A Simplificação Textual (ST) no PorSimples.....	168
7.2.4 A Simplificação Textual em <i>corpora</i> : Wikipedia e Corpop	175
8 ACESSIBILIDADE TEXTUAL: Texto e Tradução	180
8.1 A ACESSIBILIDADE TEXTUAL (AT) NOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO.....	183
8.2 A ACESSIBILIDADE TEXTUAL (AT) NOS ESTUDOS DE TERMINOLOGIA.....	184
PARTE 2	
9 UM EXPERIMENTO EM SALA DE AULA: o Projeto	187
9.1. AS BASES DO PROJETO: COLETA DE DADOS.....	187
9.1.1 A primeira fase do projeto e a compilação do <i>corpus</i> de pesquisa.....	188
9.1.2 O cenário da pesquisa e a apresentação da temática da CT, ST e AT	192
9.1.3 Os exercícios de simplificação realizados em sala de aula	195
9.1.4 O trabalho final.....	197
9.1.5 O questionário pós-tarefas.....	200
9.2 ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DADOS COLETADOS	203
9.2.1 A competência tradutória no processo de aprendizado do trinômio CT, ST e AT206	

9.3 PROJETOS EM ANDAMENTO E PERSPECTIVAS FUTURAS..... 208

PARTE 3

10 TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL (TEA): uma proposta de disciplina nos cursos de Tradução..... 211

11 RETOMADA DAS QUESTÕES DE PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS 217

REFERÊNCIAS 220

ANEXO A: PESQUISA SOBRE A FORMAÇÃO DE TRADUTORES NO BRASIL REALIZADA NO GRUPO ‘TRADUTORES, INTÉRPRETES E CURIOSOS’. 229

ANEXO B: LISTA DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS QUE OFERECEM CURSO DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DE TRADUÇÃO E/OU INTERPRETAÇÃO. ... 232

ANEXO C: VERBETE DA WIKIPÉDIA SOBRE A DP (PD) EM INGLÊS..... 233

ANEXO D: EXERCÍCIO DE TRADUÇÃO SIMPLIFICADA REALIZADO EM SALA DE AULA 235

ANEXO E: ORIENTAÇÕES PARA A ENTREGA DO TRABALHO FINAL DAS DISCIPLINAS DE TRADUÇÃO: TRADUÇÃO SIMPLIFICADA COMENTADA 237

ANEXO F: PERFIL DO LEITOR DO TEXTO A SER SIMPLIFICADO 241

ANEXO G: TEXTO APRESENTADO ÀS TURMAS DE TRADUÇÃO I PARA A TAREFA DE TRADUÇÃO SIMPLIFICADA 242

ANEXO H: TEXTO APRESENTADO ÀS TURMAS DE TRADUÇÃO III PARA A TAREFA DE TRADUÇÃO SIMPLIFICADA 246

ANEXO I: TRADUÇÃO SIMPLIFICADA REALIZADA POR ALUNO DO CURSO DE LETRAS BACHARELADO, ÊNFASE INGLÊS, PARA O TRABALHO FINAL DA DISCIPLINA DE TRAD III COMO EXEMPLO DE UMA SIMPLIFICAÇÃO BEM SUCEDIDA 250

ANEXO J: GUIA RÁPIDO DE SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL 266

ANEXO K: DA PROPOSTA DE DISCIPLINA - GUIA DE NOÇÕES PARA USAR NA DISCIPLINA..... 272

PARTE 1

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se ocupa de revisar e de situar o tema da Acessibilidade Textual (AT) no âmbito da Tradução e dos estudos de Terminologia, em suas perspectivas teóricas e de formação profissional. Tal acessibilidade é tratada em termos da estrutura linguística e terminológica do texto escrito considerando um possível favorecimento de sua compreensão de leitura para adultos que possuam escolaridade mais ou menos limitada e pouca experiência de leitura. A partir da revisão e reconhecimento do Estado da Arte no tema e de uma experiência em sala de aula com estudantes de Tradução da UFRGS, é trazida uma proposta de disciplina – que é uma unidade de estudos - para implementação futura em cursos de graduação ou especialização em tradução no par de línguas inglês-português. Essa proposta de unidade de ensino, com 60h-aula, visa a que se possa incluir esse tema no âmbito da formação profissional em Tradução.

Esta dissertação de mestrado, assim, tem como objetivo principal revisar, apresentar e discutir a relevância do trinômio Complexidade Textual (CT), Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual (AT) no âmbito da formação universitária de tradutores. Com base nessa discussão, modelamos uma proposta didática que será contextualizada tendo-se em mente o cenário do nosso curso de Letras Bacharelado da UFRGS – habilitação Tradutor. O profissional egresso desse curso desempenha funções associadas à tradução, revisão de tradução, revisão de textos em geral e/ou redação “técnica”¹.

A proposta de disciplina, com as devidas adaptações, presta-se a um modelo de unidade de ensino envolvendo outros pares de línguas e outros cursos de Graduação em Tradução, de diferentes Universidades do Brasil. Ela pode também ser aproveitada em cursos de Especialização, com as devidas modificações necessárias.

Esta pesquisa visa, ainda, a contribuir com o tradutor em formação ou com aquele que já atua profissionalmente, apresentando-lhe uma sistematização e uma revisão de informações sobre o tema da Acessibilidade Textual - além de dados atualizados e reflexões - sobre a

¹ Faz-se aqui a distinção entre textos em geral, do texto jornalístico à prosa, e textos técnicos, situando-os entre os relacionados à comunicação profissional que têm o propósito de proporcionar ao seu leitor um saber ou saber-fazer. Essa distinção, naturalmente, é teoricamente complexa. Não é objetivo aqui desenvolver a discussão sobre o gênero textual ou discursivo envolvido.

Tradução e o Tradutor no Brasil e no mundo, no que tange a aspectos como formação, oportunidades de atuação e profissão.

1 A ORIGEM DO TRABALHO, TEMA E OBJETIVOS

A minha formação no curso de Letras-Bacharelado da UFRGS, ênfase Inglês Português, no ano de 2007, e os mais de 20 anos atuando como tradutora de textos técnicos, no Brasil e nos Estados Unidos, foram grandes motivadores deste trabalho. No meu tempo de graduação, costumava escutar de meus colegas de faculdade que o curso de Letras Bacharelado em Tradução não era um curso “prático” e que não formava o tradutor para atuar no mercado de trabalho. Muito se avançou desde então, com as modificações do currículo do curso. Contudo, acredito que ainda há espaço para novas contribuições para o curso e para a formação do tradutor e profissional do texto, o qual atuará em um mercado de trabalho cada vez mais exigente e que demanda tradutores cada vez mais especializados.

Além dos anos como aluna da graduação de Letras e trabalhando como tradutora, tenho, mais recentemente, atuado em pesquisas em Educação a Distância (EaD). Nelas participo como bolsista, em paralelo ao curso de mestrado, contando com o apoio da Secretaria de Educação a Distância da UFRGS (SEAD/UFRGS). Nessas pesquisas, temos tratado das disciplinas de graduação do curso de Letras Bacharelado da UFRGS, buscando verificar que tipos de atividades EaD poderiam ser mais viáveis para apoiar situação de ensino presencial. As pesquisas em que participei e participo intitulam-se:

a) **Complexidade textual em contraste inglês-português: bases para a elaboração de atividade EaD para a formação de tradutores na UFRGS;** e,

b) **Complexidade e simplificação textual em contrastes multilíngues: melhores atividades EaD para a formação de tradutores profissionais na UFRGS.**

Ambas as pesquisas serviram de base para o desenho da parte aplicada deste trabalho de mestrado. Como seus títulos já evocam, seu principal objetivo foi tratar do tema da Complexidade Textual em contraste, nos pares de idiomas inglês/português, em sala de aula, de modo a criar bases para a posterior elaboração de recursos educacionais digitais sobre a Complexidade Textual (CT) na tradução. Para tanto, os alunos regulares do curso de tradução inglês-português foram introduzidos à temática da CT e realizaram exercícios práticos por meio da tradução e adaptação/simplificação de seus textos traduzidos. Essa introdução do tema, junto a um grupo de estudantes dos semestres de 2017 e 2018, foi feita sob a supervisão da Profa. Dra. Rozane Rebechi, regente das disciplinas, que participou como consultora dos projetos apresentados à SEAD-UFRGS. O que foi feito em aula,

veremos, em mais detalhes, na PARTE 2 desta dissertação, no item 9, seção “O relato de um experimento em sala de aula”.

A partir desses projetos avalizados pela SEAD-UFRGS, propostos por mim e pela orientadora deste trabalho, e do bom andamento e aceitação da temática da CT pelos alunos e por alguns professores do nosso curso de Tradução, nosso grupo de pesquisa decidiu que a pesquisa em CT poderia ser estendida para outras disciplinas do Curso. Concomitantemente, poderíamos ampliar o número de idiomas trabalhados no âmbito da CT, além de expandir o escopo da pesquisa para incluir a Simplificação Textual (ST) e a Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT).

Este novo projeto, ainda em andamento até fevereiro de 2019, visa, portanto, estender as propostas de atividades já verificadas nas disciplinas de Tradução para outras disciplinas que também tratam de terminologias técnico-científicas, mas que abordam, simultaneamente, textos especializados em diferentes idiomas em um cenário multilíngue de formação. Essas são as disciplinas obrigatórias de Terminologia do curso de Tradução da UFRGS, Introdução à Terminologia (LET 03013), 30h-aula, e Terminologia Aplicada (LET03012), de mesma carga horária, realizadas pelos estudantes que, em geral, estão no terceiro ou no quarto semestre do curso.

Neste contexto, e a partir do que desenvolvemos nesses dois projetos de EaD, estabelecemos uma base para esta dissertação de mestrado. Tanto a pesquisa realizada no ano de 2017 quanto a pesquisa em andamento em 2018 são alicerces deste trabalho, sendo o trinômio Complexidade Textual (CT), Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual (AT) na Tradução e na Terminologia seu tema principal.

Em síntese, a partir disso, a minha intenção aqui é oferecer um panorama da realidade atual do mercado, da profissão e da formação do tradutor no Brasil, situando o tema da *Tradução Especializada Acessível (TEA)* como uma nova opção de trabalho e como algo que merece ser conhecido. Feito isso, trago uma base para uma nova disciplina de formação associada a esse tema. Tenho ainda a ambição que este trabalho de dissertação seja lido e aproveitado por professores e alunos de Tradução – além de por profissionais que já atuam no mercado –, de modo que aprendizes e profissionais possam obter informações importantes para sua qualificação como profissional do texto e da tradução.

Em meio a esse foco, a simplificação textual será percebida como uma forma de tradução, a tradução intralinguística. Com essa percepção em mente, abordo o trinômio antes mencionado no âmbito da formação em Tradução e de sua Pedagogia. Naturalmente, este é apenas mais um elemento entre a miríade de conhecimentos e competências a serem

desenvolvidos por redatores e tradutores que desejam atuar profissionalmente. A partir de uma reflexão teórica, tanto sobre o contexto da Tradução quanto sobre o trinômio da Acessibilidade por nós colocado, parto para uma proposta de disciplina. Essa disciplina poderia ser intitulada “TEA- Tradução Especializada Acessível”, visto que, conforme apresento mais adiante, no capítulo 10, engloba aspectos da tradução interlinguística, intralinguística, tradução de textos especializados – de temática técnico-científica – além de tratar de Complexidade, Simplificação e Acessibilidade Textual.

1.1 QUESTÕES NORTEADORAS E QUESTÕES ESPECÍFICAS DE PESQUISA

Com base na crença de partida que a inserção do tema da Tradução Especializada Acessível no currículo dos cursos de Letras Bacharelado e Tradução pode ser positiva para o aluno em formação e futuro profissional do texto e da tradução, apresento duas questões que nortearam esta pesquisa, como segue:

- 1. Que elementos integram a Tradução Especializada Acessível (TEA)?**
- 2. De que forma este tema pode agregar conhecimento e valor econômico à formação do tradutor atual?**

Tendo em mente estas questões, a partir da descrição e definição do que envolve esse tipo de tradução, TEA, no âmbito teórico, metodológico e prático, pude desenhar uma unidade de ensino sobre ela. Da mesma maneira, procurei refletir, durante toda esta dissertação, sobre como uma nova atividade de ensino, associada a essas questões, contribuiria para a formação dos graduandos. Afinal, uma nova disciplina somente seria justificável se, além de partir de um embasamento teórico e epistemologia pertinentes, tivesse boa aceitação por parte de estudantes e de professores. Essa validação e reconhecimento de importância, assim, precisariam ser minimamente testadas e comprovadas; desse modo, isso também foi buscado nesta pesquisa.

Neste contexto, em um segundo momento, em paralelo à ação de refletir e pesquisar sobre os constituintes e natureza da Tradução Especializada Acessível (TEA), formulei as questões de pesquisa mais específicas deste trabalho. A busca por respostas para elas pode fornecer os subsídios necessários para a modelagem mais detalhada da disciplina sobre TEA. Assim, minhas perguntas de pesquisa são as seguintes:

1. Como deve ser o formato e composição de uma nova disciplina sobre TEA?
2. Como se pode conduzir essa disciplina nos cursos de Tradução?

1.2 ORGANIZAÇÃO DESTE TRABALHO

Este trabalho está organizado em três partes. Na primeira parte, apresento os entendimentos teórico-metodológicos que norteiam esta pesquisa no âmbito da Tradução e da Terminologia, áreas de conhecimento que são pilares desta investigação de mestrado. Além disso, faço uma contextualização da Tradução hoje no Brasil, trazendo dados sobre o mercado de trabalho, a profissão e a formação de tradutores no nosso país. Posteriormente, trago uma revisão teórica mais detalhada sobre os fundamentos norteadores deste trabalho na Tradução, bem como dos aspectos relacionados ao trinômio Complexidade Textual, Simplificação Textual e Acessibilidade Textual. Essa é a tríade de sustentação da proposta de uma disciplina sobre a Tradução Especializada Acessível (TEA).

Na segunda parte deste trabalho, relato a experiência que tive com os projetos de Ensino a Distância apoiados pela SEAD/UFRGS. O primeiro projeto intitulou-se **“Complexidade textual em contraste inglês-português bases para a elaboração de atividade EaD para a formação de tradutores na UFRGS”**. O segundo, em andamento até fevereiro de 2019, denomina-se **“Complexidade e simplificação textual em contrastes multilíngues: melhores atividades EaD para a formação de tradutores profissionais na UFRGS”**. Nessa segunda parte, procuro situar como esses dois projetos serviram de base para o desenho de uma disciplina que relaciona a Tradução com a temática do trinômio Complexidade Textual, Simplificação Textual e Acessibilidade Textual.

Nesta segunda parte da dissertação, também descrevo a coleta dos dados durante as pesquisas da SEAD-UFRGS em que pude trabalhar diretamente com os alunos de Tradução da UFRGS, em sala de aula, auxiliando a professora titular e como bolsista de EaD. Nesse ponto, analiso os dados coletados e trago informações sobre o projeto em andamento e as perspectivas para a difusão da temática da Acessibilidade.

Na terceira parte desta dissertação, proponho um desenho da nova disciplina, TEA – Tradução Especializada Acessível, a ser inserida como atividade presencial com apoio de EaD no curso Letras Bacharelado da UFRGS. Como já referido, ela pode ser aproveitada, com as devidas adaptações, em diferentes tipos de cursos. Neste desenho, apresento a sua

inserção em meio às etapas do curso atual da UFRGS, súmula, carga horária, os conteúdos programáticos e uma síntese do escopo de suas atividades para seus futuros alunos.

A partir da proposta da nova disciplina, nas ‘Considerações Finais’, retomo as questões norteadoras e questões de pesquisa especificadas na parte inicial desta dissertação. Ao final da terceira parte, proponho ainda um “Guia de Noções”, com a definição de alguns termos e conceitos utilizados durante esta pesquisa e que pode ser aproveitado em sala de aula pelos alunos e professores da disciplina sobre TEA.

2 BASES TEÓRICAS E POSICIONAMENTO DO TRABALHO

As bases teóricas desta pesquisa, apresentadas neste capítulo, estão divididas em três partes.

Primeiramente, acredito ser importante revisar de um modo geral o Estado da Arte conformado por pesquisas associadas aos temas da Complexidade Textual (CT), Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual (AT) realizadas no Brasil. Essa revisão se faz necessária por ser um tema relativamente novo no país e ainda pouco explorado. Depois disso, tomo a liberdade de dar um espaço também para os trabalhos do nosso grupo de pesquisa junto à UFRGS que tem tratado do tema da Acessibilidade Textual e Terminológica.

Em um segundo segmento, relaciono os fundamentos teórico-metodológicos que orientaram a minha pesquisa na Tradução e na Terminologia, recorrendo a diferentes trabalhos de Christiane Nord (2009, 2018), Amparo Hurtado Albir (2001, 2017), Maria Teresa Cabré (1999), Maria José B. Finatto (2004, 2014, 2016), Roman Jakobson (1975, 1986), Zethsen (2016) e Saggion (2017).

Na terceira parte, a partir dos trabalhos e pensamentos selecionados de diferentes autores e colegas de estudos, trago o meu posicionamento particular para os fins desta pesquisa.

2.1 TRABALHOS PIONEIROS, TRABALHOS DO NOSSO GRUPO DE PESQUISA E ESTUDOS RELACIONADOS

Ainda incipientes no Brasil, em comparação com países como Estados Unidos e Inglaterra – onde temos precursores como Rudolph Flesch (1911 - 1986) – tratando do tema da Acessibilidade desde o final da Segunda Guerra - e William DuBay (1939) atuando principalmente desde a década de 1970 até hoje –, as pesquisas sobre o trinômio Complexidade Textual, Simplificação Textual e Acessibilidade Textual passaram a ganhar algum destaque no contexto nacional desde o final da década de 1990.

A emergência da pesquisa e de produtos concretos associados desses temas ocorreu graças aos esforços de grupos acadêmicos como o NILC – Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional da USP de São Carlos - SP, colocando-se mais visíveis especialmente partir de 2005. Ao logo dessa trajetória, vale lembrar que o NILC foi fundado em 1993.

Tal núcleo de pesquisa, pioneiro no Brasil, tem integrado cientistas da Computação e linguistas em torno do tratamento computacional do português do Brasil. Nele foi criado um sistema semiautomático de simplificação de textos para pessoas com dificuldade de compreensão de leitura, o Simplifica, uma ferramenta *on-line* desenvolvida entre 2007 e 2010.

A esse grupo, devemos o pioneiro e mundialmente reconhecido projeto PorSimples², coordenado pela Profa. Dra. Sandra Aluísio junto ao ICMC, Instituto de Ciências Matemáticas e Computação. A ferramenta Simplifica, desde 2017, infelizmente, tem passado por algumas dificuldades de funcionamento.

Outra iniciativa digna de registro desse grupo é o sistema FACILITA, criado em 2009.³ Ele visa a tratar conteúdos textuais da *web* indicando prováveis medidas de complexidade de textos.

Inspirado pelo NILC e pelo Projeto PorSimples, ao longo dos últimos anos, em 2010, foi formado na UFRGS, junto ao PPG-LETRAS-UFRGS, um grupo de pesquisa que busca avançar nas pesquisas sobre o tema da complexidade e/ou simplificação textual, sendo o léxico seu principal ponto de interesse. Esse grupo é instaurado pelo “Projeto PorPopular,”⁴ que pretende dar conta de descrever padrões de um português popular escrito, bastante associado ao texto de jornais populares do Nordeste e do Sul do Brasil.

Desde então, esse grupo tem trabalhado em diferentes frentes, da Iniciação Científica ao Mestrado e Doutorado em Letras, na linha de pesquisa “Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais”. Sua proposta, atualmente ampliada no Projeto TEXTECC, passou a destacar elementos terminológicos e outros elementos da tessitura de textos que tratam de temas de Saúde e de Utilidade Pública dirigidos para público leigo, conforme se vê nas atividades do Projeto “Acessibilidade TT”⁵ Assim, busca-se contribuir, com fundamentos de pesquisa linguística, para que a Acessibilidade Textual – o que inclui a acessibilidade terminológica - possa vir a ser uma realidade mais próxima para leitores de letramento básico.

A seguir, sintetizo alguns dos trabalhos produzidos no âmbito dessas iniciativas na UFRGS que têm uma relação mais próxima com o tema do desta pesquisa, associado à Tradução e à sua Pedagogia.

² POR SIMPLES. 2011. Disponível em: <http://www.fapesp.br/publicacoes/microsoft/microsoft_aluisio.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

³ FACILITA. c2009. Disponível em: <<http://wwatana.be/educational-facilita/index.html>>. Acesso em: 25 out. 2018.

⁴ POR POPULAR. 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/index.php>>. Acesso em: 25 out. 2018.

⁵ ACESSIBILIDADE TT. 2017. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

a) Pasqualini (2012)

O primeiro trabalho no âmbito do Projeto PorPopular a ser citado é a dissertação de mestrado de Bianca Pasqualini (2002). Intitulada “Leitura, tradução e medidas de complexidade textual em contos da literatura para leitores com letramento básico” tratou a complexidade textual de contos literários em inglês e em suas traduções para o português. O objetivo era verificar qual versão era mais complexa, se a em português ou em inglês, de modo a avaliar a adequação desses textos para sua comunidade leitora. Para tanto, o trabalho abordou padrões de legibilidade e de complexidade por meio de uma perspectiva computacional, utilizando conceitos da Tradução, da Linguística de *Corpus* e do Processamento de Línguas Naturais (PLN) conforme já haviam sido tratados junto ao Projeto PorSimples.

Partindo do pressuposto de que algumas traduções de contos da língua inglesa para a língua portuguesa produzem textos mais complexos que os originais, a autora processou um *corpus* de contos literários em inglês e suas traduções utilizando as ferramentas de PLN denominadas Coh-Metrix e Coh-Metrix Port e o contrastou com um *corpus* de contos em língua portuguesa e suas traduções para o inglês.

Os resultados da pesquisa indicaram que as traduções para o português, conforme as medidas de complexidade dos textos geradas automaticamente, tendiam a produzir textos potencialmente mais complexos do que os seus textos-fonte, especialmente no que se refere ao vocabulário empregado e à constituição de frases. Além disso, a autora ainda concluiu ser importante a) revisar equivalências de medidas de complexidade entre o sistema Coh-metrix para o inglês e o Coh-metrix-port; b) propor medidas específicas para dar conta da complexidade lexical e sintática das línguas estudadas; e c) ampliar os critérios de verificação da potencial adequação dos textos examinados para além do nível lexical.

b) Finatto, Evers e Stefani (2016)

Um segundo trabalho a citar é o artigo "Letramento científico e simplificação textual: o papel do tradutor no acesso ao conhecimento científico", iniciativa conjunta de Finatto, Evers e Stefani (2016), a qual contou com o apoio da SEAD-UFRGS. Esse artigo descreve a realização de um exercício em sala de aula com alunos de turmas de Graduação em Letras - Tradução da UFRGS.

A proposta desse exercício envolveu que os estudantes simplificassem um texto científico em português sobre a Doença de Parkinson (DP) para facilitar a compreensão de

leitores brasileiros leigos de baixa escolaridade. Em meio às suas atividades de Educação a Distância (EAD) em disciplinas presenciais obrigatórias sobre Leitura em Tradução e disciplinas de Terminologia, o objetivo foi investigar como seria realizada a simplificação desses textos por futuros tradutores. O exercício foi contextualizado como uma prática de tradução intralinguística.

Conforme explorado no artigo e no experimento com os estudantes envolvidos, a simplificação textual consiste em uma forma de tradução de um "tipo de linguagem" para outro utilizando-se a mesma língua, estabelecendo-se uma relação entre os conceitos de tradução intralinguística, letramento científico e simplificação textual

Além de observar as diferentes estratégias mais adotadas pelos graduandos para a adaptação/simplificação do texto em foco, as autoras constataram que o exercício contribuiu para a reflexão sobre a importância do tradutor como um "redator diferenciado", um intermediário em processos comunicativos diversos. Foi uma primeira inserção direta, em sala de aula, da temática da AT e da TEA.

c) Carpio (2017)

O terceiro estudo a ser citado é o de Carpio (2017). Em seu trabalho de conclusão de curso de graduação (TCC), intitulado "*Abaixando o cocho: adaptação de textos sobre doenças causadas pela inalação de amianto destinados para o público leigo*", foram analisados textos do Ministério da Saúde (MS) do Brasil sobre essas doenças destinados a trabalhadores. Seu estudo derivou-se da pesquisa "Pneumopatias Ocupacionais: padrões da linguagem médica para leigos e especialistas", associada ao já citado Projeto TEXTECC e Acessibilidade TT – cujas produções (glossários terminológicos e diferentes tipos de descrições de linguagens especializadas) podem ser consultadas.⁶

Esse trabalho de Carpio (2017) buscou caracterizar o público-leitor preferencial do material formulado pelo MS e realizou a medição do potencial grau de legibilidade dos textos. Seus resultados mostraram que os textos em questão exibiam algumas características que os tornariam bastante inadequados para atender às necessidades de compreensão de leitura dos trabalhadores visados.

Ao final do estudo, Carpio (2017) traz um modelo de folheto informativo, em tese, mais favorável à compreensão dos trabalhadores. O folheto proposto trata do tema da

⁶ LEIVA, A. **Glossário experimental de pneumopatias ocupacionais**. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/pneumopatias/novafase/index.php>>. Acesso em: 25 ou. 2018.

asbestose, doença popularmente conhecida como “pulmão de pedra”. As alterações apresentadas incluíram, além de aspectos linguísticos e terminológicos, recomendações sobre os modos de ordenamento da informação indicados por uma médica especialista que trata de pacientes acometidos por Pneumopatias Ocupacionais na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre - RS. Esse TCC mostrou, justamente, como um egresso do curso de Letras poderia prestar seus serviços a uma causa tão importante, atuando como um “redator técnico”, o qual descreve, analisa e interfere no texto visando facilitar a sua acessibilidade. Esse trabalho torna tangível uma nova opção de atuação profissional em um mercado de trabalho concreto. Prevê, inclusive, a cooperação em o profissional de Letras e o profissional de Saúde em prol de um objetivo comum.

d) Fetter (2017)

O quarto trabalho a ser citado é a pesquisa de Mestrado de Giselle Fetter. A autora descreveu a apresentação de terminologias, de acordo com padrões oracionais, em textos divulgativos e educacionais de instituições de assistência agropecuária destinados a agricultores familiares brasileiros, os quais tendem a ter uma experiência de escolaridade formal bastante limitada. Essa pesquisadora, com base nos pressupostos teóricos da Terminologia de perspectiva textual (FINATTO, 2004) e da Linguística Sistêmico-Funcional, analisou 30 folhetos da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-RS) em comparação com 30 folhetos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

Após a análise de 4.850 orações dos 60 folhetos selecionados para o estudo, a pesquisa apontou alguns elementos que potencializam a Complexidade Textual desses materiais, especialmente o modo de apresentação frasal e as naturezas das terminologias empregadas. Fetter apresentou ainda, mesmo que resumidamente, algumas alternativas de escrita ou reescrita teoricamente mais úteis para uma ampliação da Acessibilidade Textual e Terminológica desses materiais de divulgação. Uma síntese desse trabalho, na parte do tratamento sistêmico-funcional, pode ser conferida no artigo “*Acessibilidade textual para agricultores familiares: análise sistêmico-funcional da terminologia*” (FETTER, 2018). As propostas desse trabalho podem ser contextualizadas, com estudante de Tradução, no que se refere ao posicionamento das terminologias ao longo dos textos, especialmente nas opções de reescrita, vistas como uma tradução intralinguística.

e) Pasqualini (2018)

Em quinto lugar, temos a pesquisa de doutorado de Bianca Pasqualini (2018). Esta pesquisa, ainda que não tenha tratado da complexidade de textos especializados, traz em seus resultados importantes contribuições para a tarefa de simplificação de textos de qualquer natureza para leitores brasileiros adultos.

O CorPop, fruto desta tese, é um *corpus* de referência do português popular escrito no Brasil. Ele foi compilado a partir de textos selecionados com base no nível de letramento médio dos leitores do país⁷. O acervo do CorPop é, assim, uma ferramenta a ser utilizada como uma referência - entre outras - para uso/escolha de palavras potencialmente mais acessíveis para um leitor adulto de escolaridade limitada ao Ensino Fundamental completo. Seu bom desempenho foi atestado frente ao desempenho do já citado sistema Simplifica do Projeto PorSimples do NILC- USP. A ideia é que o CorPop, como um guia de vocabulário potencialmente simples, possa ser utilizado por diferentes redatores de textos, desde médicos a tradutores, de modo a obterem auxílio na avaliação para a escolha de um vocabulário acessível.

f) Finatto e Motta (2018)

O sexto trabalho a ser citado, e um dos mais atuais sobre o tema da Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT), é o artigo “Terminologia e Acessibilidade: novas demandas e frentes de pesquisa”. Esse artigo traz uma síntese dos entendimentos e dos trabalhos do nosso grupo de pesquisa na UFRGS. Nele, as autoras apresentam o tema da ATT, o qual tem ocupado o grupo, de um modo mais intenso, desde 2016.

Conforme a proposta de esclarecimento desse artigo, têm sido analisados textos, discursos, terminologias, vocabulários e convenções de escrita de diferentes áreas do conhecimento tendo-se em mente subsidiar a facilitação da compreensão por parte de leitores brasileiros adultos de escolaridade limitada. O artigo sintetiza diferentes trabalhos do grupo buscando situar o tema em Terminologia e no âmbito do Estudos do Léxico e convidar a quem se interessar pela temática a considerar suas várias possibilidades de exploração.

O propósito principal do artigo não é trazer resultados de uma pesquisa determinada, mas sim divulgar uma trajetória de trabalhos, sem a preocupação com a apresentação de um experimento em particular. As autoras apresentam tanto pesquisas já concluídas, como algumas das citadas acima (CARPIO, 2017; FETTER 2017; PASQUALINI, 2018), quanto

⁷ CORPOP. 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/corpop/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

pesquisas em andamento, como um estudo com textos de Medicina antigos, publicados no século XVIII e destinados a leitores “pouco eruditos” (FINATTO, QUARESMA, GONÇALVES, 2018), quanto o doutorado de Motta, no qual é descrita e examinada a linguagem de sentenças dos Juizados Especiais Cíveis do Brasil atual. Essas sentenças, em tese, deveriam ser facilmente entendidas pela população em geral, visto que esses Juizados são aqueles conhecidos como “de pequenas causas”, aos quais se pode recorrer até mesmo sem um advogado.

g) Silva (2018)

Esse é o trabalho mais recente. Na sua dissertação de mestrado, intitulada “Textos de divulgação para leigos sobre o Transtorno do Estresse Pós-traumático em português: alternativas para a acessibilidade textual e terminológica”, Asafe Cortina Silva (SILVA, 2018), analisa textos científicos sobre o Transtorno Pós-Traumático de modo a verificar estimativas de sua complexidade textual. A verificação envolveu a testagem de medidas ou de contagens feitas com apoio de softwares aplicados a textos em português, tais como o índice Flesch, análise semântica latente, relação *type-token* e a densidade semântica. Também foram consideradas cinco medidas de incidência de palavras: de substantivos, de verbos, de adjetivos, de advérbios e de pronomes.

A partir dos dados coletados pelo autor, com o apoio do sistema COH-METRIX-Dementia, desenvolvido no NILC e no Projeto PorSimples, já citados, Silva aplica oito estratégias de reescrita diferentes nos textos analisados visando torná-los, em tese, mais simplificados para um leitor adulto de escolaridade limitada.

As estratégias de reescrita aplicadas originam-se da bibliografia internacional sobre o tema adaptadas por Silva para o português do Brasil. Após cada reescrita simplificadora, os textos editados foram novamente submetidos à análise no sistema Coh-Metrix Dementia para que suas novas medidas pudessem ser comparadas com as dos textos originais. Assim, se poderia verificar a possível eficiência de cada uma das estratégias de acessibilidade adotadas.

Ao comparar o desempenho das medidas de complexidade pela ferramenta, o autor observou a validade das estratégias de reescrita adotadas e concluiu que as três estratégias de reescrita mais relevantes e com melhores resultados foram (em ordem): simplificação lexical, redução de adjetivos e redução de informação.

Esse trabalho, como outros de meus colegas da UFRGS contribuíram, de alguma forma, para esta pesquisa. Renderam-me subsídios teóricos, metodológicos e práticos. Além

disso, as ferramentas, os *corpora* disponíveis *on-line* e dados de pesquisa do grupo TEXTECC,⁸ como os materiais do PorPopular e o Corpop, podem ser utilizados em sala de aula com os alunos que vierem a trabalhar com essa temática.

2.1.1 Outros trabalhos importantes

Como mencionamos anteriormente, não existem muitos trabalhos na área de Complexidade Textual (CT), Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual (AT) no Brasil. Por esta razão, os trabalhos mencionados na seção anterior, realizados por linguistas de nosso grupo de pesquisa, foram fundamentais na construção das bases desta dissertação. Mas, além deles, que nos são mais próximos, importa citar ainda uma pesquisa transformada em livro, intitulada *Automatic Text Simplification*, realizada por Horacio Saggion do Departamento de Tecnologias da Informação e Comunicação da Universidade Pompeu Fabra como um importante subsídio.

Em seu livro, Saggion (2017) trata principalmente da simplificação automática e das ferramentas disponíveis atualmente que buscam fazer a simplificação de um texto por meio de ferramentas computacionais de Inteligência Artificial. Mas, nesta pesquisa, Saggion ainda nos oferece um mapa dos fatores potencialmente simplificadores de um texto, além de outras informações relevantes, como pesquisas em andamento ou realizadas neste campo de conhecimento.

Além desse recente livro de Saggion e das pesquisas de nosso grupo, materiais dos governos americano e inglês e de outras instituições relacionadas ao tema da Linguagem Acessível (*Plain Language*) foram utilizados para construir os fundamentos teórico-metodológicos. Esses materiais, conhecidos como *Plain Language Guidelines*, também integram, como pontos de estudos, a nossa proposta de disciplina sobre a Tradução Especializada Acessível (TEA).

Outro trabalho relacionado à temática e de grande relevância para esta área de pesquisa é o novo aplicativo criado pela UOC (Universitat Oberta de Catalunya) e pela UPF (Universitat Pompeu Fabra). Esse é o **app-web COMJuntos**, que ajuda famílias com filhos com doenças raras a se comunicarem com profissionais de saúde. O aplicativo é resultado de estudos realizados no âmbito do projeto Juntos, que, como consta em sua página de divulgação e que tem como principais objetivos superar barreiras socioeducativas e promover a alfabetização sobre interferências e dificuldades de compreensão da informação

⁸ TEXTECC. 2017. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

e documentação dirigida às famílias de crianças afetadas por doenças raras. O Juntos é coordenado por Manuel Armayones, professor de Psicologia e ciências da Educação e diretor de desenvolvimento do Centro de eHealth da UOC, e pela professora do Departamento de Tradução e Ciências da Linguagem da Universidade Pompeu Fabra, Rosa Estopà, uma referência dos estudos de Terminologia.

Participam do **projeto app-web COMJuntos** linguistas do grupo de pesquisa IULATERM do Instituto de Linguística Aplicada da UPF e psicólogos do grupo de pesquisa PSiNET (Psicologia, Saúde e Rede) da UOC, além de pesquisadores e médicos da Área de Genética Clínica e Molecular e da Unidade de Doenças Raras do Hospital Vall d'Hebron. O projeto ainda contou com a colaboração e assessoria da FEDER (Federação Espanhola de Doenças Raras) e das famílias associadas. O principal objetivo do aplicativo são 7 desafios que convidam as famílias a se situarem em diferentes situações comunicativas e enfrentarem os desafios de cada uma delas.

Algumas dessas situações são: o momento em que descobrimos que nosso filho tem uma doença rara; ou quando temos uma consulta médica, ou ainda quando temos que fazer algum exame médico. Cada desafio é ilustrado com um vídeo com depoimentos diretos de famílias afetadas e profissionais de saúde e com um hipertexto sobre como lidar com a situação comunicativa adequada às necessidades cognitivas das famílias. Além disso, os termos mais complexos podem ser consultados pelo usuário do aplicativo em um dicionário básico dirigido aos pacientes e familiares. O aplicativo COMJuntos está disponível em catalão e espanhol. (UNIVERSITAT OBERTA DE CATALUNYA, 2018). Esse aplicativo é mais um recurso que pode ser utilizado com os alunos em sala de aula como exemplo de aplicabilidades concretas que a temática da Acessibilidade pode ter na vida das pessoas.

Outro material importante, já citado, foram as *Federal Guidelines* do governo americano, uma iniciativa do grupo *Plain Language*, e que pode ser encontrado em *plainlanguage.gov*. Esse material serviu de referência para o trabalho de dissertação de Silva (2018).⁹

Tanto as *Federal Guidelines* quanto a sua versão adaptada em português serviram de base para esta investigação no que tange ao aproveitamento de sugestões de escrita, a

⁹ As *guidelines*, ou diretrizes, conforme adaptadas por Silva, estão disponíveis em: SILVA, A. D.C. **Orientações básicas para a simplificação de um texto**. Porto Alegre: UFRGS, 2018. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/files/COMO_SIMPLIFICAR_2018_Asafe_Mjose2.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

métricas para estimar provável complexidade de um texto e medidas simplificadoras. Esses tópicos serão abordados mais adiante.

2. 1. 2 Bases teóricas gerais

Percorrido um quadro inicial de trabalhos conectados com esta pesquisa, vale agora situar o posicionamento deste trabalho de dissertação. Esta investigação, conforme citado na introdução, é sustentada em dois pilares principais, que se interconectam. De um lado, as teorias sobre Tradução e Terminologia e, de outro, os trabalhos relacionados ao trinômio, já citado, da Complexidade Textual (CT), Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual (AT).

No âmbito da Tradução, tenho na Teoria Funcionalista a base teórica que norteia este trabalho, uma vez que a teoria de Nord (1996) considera muitas outras variantes no processo tradutório além do texto original. A Teoria Funcionalista de Nord levanta questões importantes para quem pretende trabalhar com tradução acessível (o objeto desta pesquisa): para quê; por quê; como e para quem se traduz. Isso quer dizer que a tradução, sob o viés Funcionalista, preocupa-se não só com o objetivo da tradução e sua função comunicativa, mas também com a intenção comunicativa, com a forma com que o tradutor irá comunicar essa função e intenção e para quem ele irá comunicá-las (NORD, 1996). Sendo assim, a Tradução Especializada Acessível (TEA) proposta e fundamentada nesta pesquisa de mestrado tem nas questões abordadas pela teoria Funcionalista a base teórica que melhor se aproxima de seus objetivos, sendo a principal delas “para quem”. Isso quer dizer que o público leitor é quem irá nortear todas as outras questões tradutórias da TEA.

Ainda no âmbito da Tradução, os conceitos abordados por Jakobson sobre os diferentes tipos de tradução (1975, p. 64-65) são o ponto em que os pilares da Tradução e da Acessibilidade se interconectam. Um dos sustentáculos do pilar da Acessibilidade é a simplificação, processo pelo qual passa um texto com vistas à acessibilidade. Nesta dissertação, a simplificação é vista à luz da tradução intralinguística, teoria introduzida por Jakobson e corroborada por Zethsen (2016) quando a autora defende a inclusão da tradução intralinguística não só nas definições do que entendemos por Tradução, mas também nos Estudos de Tradução. Segundo a autora, a INTRA, como chama a tradução intralinguística, pode ser definida como a transposição de uma barreira interna da língua, podendo ser identificada como a reescrita entre diferentes variedades da mesma língua. Desse modo, a

simplificação que realizamos com vistas à acessibilidade de um dado texto funciona como uma espécie de tradução intralinguística, quando transpõe as barreiras de complexidade entre diferentes variedades da mesma língua, diferentemente da tradução interlinguística, que trata de duas línguas diferentes. As variedades aqui referidas ocorrem no âmbito das especialidades, ou seja, no contexto da língua especializada.

Ainda com enfoque nos Estudos de Tradução, Hurtado Albir (2001, 2017) é outra autora que contribui para as reflexões sobre a Tradução Especializada Acessível (TEA) e traz aportes importantes para o desenho de uma nova disciplina que trate de TEA. Com suas noções sobre a tradução especializada e a competência tradutória, Hurtado Albir (2001) defende que os tradutores e intérpretes precisam ter algumas competências específicas para que sejam capazes de realizar seu trabalho com excelência. A autora chama esse conjunto de competências, ou subcompetências, de **competência tradutória** (grifo meu).

Assim, com base no que Hurtado Albir nos apresenta sobre o que integra essa competência tradutória, procuro, nesta pesquisa, estabelecer quais subcompetências tradutórias precisariam ser construídas durante a formação do tradutor que lidará com a necessidade de produzir traduções especializadas acessíveis. Para tanto, utilizo o modelo de Hurtado Albir e do Grupo ao qual ela faz parte, o PACTE, para desenhar um modelo de competências para a TEA.

Além disso, utilizo as definições sobre tradução estabelecidas por Hurtado Albir, que as divide em tipos, para definir parte de nosso objeto de estudo: a tradução especializada. Segundo a autora, um dos tipos de tradução é a tradução de textos especializados, que podem ser técnicos e/ou científicos. A tradução especializada pode aparecer na forma oral ou escrita, por meio da interpretação ou da tradução escrita, respectivamente (HURTADO ALBIR, 2001). A tradução especializada tratará, primordialmente, da comunicação profissional de determinada área e essa comunicação tem como principal objetivo divulgar o conhecimento de determinada área do saber. Portanto, por se tratar de uma pesquisa que trabalha com um tipo de tradução e não com todos os tipos de tradução, a delimitação de nosso objeto torna-se fundamental.

Assim, no âmbito da tradução especializada, o termo, as terminologias e os Estudos em Terminologia são protagonistas. E, neste contexto da comunicação especializada, o termo pode aparecer como um fator determinante na complexidade de um texto, bem como em seu processo de simplificação com vistas à acessibilidade. Contudo, o termo “técnico” aqui não é visto como um elemento isolado, ele está integrado a um ambiente textual e vinculado a um todo de significação que é o texto (FINATTO, 2014, p. 348). Esta é a Terminologia de

perspectiva textual apresentada por Finatto (2004). Além disso, como expõe Cabré, a Terminologia diz respeito a uma comunicação profissional e especializada, que pode ocorrer entre diferentes interlocutores, como entre especialistas, entre especialistas e semiespecialistas e leigos. Vale ressaltar que os interlocutores dos textos especializados apontados por Cabré são de extrema importância em nossa pesquisa, uma vez que a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), diferentemente das teorias clássicas, como a wüsteriana, apontam que a comunicação especializada não está mais restrita somente aos especialistas. Hoje, ela ultrapassa os muros da comunicação entre profissionais de uma mesma área e chega a outras camadas da sociedade, e esse interlocutor-leitor pode ser tanto semiespecialista, quanto semileigo ou leigo.

2. 1. 3 Síntese do posicionamento geral deste trabalho

A partir de uma revisão teórica embasada em importantes contribuições de teóricos e trabalhos de relevância no cenário da Tradução, da Terminologia e do trinômio CT, ST e AT, pude estabelecer as minhas próprias crenças, que viriam, juntamente com as bases teóricas gerais supracitadas, nortear a minha pesquisa. Nesse sentido, uma das principais crenças deste trabalho é a de que a Tradução tem uma relevância extremamente importante na disseminação de conhecimento, seja ele científico, técnico ou geral, mas que também pode ser importante para a popularização deste conhecimento. Vale ressaltar aqui que a popularização não é vista como algo pejorativo e que não pressupõe que o conhecimento seja “nivelado por baixo” para que possa chegar às camadas mais vulneráveis da sociedade. A popularização desse conhecimento pressupõe sim que possamos lançar mão de estratégias que transformem determinados conhecimentos específicos em conteúdo mais acessível e compreensível para determinados públicos leitores.

Dessa forma, acredito que esta dissertação ajudará, de certa forma, a demonstrar que a Tradução é muito mais que uma transposição de textos, como muitos ainda creem. A Tradução, cada vez mais, envolve um grande número de conhecimentos, desde tecnológicos até linguísticos, passando por competências e características psicofisiológicas específicas, exigindo do futuro profissional que sua formação seja multidisciplinar. Desse modo, penso que sempre existirá espaço para formas de agregar valor a essa formação, e a disciplina que proporei ao final deste trabalho tem por objetivo contribuir para que o futuro tradutor

aprofunde seus conhecimentos já adquiridos durante o curso sobre Tradução e Terminologia além de adquirir novos conhecimentos.

Além disso, acredito que os cursos de Licenciatura em Letras, por meio da formação de professores, têm um forte papel social que, muitas vezes, não é trabalhado nos cursos de Bacharelado/Tradução. Afinal, qual a contribuição real de uma tradução para a sociedade? Sabemos que as contribuições podem ser muitas, como a já citada disseminação do conhecimento; contudo, acho que já é chegada a hora de trabalharmos outras formas de trazer a Tradução para o debate da relevância social, fazendo com que os aprendizes e profissionais entendam outras formas de contribuir com a sociedade, tendo o leitor como peça central deste processo e diminuindo o abismo, especialmente em países como o Brasil, que existe entre aqueles que têm acesso privilegiado à informação e aqueles que ficam à margem.

Feitas essas considerações, o próximo capítulo visa a situar a tradução e o tradutor no cenário nacional e internacional.

3 A TRADUÇÃO E O TRADUTOR NO BRASIL E NO MUNDO: Uma revisão

A tradução é tão antiga quanto a necessidade de interação entre diferentes povos. Sua motivação poderia ser emocional, comercial ou, simplesmente, por sobrevivência, mas desde que o homem possui a capacidade de se comunicar e interagir, a tradução está presente de alguma forma. É impossível determinar uma data ou mesmo um período de início para a atividade tradutória, principalmente quando a tradução se dava na forma de interpretação oral. Na tradução escrita, tem-se notícia que traduções eram realizadas desde a era mesopotâmica, quando o poema épico sumeriano, Gilgamesh, foi traduzido para línguas asiáticas, por volta de dois mil anos a.C. (FOSTER, 2017). Mais tarde, nos séculos que antecederam o cristianismo, por volta de 200 a.C., os monges budistas traduziram os Sutas (escrituras indianas com os ensinamentos de Buddha) do hindí para o chinês. Eles não apenas traduziram a língua, mas adaptaram as escrituras de modo que refletissem a cultura chinesa. Mas foi na era romana que a tradução se fortaleceu, quando inúmeras obras gregas foram traduzidas e adaptadas por poetas romanos.

O filósofo, advogado, político, escritor e tradutor Cícero foi, talvez, um dos primeiros a fazer da tradução uma profissão, quando, através de suas traduções do grego ao latim, introduz os romanos às principais escolas da filosofia grega e cria um vocabulário latino com neologismos para designar conceitos ainda inexplorados no latim. Foi Cícero, aliás, pelo que se tem notícia, o primeiro a teorizar sobre tradução, quando afirmou que não era necessário traduzir “*verbum pro verbo*”, ou seja, que não era preciso traduzir de maneira literal para que a mensagem do texto fosse transmitida ao leitor. A tradução, há séculos, acompanha a história da Bíblia, tendo o Velho Testamento sido traduzido para 670 línguas diferentes. A tradução teve papel fundamental na disseminação dos dogmas católicos, tornando o texto mais acessível para seus fiéis, uma vez que poucos eram capazes de ler em latim. As traduções nem sempre foram precisas, causando más interpretações que se perpetuaram por séculos.

Uma das mais famosas falhas de tradução de todos os tempos foi a da palavra hebraica “*keren*”, traduzida como “chifre” em um contexto em que deveria ter sido traduzida por “feixe de luz”. Por conta disso, por séculos, os mais famosos artistas da história, como Michelangelo, retrataram Moisés com chifres na testa (FÉRRAILLER-DUMOLIN, 2009, p. 16).

São Jerônimo é o patrono dos tradutores por ser considerado, até hoje, um dos maiores tradutores da Bíblia de todos os tempos. No século IV d.C., São Jerônimo foi incumbido pelo Papa Damasus I a revisar os evangelhos *Vetus Latin* (“Latim Antigo”) utilizados pela Igreja Católica Apostólica Romana e atualizá-los para o latim mais “moderno”. Sua versão dos evangelhos ficou conhecida como *Vulgata*. A nova versão tinha como objetivo tornar os evangelhos mais acessíveis aos novos fiéis que surgiam. O mesmo ocorreria, séculos mais tarde, com as traduções da Bíblia para línguas europeias, uma vez que, nos séculos XIII a XVI, o latim passara a ficar limitado à nobreza e ao clero, e o povo já não mais entendia seus textos e ensinamentos. A partir desse momento, começam a surgir novas versões da Bíblia. A Bíblia foi traduzida para o inglês, pela primeira vez, no século XIV, por John Wycliffe, John Purvey e Nicholas Hereford. No século XVI, a versão de Lutero da Bíblia para o alemão contribuiu para o surgimento do Protestantismo. Lutero criou uma versão do Novo Testamento a partir de traduções do grego com o intuito de tornar a Bíblia mais acessível a todas as pessoas do “Império Romano Sagrado da nação germânica”. Lutero utilizou a segunda edição de Erasmus (1519) do Novo Testamento Grego, conhecida como *Textus Receptus* e não traduziu diretamente da versão de São Jerônimo, a *Vulgata*.

Ainda no século XIV, grandes trabalhos de tradução foram realizados pelo poeta e escritor Geoffrey Chaucer, um dos mais relevantes escritores da literatura inglesa e autor de *The Canterbury Tales*, uma das mais famosas obras da literatura medieval britânica. Chaucer traduzia a partir do latim, italiano e francês. Mais tarde, no século XVI, muitas das peças encenadas por William Shakespeare eram traduções do latim, francês e do italiano realizadas por Ben Jonson, dramaturgo, escritor e amigo de Shakespeare, além de outros autores e tradutores da época.

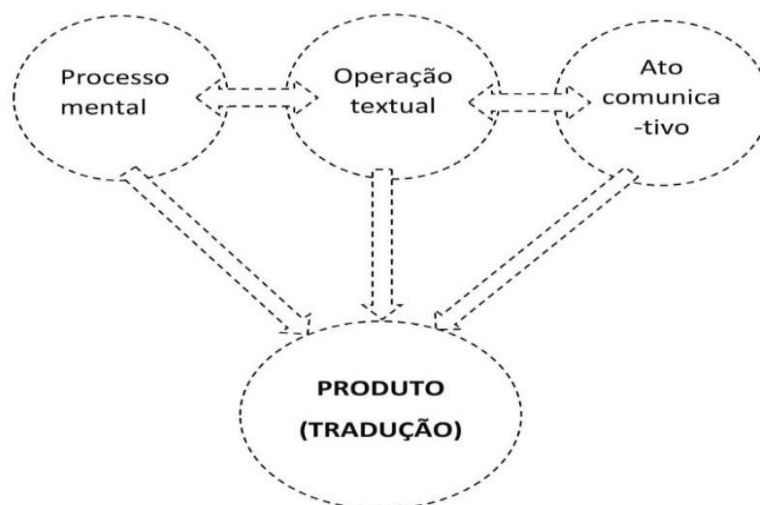
As teorias sobre Tradução, porém, viriam muito mais tarde. Foi muito depois de Cícero e Horácio, de São Jerônimo e São Agostinho, de Lutero e Ben Jonson, e até mesmo de Goethe e suas reflexões sobre a tradução da Bíblia de Lutero e do conceito de progressividade na criação poética e na tradução (AZENHA, 2006), que surgem os primeiros estudos teóricos analíticos e descritivos sobre tradução. Isso não quer dizer que não se teorizava sobre tradução. A tradução, como processo cognitivo que é, faz o tradutor pensar sobre ela, sobre o fazer tradutório - o como, por quê e para quem - mesmo que não construa uma teoria formal a partir dessa reflexão. Desde os primeiros estudos, com Cary (1956) e Herbert (1952) até as teorias mais modernas, com Vermeer e Reiss (1984) e a Teoria do Escopo, e o modelo funcionalista de Nord (1996), percorreu-se um longo caminho na busca de uma teoria que desse conta de responder a quatro perguntas importantes: o que é

tradução; como se faz tradução; quem está apto a traduzir; e para quem se traduz. Neste capítulo terceiro, não tenho a pretensão de trazer respostas categóricas sobre essas questões, mas sim contribuir com o tradutor em formação ou que já atua no mercado de trabalho, apresentando uma sistematização e revisão de informações e reflexões sobre a tradução e o tradutor no Brasil e no mundo, no que tange a temas como formação, oportunidades de atuação e profissão.

3.1 REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO E O TRADUTOR NO BRASIL: MERCADO E PROFISSÃO

Muitas foram as definições de tradução ao longo dos anos; contudo, costumava-se evidenciar um ponto ou outro do saber e do fazer tradutório. Pode-se dizer que a visão sobre o que é tradução era, de certa forma, limitada, sendo considerada uma atividade entre línguas ou uma transposição de uma língua a outra apenas, ou ainda uma atividade estritamente textual. Mais recentemente, com o crescente interesse sobre a teorização da Tradução, esta passa a ser vista também como um ato de comunicação. A tradução, portanto, passa a não estar mais limitada a um único aspecto, mas é percebida como um conjunto de ações e saberes. Nesse sentido, a definição de Hurtado Albir (2001) quando diz que a tradução é um ato de comunicação, uma operação textual (entre o texto fonte e o texto alvo) e um processo mental (cognitivo) parece-me a mais completa. Acrescentaria a essa definição que a tradução também deve ser vista como um produto: o produto tradutório.

A tradução seria, portanto, como ilustrado na figura abaixo, um **ato de comunicação** entre pelo menos duas entidades (interlocutores), um **processo mental** realizado por quem traduz, concretizado em uma **operação textual**, que resulta em um produto: o **produto tradutório**.

Figura 1: A tradução como produto

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

No contexto atual da tradução no Brasil, entendo que a visão de tradução como produto tem sido, de certa forma, pouco explorada nas reflexões sobre o tema e, principalmente, pouco debatida nos cursos que preparam o futuro profissional da Tradução. Em minha visão de produto tradutório, este não está restrito à ideia de resultado de um processo e uma operação. É importante para quem tem na tradução uma profissão e um meio de subsistência, enxergar o produto tradutório como algo a ser comercializado, resultado de uma prestação de serviços, em que o tradutor, no papel de um profissional do texto e da comunicação, recebe compensação monetária por ele. Para aqueles que buscam se profissionalizar e que veem na formação em Tradução em uma universidade uma maneira de especialização e aperfeiçoamento em vistas a uma profissão, a noção de serviço prestado *versus* produto entregue a um terceiro, o cliente, é essencial.

No contexto profissional e mercadológico, quando enxergamos a tradução também como um produto a ser comercializado, passamos a pensar sobre o que agrega mais valor ao nosso produto (a tradução) e, em contrapartida, passamos a investir mais em capacitação. O que me diferencia dos outros tradutores? O que posso oferecer que outros tradutores não têm? A especialização e a formação com vistas ao aprimoramento profissional contam pontos na hora de vendermos nosso produto/trabalho. O mercado valoriza o tradutor que é especialista tanto em tradução, que conhece o texto, que sabe escrever bem, que domina seus idiomas de trabalho, quanto em suas áreas de tradução especializada, Economia, Direito,

Medicina, etc. Para o tradutor, a única forma de agregar valor ao seu produto final é investindo em sua formação e em conhecimento.

Vale ressaltar que a profissão de tradutor, no Brasil, apesar de não ser regulamentada, ou seja, não é preciso ter uma formação específica para ser tradutor, é reconhecida desde o ano de 1988, uma conquista do Sindicato de Tradutores do Brasil, o Sintra. E, desde o ano 2000, passou a integrar o Catálogo Geral das Profissões do Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil (MTE), cuja descrição da profissão foi elaborada com o auxílio do Sindicato dos Tradutores, como mostra a Figura 2.

Figura 2: Classificações Brasileiras de Ocupação

2614 :: Filólogos, tradutores, intérpretes e afins
<p>Títulos</p> <p>2614-05 - Filólogo Crítico textual, Filólogo dicionarista</p> <p>2614-10 - Intérprete Intérprete comercial, Intérprete de comunicação eletrônica, Intérprete de conferência, Intérprete simultâneo, Tradutor simultâneo</p> <p>2614-15 - Linguísta Lexicógrafo, Lexicólogo, Linguísta dicionarista, Terminógrafo, Terminólogo, Vocabularista</p> <p>2614-20 - Tradutor Tradutor de textos eletrônicos, Tradutor de textos escritos, Tradutor público juramentado</p> <p>2614-25 - Intérprete de língua de sinais Guia-intérprete, Intérprete de libras, Intérprete educacional, Tradutor de libras, Tradutor-intérprete de libras</p> <p>2614-30 - Audiodescritor</p>
<p>Descrição Sumária</p> <p>Traduzem, na forma escrita e/ou oral, textos e imagens de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretam oralmente e/ou na língua de sinais, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos, formas de comunicação eletrônica, respeitando o respectivo contexto e as características culturais das partes. Tratam das características e do desenvolvimento de uma cultura, representados por sua linguagem; fazem a crítica dos textos. Prestam assessoria a clientes.</p>
<p>Esta família não compreende</p> <p>2346 - Professores nas áreas de língua e literatura do ensino superior</p>

Fonte: Brasil (c2017, documento *on-line*)

Nesta seção, são trazidas algumas reflexões sobre o mercado de tradução no Brasil e no mundo, a profissão de tradutor e o que se espera do tradutor que atua neste mercado. Esta reflexão baseia-se, fundamentalmente, em minha experiência própria de trabalho desde o ano de 1996, quando comecei a atuar como tradutora técnica do setor automotivo, mesmo antes de me formar tradutora pela UFRGS. Além disso, trarei alguns dados sobre a

formação de quem já trabalha ou pretende trabalhar como tradutor no Brasil. Esta pesquisa apresentará, a título de exemplificação, alguns dados e informações sobre o mercado em outros países, pelo fato de o tradutor não precisar se limitar a trabalhar em um único mercado, de um único país, mas não pretende ser uma pesquisa sobre o mercado global de tradução. Tais dados foram coletados, principalmente, de *sites* como o PROZ, tradutores.com e de grandes empresas de consultoria em Tradução e Localização, como a Common Sense Advisory, a Nimdzi, além de grandes empresas da área como a Lionbridge, SDL, do Sindicato dos Tradutores do Brasil (SINTRA), da Associação Brasileira de Tradutores (ABRATES) e de reportagens sobre o mercado de tradução veiculadas em grandes meios de comunicação, como o site de notícias UOL e a Revista Exame.

Hoje, com o mercado de tradução em constante expansão e com as diferentes demandas resultantes de um mundo cada vez mais globalizado, o tradutor precisa refletir sobre sua profissão, seu mercado e estar preparado para se adaptar às diferentes oportunidades. No ano de 2017, o mercado de serviços de tradução movimentou mundialmente US\$ 43,08 bilhões. As projeções são de que, em 2021, este mercado gire em torno de US\$ 47,46 bilhões. Além disso, ao menos desde 2009, o mercado de serviços de tradução só cresce, de acordo com um estudo independente da empresa de pesquisa e estatística de mercado Common Sense Advisory (CSA Research). A CSA pesquisou fornecedores de tradução, localização e assessoria linguística em todos os continentes. Com os números apurados, a empresa concluiu que esse tipo de serviço vem crescendo acima dos 5% ao ano e que, só no ano passado (2017), cresceu 7,99%. A título de comparação, o setor de cosméticos, que é um dos que mais expande no mundo, cresceu 5% no ano de 2017 e 1% em relação ao ano de 2016. Esses números demonstram que o mercado de traduções ainda está em expansão e que existem muitas oportunidades para quem deseja se especializar nesta área. (COMMON SENSE ADVISORY, 2017)

À medida que as pequenas, médias e grandes empresas disponibilizam cada vez mais seus produtos e serviços em vários idiomas, como resultado da crescente globalização, haverá sempre lugar para a expansão dos serviços de tradução e localização. A Figura 3, a seguir, ilustra o crescimento da receita das empresas de tradução desde o ano de 2009 e uma projeção até 2021, marcando a tendência de crescimento contínuo.

Figura 3: O mercado de traduções mundial por receita líquida de vendas

Fonte: Statista (2018, documento *on-line*)

No Brasil, é mais difícil mensurar o tamanho do mercado de traduções, pois não foram divulgadas estatísticas nos últimos anos. O Sindicato Nacional de Tradutores¹⁰ (SINTRA), não fornece muitos dados sobre a profissão, tampouco sobre o mercado de traduções, em sua página na web, mas fornece valores (preços) de referência para tradução e interpretação para tradutores e intérpretes autônomos. Conhecem-se, porém, alguns números divulgados em meados de 2012, devido às expectativas com os grandes eventos esportivos que tivemos no país. Segundo a Common Sense, empresa de consultoria americana especializada em pesquisa de mercado, o mercado de traduções no Brasil cresceu 57,3% de 2009 a 2011, movimentando 10,3 milhões de dólares. A estimativa, na época, era de crescimento para os anos seguintes. Com os sucessivos anos de crise econômica no país, a partir de 2014, não é possível mensurar se essa previsão se confirmou. Apesar do crescimento significativo obtido nesses anos, o mercado brasileiro ainda é insignificante perto dos mercados dos Estados Unidos, Europa e China. No entanto, vale salientar, que a profissão de tradutor é privilegiada, no sentido que não precisa estar delimitada a um único mercado, pois, com os adventos das tecnologias, da Internet, do e-mail e de outras facilidades, é possível trabalhar em qualquer lugar e para qualquer empresa do planeta.

Essa pesquisa realizada pela Common Sense acrescenta outro dado interessante sobre o Brasil. Segundo a empresa de consultoria, a grande maioria das empresas de tradução está na categoria de microempresa e pequena empresa. Isso nos faz inferir que a maioria das

¹⁰ SINTRA. 2018. Disponível em: <<https://www.sintra.org.br/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

empresas de tradução no Brasil pertence a um tradutor ou a um pequeno grupo de tradutores que, devido ao fato de se pagar menos impostos no país no regime empresarial do que no regime autônomo, opta por abrir uma pequena ou microempresa. Ademais, cada vez mais os clientes exigem nota fiscal do tradutor, seja ele uma agência de traduções ou um cliente final.

No exterior, essa realidade é diferente. Existem empresas de todos os portes, desde pequenas empresas até grandes corporações de tradução e serviços linguísticos. Os Estados Unidos é o país com maior número de grandes corporações, e lidera com as duas maiores empresas de tradução do mundo, mas é seguido de perto por países europeus, principalmente o Reino Unido e a França. Desde o grande *boom* econômico da China, esta passou a ter relevância no mercado de traduções, aparecendo entre as 100 maiores empresas de tradução do mundo.

A seguir, o Quadro 1 mostra as dez maiores empresas de tradução do mundo, em termos de receita líquida de vendas, referentes ao ano de 2017. A pesquisa foi publicada no ano de 2018 pela Common Sense Advisory.

Quadro 1- As dez maiores empresas de tradução do mundo por receita líquida

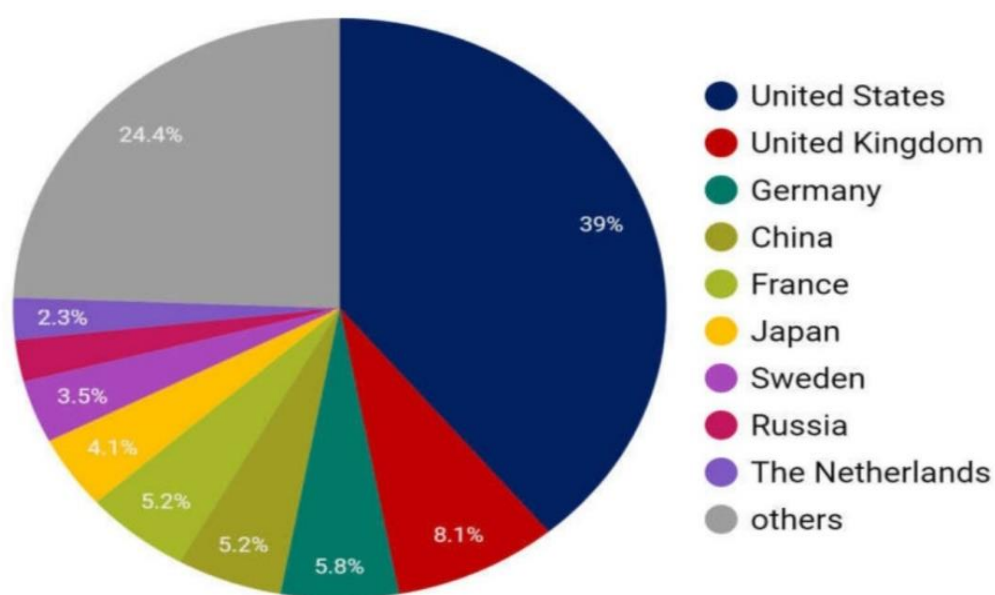
Ranking	Nome da empresa	País sede	Receita em US\$
1	Transperfect	US	\$614.78
2	Lionbridge	US	\$590.00
3	LanguageLine Solutions	US	\$451.00
4	RWS Holdings	UK	\$393.07
5	Translate Plus	UK	\$376.28
6	SDL	UK	\$300.38
7	Hogarth Worldwide Limited	UK	\$220.00
8	Welocalize	US	\$200.15
9	Amplexor International	LU	\$175.60
10	Keywords Studios	UK	\$171.08

Fonte: Common Sense Advisory (2018, documento *on-line*)

Para se ter uma ideia do que essas gigantes da tradução representam no mercado mundial, a TransPerfect, empresa americana com sede em Nova York, primeira colocada no ranking, tendo ultrapassado a Lionbridge de 2017 para cá, faturou US\$ 614 milhões em 2017. A TransPerfect possui mais de 96 escritórios em 4 continentes. Como aponta a pesquisa da Common Sense Advisory (2018), dentre as 100 maiores empresas do mundo nenhuma é brasileira.

A empresa de consultoria internacional e pesquisa de mercado Nimdzi faz anualmente um relatório com as 100 maiores empresas de tradução, localização e serviços linguísticos do mundo. A Figura 4 abaixo fornece um panorama de onde as maiores empresas do mundo estão localizadas. A maior concentração, como se vê, é nos Estados Unidos.

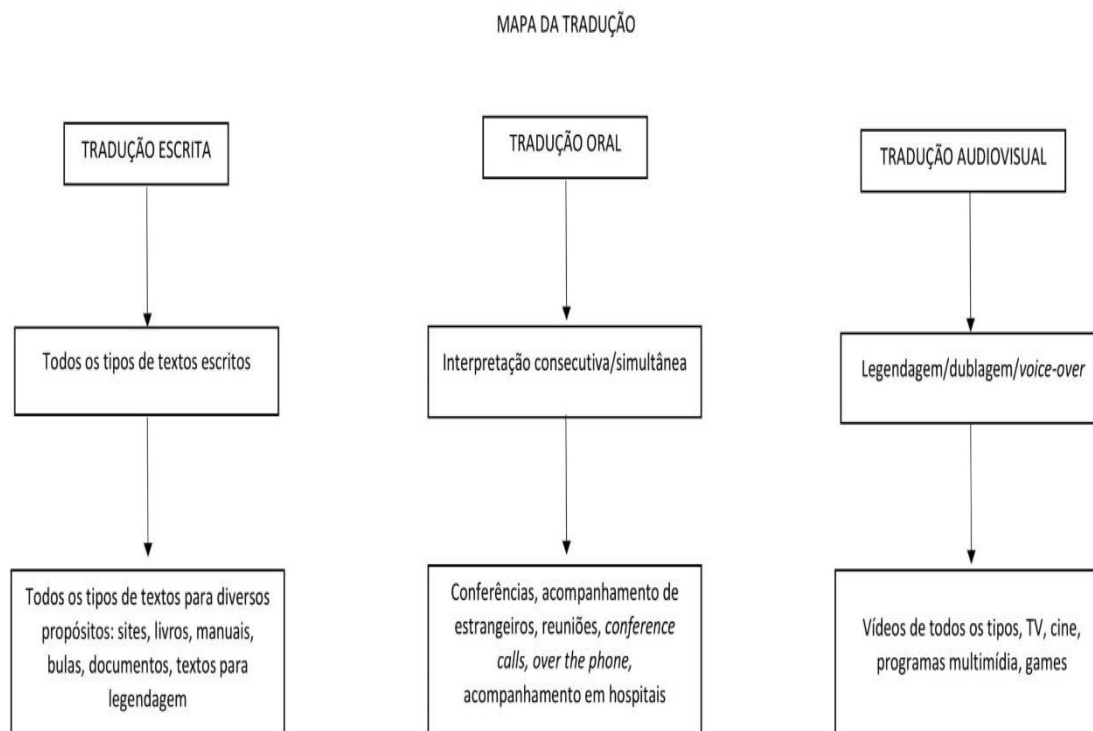
Figura 4: Segundo a Nimdzi, 39% das empresas de tradução do mundo estão localizadas nos Estados Unidos



Fonte: Nimdzi (2018, documento *on-line*)

O mercado de traduções é abrangente e existem oportunidades em diversos segmentos. Existem diferentes modalidades de tradução, que representam oportunidades de trabalho para o tradutor. Não pretendo esgotar aqui todas as modalidades existentes, mas sim descrever aquelas que têm maior demanda no mercado de tradução e serviços linguísticos. A Figura 4, a seguir, representa as diferentes modalidades de tradução *versus* oportunidades de trabalho:

Figura 5: Algumas modalidades de tradução versus oportunidades de trabalho



Fonte: Adaptada de Hurtado Albir (2017, p. 43).

Algumas das modalidades mais comuns de tradução foram divididas sob três grandes grupos: tradução escrita, tradução oral e tradução audiovisual. A tradução escrita engloba todo tipo de tradução escrita para uma grande variedade de propósitos, incluindo a tradução de livros, manuais, conteúdo de sites, textos para legendagem, textos jurídicos, bulas de remédio e uma infinidade de tipos de textos escritos. Já a tradução oral se apresenta na forma da interpretação, que pode ser consecutiva, simultânea, sussurrada, pelo telefone, e toda forma de interpretação oral, e ocorre em uma variedade de situações, desde congressos até acompanhamento de estrangeiros, passando por reuniões de negócios e *call centers*.

Nos Estados Unidos, contratam-se cada vez mais intérpretes para trabalhar em hospitais e acompanhar pacientes estrangeiros, fazendo a mediação entre a equipe médica e o paciente. O tradutor tem, portanto, o papel de facilitador da comunicação não só entre línguas distintas, mas entre culturas distintas. Como explica Osborne (2013, p. 82), os intérpretes profissionais da área médica são a melhor fonte de ajuda, uma vez que eles não apenas são treinados para trabalhar com o vocabulário médico, mas são instruídos em como manter a neutralidade, sem impor pontos de vista pessoais, além de manter a confidencialidade, tão importante na relação profissional de saúde e paciente.

A tradução audiovisual, apesar de envolver a tradução escrita e oral, por meio de locuções, dublagem, legendagem, etc., foi colocada aqui em uma categoria à parte, pois envolve diferentes mídias além do texto e da voz. A tradução audiovisual envolve o trabalho com imagens e o tradutor precisa ter competências específicas para realizar esse trabalho. Hoje, é comum que as agências de tradução que prestam esse tipo de serviço, traduzindo, legendando, dublando e fazendo a localização de *games*, contratem somente tradutores com experiência nesse segmento e que saibam manejar softwares específicos de legendagem e de traduções de *games*.

3.1.1 O cenário brasileiro da Tradução

O mercado de traduções no Brasil tem suas peculiaridades. Apesar dos anos de crise econômica, a indústria brasileira continua entre as dez maiores do mundo. E a despeito de ter caído um posto no ranking mundial dos exportadores, estando atualmente na 26ª posição, o país está entre os três países exportadores com maior crescimento das exportações. Os dados são da Organização Mundial do Comércio (OMC) e referem-se ao ano de 2017. As exportações de produtos brasileiros representam oportunidades de trabalho para tradutores que estejam preparados para verter materiais como manuais, brochuras, conteúdos de sites, entre outros, para um segundo idioma, que não o português. O inglês continua sendo a língua de preferência, mas com a demanda crescente por produtos manufaturados de países da África e América Central, o francês e o espanhol representam uma fatia razoável dessa demanda, além da crescente demanda por mandarim devido às importações de commodities realizadas pela China.

Entre os importadores, o país ocupa a 29ª posição. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior, medicamentos utilizados tanto para medicina humana quanto veterinária foram os principais itens importados pelo Brasil em 2016. Isso representa um nicho de mercado para o tradutor que se especializar na área médica e veterinária. Ressalto que muitas das grandes empresas com sede no Brasil contratam empresas de tradução de fora do país ou multinacionais com sede no país, como é o caso de uma grande empresa de maquinário agrícola para a qual presto serviços em Departamentos em que a demanda por traduções é menor que na tradução de manuais. Essa empresa possui um contrato global com a SDL, pois contrata traduções para vários idiomas ao mesmo tempo, fazendo, assim, a localização

de seus produtos. No entanto, com esses dados, gostaria de enfatizar que existe espaço e mercado para o crescimento de agências de tradução brasileiras.

Vale salientar que o Código do Consumidor Brasileiro estabelece o uso obrigatório da língua portuguesa em bens de consumo e contratos, como forma de garantir o acesso pleno à informação por parte do consumidor. Dessa forma, na prática, manuais, rótulos de produtos, contratos de bens de consumo importados precisam estar em língua portuguesa. Segue abaixo parte do Código de Defesa do Consumidor aprovado em 1990, Seção II, artigos 30 e 31 (BRASIL, 1990, documento *on-line*):

SEÇÃO II

Da Oferta

Art. 30. Toda informação ou publicidade, suficientemente precisa, veiculada por qualquer forma ou meio de comunicação com relação a produtos e serviços oferecidos ou apresentados, obriga o fornecedor que a fizer veicular ou dela se utilizar e integra o contrato que vier a ser celebrado.

Art. 31. A oferta e apresentação de produtos ou serviços devem assegurar informações corretas, claras, precisas, ostensivas e em língua portuguesa sobre suas características, qualidades, quantidade, composição, preço, garantia, prazos de validade e origem, entre outros dados, bem como sobre os riscos que apresentam à saúde e segurança dos consumidores.

Outro dado relevante é que o nível de proficiência em inglês no país permanece estagnado em um nível baixo. Pesquisa realizada em 2017 pela instituição Education First (EF), com 80 países, coloca o Brasil em 41º lugar em nível de proficiência, uma posição abaixo do ano anterior. Quando o índice de proficiência é medido nas empresas, a situação não é muito melhor. Pesquisa da mesma instituição, realizada em 2016, mediu a proficiência em inglês da força de trabalho das empresas. Entre os 40 países de 16 diferentes indústrias pesquisados, o Brasil aparece na 34ª colocação, o que é considerada baixa proficiência. O estudo contou com 510 mil participantes de 2.078 empresas em 40 países. Desse total de profissionais testados, 40% trabalham na Europa, 29% na Ásia, 23% na América Latina e 8% no Oriente Médio.

A pesquisa também levantou outros pontos importantes sobre o domínio do idioma nas empresas. Segundo a EF, uma análise por setor constatou que vários setores com significativa exposição internacional, como Aviação e Logística, têm proficiência em inglês surpreendentemente baixa, e que o domínio da língua inglesa também varia entre empresas de diferentes portes. Em média, empresas com um volume de negócios entre 10 e 60 bilhões de dólares têm as maiores pontuações de proficiência. Se a proficiência em inglês, o idioma mais falado e estudado do mundo, é baixa, para outros idiomas, esses números serão certamente ainda mais baixos. Isso demonstra que o Brasil é bastante dependente dos

serviços de tradução para que as empresas localizadas no país possam se colocar no mercado internacional.

Um dado positivo sobre o país é que o Brasil recebe cada vez mais eventos internacionais – desde as já sediadas Copa do Mundo e Olimpíadas – até shows, congressos, convenções. O país ocupa a 15ª posição no ranking da Associação Internacional de Congressos e Convenções (AICC) e a demanda por tradutores e intérpretes nesses eventos é crescente.

O turismo é outro importante segmento que movimenta o mercado, já que 25% dos estrangeiros que vêm ao país têm como finalidade fazer negócios – e nem todos dominam o português, necessitando, muitas vezes, dos serviços de interpretação. Neste caso, a procura é maior nas localidades onde a atividade econômica é mais intensa. Há boas perspectivas de trabalho também em Brasília, em razão do elevado número de embaixadas e de outras representações estrangeiras lá estabelecidas. A ONU, a Unicef e o Itamaraty são exemplos de instituições que contratam tradutores.

Hoje, com o acesso facilitado à Internet, é possível fazer parte de comunidades de tradução *on-line*. Existem *sites* como o ProZ,¹¹ uma comunidade para profissionais da língua, que promovem o intercâmbio entre tradutores, entre agências e tradutores e entre clientes finais e tradutores. O ProZ permite que o tradutor crie um perfil gratuito, com limitações de uso e acesso a clientes e trabalhos em potencial, e um perfil pago, onde é possível ter acesso a todo o tipo de conteúdo e receber por e-mail os *job postings* (postagens com oportunidades de trabalho). Nessa mesma linha, o Translator Base ¹²oferece ao tradutor, em seu pacote pago, a possibilidade de se criar um perfil, ter um domínio, criar um *website* e utilizar e-mail com o domínio criado, além de uma lista de clientes e oportunidades de trabalho.

3.1.2 Os requisitos do tradutor de hoje

Estas são algumas das oportunidades que o mercado oferece ao tradutor profissional, mas o que o mercado exige do tradutor? A lista de requisitos pode ser longa, mas tudo vai depender do ramo em que se pretende atuar. Cada tipo de tradução terá diferentes demandas. Nesta pesquisa, o foco está na tradução escrita e, portanto, não abordarei, em detalhes, os trabalhos de interpretação.

¹¹ PROZ. c2018. Disponível em: < <https://www.proz.com/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

¹² TRANSLATOR BASE. c2018. Disponível em: <<http://www.translatorbase.com/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

Para fins dessa pesquisa, acredito ser relevante diferenciar a noção de competência da noção de requisito. Neste trabalho, os requisitos estão definidos como as habilidades que o cliente, na forma de agências de tradução, editoras, ou outras instituições, que representem o papel de empregador ou contratante de serviços de tradução, exigem do tradutor, ou, ainda, aquilo que o mercado busca em um tradutor. As competências estarão relacionadas com as habilidades intrínsecas ou que podem ser aprendidas e que tornam uma pessoa apta a exercer a profissão de tradutor. Tratarei das competências tradutórias em um item específico deste capítulo.

Existem requisitos básicos, como pontualidade, conhecimento dos idiomas de trabalho, e existem aqueles a que chamo de requisitos diferenciais. Os requisitos diferenciais fazem com que o tradutor se destaque dos demais, como as especialidades. As empresas de tradução hoje buscam tradutores especialistas. Quando analisamos os requisitos exigidos por empresas que postam *job offers* (ofertas de trabalho) em sites como o ProZ, o primeiro deles é a especialização em determinada área de tradução, como Medicina, Direito, Engenharia, etc. Além disso, o tradutor precisa saber trabalhar com pelo menos uma ferramenta de tradução, CAT Tool ou TM (*Translation Memory*). Muitas vezes procuram-se tradutores que trabalhem com CAT Tools específicas e na oferta de trabalho aparece especificada a ferramenta de preferência. É claro que o valor cobrado tem peso na decisão do contratante, mas quanto mais especializado for o tradutor e quanto mais conhecimento agregado ele tiver, como conhecimento de ferramentas de tradução e de outros programas mais ele poderá cobrar.

A seguir, na Figura 5, temos um exemplo de *job offer* do ProZ, em que o contratante solicita que se trabalhe especificamente com o sistema Trados Studio e que se tenha preferencialmente conhecimento em Engenharia. Este é um exemplo claro de requisitos e conhecimento agregado.

Figura 6: Oportunidade de trabalho no site ProZ

Quoting deadline expired
The quoting deadline for this job passed at Jun 30, 2018 21:00 GMT.

Potential technical job ca. 10K, EN-PT (European Portuguese) - Trados required

Posted: Jun 29, 2018 12:34 GMT (GMT: Jun 29, 2018 12:34)

Job type: Potential Job
Service required: Translation

Languages: English to Portuguese
Language variant: European Portuguese

Job description:
I am looking for a very reliable and experienced technical translator for EN-PT, European version of PT, for an upcoming project of ca. 10k. I would prefer someone with an engineering background. Trados is required for this task. Payment 30 days net of delivery of work. Please submit your quote per new word and repetitions and availability using the ProZ quoting option.

Poster country: Albania
Volume: 10,000 words
Service provider targeting (specified by job poster):

- Membership:** Only (paying) ProZ.com members may quote
- Tech/Engineering**
- Required native language:** Portuguese
- Subject field:** Electronics / Elect Eng
- Required software:** SDL TRADOS
- Quoting deadline:** Jun 30, 2018 21:00 GMT

About the outsourcer:
This job was posted by a professional member.
Note: You cannot quote because the quoting deadline has passed.

Translation industry jobs
Jobs posted by outsourcers seeking quotes from language professionals.

Overview
Job listings
Post a job
FAQ

Try jobs for mobile
Browse jobs and manage your quotes anytime, anywhere (member-only).

You may be interested in this ProZ.com Wiki **article on risk management for translators and interpreters.**

The **Blue Board** is a searchable database of language job outsourcers with feedback from service providers, and an important risk management tool. ProZ.com members have full access to the Blue Board.

Does this job require a CAT Tool or additional skills? Join your colleagues in purchasing software at the lowest price on the planet via **ProZ.com Translator Group Buy**, or improve your skills by taking one of the 100's of **ProZ.com translator training courses.**

PerfectIt consistency checker
Faster Checking, Greater

Fonte: ProZ (c2018, documento *on-line*)

Atualmente, as agências de tradução contratam tradutores não somente para traduzir de uma língua a outra, mas também para revisar textos já traduzidos por outros profissionais ou por ferramentas de tradução automática (*machine translation*). A revisão de textos feitos por tradutores humanos é chamada de *proofreading* e a revisão de traduções feitas por ferramentas de tradução automática chama-se *post-editing*. Esse é um trabalho que cada vez mais se apresenta aos profissionais.

a) A tradução automática. A tradução feita por ferramentas de tradução automática é outro debate relevante para o tradutor que busca o seu nicho de mercado. As opiniões são divididas e muito já se discutiu se essas ferramentas são, de fato, uma ameaça ao papel do tradutor. Há quem acredite que, um dia, não muito distante, o tradutor humano será totalmente substituído pela Inteligência Artificial. Já outros pensam que o olho humano nunca poderá ser substituído. Essa questão deve, sim, ser discutida, pois é inegável que a tradução automática já é uma realidade e que vem avançando a passos largos.

Se compararmos uma tradução feita no Google Tradutor de cinco anos atrás e agora, perceberemos uma grande evolução. Isso se deve à mudança de tecnologia utilizada nas traduções automáticas. Em um passado não muito distante, essas ferramentas utilizavam o método estatístico para gerar traduções, *Statistical Machine Translation* (SMT), fazendo uso de corpora bilíngues. A tradução estatística começou e ser pesquisada a partir dos anos 80, principalmente com o desenvolvimento do projeto Candice da IBM.

Inicialmente, os métodos aplicados mapeavam os textos palavra por palavra; porém, posteriormente, descobriu-se que o mapeamento por frases era mais eficaz. Hoje, as tecnologias de tradução automática evoluíram significativamente e o método utilizado é o *Neural Translation* (WU et al., 2016). O método *Neural Machine Translation* (NMT) utiliza uma rede neural artificial para prever a probabilidade de uma sequência de palavras, modelando frases inteiras em um modelo único integrado. Essa tecnologia tem avançado rapidamente e o Google passou a utilizá-la em 2013, com o *Google Machine Neural Translation System*. Após o Google, outras empresas do ramo de ferramentas de tradução automática seguiram os passos do gigante. Em 2016, os melhores sistemas de tradução automática, além do Google Tradutor, como o sistema da Microsoft e o Yandex, já estavam usando esse sistema. O grupo de NPL (*Natural Processing Language*) da Universidade de Harvard recentemente lançou um sistema de tradução automática neural de acesso livre, o OpenNMT.¹³ O Google e a Microsoft provavelmente são os protagonistas mais conhecidos da tradução automática, mas outras empresas estão investindo pesadamente nessa área, como a SDL, a Lionbridge, Moravia, Systran e IBM, entre muitas outras (RESEARCH AND MARKETS, 2018).

E por que a tradução automática é relevante ao tradutor? Essa área não estaria reservada apenas àqueles que lidam com processamento de linguagem, programação e áreas afins? Como citado anteriormente, não são só empresas como Google, Microsoft e IBM que investem em tradução automática. As gigantes da tradução, como a Lionbridge e a SDL,¹⁴ também estão investindo fortemente nessa área e possuem seus próprios sistemas. Além disso, muitas empresas de tradução já oferecem ao cliente final o serviço de tradução realizado por ferramentas de tradução automática e apenas revisado por um tradutor humano. Portanto, gostemos, ou não, a tradução automática é uma realidade que veio para ficar e ser

¹³OPENNMT. c2018. Disponível em: < <http://opennmt.net/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

¹⁴SDL. c2018. <<https://www.sdl.com/software-and-services/translation-software/machine-translation>>. Acesso em: 25 out. 2018.

cada vez mais aprimorada. Se um dia ela evoluirá a ponto de substituir o tradutor humano não se sabe.

Acredito que não ocorrerá uma substituição completa, pois sempre haverá lugar para a contribuição daquele que realmente é *expert* em sua área de saber. Contudo, é preciso que o tradutor entenda que o mundo da tradução está mudando e que quem não se adaptar a ele, sem preconceitos, ficará fora do mercado. Já faz muito tempo que a tradução não é feita com um lápis e um pedaço de papel. A tecnologia, portanto, deve ser vista como uma aliada e não como inimiga do tradutor. O tradutor pode e deve usar essa tecnologia a seu favor. Se o mercado de trabalho oferece oportunidades como *post-editor* (aquele que revisa as traduções automáticas), especializar-se, e atentar para as peculiaridades desse modo de trabalho, pode abrir portas.

b) As ferramentas de auxílio do tradutor (CAT Tools e TMs). Existem ainda inúmeras outras ferramentas de tradução que auxiliam o tradutor no seu ofício, fazendo com que ele consiga produzir mais em menos tempo. As memórias de tradução, que aqui chamaremos de TM (*Translation Memories*) e as *CAT Tools* (*Computer-Assisted Translation Tools*) são exemplos dessas ferramentas.

Vale destacar aqui a diferença entre as traduções geradas por ferramentas de tradução automática (*machine translation tools*) e as traduções feitas com o auxílio de TMs e CAT Tools. As ferramentas de tradução automática, as CAT Tools e as TMs são três recursos distintos, que podem, ou não, ser integrados. Como mencionado anteriormente, a tradução feita por uma ferramenta de tradução automática não recebe a intervenção do tradutor, pois é feita automaticamente pela máquina. É possível editá-la posteriormente, mas o processo de tradução é realizado somente pela máquina.

Já as CAT Tools e as TMs são ferramentas que auxiliam o tradutor de diferentes formas, aumentando sua produtividade e a celeridade do processo tradutório, mas é o tradutor quem realiza a tradução. Essas ferramentas, por meio de TMs, armazenam as traduções já realizadas pelo tradutor, o que pode poupar muito tempo para aqueles que trabalham com textos repetitivos, como manuais técnicos. Portanto, as TMs são um dos recursos das CAT Tools, que apresentam vários outros, como análise de dados, dicionários, digitação automática de palavras, etc. As CAT Tools mais modernas podem trabalhar com o recurso de tradução automática integrado. O tradutor tem a opção de incluir uma chave de API (*Application Programming Interface*) e utilizar o Google Tradutor, ou qualquer outra ferramenta de tradução automática que seja compatível com a CAT Tool, traduzindo seus textos automaticamente e depois revisando e editando a tradução dentro da CAT.

de ser o fiel da balança das traduções. Os sistemas de tradução automática, apesar da grande evolução dos últimos anos, ainda apresentam muitas falhas. Os novos sistemas são chamados de “*neural systems*” em uma tentativa de simular as conexões que o cérebro humano faz; contudo, sabemos que esses sistemas ainda estão longe de conseguir modelar o nosso cérebro.

Na minha experiência com tradução automática, vi falhas inimagináveis para um tradutor mesmo com pouquíssima experiência, como traduzir o nome da cidade de Passo Fundo por “Deep Step” ou ainda traduzir promotor de vendas por “prosecutor”, que é o equivalente em inglês para promotor de justiça, para citar alguns exemplos. No entanto, existem áreas de conhecimento, como tradução em TI (Tecnologia da Informação), em que as traduções automáticas geram muitos poucos erros.

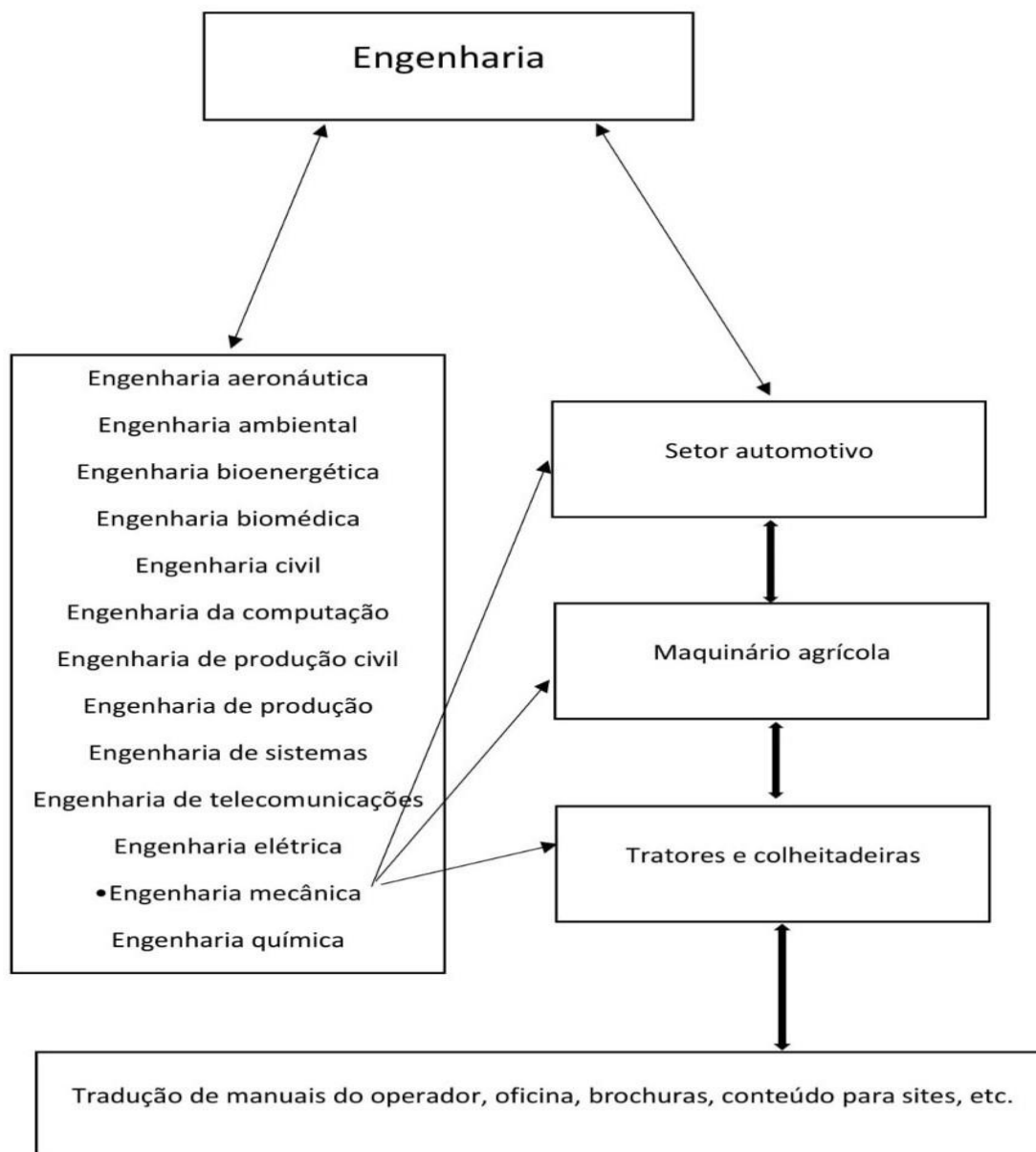
Trago aqui outro exemplo da minha experiência com tradução automática para exemplificar como ela ainda é limitada. Ao traduzir materiais de colheitadeira no Google Tradutor, a máquina traduziu colheitadeira por “harvester”. A um olho menos atento, essa tradução teria sido aceita, uma vez que, ao consultarmos o dicionário, veremos que o termo ‘colheitadeira’ pode ser traduzido por “harvester”. Contudo, existem diferentes tipos de colheitadeiras e a colheitadeira em questão era uma ‘combine’. O importante, portanto, é termos em mente que, por mais que a tradução automática esteja evoluindo, ainda parece distante o dia em que ela dispensará completamente a revisão do olho humano.

Por isso a importância da especialização do tradutor e do conhecimento aprofundado sobre o assunto sobre o qual ele traduz. O tradutor tem, sim, na tradução automática uma espécie de concorrência e precisa se diferenciar. Buscar uma, duas ou no máximo três áreas de especialidade não reduzirá o seu campo de atuação, bem pelo contrário; o tradutor será procurado pelo contratante em função de sua especialização e de oferecer conhecimento agregado.

Normalmente, dividem-se as áreas de especialidade em categorias abrangentes, como Direito, Economia, Engenharia, etc. Contudo, a tendência é que essas categorias vão se afinando cada vez mais. É difícil, por exemplo, que o tradutor traduza com excelência em todas as áreas da Engenharia, uma vez que elas são muito diferentes. Um tradutor que traduza textos de Engenharia Mecânica não necessariamente traduzirá, com excelência, textos de Engenharia Elétrica e vice-versa. E mesmo dentro da própria Engenharia Mecânica, temos um grande número de subáreas e subespecialidades.

A seguir, na Figura 8, trago um esquema que exemplifica como os níveis de especialidade podem ser cada vez maiores.

Figura 8: Exemplo de especialização e suas subespecialidades



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Tomo como base este exemplo por trabalhar há 22 anos com traduções na área de Engenharia Mecânica, na tradução de manuais de maquinário agrícola e, mais especificamente, com a tradução de textos relacionados a colheitadeiras e tratores. A Engenharia Mecânica possui várias outras especialidades, bem como o setor automotivo engloba várias outras máquinas, como carros, caminhões, máquinas de construção civil, e muito mais. A especialização em uma área bastante específica ao invés de restringir a minha atuação como tradutora me proporcionou um nicho de trabalho em que poucos são

especialistas, fazendo com que eu conquistasse uma fatia importante do mercado de traduções.

3.2 O TRADUTOR EM FORMAÇÃO

Esta dissertação não se propõe a ser um estudo sobre metodologias ou didática da Tradução tampouco fazer uma extensa revisão teórica sobre Tradução. O propósito deste capítulo, em que trato sobre os Estudos de Tradução e a formação do tradutor, conforme já mencionei, é refletir sobre de que forma a ampliação de estudos e teorias relacionadas à Tradução podem contribuir para agregar valor à formação do Tradutor no Brasil.

3.2.1 Os cursos de Tradução no Brasil e a regulamentação da profissão

Iniciarei com uma breve contextualização sobre o quadro de cursos de Tradução no país. Os Estudos de Tradução, como disciplina acadêmica ou curso superior independente, ganham força no Brasil a partir de 1968, quando a então nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) é promulgada. Nesse cenário, começam a surgir cursos de Tradução nos departamentos de Letras em nível de graduação (FROTA, 2006). Em 1969 começa a funcionar na PUC/RJ a habilitação de revisor-tradutor-intérprete. Pouco depois, em 1973, foram aprovadas as habilitações de tradutor e intérprete oferecidas na Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas (posteriormente chamada de Unibero). O primeiro curso de pós-graduação em Tradução surge em 1980, com a criação, na USP, da pós-graduação *lato sensu*, que, infelizmente, não existe mais. Outras habilitações em tradução e em interpretação foram sendo criadas em bacharelados de Letras – como por exemplo as da UFRGS, em 1973, da UNESP, em 1978, e da UnB, em 1980, para citar alguns dos cursos mais antigos.

Grande parte dos cursos de Tradução estão associados aos cursos de Letras, normalmente Bacharelado. Dessa forma, a maioria das universidades oferece o curso de Tradutor e Intérprete como habilitação do curso de Letras; contudo, algumas universidades possuem uma graduação específica em Tradução. Atualmente, são aproximadamente 24 universidades brasileiras, entre entidades públicas e privadas, a oferecer o curso de Tradução em nível de graduação, de acordo com um levantamento realizado por mim e apresentado ao final desta seção. A lista completa encontra-se no Anexo B desta dissertação.

Se compararmos com os cursos de Direito, este número é irrisório. São aproximadamente 1.200 faculdades de Direito no Brasil, segundo dados do Guia do

Estudante (2017). Já em Medicina, uma das faculdades mais caras e de difícil implementação, temos, segundo a Demografia Médica do Brasil 2018 – documento lançado recentemente pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) – um total de 289 cursos de medicina em funcionamento, e outros em vias de instalação (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2018).

Esses dados demonstram que o número de cursos de graduação em Tradução é extremamente restrito no Brasil. Além disso, ao longo da história da Tradução no país, alguns dos cursos que ofereciam Tradução em seu currículo fecharam, como na USP e no Machensie, indicando que parece não existir público suficiente para essa formação. É uma questão de oferta e procura. Se existem tão poucos cursos de graduação em Tradução, muito provavelmente, é porque a demanda seja baixa. Mas e por que isso acontece? Não existem aspirantes a tradutores suficientes no Brasil para lotar esses cursos? Essa é uma questão difícil de ser fundamentada com estatísticas, pois, como aponta Wyler (2003), não existem dados suficientes sobre Tradução e tradutores no Brasil, uma vez que há pouco interesse em se fazer uma historiografia sobre a Tradução como área de estudo e profissão.

Contudo, apesar da falta de dados estatísticos sobre a profissão de tradutor no país, é importante que se abra o debate e se reflita não só sobre o fazer tradutório e a profissão, mas também sobre a formação do tradutor e o porquê de existirem tão poucas faculdades na área. Sabemos, por exemplo, que, apesar de a profissão ser reconhecida desde 1988, ela não é regulamentada. Portanto, para se trabalhar como tradutor não é preciso ter formação específica ou qualquer formação universitária. Em outras palavras, em tese, qualquer um pode ser tradutor.

Na prática, o mercado acaba por fazer o papel de “regulamentador” da profissão, uma vez que somente os tradutores que apresentarem determinados pré-requisitos, competências e conhecimentos conseguirão sobreviver em um mercado em que existe muita oferta. O que está no centro do debate, contudo, é a qualificação da mão-de-obra disponível e o que contribui para que o aspirante a tradutor ou tradutor em formação esteja mais bem preparado para se lançar ao mercado.

A discussão sobre regulamentar ou não a profissão é antiga, mas tropeça nos milhares de tradutores que já atuam no mercado sem formação específica na área e, muitas vezes, sem qualquer formação universitária. Quem não tem formação na área costuma defender o *status quo*, ou seja, que tudo permaneça como está. Quem tem formação específica em Tradução deseja que sua formação seja um diferencial, uma vantagem competitiva na captação de trabalhos. É natural, contudo, que a falta de exigência de formação em Tradução para atuar

como tradutor acabe contribuindo para que as pessoas não busquem formação na área. Mas pensando no cenário atual brasileiro, mesmo que a profissão nunca venha a ser regulamentada, será que vale a pena o tradutor investir em uma formação acadêmica mesmo não sendo obrigado?

Pela minha experiência pessoal, a formação acadêmica agrega muito valor ao trabalho. Além do conhecimento adquirido durante o curso, muitas vezes, o *curriculum vitae* enviado ao cliente em potencial é a porta de entrada para uma oportunidade de trabalho. E no *curriculum vitae*, a formação na área de Tradução, além da experiência, conta muitos pontos, especialmente quando o cliente é uma agência de tradução ou editora. A formação em Tradução parece ser ainda mais valorizada no exterior. Percebi que após entrar para o Mestrado em Tradução, Terminologia e Lexicografia, muitas portas se abriram em agências de tradução estrangeiras, que antes ignoravam o meu currículo, apesar dos meus mais de 20 anos de experiência profissional.

3.2.2 A formação do tradutor brasileiro

Com o intuito de conhecer um pouco mais sobre a formação dos tradutores brasileiros, realizei uma pesquisa em um grupo de Facebook intitulado Tradutores, Intérpretes e Curiosos, com 28.907 integrantes (até a data de 11/09/18). Como o nome diz, nem todos os participantes são tradutores, alguns são aprendizes, aspirantes ou curiosos. O grupo, contudo, conta com tradutores de carreira sólida e renomados, como Danilo Nogueira, Jorge Rodrigues, Denise Bottmann, entre outros.

A ideia era ter uma amostragem suficientemente representativa do grupo. A minha população, ou grupo, consistia de 28.907 pessoas até o momento da pesquisa, dentre tradutores de fato, aprendizes/aspirantes e curiosos sobre a profissão e o fazer tradutório. Para ter uma amostragem representativa, com margem de erro de 5%, eu precisaria entrevistar 110 pessoas, conforme Quadro2 abaixo do SurveyMonkey, plataforma em que foi criada a pesquisa. (SURVEY MONKEY, c2018, documento *on-line*).

Quadro 2- Cálculo por população versus margem de erro

População	Margem de erro			Nível de confiança		
	10%	5%	1%	90%	95%	99%
100	50	80	99	74	80	88
500	81	218	476	176	218	286
1.000	88	278	906	215	278	400
10.000	96	370	4.900	264	370	623
100.000	96	383	8.763	270	383	660
1.000.000+	97	384	9.513	271	384	664

Fonte: Suvey Monkey (c2018, documento *on-line*).

CÁLCULO COM BASE EM MARGEM DE ERRO DE 5% PARA MAIS OU PARA MENOS.

28.907----- x

100.000 ----- 383

R = 110,7 pessoas

Conseguí uma amostragem maior ao obter a adesão de 239 respondentes no grupo. A pesquisa foi dividida em seis perguntas, sendo elas:

Q1: Você possui 3º grau completo?

Q2: Você é formado em Letras ou em uma faculdade na área de Tradução e Interpretação?

Q3: Você traduz na sua área de trabalho? (Exemplo: sou engenheiro e traduzo sobre Engenharia).

Q4: Você possui alguma especialização em Tradução?

Q5: Você já morou no exterior, no país de sua língua de trabalho?

Q6: Onde você aprendeu a sua língua de trabalho?

A intenção com essas perguntas era descobrir quem é o tradutor brasileiro e o caminho que ele percorreu até se tornar tradutor. Que tipo de formação tem e como aprendeu seu principal instrumento de trabalho: o seu segundo idioma. Vejamos, a seguir, as respostas obtidas com o questionário:

Tabela 1 - Tabela com as respostas dos entrevistados no grupo Tradutores, Intérpretes e Curiosos.**TABELA RESPOSTAS**

Q1: Você possui 3º grau completo?		
Sim.	87,87%	210
Não.	12,13%	29
Total		239
Q2: Você é formado em Letras ou em uma faculdade na área de Tradução e Interpretação?		
Sim, Letras Licenciatura.	19,58%	47
Sim, Letras Bacharelado / Tradução e Inter.	39,17%	94
Não.	41,25%	99
Total		240
Q3: Você traduz na sua área de trabalho?		
Sim.	28,33%	68
Não.	71,67%	172
Total		240
Q4: Você possui alguma especialização em Tradução?		
Sim, curso de extensão.	12,97%	31
Sim, curso livre.	16,74%	40
Sim, pós-graduação lato sensu.	22,59%	54
Sim, pós-graduação stricto sensu.	8,79%	21
Não.	38,91%	93
Total.		239
Q5: Você já morou no exterior, no país de sua língua de trabalho?		
Sim.	39,92%	95
Não.	60,08%	143
Total		238
Q6: Onde você aprendeu a sua língua de trabalho?		
Em casa (país estrangeiros).	1,67%	4
Em um curso de idiomas.	50,42%	121
Morei no exterior.	15,00%	36
Na universidade.	9,17%	22
Sou autodidata.	17,92%	43
Outro (especifique).	5,83%	14
Total		240

Fonte: Elaborada pela autora com base no Survey Monkey (c2018).

*A pesquisa completa está disponível no Anexo A deste trabalho.

Como podemos ver pelas respostas da pesquisa, o perfil do tradutor brasileiro não é homogêneo. A grande maioria possui terceiro grau completo, mas um percentual ainda relevante não tem formação superior. Ainda, de acordo com a pesquisa, mais de 1/3 dos entrevistados (39,17%) têm formação específica na área de Tradução, por meio de Bacharelado em Letras ou faculdade com habilitação em Tradução. Mas um dado interessante é que quase 20% dos tradutores entrevistados são formados em Letras Licenciatura, possivelmente porque não tenham acesso a faculdades de Tradução em sua localidade e/ou porque sua formação primária visa o ensino, mas a tradução surge como uma

segunda fonte de renda. Essa última hipótese é uma realidade que presenciei com frequência na primeira etapa do meu curso de Bacharelado, quando os alunos de Bacharelado e Licenciatura fazem cadeiras juntos. Muitos dos meus colegas de Licenciatura também realizavam traduções.

Além disso, de acordo com dados do Mundo Vestibular (2007), a abrangência dos cursos de Letras Licenciatura é significativamente maior. De acordo com pesquisa do portal, são aproximadamente 650 faculdades de Letras Licenciatura no Brasil. Como mencionado anteriormente, são apenas aproximadamente 25 faculdades de Tradução no Brasil.

Apesar de os cursos de Licenciatura visarem o Ensino de Línguas, eles podem ser uma porta de entrada para o mundo da Tradução e o aluno pode ter a oportunidade de ampliar seus horizontes profissionais, buscando aperfeiçoamento, posteriormente, por meio de especializações na área de Tradução. Ao menos é isso que propõe a professora da PUCRS, Heloísa Delgado, na sua tese de doutorado (DELGADO, 2012) ao desenhar uma disciplina de Tradução de Textos Especializados na formação de ensino de língua inglesa para os cursos de Letras Licenciatura. Como explica Delgado:

A ideia justifica-se pela carência de cursos de graduação em Tradução no país e de disciplinas autônomas de familiarização em tradução nos cursos de Licenciatura em Letras. Propõe-se uma alternativa pedagógica em Tradução para futuros docentes com o objetivo de instrumentalizá-los e familiarizá-los nesta área, de forma qualificada, e incentivá-los a buscar outra habilitação profissional no futuro, caso seja de seu interesse. (DELGADO, 2012, p. 7)

Note-se que o restante dos respondentes (41,25%) afirmou não possuir formação específica na área. Vale salientar que desse grupo existem os que não possuem terceiro grau completo e aqueles que possuem formação em outra área que não Letras Licenciatura, Letras Bacharelado ou Tradução. Já a terceira pergunta do questionário teve por objetivo inferir se os respondentes formados em outra Faculdade traduziriam na área de sua formação, a exemplo de engenheiros que traduzem sobre Engenharia, médicos que traduzem sobre Medicina, e assim por diante. Se considerarmos que 41,25% não têm formação em Tradução ou Letras Licenciatura e que desses 41,25% 12,3% não têm curso superior, chegamos a um total de 28,95% respondentes com curso superior em outra área que não Letras. Dessa forma, de acordo com esta pesquisa específica, aparentemente a quase totalidade das pessoas com outra formação que não Letras traduzem em sua área de formação, uma vez que 28,33% dos respondentes afirmaram “traduzir em sua área de trabalho”, conforme tabela acima.

A quarta pergunta do questionário procurou identificar se os tradutores brasileiros costumam investir em cursos, especialização e pós-graduação na área de Tradução. Mais da metade dos respondentes afirmaram que sim, sendo que dentre os cursos de aprimoramento mais procurados está a pós-graduação lato sensu, que é um curso de pós-graduação com duração menor do que a pós-graduação stricto sensu. Em terceiro e quarto lugar estão os cursos de extensão, cursos que não chegam a ser uma pós-graduação, mas que são oferecidos dentro das universidades, e os cursos livres, aqueles cursos de aprimoramento oferecidos fora das universidades, normalmente ministrados por um ou mais tradutores experientes. A pós-graduação stricto sensu, como mestrado e doutorado, aparece em último lugar, possivelmente pelo número de vagas disponíveis ser menor e a maior dificuldade para se ingressar nesses cursos, que costumam exigir prova, projeto e análise de currículo.

As duas últimas perguntas visaram a identificar de que forma o tradutor brasileiro adquiriu conhecimento sobre a sua língua de trabalho, além do português. Como podemos ver, a maioria dos tradutores nunca morou no exterior, ao menos não em países nos quais se falam a sua língua de trabalho. O percentual de pessoas que moraram no exterior, contudo, é expressivo (39,92%).

Como alguns tradutores me apontaram em comentários no próprio questionário, no grupo de Facebook em que a pesquisa foi realizada e em mensagem privada via Facebook, esta última pergunta gerou dúvida, pois muitos dos respondentes tiveram contato com seu segundo idioma de mais de uma forma. Desse modo, orientei que deveria ser considerado o primeiro contato de aprendizagem com o idioma. A partir desse cenário, podemos observar que um pouco mais da metade dos respondentes teve seu primeiro contato de aprendizagem com sua língua de trabalho por meio de um curso de idiomas, mesmo que depois tenha morado no exterior ou frequentado uma universidade de línguas. Dois dados me chamaram a atenção, um deles foi o baixíssimo percentual de pessoas que aprenderam o idioma em casa, com mais estrangeiros (imigrantes). Apesar de não vivermos em um continente como a Europa, onde a proximidade dos países facilita o intercâmbio cultural e linguístico, tivemos forte imigração, mas o baixo percentual é um indicativo de que os idiomas falados por bisavós ou avós imigrantes acabaram por se perder com o tempo, não passando para as próximas gerações. Além disso, a nossa proximidade com países falantes de espanhol e a migração desses países parece não ser representativa. Outro dado que chama a atenção é o percentual expressivo de autodidatas. Hoje, com os avanços tecnológicos e a Internet disponível a uma grande parte da população brasileira, é possível ter acesso à informação em outros idiomas de maneira muito mais fácil e rápida.

Em resumo, podemos afirmar que o perfil médio do tradutor brasileiro é alguém com terceiro grau completo, mais da metade formada em Letras (seja Bacharelado, Tradução ou Licenciatura), tendo tido seu primeiro contato com o idioma por meio de cursos de idiomas. Além disso, menos da metade dos tradutores já morou no exterior e 1/3 tiveram acesso a cursos de especialização em nível de pós-graduação.

3.2.3 A formação de Tradutor-Intérprete, Letras Bacharelado na UFRGS: um relato pessoal

Em minha formação como tradutora no curso de Letras Bacharelado, ênfase Inglês-Português, da UFRGS, a prática, ainda que de certa forma limitada por questões de tempo e logística, se sobrepunha à teoria. Além disso, o currículo antigo, quando me formei tradutora em 2007, era mais próximo dos cursos de Licenciatura, e grande parte das cadeiras era voltada à Literatura em língua portuguesa e em língua estrangeira, ao aprendizado do segundo idioma e à prática tradutória.

As cadeiras de Tradução e Versão costumavam ser mais práticas que teóricas e utilizar um método de “tentativa e erro”, no qual os alunos tinham a tarefa de traduzir e verter diferentes textos, de diferentes temáticas, sem muita preocupação com embasamentos teóricos a respeito da Tradução. A preocupação era maior com o idioma e com a precisão terminológica – apesar de as cadeiras de Terminologia serem oferecidas somente depois das de Tradução e Versão, quase no final do curso – do que com a teorização sobre o fazer tradutório. Em razão disso, tive contato com teorias de Tradução pela primeira vez somente no Mestrado em Tradução, Terminologia e Lexicografia. Saliento que este é um relato pessoal de minha experiência na formação como tradutora de inglês na UFRGS. Outros alunos, da mesma época, podem ter tido experiências diferentes por fazerem parte de ênfases em línguas diferentes ou pelo fato de os professores da UFRGS terem liberdade para trabalharem o conteúdo de formas distintas.

Conforme aponta Fabiano Gonçalves em sua tese de doutorado, o currículo do curso de Letras-Bacharelado foi remodelado em 2013 (GONÇALVES, 2015, p. 60-61) para estar em maior sintonia com as necessidades do tradutor de hoje. Como explica Gonçalves:

[...] o planejamento desse currículo foi justamente inspirado pelo trabalho de Hurtado Albir (2001; 2005) [...] foram colhidas impressões e recomendações de egressos atuantes no mercado de tradução (literária e técnica, incluindo o mercado de revisão de texto), empresas do ramo de tradução, editoras ou empresas de prestação de serviço em assessoria de linguagem. O trabalho dessa reestruturação esteve a cargo de uma comissão de professores especialmente constituída e foi objeto de discussões, com toda a comunidade universitária envolvida, submetido a

votações e ajustes sucessivos até a implementação dessas mudanças. (GONÇALVES, 2012, p. 60)

Pela experiência que tive com os alunos da graduação durante nosso projeto de pesquisa sobre CT, ST e AT na Tradução pela SEAD-UFRGS, pude perceber que o aluno hoje do curso de Letras Bacharelado da UFRGS tem um conhecimento sobre as Teorias de Tradução muito mais amplo do que em minha época de aluna de tradução. No trabalho final das cadeiras de Tradução I e III, do qual fiz parte como revisora da parte de Tradução Simplificada, os alunos citaram a Teoria Funcionalista de Nord (1996), as Competências Tradutórias apresentadas por Hurtado Albir (2001), entre outros fundamentos teóricos. Os aprendizes também apresentam conhecimento sobre Teorias de Terminologia, uma vez que as cadeiras de Terminologia, que antes eram somente oferecidas quase no final do curso, hoje passaram a ser ofertadas já no 3º semestre de sua formação.

Segundo Pym (2014), os professores têm a tendência a acreditar que seus alunos serão melhores tradutores se estudarem Teorias da Tradução. Mas, segundo o autor, não existiriam evidências empíricas que confirmem essa ideia e que, muito pelo contrário, existem boas razões para duvidar dessa validade (2014, p. 23). Como diz Pym, de fato não existem dados que corroborem a ideia de que estudar Teorias da Tradução prepararia o tradutor melhor. Desse modo, eu, como aluna de Tradução e tradutora, posso falar somente com base em minha experiência pessoal. Não sei se o que estudei sobre Teorias da Tradução durante o Mestrado foi suficiente para influenciar extraordinariamente a minha prática tradutória. Contudo, vejo que após esses estudos, tornei-me uma tradutora mais consciente das minhas escolhas tradutórias. Antes, eu tomava decisões com base na experiência, ou seja, nos meus mais de 20 anos de pesquisa, de prática, acertando e errando, e procurando aprender com esses erros e acertos. Acredito que hoje, contudo, consigo embasar melhor as minhas decisões sobre como e por que traduzir desta ou daquela forma, pois consigo relacionar a prática com as Teorias com as quais me identifico.

Hoje, por exemplo, após ter sido apresentada à Teoria Funcionalista da Tradução e aos fundamentos da Acessibilidade Textual, conhecer o meu público leitor, sempre que possível, tornou-se fundamental. Antes disso, eu costumava traduzir o texto levando em consideração as diferenças culturais entre os dois idiomas ou entre o país fonte e o país alvo, mas o público leitor não era, conscientemente, um fator prioritário em minha prática, tampouco outras análises, como, por exemplo, até que ponto eu teria a liberdade de alterar o texto original em nome da função a qual o texto se propunha.

Por esta razão, defendo que a Teoria fornece ao tradutor-aprendiz fundamentos que o auxiliarão posteriormente em uma prática tradutória mais consciente. Além disso, acredito que quando precisamos chegar a determinadas conclusões, que outros já chegaram – por meio de anos de pesquisa – sozinhos, o trabalho torna-se muito mais árduo e solitário. Por que não compartilhar com nossos aprendizes aquilo que já foi teorizado por outras pessoas antes deles? Penso ainda que a fórmula do sucesso está no equilíbrio entre teoria e prática. A tradução é, sem dúvida, uma atividade prática, e praticá-la é essencial para que seus fundamentos possam ser aprimorados. No entanto, a prática continuará sendo aperfeiçoada durante os anos de mercado e profissão, pois dificilmente a duração de um curso de graduação será suficiente para dar conta de toda a prática necessária a um tradutor.

Neste cenário de teoria e prática, defendo que ainda temos espaço para ampliar os conhecimentos teóricos e práticos ofertados aos alunos dos cursos de Tradução. A Tradução Intralinguística ainda é pouco explorada no Brasil e, como veremos mais adiante nesta dissertação, a Complexidade Textual (CT), a Simplificação Textual (ST) e a Acessibilidade Textual (AT) estão diretamente ligadas a esse tipo de tradução apresentada por Jakobson há mais de meio século. Em resumo, é importante que os alunos de Tradução sejam apresentados a uma combinação de teoria e prática, por meio de uma abordagem holística, com vistas a prepará-los para as demandas do mercado de tradução que virão a enfrentar durante ou após a conclusão do curso.

3.3 O PAPEL DO TRADUTOR NO ACESSO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

O tradutor pode trabalhar em diferentes modalidades, como apresentado na seção 3.1, e com diferentes tipos de tradução, assunto que veremos em mais detalhes no item 4.1. Pode-se adiantar, contudo, que um desses tipos de tradução é a tradução de textos especializados, que podem ser técnicos e/ou científicos. A tradução especializada pode aparecer na forma oral ou escrita, por meio da interpretação ou da tradução escrita, respectivamente. A tradução especializada tratará, primordialmente, da comunicação profissional de determinada área e essa comunicação tem como principal objetivo divulgar o conhecimento de determinada área do saber. No contexto do nosso projeto de pesquisa, apresentado por meio desta dissertação, este conhecimento é o conhecimento técnico-científico.

No cenário técnico-científico, frequentemente, o tradutor tem papel de destaque no acesso ao conhecimento descrito pelos profissionais das diferentes áreas de conhecimento. As obras de Freud a Jung, Weber a Max, entre tantos outros pensadores, só chegaram a nós

devido aos esforços de tradução. Sem a tradução, o conhecimento ficaria restrito às fronteiras dos países onde surgiram.

Além disso, conforme já mencionei neste trabalho, não raro a tradução serviu como porta de acesso a um determinado conhecimento por vezes acessível somente a um certo grupo de leitores. Não somente por meio da translação de uma língua a outra, mas também por meio de uma tradução acessível ao público ao qual se destinava. Quando Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, ele pretendia que ela pudesse ser lida e compreendida por todas as pessoas do “Império Romano Sagrado da nação germânica”. O mesmo aconteceu quando documentos do governo sul-africano foram traduzidos para diversas línguas oficiais do país com o intuito de que seus leitores os compreendessem. Os tradutores, nesses casos, serviram não só como intermediadores de conhecimento, mas como facilitadores.

No final do ano de 2017, pude experienciar a proposta de uma tradução acessível e o papel de facilitadora do conhecimento científico, na prática, ao participar de um projeto de tradução consecutiva de um curso sobre motores de tratores na cidade de Campinas. A empresa contratante em questão possui um Centro de Treinamento e recebe desde engenheiros a mecânicos para seus cursos. Neste curso em especial, os alunos eram da Etiópia, África do Sul e Nigéria.

Os aprendizes possuíam conhecimento técnico e prático, mas níveis de letramento muito distintos (alguns não haviam terminado o equivalente ao Ensino Médio e outros possuíam curso superior completo) e diferentes níveis de conhecimento do idioma de trabalho: o inglês. Em razão disso, foi necessário que eu, como intérprete do grupo, e o instrutor técnico trabalhássemos em sintonia para simplificar as mensagens sendo transmitidas. Utilizamos muitos recursos práticos, desde peças verdadeiras, fotos, esquemas. Literalmente desenhávamos e mostrávamos nas peças, em tempo real, o que estava sendo dito e passado verbalmente pelo instrutor.

O diálogo aberto foi fundamental para que o treinamento tivesse êxito. Os alunos tinham total liberdade para nos interromper quando não estivessem compreendendo o que estava sendo dito. Sem essa comunicação de mão dupla, teria sido impossível o êxito do curso.

Outro fator importante foi o nível de conhecimento especializado dos participantes, desde o instrutor e seus discípulos, até o meu conhecimento especializado sobre a área de mecânica, uma vez que foram necessários vários recursos extralinguísticos para que a comunicação se estabelecesse. Sem o conhecimento especializado, acredito que teria sido

impossível nos comunicarmos, pois, neste caso, precisaríamos contar com muitos mais recursos no idioma inglês do que os participantes tinham de fato.

Dessa forma, como já afirmou Finatto (2016), é importante promovermos o letramento científico não só dos leitores finais, mas também dos tradutores, pois eles terão o papel de intermediar o conhecimento científico em idiomas distintos. E, diante desta realidade, somente o conhecimento linguístico não é suficiente para dar conta da tradução especializada, como aconteceu no caso relatado acima.

4 A ACESSIBILIDADE NA TRADUÇÃO ESPECIALIZADA

Neste capítulo, trato sobre o que perfaz a tradução especializada acessível (TEA), trazendo alguns aportes teóricos que fundamentam a TEA como um tipo de tradução que possui suas especificidades. Neste contexto, abordo a tradução de textos especializados, a simplificação textual como forma de tradução intralinguística e pondero sobre o modo que a Teoria Funcionalista da Tradução traz, em seus fundamentos, contribuições importantes para a TEA. Além disso, discuto sobre até que ponto a TEA precisaria ou deveria ser fiel ao texto original e quais as principais competências esperadas de um tradutor que venha a trabalhar com este tipo de proposta de tradução.

4.1 OS TIPOS DE TRADUÇÃO: A TRADUÇÃO DE TEXTOS ESPECIALIZADOS

Nesta seção, nosso objetivo principal é delimitar o objeto principal no âmbito da tradução em nosso projeto de pesquisa, que foi contextualizado no **item 1.1** desta dissertação: o texto técnico-científico e seus diferentes graus de especialização. Veremos a seguir que um texto técnico-científico de diferentes áreas, neste caso mais especificamente de Medicina, pode ter diferentes graus de especialização e, conseqüentemente, seus públicos leitores também podem variar em grau de conhecimento.

A tradução de textos especializados técnico-científicos tem suas peculiaridades e diz respeito à tradução da comunicação profissional. Segundo Cabré (2003), a estrutura do discurso especializado se diferencia por uma apresentação sistemática de informações e por dois tipos de características linguísticas: a primeira é o léxico – uso de unidades que possuem, a despeito de sua ampla ocorrência, um significado limitado em um contexto especial. Esse contexto especial é o contexto especializado, no qual ao menos um dos interlocutores possui conhecimento especializado sobre determinada área de conhecimento. Desse modo, palavras que sejam amplamente utilizadas no discurso não especializado podem ganhar status de termo se empregadas nesse contexto especial. A segunda é a textual: formada pelo texto que, em princípio, traria um conteúdo preciso, mais conciso e sistemático que os textos comuns.

Mas como explica Rebechi:

[...]assim como outras tipologias textuais, a linguagem especializada não é homogênea, e o léxico especializado não é o único aspecto a ser considerado na tradução”. O texto especializado também está sujeito ao contexto cultural de produção, que precisa ser observado durante o ato tradutório. Portanto, distinções estanques entre diferentes tipologias textuais devem ser reavaliadas em todas as esferas, pois, assim como a linguagem especializada contém elementos culturais, a literária serve-se terminologia de diversas áreas de especialidade.(REBECHI, 2015, p. 53)

O principal objetivo da comunicação especializada é transferir conhecimento especializado e cobrir a comunicação entre especialistas, entre especialistas e semiespecialistas e entre especialistas e leigos. Com isso, pressupõe-se que o texto especializado, com suas características especiais, pode ser dirigido a diferentes tipos de público, mas que, a priori, é sempre escrito por um especialista. No entanto, Maciel aponta que essa nem sempre é a realidade da comunicação especializada:

[...] a comunicação especializada não se limita à interação formal entre especialistas que usam um mesmo registro, mas é utilizada por interlocutores de diferentes hierarquias e graus de especialização em diferentes níveis de formalidade, desde o mais sofisticado cientista até o estudante e o leigo. (MACIEL, 2010, p. 16).

Segundo Maciel (2010), hoje não podemos mais desconsiderar que a comunicação especializada não está mais restrita ao especialista e que existem diferentes níveis de especialização e formalidade. Os textos sobre as mais diversas áreas de especialidade, portanto, não são mais exclusividade de autores com alto grau de especialização. É o caso do jornalista que escreve sobre economia em um jornal, mas não tem graduação em economia. Ao longo dos anos, o jornalista pode ir se especializando em escrever sobre economia sem nunca chegar a ter um alto grau de especialização que o capacite a exercer a profissão de economista. Esse jornalista, portanto, seria um semiespecialista que escreve textos semiespecializados para um público com diferentes graus de conhecimento sobre o assunto.

Sobre os limites do que se pode considerar um texto especializado e o que não seria especializado, Ciapuscio considera mais produtiva e adequada uma concepção gradual da especialidade, ao invés de se pressupor cortes nítidos entre um e outro tipo de texto. Por isso, afirma ser importante admitirmos zonas de transição além de ambiguidade na delimitação dos textos considerados especializados. Para a autora, uma definição de trabalho para os textos especializados pode ser a seguinte:

[...] se trata de produtos predominantemente verbais de registros comunicativos específicos, registros que são definidos pelos usuários dos textos, as finalidades e

as temáticas. Os textos especiais se referem a temáticas próprias de um domínio de especialidade e respondem a convenções e tradições retóricas específicas. Os fatores funcionais, situacionais e temáticos têm seu correlato no nível de forma linguística, tanto na sintaxe quando no léxico. (CIAPUSCIO, 2008, p. 36-37)

Partindo-se de uma análise puramente textual, e não de quem escreve o texto, também é possível identificar textos semiespecializados. O texto semiespecializado, de uma perspectiva textual, pode ter sido escrito por um especialista com o mais alto grau de conhecimento em sua área de saber. É o caso do médico que escreve para divulgar e informar o leigo, ou pessoas com grau de conhecimento inferiores ao seu, sobre um determinado assunto. A intenção, na grande maioria dos casos, é criar um texto acessível a quem o lê. No caso de textos de divulgação ou popularização sobre doenças, para citar um exemplo, a intenção é criar textos que possam ser compreendidos por leigos, mas, na prática, o que vemos são textos semiespecializados, com um grau de especialização e formalidade não tão altos quanto textos acadêmicos e científicos para especialistas, mas, ainda assim, repletos de termos técnicos e linguagem complexa para um leigo.

É com base nesses questionamentos e reflexões que optamos por utilizar a categorização de texto semiespecializado para aqueles textos que não cumpriam de maneira plena a função de texto especializado, para a comunicação exclusiva entre especialistas, mas tampouco atendiam aos requisitos de acessibilidade esperados de textos cujo principal objetivo é se comunicar com leigos, mesmo que o assunto seja de cunho especializado.

Além dos textos semiespecializados escritos por semiespecialistas como jornalistas ou por especialistas que buscam divulgar assuntos de relevância social, como doenças, hoje, ainda nos deparamos com um novo fenômeno: a Internet de fácil acesso e os escritores e produtores de textos que proliferam. A Internet deu vazão a uma legião de semiespecialistas, com graus variados de conhecimento sobre um determinado assunto. Já não é mais só o médico que escreve sobre Parkinson – o assunto de nossa pesquisa em Tradução –, por exemplo. Na rede existem inúmeros blogs sobre a doença escritos por pacientes ou por familiares de pacientes. Quem escreve tem um certo conhecimento sobre a doença, pois vive ela em seu dia-a-dia e procura se informar, mas não pode ser comparado ao conhecimento de um médico neurologista.

Na prática, esses textos escritos por semiespecialistas (chamaremos aqui de semiespecialistas aqueles que têm um conhecimento maior que um leigo e menor que um especialista sobre um determinado assunto, enfatizando que esse conhecimento tem diferentes graus), trazem uma mistura de linguagens, com termos técnicos inerentes ao

assunto, mas também com uma linguagem mais acessível, uma vez que são escritos por pessoas que não estão totalmente habituadas à terminologia e ao modo de escrita da área em questão.

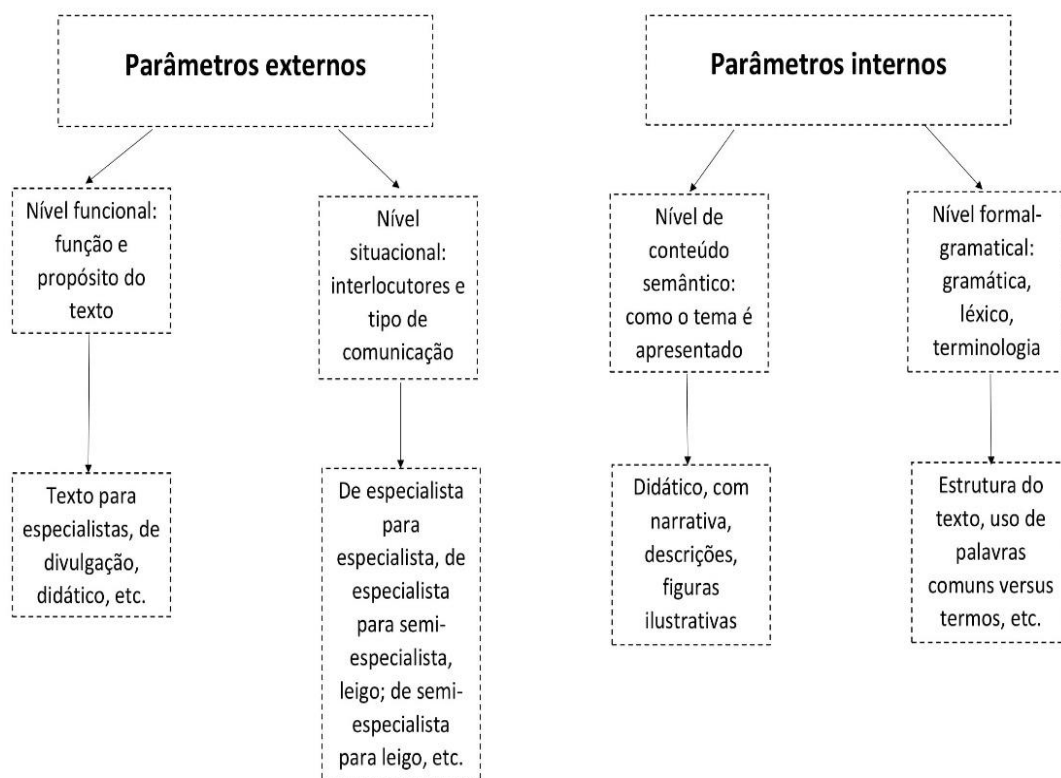
Em nossa pesquisa em Tradução com textos sobre a temática da Doença de Parkinson, realizada com turmas de Tradução do Curso de Letras Bacharelado, ênfase Inglês-Português, da UFRGS, um dos grandes desafios encontrados foi a categorização dos textos. Como definir se um texto era especializado, semiespecializado ou não especializado? Apesar de ser tarefa fácil, devido ao seu alto grau de subjetividades e margem a interpretações, essa categorização foi importante, pois estávamos lidando com textos de diferentes graus de especialização e formalidade, desde artigos científicos até textos de popularização sobre a temática da Doença de Parkinson escritos por semiespecialistas ou semileigos em seus *blogs* sobre essa doença.

De modo a categorizar as diferentes tipologias textuais, optei por adotar, primeiramente, o modelo apresentado por Ciapuscio (CIAPUSCIO, 2008) e seus quatro níveis de análise textual. Conforme resume Finatto (2016, p. 16), Ciapuscio propõe uma categorização de textos, levando-se em consideração quatro níveis:

- a) o nível funcional do texto – que trata da sua função ou propósito;
- b) o nível situacional – associado aos interlocutores e tipo de comunicação envolvidos;
- c) o nível de conteúdo semântico, que inclui modos de tratamento e de apresentação do tema e;
- d) o nível formal-gramatical, que inclui aspectos gramaticais, lexicais e terminológicos.

Assim, com base nos quatro níveis de análise e categorização dos textos propostos por Ciapuscio (2008), construí o esquema abaixo (Figura 9) com o objetivo de auxiliar na categorização dos textos com os quais viria a analisar em nossa pesquisa.

Figura 9: Modelo de categorização do texto em 4 níveis de Ciapuscio

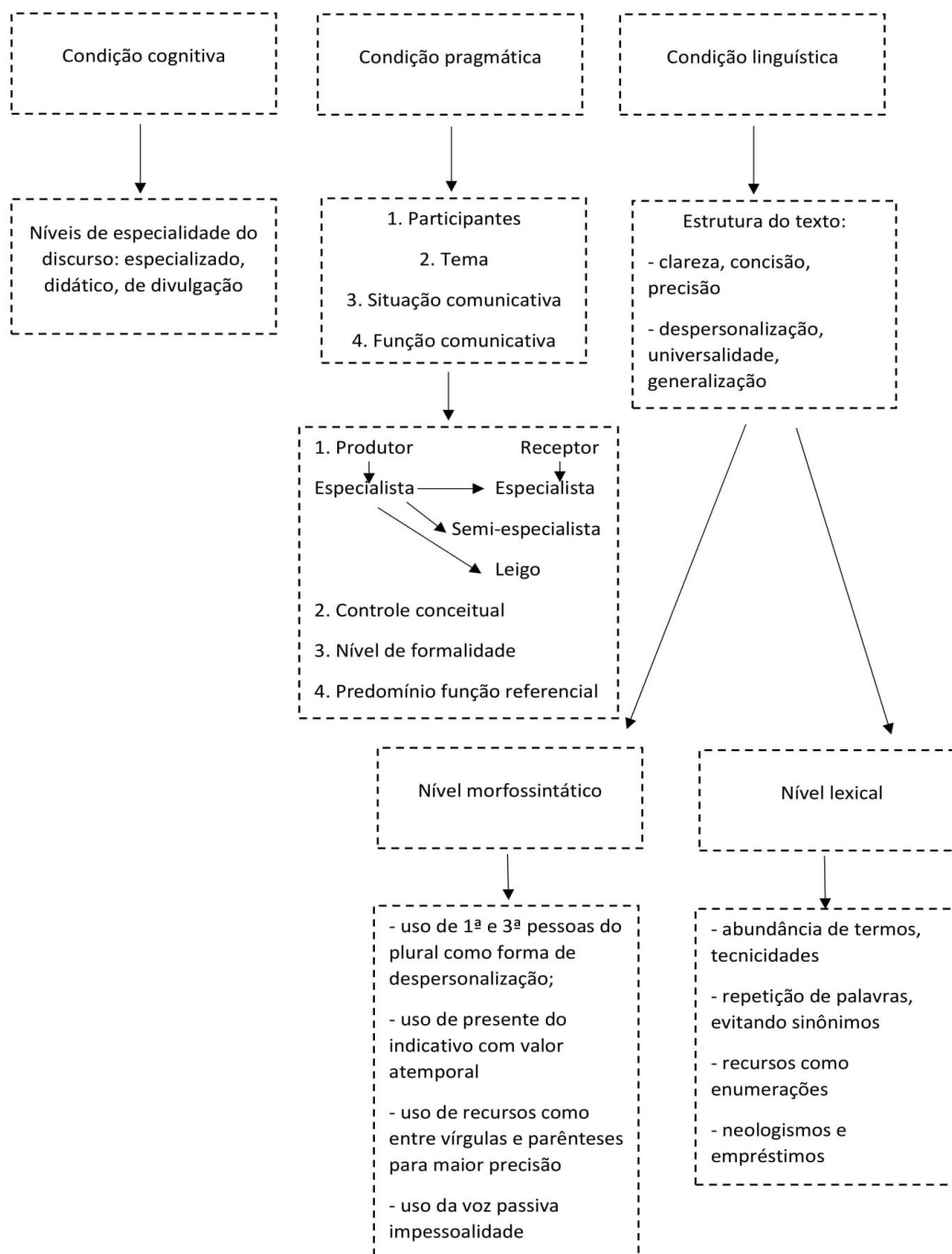


Fonte: Adaptada de Ciapuscio (2008).

Além do modelo criado por Ciapuscio, baseei-me também em um trabalho realizado pelo Grupo EPA da Universidade de Alicante, coordenado pela Dra. Isabel Santamaría Pérez, intitulado “La terminología e la comunicación especializada” (PEREZ, 2016), para criar o esquema abaixo:

Figura 10: Modelo de características linguísticas e extralinguísticas

Modelo de características linguísticas e extralinguísticas baseado em trabalho do Grupo EPA da Universidade de Alicante



Fonte: Adaptado de Perez (2016, documento *on-line*).

Este esquema está dividido em três condições principais: a condição cognitiva, que trata dos níveis de especialização do texto; a condição pragmática, que trata da comunicação em si e quem são seus interlocutores, em que situação ela ocorre, qual o tema e qual a função dessa comunicação; e, por último, a condição linguística, e as características do texto em seus níveis lexicais e sintáticos. Esses dois esquemas foram a base para a categorização de nossos textos sobre a temática da Doença de Parkinson. Nenhum dos dois modelos trata explicitamente do texto semiespecializado; contudo, fala-se em texto didático e texto de divulgação como textos que possuem graus de especialização mais baixos.

A seguir trago dois tipos de textos utilizados em nossa pesquisa para exemplificar a categorização dos textos conforme esquemas apresentados acima. (Quadro 3):

Quadro 3- Exemplos de texto sobre a DP

TEXTO 1	TEXTO 2
<p>Fonte: Parte de texto do Ministério da Saúde / Secretaria de Atenção à Saúde PORTARIA Nº 228, DE 10 DE MAIO DE 2010 ANEXO (*) PROTOCOLO CLÍNICO E DIRETRIZES TERAPÊUTICAS DOENÇA DE PARKINSON</p> <p>Os textos são escritos por especialistas; o público-alvo é de profissionais da Saúde.</p> <p>As manifestações motoras da DP podem ser explicadas de maneira simplificada pelo modelo no qual o estriado possui um papel-chave dentro das vias motoras cerebrais. O processo de degeneração de neurônios dopaminérgicos nigroestriatais leva a uma redução da modulação da dopamina estriatal e, conseqüentemente, a alterações motoras. Este modelo prediz que, aumentando-se a estimulação dopaminérgica ou reduzindo-se a estimulação colinérgica ou glutamatérgica, os sintomas melhoram. Existem atualmente vários modos de intervenção farmacológica sintomática:</p> <ul style="list-style-type: none"> • levodopa <i>standard</i> ou com formulações de liberação controlada, em associação com inibidor da levodopa decarboxilase; • agonistas dopaminérgicos; 	<p>Fonte: Minha vida - Parkinson Site que trata sobre temas de Saúde. Os textos são escritos por especialistas, mas o público-alvo é leigo. Os textos são dirigidos a pacientes e/ou familiares com a Doença de Parkinson.</p> <p>O que é Parkinson? Parkinson é uma doença progressiva do sistema neurológico que afeta principalmente o cérebro. Este é um dos principais e mais comuns distúrbios nervosos da terceira idade e é caracterizado, principalmente, por prejudicar a coordenação motora e provocar tremores e dificuldades para caminhar e se movimentar. Não há formas de se prevenir o Parkinson.</p> <p>Causas As células nervosas usam uma substância química do cérebro chamada dopamina para ajudar a controlar os movimentos musculares. O Parkinson ocorre quando as células nervosas do cérebro que produzem dopamina são destruídas lenta e progressivamente. Sem a dopamina, as</p>

<ul style="list-style-type: none"> • inibidores da monoamino oxidase B (MAO-B); • inibidores da catecol-O-metiltransferase (COMT); • anticolinérgicos; • antiglutamatérgicos. <p>O objetivo inicial do tratamento deve ser a redução da progressão dos sintomas. Uma vez que o tratamento sintomático seja requerido, os medicamentos devem produzir melhora funcional com um mínimo de efeitos adversos e sem indução do aparecimento de complicações futuras e este protocolo não pretende propor uma maneira única de tratamento dos pacientes com DP, mas, sim, servir de diretriz, apontando vantagens e desvantagens de diferentes opções terapêuticas disponíveis, especialmente quanto à eficácia e segurança.</p>	<p>células nervosas dessa parte do cérebro não podem enviar mensagens corretamente. Isso leva à perda da função muscular. O dano piora com o tempo. A causa exata do desgaste destas células do cérebro é desconhecida, mas os médicos acreditam que uma mistura de fatores possa estar envolvida:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Genética: mutações genéticas específicas podem estar envolvidas nas causas do Parkinson, mas estes casos são raros, acontecem geralmente com membros da família afetados pela doença de Parkinson. No entanto, algumas mutações genéticas parecem aumentar o risco de doença • Meio ambiente: a exposição a determinadas toxinas ou fatores ambientais podem aumentar o risco de doença de Parkinson no futuro, mas o risco é relativamente pequeno
--	---

Fonte: Texto 1: Brasil (2010, documento *on-line*)/Texto 2: Minha Vida (c2018, documento *on-line*).

Quadro 4 - Análise classificatória de textos sobre a DP

PARÂMETROS INTERNOS TEXTO 1		PARÂMETROS EXTERNOS TEXTO 1	
<p><u>Nível funcional ou cognitivo:</u> texto altamente especializado; conhecimento científico sobre a Doença de Parkinson</p>	<p><u>Nível situacional ou pragmático:</u> comunicação entre interlocutores especializados da área de saúde. Texto formal cuja temática principal é a Doença de Parkinson e tem por objetivo comunicar Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas sobre a Doença de Parkinson para profissionais de Saúde.</p>	<p><u>Nível de conteúdo semântico:</u> texto especializado científico em que se utilizam recursos como listas de itens e figuras (as figuras aparecem no texto na íntegra), há uma despersonalização, o texto não conversa diretamente com o leitor.</p>	<p><u>Nível formal-gramatical:</u> em nível lexical apresenta abundância de termos e linguagem erudita, de baixa frequência. Em nível sintático, faz uso de voz passiva, conferido impessoalidade, frases longas e pronominalização.</p>
PARÂMETROS INTERNOS TEXTO 2		PARÂMETROS EXTERNOS TEXTO 2	

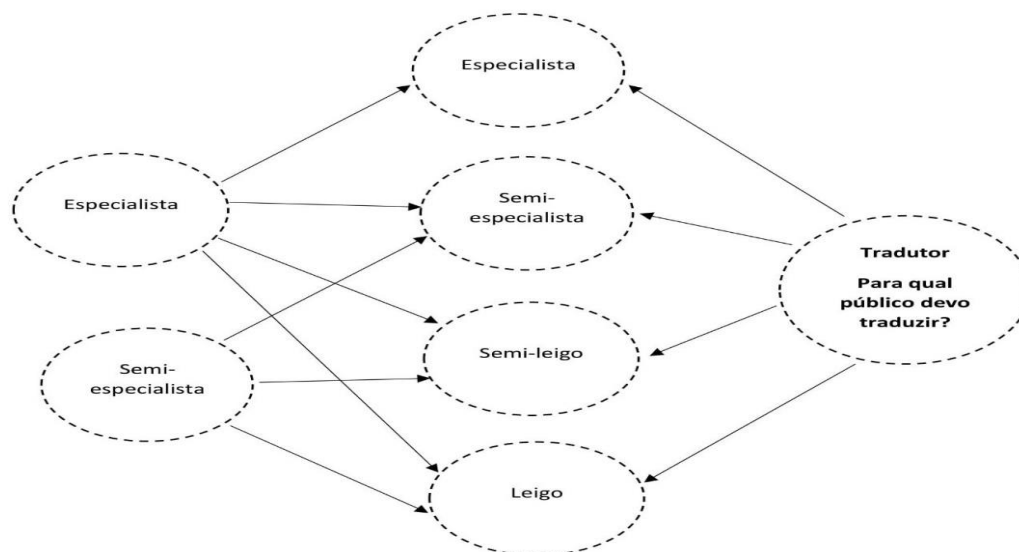
<p><u>Nível funcional ou cognitivo</u>: texto semiespecializado; trata de conhecimento científico sobre a Doença de Parkinson, mas com menor nível de especialização; texto de divulgação veiculado em blog sobre a DP.</p>	<p><u>Nível situacional ou pragmático</u>: comunicação entre interlocutores especializados da área de saúde, semiespecialistas, semileigos, leigos: texto escrito por médico para outros profissionais de saúde, pacientes com DP e seus familiares. A temática principal é a DP. O objetivo é informar pessoas com conhecimento restrito sobre a DP, sejam outros profissionais de saúde, pacientes ou familiares.</p>	<p><u>Nível de conteúdo semântico</u>: texto semiespecializado, mas ainda sim científico em que se utilizam recursos como listas, títulos para delimitar os assuntos, de modo a deixar o texto mais claro para o leitor.</p>	<p><u>Nível formal-gramatical</u>: em nível lexical apresenta termos científicos relativos à DP, mas a linguagem geral é menos erudita que no texto 1. Em nível sintático apresenta frases mais curtas, mas ainda assim faz uso da pronominalização. Em vistas a uma simplificação vários itens podem ser trabalhados.</p>
---	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora conforme esquemas das Figuras 9 e 10.

A partir dos exemplos mostrados no quadro acima, acredito que a categorização dos textos, sendo estes analisados em nível lexical e sintático, pode ser muito útil, em sala de aula, para que os alunos que estejam trabalhando com textos/traduições simplificadas possam tomar decisões tradutórias de maneira mais bem embasadas a partir de uma análise detalhada e prévia dos textos a serem traduzidos e simplificados.

Do ponto de vista dos interlocutores, Ciapuscio (1998 apud FINATTO 2016, p. 5), os classifica em especialistas, semileigos e leigos. Cabré (2001), por sua vez, fala em especialistas, semiespecialistas e leigos. Considerarei, portanto, unir as classificações das duas autoras e abranger os quatro graus de interlocutores, pois, desse modo, os diferentes níveis de conhecimento ficam melhor representados. Dessa forma, temos: especialistas, semiespecialistas, semileigos e leigos. É importante salientar que na proposta de Tradução Especializada Acessível (TEA), que veremos posteriormente neste capítulo da dissertação, a definição do público leitor e seus diferentes graus de conhecimento é essencial para o tradutor, por isso apresento o esquema abaixo.

Figura 11: Os diferentes interlocutores da comunicação especializada



Fonte: Adaptado de Ciapuscio (1998) e Cabré (2001).

4.2 INTERLINGUÍSTICA OU INTRALINGUÍSTICA? A SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL (ST) COMO TRADUÇÃO INTRALINGUÍSTICA

Quando pensamos em tradução, logo nos vem à cabeça a transposição de um texto em um determinado idioma para um idioma diferente. Jakobson, no entanto, não trata somente a noção de tradução que mais conhecemos, com duas línguas envolvidas no processo, como a única forma de tradução existente. O autor russo faz a distinção entre três diferentes tipos de tradução: a tradução intersemiótica, aquela que transpõe de um sistema de signos a outro sistema de signos; a tradução intralinguística, que envolve a reformulação dentro de um mesmo idioma, e a tradução interlinguística, a transposição de uma língua a outra (JAKOBSON, 1987, p. 429).

Conforme relata Zethsen (2016) em seu artigo intitulado “Intralingual Translation and its place within Translation Studies”, a tipologia de Jakobson foi muito criticada por diversos autores da área e as definições de Tradução que conhecemos costumam ignorar a Tradução Intralinguística. Contudo, Zethesen defende a inclusão da Tradução Intralinguística não só nas definições do que entendemos por Tradução, mas também nos Estudos de Tradução.

Zethsen afirma que se a tradução intralinguística consiste da transcendência de uma barreira linguística, como no caso de sistemas de linguagens diferentes. A INTRA (como chama a autora) pode, portanto, ser definida como a transposição de uma barreira interna da língua, podendo ser identificada como a reescrita entre diferentes variedades da mesma

língua. Essas variedades podem ser dialetal (social e/ou regional), temporal (i.e. entre variedades diacrônicas) ou funcional (i.e. entre diferentes gêneros). A Tradução intralinguística poderia ser, portanto, dividida em três subtipos:

- INTRA Dialeto. Ex.: legendas de filme de um determinado dialeto passado para a variedade padrão da língua;
- INTRA Diacrônica. Ex.: literatura pré-modernista, como Shakespeare ou Chaucer reescritas para versões em inglês moderno ou outras línguas modernas;
- INTRA Intergenérica. Ex.: **reescrita de textos especializados para um leitor leigo.**

Os três subtipos de INTRA apresentados pela autora estão relacionados com nossa pesquisa em Tradução Acessível, pois todos eles apresentam algum nível de acessibilidade. As legendas de determinado dialeto passadas para a língua padrão, por exemplo, trazem algum grau de simplificação para aquelas pessoas que não falam determinado dialeto, tornando a narrativa mais acessível para o grande público. Já a INTRA diacrônica também transforma um texto restrito a poucos conhecedores das línguas arcaicas em um texto acessível a um número muito maior de pessoas. Contudo, é na INTRA intergenérica que reconhecemos o principal objeto de estudo da Tradução Especializada Acessível (TEA), pois trata da reescrita de um determinado gênero textual, neste caso o especializado, para um público leigo.

Em nosso projeto, se recuperarmos os conceitos tratados por Jakobson (1975) e reapresentados por Zethsen (2016), trabalhamos com dois tipos de tradução, a tradução interlinguística, ao traduzirmos os textos em inglês sobre a Doença de Parkinson (DP) para o português, e também com a tradução intralinguística, por meio da reformulação dos textos da DP em português de modo a torná-los acessíveis a um determinado perfil de público leitor. Neste contexto, de acordo com a tipologia apresentada por Zethsen, nosso trabalho seria uma INTRA intergenérica.

A Simplificação Textual (ST) vista como processo de reformulação dentro de um mesmo idioma pode ser considerada, portanto, uma Tradução Intralinguística. No entanto, eu gostaria de recuperar algumas das afirmações feitas por Jakobson em seu livro de 1987 de modo a que se possa refletir se o autor, naquela época, pensou na tradução intralinguística como uma tradução que de fato deixaria o texto mais simples e acessível ao público leitor.

Em seu livro *Language in Literature* (versão inglês, 1987), Roman Jakobson questiona a seguinte afirmação de Bertrand Russell (1950): “*No one can understand the word "cheese" unless he has a nonlinguistic acquaintance with cheese*” (Ninguém é capaz de

entender a palavra “queijo” a menos que possua alguma familiaridade não linguística com queijo).

Em outras palavras, Russell, afirma que as palavras por si só não são capazes de transmitir significados que não tenham raízes em uma experiência direta por parte do interlocutor. Jakobson discorda e afirma que uma possível solução para isso poderia ser uma tradução intralinguística, no caso, traduzindo “queijo”, para aqueles que não estejam familiarizados com este conceito, por algo como “alimento feito de coalhada” (*food made of pressed curds*).

Jakobson viu, portanto, na tradução intralinguística uma possível solução para transformar uma terminologia pouco acessível em algo familiar ao leitor. Contudo, parece-me que faltou a Jakobson tratar melhor sobre a seleção das palavras que construirão a tradução intralinguística. Se tomarmos o inglês como exemplo, “curds” é uma palavra com frequência de uso muito menor que “cheese”, sendo possível que a mesma situação ocorra em outras línguas. É fato que determinada comunidade poderá estar familiarizada com o conceito de “curds” e não de “cheese” e por isso a tradução intralinguística proposta por Jakobson surtiria o efeito desejado, reiterando, no entanto, a afirmação de Russell sobre as relações empíricas que o leitor precisa fazer para compreender algo.

Por isso, é importante enfatizar que uma tradução intralinguística não é, ou não deveria ser, apenas uma explicação ou uma reformulação. A tradução intralinguística, da perspectiva da simplificação e da acessibilidade, deve levar em conta a seleção criteriosa de palavras que farão parte dessa reformulação. Além disso, é fato que diferentes leitores têm diferentes capacidades de abstração e que leitores de escolaridade limitada podem se beneficiar muito das relações empíricas que consigam fazer com o texto. (grifos nossos).

4.3 A TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL (TEA) DE UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Em seu livro *Translating as a Purposeful Activity*, versão em inglês, Christiane Nord relata brevemente sobre uma situação que ocorreu na África do Sul e o impacto da tradução acessível em nível social no país. Segundo a autora conta, os quase 2/3 dos votos conquistados pelo partido atualmente no poder, o *African National Congress* (ANC), nas primeiras eleições democráticas (NORD, 2018, p. 13) deveram-se a esforços de tradução. Os

documentos de propaganda política foram traduzidos para nove dos onze diferentes idiomas (oficiais) falados no país. Após o partido chegar ao poder, via eleição, esses esforços de comunicação com a população, por meio da tradução de documentos oficiais para os idiomas mais falados, continuaram.

Como explica Nord, ao citar Walker et al. (1995, p. 105), os tradutores tiveram de se adaptar ao trabalho que se apresentava, pois, tradicionalmente, a **adaptação e a reformulação** não faziam parte das competências trabalhadas nos programas de Tradução do país. Dessa forma, a mudança de perspectiva e objetivo na tradução dos documentos oficiais do governo exigiu também uma mudança nos treinamentos dos tradutores.

Para ensinar alunos de Tradução a produzir traduções acessíveis, precisamos estabelecer uma estrutura de trabalho especial que não dependa das definições rígidas sobre fidelidade, tradução ou tipo textual e que fosse suficientemente flexível para ser utilizada em qualquer tarefa de tradução que surgisse, fosse ela uma tradução convencional ou uma reformulação. (WALKER et al., 1995 apud NORD, 2018, p. 106, tradução nossa).¹⁵

Como bem enfatiza Nord, a **acessibilidade** era o foco do contexto sul-africano, uma vez que o governo e outros órgãos governamentais, além de instituições de saúde, bancos, etc., precisavam se comunicar com uma população muito diversa e com um público leitor de escolaridade limitada. Nesse sentido, os professores de tradução da África do Sul também precisaram se reinventar e encontraram na abordagem funcional da tradução uma forma de apoiar seu principal objetivo naquelas circunstâncias: produzir textos acessíveis a todos os níveis da sociedade.

Os tradutores de línguas africanas tiveram de passar a produzir textos acessíveis a todos os níveis da sociedade, mesmo que isso envolvesse muita reescrita desses textos para assegurar que fossem compreendidos por todos. (WALKER et al., 1995 apud NORD, 2018, p. 106, tradução nossa).¹⁶

Para a Teoria de Tradução Funcionalista, que é a base teórica em Tradução que norteia este trabalho, o texto original passa a não ser o único fator a ser levado em consideração, mas muitas outras variantes devem ser levadas em conta. De acordo com esta

¹⁵ Citação original: “In order to teach prospective translators to produce accessible translations, we need to be able to draw upon a particular type of framework which is not dependent on rigid definitions of faithfulness, translation or text type and which is flexible enough to be used in any translation task that may arise, whether it be conventional translation or reformulation”.

¹⁶ Citação original: “African-language translators are therefore now required to produce texts that are accessible to every level of society, even if this involves extensive rewriting of texts to ensure that they are understood by everyone”.

teoria, o tradutor traduz muito mais que palavras, mas funções comunicativas; e o texto é um evento comunicativo, que tem um tempo e um lugar, sendo que são necessários no mínimo dois interlocutores em condições apropriadas dispostos a se comunicar para alcançar um objetivo concreto (PONTES, 2017, p. 2139).

A tradução Funcionalista, segundo Nord (1996), tem dois pontos básicos: o **objetivo/finalidade da tradução** e a sua **função** na cultura meta, ou seja, na cultura do público leitor da tradução. A teoria Funcionalista, portanto, implica quatro questões básicas: para quê; por quê; como e para quem (POLCHLOPEK et al., 2012, p. 23). Isso quer dizer que a tradução, sob o viés Funcionalista, preocupa-se não só com o objetivo da tradução e a função comunicativa, mas também com a intenção comunicativa, com a forma com que o tradutor irá comunicar essa função e intenção e para quem ele irá comunicá-las.

A Tradução Especializada Acessível (TEA) tem nas questões abordadas pela teoria Funcionalista a base teórica que melhor se aproxima de seus objetivos, sendo a principal delas “para quem”. Isso quer dizer que o público leitor é quem irá nortear todas as outras questões tradutórias da tradução acessível. Como explica Pasqualini, reconhecer o perfil linguístico e cultural da comunidade leitora é fundamental (PASQUALINI *et al.*, 2011, p. 31). Sem isso, a acessibilidade do texto não poderá se cumprir. Como tornar um texto acessível se não sabemos quem irá lê-lo? O que é acessível para um público X poderá não ser acessível para um público Y, por isso a importância de um texto que seja adequado às capacidades de letramento dos leitores em questão.

Além das questões trazidas pela Teoria Funcionalista da Tradução, acredito ser importante incluir uma quinta questão: “por quem?”. Afinal, a tradução acessível requer um perfil de tradutor com características específicas, como veremos a seguir, que podem ser inatas ou desenvolvidas, mas imprescindíveis para que a tradução acessível seja bem-sucedida. Desse modo, a TEA tem nas quatro questões fundamentais da Tradução Funcionalista e na quinta questão aqui apontada (para quem?) seus cinco pilares essenciais.

Figura 12: As cinco questões da tradução especializada acessível de acordo com a teoria funcionalista



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Em sua tese de doutorado de 2015, Fabiano Bruno Gonçalves traz o conceito de “tradutor funcional”. Essa noção se aplica perfeitamente aos casos de Tradução Especializada Acessível (TEA). Como explica Gonçalves (2015, p. 74), o tradutor funcional tem uma série de características que o tornam um tradutor completo e versátil. Dentre elas, temos:

- a) o conhecimento profissional (consciente das diferentes funções comunicativas);
- b) a competência metacomunicativa (conhece os fatores situacionais e culturais do texto);
- c) a competência intercultural (conhece ambas as culturas do texto base e meta),
- d) a competência de mídia (instrumental);
- e) a competência de pesquisa;
- f) a capacidade de escrita e de discernir entre traços aparentemente semelhantes entre as duas línguas, mas que podem causar confusão, além de aspectos psicológicos como a resistência ao estresse (GONÇALVES, 2015, p. 74).

Além dessas características do tradutor funcional abordadas por Gonçalves (2015, p.74.), acrescento, ainda, que um tradutor funcional que esteja preparado para trabalhar com traduções acessíveis, sejam elas especializadas ou não, precisa também ter **capacidade de adaptação**, não só do texto, mas a capacidade de se adaptar a situações novas e inusitadas, capacidade de **reformulação** e, acima de tudo, **empatia**. Sem empatia para se colocar no lugar de um leitor frequentemente com capacidades linguísticas muito distintas das do

próprio tradutor, a tradução acessível não acontece. É preciso entender o leitor, fazer o exercício de se colocar em seu lugar, avaliar suas capacidades e nível de conhecimento.

A história relatada por Nord (2018), sobre as traduções realizadas na África do Sul, exemplifica bem a necessidade de se adaptar não só o texto e o que o compõe, como o léxico e a sintaxe, mas também a forma como o tradutor vê esse texto. A TEA exige do tradutor um olhar diferenciado para o texto. Ele não poderá apenas reproduzir o que vê no original em outra língua. É preciso ter outras habilidades e competências que vão muito além de competências meramente linguísticas, sendo necessária a empatia antes citada.

Nesse sentido, ao tratarmos da TEA, essas cinco questões são fundamentais para que o objetivo principal da tradução acessível seja atingido. E qual seria o principal objetivo da TEA? É claro que diferentes traduções terão diferentes objetivos e funções na cultura meta; contudo, esse perfil de tradução é caracterizado por um objetivo principal que o norteia: transformar um texto especializado complexo no idioma original, escrito por especialistas, e com um público leitor também formado por especialistas, em um texto simplificado e acessível a um público leitor leigo ou de escolaridade limitada. Vale ressaltar aqui que os graus de acessibilidade de um texto/tradução serão tão variados quanto seus objetivos e funções, por isso é fundamental para a tradução acessível que o perfil do público leitor seja bem delimitado.

Conhecer a função que o texto a ser traduzido terá na comunidade em que será lido também é primordial para que a tradução acessível alcance seus objetivos. Segundo Nord (1994, p. 101), o texto não possui uma função comunicativa inerente. Essa função lhe é atribuída a partir da sua recepção por alguém em uma situação específica, ativando suas experiências receptivas e convenções de funcionamento de certos gêneros textuais. (PONTES, 2017, p. 2131).

Nord (1994) classificou as funções comunicativas de um texto da seguinte forma:

a) **função fática**: serve para estabelecer, manter ou terminar contato entre os participantes da comunicação;

b) **função referencial, informativa ou descritiva**: se refere à representação, descrição de objetos ou fenômenos do mundo;

c) **função expressiva ou emotiva**: trata-se da verbalização das emoções ou opiniões do emissor acerca de objetos ou fenômenos do mundo;

d) **função apelativa**: pensada para conseguir um determinado efeito extralinguístico nos seus interlocutores.

Na tradução especializada de textos científicos, objeto de nossa pesquisa, trabalhamos principalmente com as funções fática, referencial, informativa ou descritiva. O interlocutor especializado tem como principal objetivo, na grande maioria das vezes, estabelecer uma comunicação com seu leitor, descrevendo e informando-o sobre determinado fenômeno.

Contudo, determinar o objetivo e a função de um texto, bem como outras características e variantes que influenciarão o modo como o texto será traduzido não é tarefa fácil. Por isso, acreditamos que o modelo pré-translativo criado por Nord seja um instrumento valioso para se conhecer não só o texto, mas as necessidades tradutórias e os objetivos finais da tradução, primordiais quando tratamos de TEA.

Segundo Nord):

Empregando um modelo analítico exaustivo que considere os fatores intra e extratextuais, o tradutor estabelece a função-em-cultura de um dado texto base, para compará-la com a (pretendida) função-em-cultura do texto meta encomendado, distinguindo os elementos (funcionais) do TB, que podem ou devem manter-se iguais no processo de tradução dos que devem se adaptar às exigências da cultura meta.(NORD, 2012, p. 23, tradução nossa).¹⁷

O modelo de análise pré-translativo de Nord contempla aspectos intratextuais e extratextuais, conforme quadro abaixo, além dos efeitos comunicativos do texto original, ao que a autora chama de texto base (TB), e do texto traduzido, texto meta (TM), conforme nomenclatura proposta pela autora.

Assim, tomo como base um texto utilizado em nossa pesquisa para realizar uma análise pré-translativa, a título de exemplificação, para uma TEA sobre a Doença de Parkinson (DP), de acordo com um projeto de pesquisa¹⁸ realizado com alunos do Curso de Letras-Tradução da UFRGS. O texto analisado abaixo encontra-se no **Anexo C** desta dissertação. Lembrando que esta análise traz dados hipotéticos na parte do Texto Meta, pois os dados são descritos com base em um perfil criado por nós para fins do projeto.

¹⁷ Citação original: Empleando un modelo analítico exhaustivo que considere los factores intra y extratextuales, el traductor establece la función-en-cultura de un texto base dado, para compararla con la (pretendida) función-en-cultura del texto meta encomendado, distinguiendo los elementos (funcionales) del TB que pueden o deben mantenerse iguales en el proceso de traducción de los que han de adaptarse a las exigencias de la cultura meta.(NORD, 2012, p. 23).

¹⁸ Projeto do Edital 24/2017 da SEAD/UFRGS intitulado “Complexidade textual em contraste inglês-português bases para a elaboração de atividade EaD para a formação de tradutores na UFRGS, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria José Finatto, em que fui bolsista. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sead/documentos/aprovados-edital-24>>. Acesso em: 25 out. 2018.

Quadro 5 - Modelo pré-translativo de Nord (2012)

Aspectos Extratextuais		
	Texto base	Texto meta
Emissor/redator/tradutor	Verbetes da Wikipedia, <i>site</i> Autor desconhecido	Tradutor – estudantes do curso de Tradução, turmas I e III
Intenção – para quê?	Informar o público geral, com diferentes graus de conhecimento, do semiespecialista ao leigo, sobre a Doença de Parkinson e suas implicações	Tornar o texto mais acessível a um público não só leigo, mas também de escolaridade limitada
Destinatário – para quem?	Público geral, não especificado, mas provavelmente formado por semiespecialistas e semileigos	Público geral, com idades variadas, sem conhecimento do assunto e com escolaridade limitada, com Ensino Médio incompleto.
Meio – como? canal ou meio transmissor	<i>On-line, site</i> Wikipédia	<i>On-line, blog</i> sobre a doença
Lugar (onde?)	Texto em inglês, mas sem país de origem, para ser lido por falantes de inglês ou com conhecimento da língua do mundo todo	O texto é destinado ao Brasil, possivelmente falantes de outros países de língua portuguesa terão acesso ao texto, mas o Brasil é o país de foco
Tempo (quando?)	Texto publicado no site da Wikipedia no ano de 2016, última edição 16 de fevereiro de 2019	Texto atual a ser publicado no ano de 2019
Motivo (por quê?)	A Wikipedia tem por objetivo trazer conteúdo informativo em uma grande variedade de assuntos científicos.	Busca-se um texto acessível sobre a DP porque a maioria dos textos sobre o assunto são inacessíveis a um público de escolaridade média.
Função (com que função?)	Texto informativo e descritivo.	O texto tem função informativa e de divulgação.
Aspectos Intratextuais		
	Texto base	Texto meta
Tema	Doença de Parkinson (DP)	Doença de Parkinson (DP)
Conteúdo	Apresenta informações sobre a Doença de Parkinson, como possíveis fatores que podem causar a doença,	Deve também trazer informações sobre a DP, como causas, sintomas, tratamentos, medicação, mas de forma mais clara

	sintomas, tratamentos, medicação, entre outras informações relacionadas à DP.	e concisa para o leitor.
Pressupostos	O leitor pode ter algum conhecimento sobre a DP ou sua existência sem, contudo, ter o conhecimento de um especialista sobre o assunto.	Pressupõe-se que o leitor já ouviu falar sobre a DP, possivelmente porque ele ou alguém de sua família tem a doença, mas sem conhecimento científico sobre ela.
Macroestrutura	O texto está dividido em 4 parágrafos e cada um deles apresenta um tópico principal: apanhado geral da doença; causas; cura/tratamentos/ medicamentos; dados estatísticos.	O texto pode apresentar separações mais claras, sendo os parágrafos introduzidos por títulos. Os parágrafos podem ser mais curtos, mesmo que se aumente o número deles.
Elementos não verbais	Figura (desenho)	Figura (desenho)
Léxico	Complexo para um leitor leigo ou de escolaridade limitada. Abundância de terminologia científica da área médica. O léxico geral também possui muitas palavras de baixa frequência e complexas.	O léxico do texto pode e deve ser simplificado, por meio do uso de sinônimos de maior frequência ou de explicações para os termos técnicos que não possam ser substituídos.
Sintaxe	Frases longas não são uma característica acentuada no texto. Contudo, os parágrafos poderiam ser melhor distribuídos por itens para facilitar a visualização do leitor. A incidência de voz passiva é zero. Frases subordinadas e coordenadas.	Trabalhar com a melhor distribuição do texto. Pode-se utilizar listas de itens. Reduzir as frases coordenadas e subordinadas.
Prosódia e entonação	O tom do texto é bastante formal e científico.	Falar diretamente com o leitor. Texto mais informal.

Fonte: Nord (2012, p. 155) e Bevilacqua (2018, p. 440).

Note-se que assim como defende a teoria Funcionalista, na TEA, bem como em outros tipos de tradução, é fundamental se conhecer o objetivo e a função comunicativa da tradução. Desse modo, esse método de análise proposto por Nord possibilita que o tradutor não só conheça melhor o seu texto de trabalho, o texto base (TB), como também preveja o

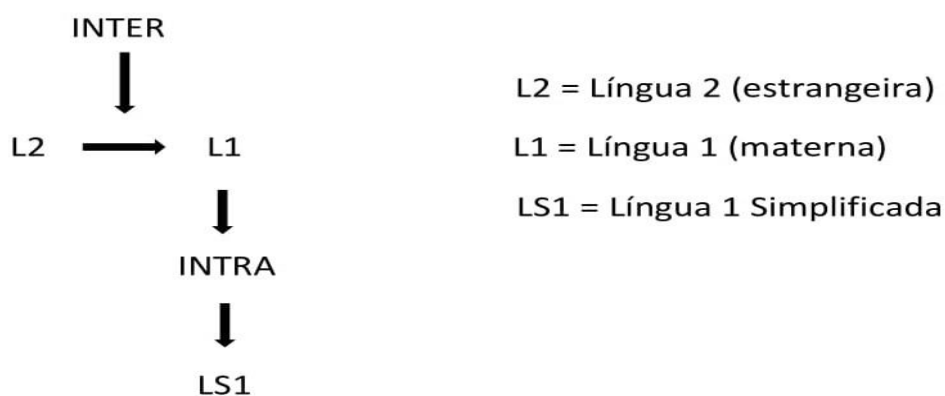
que será necessário durante o processo tradutório para que o seu produto, o texto meta (TM), atinja tanto os objetivos de tradução interlinguística, de uma língua a outra, quanto também da tradução intralinguística, com a simplificação textual na mesma língua e a desejada acessibilidade do texto de acordo com o seu público leitor.

Sabemos, contudo, que o tradutor profissional que tem de traduzir milhares de palavras em um só dia nem sempre tem tempo ou condições de realizar uma análise pré-translativa para cada texto que for traduzir. Muitas vezes ficando a teorização e um processo tradutório que se coloca como ideal distantes da realidade da profissão. Contudo, gostaria de enfatizar que a TEA não é um encargo comum, pois suas inúmeras atividades agregadas e o acréscimo de variantes que ela implica a tornam um encargo especial. Por isso, principalmente para quem está começando a trabalhar com a tradução acessível, a análise pré-translativa pode ser de grande valia.

Após essa revisão teórica e a reflexão sobre a Teoria Funcionalista aplicada à tradução acessível, defino o meu principal objeto de pesquisa e trabalho, a Tradução Especializada Acessível (TEA), como sendo:

A tradução de textos referentes à comunicação especializada e de cunho técnico-científico que envolve dois processos de tradução, primeiramente a tradução interlinguística e posteriormente a tradução intralinguística. O processo de tradução intralinguística é intergenérico e visa à simplificação do resultado da tradução interlinguística, com o principal objetivo de tornar esse texto mais acessível a um público leitor com determinado grau de conhecimento e/ou letramento, seja ele semiespecialista ou leigo.

Figura 13: Esquema do processo TEA



4.3.1 A fidelidade na Tradução Especializada Acessível (TEA)

“Loyalty is an interpersonal category referring to a social relationship between people” (NORD, 2018, cap. 8, p. 6)

“A lealdade é uma categoria interpessoal e diz respeito a uma relação social entre as pessoas”. (NORD, 2018, cap. 8, p. 6, tradução nossa)

Em nosso projeto de pesquisa, com financiamento da SEAD-UFRGS, sobre Complexidade Textual (CT), Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual (AT), realizado com as turmas de Tradução I e III do curso de Letras Bacharelado, ênfase Inglês-Português, da UFRGS, no ano de 2017, segundo semestre, uma das perguntas mais frequentes por parte dos alunos era: “Até que ponto eu posso mexer no texto?”.

Este é talvez o ponto mais crítico daquilo que entendemos por Tradução Especializada Acessível (TEA). Muito mais que em outros tipos de tradução, a tradução acessível demanda que sejam feitas um número grande de modificações no texto traduzido em relação ao texto original. Isso ocorre porque, além da simplificação lexical e sintática do texto, temos ainda a simplificação/edição de conteúdo.

Lembramos que – conforme tratado na seção 4.3 –, o que norteia a TEA é a comunidade leitora e, portanto, nem todas as informações contidas no texto original, cujo público leitor é especializado, serão relevantes para um novo público leitor formado por leigos e pessoas de escolaridade limitada. Esta é uma questão sensível, pois é preciso ter discernimento para saber identificar as informações imprescindíveis e aquelas que podem ser “descartadas”. Tratarei mais detalhadamente sobre este assunto no Capítulo 7 desta dissertação, quando apresento a Simplificação Textual.

Quando trazemos o conceito de fidelidade à discussão, percebemos que a fidelidade, no contexto de uma tradução acessível, é um compromisso muito mais com o público leitor do que com o autor do texto original, mas isso não quer dizer que teremos liberdade irrestrita para modificar as informações fornecidas no texto original.

Como bem define Aubert:

O compromisso da fidelidade não se define tão somente na relação texto original/tradutor. Como instrumento humano, suporte, para um ato tradutório, ou seja, de um ato de comunicação interlingual, é de se esperar que o tradutor tenha, como de fato tem – em grau passível, é verdade, de certa variação, conforme intencionalidade do ato tradutório – **um compromisso de fidelidade com as expectativas, necessidades e possibilidades dos receptores finais**. Ou, mais apropriadamente, com a imagem que tal tradutor faz de tais expectativas, necessidades e possibilidades (AUBERT, 1993, p. 75).

Na tradução acessível, é quase inevitável, portanto, que a fidelidade para com o texto original seja deixada em segundo plano em função das expectativas e, principalmente, das necessidades da comunidade leitora, uma vez que essas necessidades serão, quase sempre, muito distintas das necessidades do público leitor para o qual o texto original foi escrito.

Conforme explica Nord:

De acordo com o conceito prevalente de tradução, os leitores podem esperar, por exemplo, que o texto meta represente exatamente a opinião do autor; outros leitores, de outras culturas, podem esperar que a tradução seja uma reprodução fiel das características formais do texto fonte; enquanto outros podem apreciar traduções de estilo arcaico ou que não sejam em nada reproduções fiéis, mas sim textos inteligíveis e compreensíveis.” (NORD, 2018, cap. 8, p. 5, tradução nossa¹⁹)

Ainda Segundo Nord, os tradutores não precisam sempre fazer aquilo que os leitores esperam, mas afirma que existe uma obrigação moral de não os enganar (NORD, 1991, p. 94). A autora faz uma ressalva de que nem sempre é possível saber o que o leitor deseja, uma vez que até hoje foram realizados poucos estudos na área. É por esta razão que defendo a importância de se tentar delimitar o perfil da comunidade leitora, coletando o maior número de informações possíveis. E, quando isso não for possível, ou quando o público leitor for genérico, com diferentes níveis de conhecimento, é preciso que se estabeleçam critérios que compreendam o maior número de leitores possíveis, como veremos mais detalhadamente no Capítulo 5, 6 e 7 deste trabalho.

Vale salientar que a fidelidade da tradução acessível está na precisão das informações, mesmo que estas sejam passadas de maneira diferente do original para o leitor. Tomando como exemplo os textos trabalhados em sala de aula pelos alunos de graduação do curso de Letras Bacharelado da UFRGS, turmas de Tradução I e Tradução III, temos textos de cunho científico da área médica. As informações médicas não podem, sob qualquer pretensão, ser deturpadas, mesmo que sejam relatadas de modo distinto do original.

É o caso das frases:

Original: Parkinson é uma patologia neurológica crônico-degenerativa idiopática.

Simplificada: Parkinson é uma doença que ataca os nervos, mais o cérebro, e não tem causa conhecida.

¹⁹ Citação original: “According to the prevailing concept of translation, readers might expect, for example, that the target text gives exactly the author’s opinion; other cultures might want it to be a faithful reproduction of the formal source-text features; still others could praise archaizing translations or ones that are not at all a faithful reproductions but comprehensible readable texts.”

As informações da frase original foram contadas de maneira completamente diferente na frase simplificada; no entanto, são as mesmas informações só que reformuladas. Nenhuma informação foi adulterada e o conceito médico é preservado, uma vez que uma patologia neurológica é uma doença que ataca os nervos e idiopática, quer dizer, “sem causa conhecida”. Vale salientar que esta não foi uma simplificação realizada automaticamente. Ela foi fornecida pelo médico Doutor Ricardo Eizerik Machado, CRM-RJ 52-0110079, que se preocupou mais com a linguagem empregada do que com a forma; ou seja, mais com o léxico e a semântica do que com a sintaxe.

Da mesma forma, como observamos na reformulação proposta pelo Dr. Ricardo, tivemos a mesma experiência no projeto sobre Complexidade Textual financiado pela SEAD UFRGS no ano de 2017. A seguir trago um exemplo de reformulação e a adaptação de um texto sobre a Doença de Parkinson, em que os alunos tiveram a liberdade de reformular amplamente o texto original sem, contudo, prejudicar a fidelidade da informação. Neste caso, os alunos analisaram o texto original e sua respectiva tradução de acordo com as métricas de complexidade expostas em sala de aula e, posteriormente, aplicaram as medidas simplificadoras fornecidas. Como podemos ver no quadro abaixo, os alunos tiveram liberdade para decidir quais informações seriam relevantes para o perfil de leitor estipulado. Um tradutor mais conservador poderia afirmar que a tradução não é fiel ao texto original, pois se distancia muito do texto em inglês. Contudo, as informações relevantes ao perfil de leitor pretendido foram preservadas, mesmo que ditas de outra maneira. A fidelidade estaria portanto na noção de transposição de uma língua a outra ou na noção da preservação da ideia a ser comunicada? Este é um debate importante para quem pretende trabalhar com textos simplificados, pois um texto simplificado, via de regra, se distanciará consideravelmente de seu original.

Quadro 6 - Exemplo de simplificação do projeto Complexidade Textual

Texto original	Tradução do original	Tradução simplificada
Neurologists often remark that Parkinson's is a highly variable disease.	Os neurologistas costumam dizer que a Doença de Parkinson é altamente variável.	Os médicos costumam dizer que a doença de Parkinson muda muito.
Persons with Parkinson's not only acquire the disease at different ages, they also manifest different clinical profiles,	Pessoas com Parkinson não apenas adquirem a doença em estágios diferentes, mas também manifestam perfis clínicos	Ela pode acontecer em diferentes idades e os sintomas podem evoluir de maneira lenta ou rápida.

displaying symptoms that can progress at strikingly different rates.	diferentes, apresentando sintomas que podem progredir a taxas muito distintas.	
The PPP aims to track 650 patients with rather early Parkinson's disease diagnosis (5 years or less), initially for a period of two years. Researchers plan to periodically measure a plethora of biological and performance metrics.	O PPP tem o objetivo de rastrear 650 pacientes com diagnóstico precoce de Parkinson (5 anos ou menos), inicialmente por um período de dois anos. Os pesquisadores planejam medir periodicamente uma infinidade de métricas biológicas e de desempenho.	O objetivo do PPP é acompanhar, por dois anos, 650 pessoas que tenham Parkinson há 5 anos ou menos. Os cientistas planejam medir várias atividades do corpo.

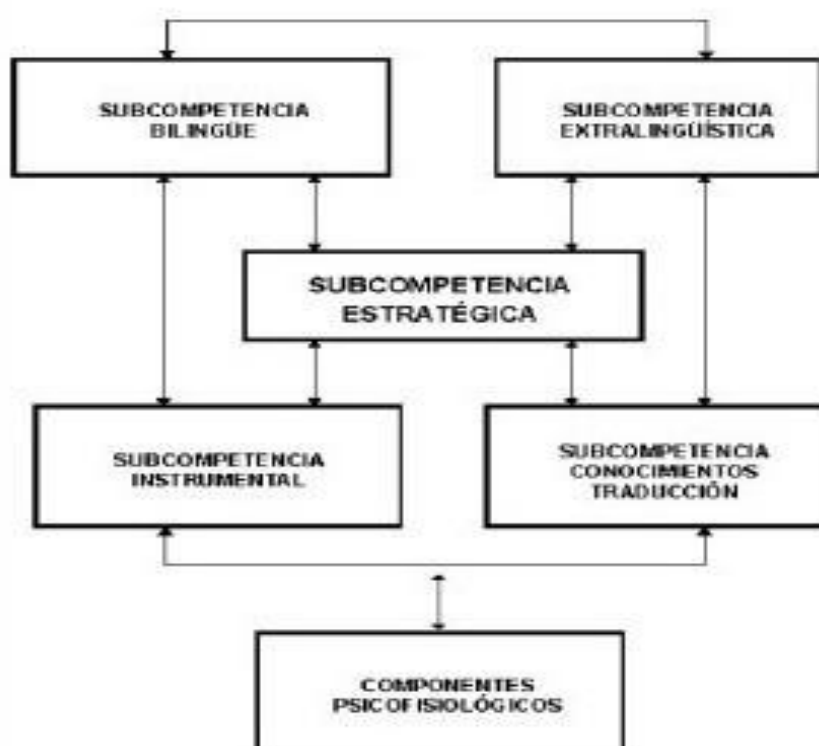
4.4 AS COMPETÊNCIAS DO TRADUTOR DE TEXTOS ESPECIALIZADOS ACESSÍVEIS

Segundo Hurtado Albir (2001), os tradutores e intérpretes precisam ter algumas competências específicas para que sejam capazes de realizar seu trabalho com excelência. Albir chama esse conjunto de competências, ou subcompetências, de competência tradutória. De acordo com o modelo criado pelo grupo PACTE, ao qual Hurtado Albir faz parte, em 2002, a competência tradutória (CTr) seria o sistema subjacente de conhecimentos necessários para traduzir, que inclui conhecimentos declarativos e operacionais, sendo os conhecimentos operacionais predominantes. A CTr ainda consiste na habilidade para percorrer o processo de transferência, da compreensão do texto-fonte à re-expressão no texto-alvo, **tendo em conta a finalidade da tradução e as características do público leitor do texto-alvo**. A CTr é composta de cinco subcompetências: bilíngue, extralinguística, de conhecimentos sobre tradução, instrumental e estratégica, e ativa um conjunto de mecanismos psicofisiológicos (PACTE, 2002).

Em outras palavras, não basta o tradutor dominar mais de duas línguas. Se assim o fosse, qualquer falante bilíngue poderia ser tradutor. Além de conhecimentos linguísticos, é preciso também que se tenha conhecimentos extralinguísticos, ou seja, conhecimento da cultura de partida e de chegada da tradução. É preciso também que se possua a habilidade da transferência, e a capacidade de compreensão e de produção de textos, bem como se saiba fazer a troca de um código linguístico para outro sem interferências. Ter conhecimento instrumental, por meio do uso de ferramentas, como dicionários, *corpora*, softwares de

tradução, entre outros auxílios que ajudem no ato de traduzir, também é primordial. Mas saber fazer uso de estratégias tradutórias para compensar deficiências de conhecimento linguístico e/ou especializado, ou qualquer outra deficiência ou desafio que possa aparecer durante o processo tradutório, e não prejudicar a mensagem, conseguindo fazer a transferência da mensagem de um idioma a outro, mesmo que para isso precise reformular ou utilizar alguma outra estratégia pertinente, talvez seja o grande diferencial dos tradutores bem-sucedidos na profissão.

Figura 14: Modelo de competência tradutória elaborado pelo PACTE (2002)



Fonte: Universitat Autònoma de Barcelona (2016, documento *on-line*).

Conforme já citado, o modelo de competências proposto por Hurtado Albir e o PACTE (2002) foi desenhado para a tradução interlingüística, ou, como definiria Jakobson (1975), a tradução propriamente dita, entre idiomas diferentes. Quando tratamos, porém, do objeto de nossa pesquisa, a Tradução Especializada Acessível (TEA), temos duas situações distintas. Em um primeiro momento, trabalhamos a tradução interlingüística, que, em nosso projeto de pesquisa, foi do inglês para o português. Em um segundo momento, quando o texto traduzido é simplificado em português, existe um processo de reformulação do texto no mesmo idioma ou, como definiu Jakobson (1975, p. 64-65), temos a tradução intralingüística.

Além disso, nossa pesquisa em Tradução com os alunos do Bacharelado da UFRGS, ênfase Inglês-Português, traz um terceiro ponto a ser observado. Além das traduções interlinguística e intralinguística, os textos escolhidos para serem trabalhados em sala de aula foram textos técnico-científicos. Como enfatiza Hurtado Albir (2017, p. 61), o tradutor especializado tem nas competências temática (subcompetência extralinguística) e documental (subcompetência instrumental) duas competências fundamentais. Desse modo, podemos afirmar que o tradutor de textos especializados simplificados precisa trabalhar com competências em três âmbitos distintos: as competências da tradução interlinguística (bilíngue), da tradução intralinguística (reformulação no mesmo idioma) e da tradução especializada (temática).

O principal objetivo nessa etapa da nossa pesquisa foi determinar se o processo de tradução intralinguística ativaria ou exigiria as mesmas competências da tradução interlinguística. Sendo assim, a partir dessa revisão teórica sobre a competência tradutória, parti para o meu próprio desenho das competências necessárias ao tradutor que traduz textos especializados e os simplifica, potencialmente tornando-os acessíveis a um determinado público leitor. Vale salientar que o modelo de subcompetências do PACTE, utilizado como base para o desenho de subcompetências proposto no esquema apresentado na Figura 15, foi criado para tradutores profissionais e que nossa pesquisa foi realizada com tradutores em formação. Devemos considerar, portanto, que as competências apontadas no esquema são competências ideais a serem adquiridas, desenvolvidas e aprimoradas pelo tradutor-aprendiz.

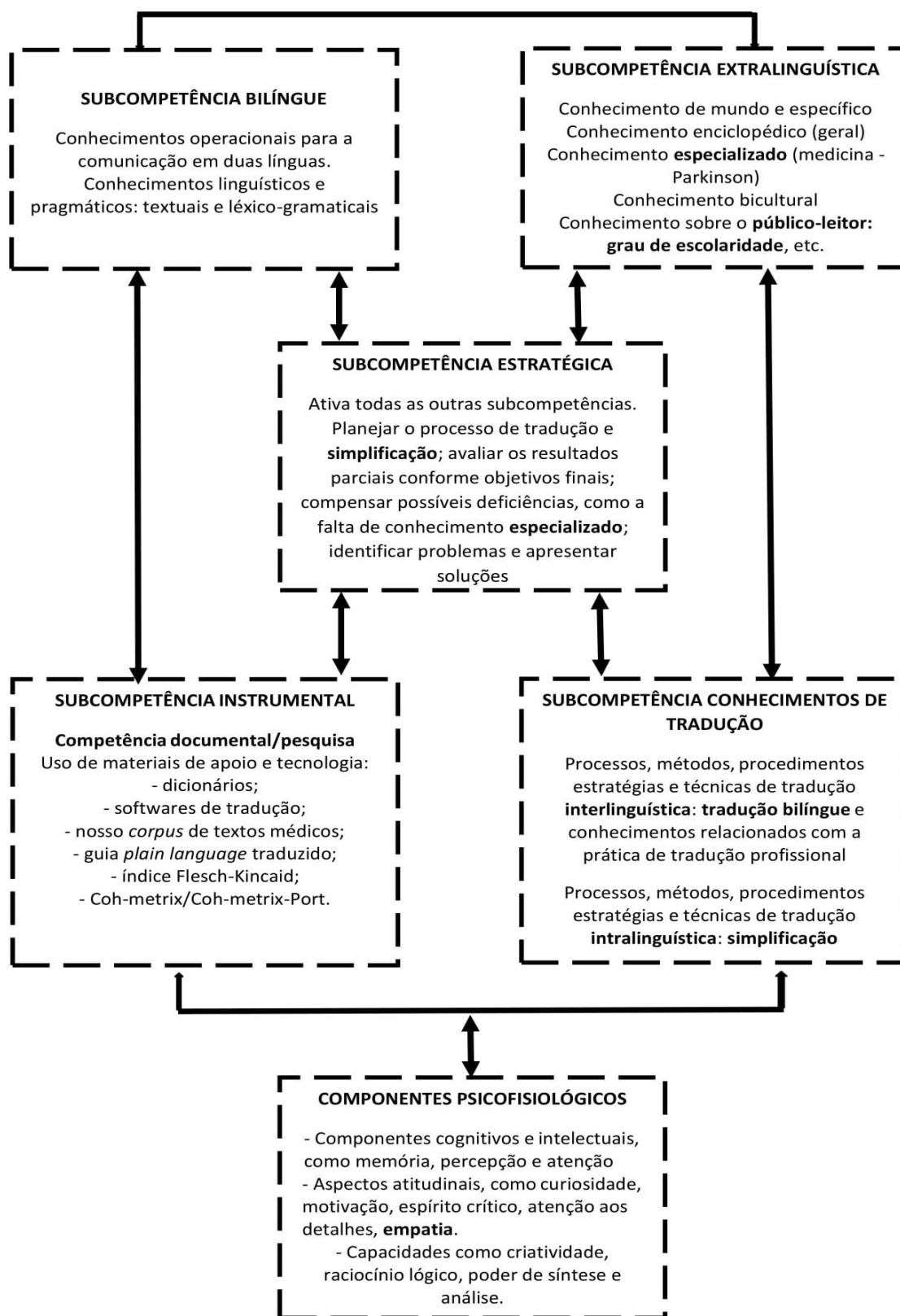
Como se pode ver no esquema da Figura 15, as subcompetências tradutórias desenhadas pelo PACTE são a base para as subcompetências do tradutor TEA. Contudo, existem alguns pontos a serem acrescentados. A subcompetência bilíngue é a mesma, pois em ambos os casos o tradutor precisa se bilíngue, pois também trabalhará com a tradução intralinguística em um primeiro momento. Já que no que tange à subcompetência extralinguística, além dos conhecimentos de mundo, culturais e especializado, conhecimentos estes necessários ao tradutor de textos especializados “não acessíveis”, temos outros conhecimentos extralinguísticos como o conhecimento do público leitor, de seu grau de escolaridade, etc. Como já mencionamos anteriormente neste trabalho, para o tradutor TEA é fundamental que ele busque compreender para quem está traduzindo.

A subcompetência estratégica, por sua vez, envolve uma miríade de estratégias não previstas na tradução interlinguística, pois o tradutor TEA precisará planejar sua tradução intralinguística por meio da simplificação textual, levando em consideração a função e os objetivos dessa tradução. A subcompetência instrumental envolverá as mesmas demandas

apontadas pelo PACTE, apenas com diferentes fontes de pesquisa, que sejam mais adequadas ao encargo em questão. Conforme mencionado anteriormente, a grande diferença do processo de tradução a que estamos acostumados para a TEA é que neste caso o tradutor precisará ter conhecimentos de tradução intralinguística e não somente de tradução interlinguística; portanto, a subcompetência de conhecimentos de Tradução precisa ser ampliada. Mas são nos componentes psicológicos que vejo o grande diferencial de um bom tradutor TEA.

O tradutor TEA se destacará em seu encargo somente se tiver empatia suficiente para se colocar no lugar do leitor para quem ele estará traduzindo. Quando traduzimos para leitores de escolaridade limitada, pode ser difícil compreender quais são as limitações desse leitor. A grande maioria dos tradutores, como vimos na seção sobre a Formação do Tradutor nesta dissertação, possui terceiro grau completo, muitos possuem especializações e estão acostumados a lidar com as palavras. É primordial, portanto, que o tradutor TEA entenda que o seu leitor não terá o mesmo grau de letramento que ele. E precisará fazer um esforço para se colocar no lugar desse leitor de modo a perceber a melhor forma de se comunicar com ele de maneira efetiva.

Figura 15: Esquema de subcompetências da Tradução Especializada Acessível (TEA)



Fonte: Elaborada pela autora com base no PACTE (2002, documento *on-line*).

5 A LINGUAGEM ACESSÍVEL (LA)

Neste capítulo caracterizo, mais a fundo, o já brevemente citado *Plain Language*. Esse é um movimento que surgiu em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, até chegar ao Brasil com estudos precursores em prol da Acessibilidade da Linguagem e do Texto conforme já referido. Este capítulo também aborda o principal elemento norteador da LA: o leitor e o que o torna mais ou menos apto a compreender um dado texto, a partir de seus níveis de letramento em diferentes áreas de conhecimento. Ao final deste capítulo, apresento uma revisão das críticas feitas a esses movimentos e de que forma elas podem contribuir para os estudos em LA.

5.1 PLAIN LANGUAGE (PL) OU LINGUAGEM ACESSÍVEL (LA)

“When you wish to instruct, be brief; that men's [children's] minds take in quickly what you say, learn its lesson, and retain it faithfully. Every word that is unnecessary only pours over the side of a brimming mind.”

(Quando você deseja instruir, seja breve; pois as mentes dos homens (crianças) assimilam rapidamente o que você diz, aprendem a lição e a retêm de maneira fidedigna. Toda e qualquer palavra desnecessária é somente colocada de lado em uma mente assoberbada).

Marcus Tullius Cicero (106 – 43 BC apud JOHNSON, 2006, p. 33)

Cícero, já naquela época, compreendia que, se quisermos nos fazer entender ou ensinar algo para outra pessoa, devemos ir direto ao ponto, utilizando uma linguagem acessível ao nosso interlocutor. Uma linguagem rebuscada em um texto ou oratória prolixa, cheia de palavras desnecessárias, não instrui, mas somente sobrecarrega a mente daqueles que já estão assoberbados pelo acúmulo de informações. Sem contar as pessoas estressadas, que muitas vezes buscam apenas entender, basicamente, um fato ou noção ou conceito, para prosseguirem rumo a um dado objetivo.

Somente muito depois do Império Romano começam a surgir os primeiros movimentos em defesa de uma linguagem que pudesse ser compreendida por pessoas de escolaridade limitada. Lutero foi um precursor quando, em 1506, faz um movimento em prol do entendimento da Bíblia pelo povo, ao traduzir os textos sagrados para uma variedade do alemão “que o povo entendia”. Mas foi somente no pós-guerra, e com o grande fluxo de imigrantes trabalhando nas fábricas americanas, que se sentiu, na prática, a necessidade de

que a informação oral dos “chefes” e instruções escritas contidas nos manuais das máquinas a serem operadas por aqueles trabalhadores imigrantes - que ainda não dominavam o inglês de maneira fluente - pudessem ser compreendidas. Dessa necessidade de instruir os trabalhadores imigrantes, que fugiam da Guerra na Europa, surgiram métodos que visavam a medir a inteligibilidade de um texto. Nesse contexto, propuseram-se fórmulas que estimavam o grau de dificuldade que uma pessoa teria para compreender um determinado texto.

Rudolph Flesch (1911-1986), já citado neste trabalho, também um refugiado da Guerra nos EUA, foi o criador de uma das fórmulas mais antigas e mais utilizadas para este fim, a *Flesch Reading Ease*, em 1948. Ele foi um dos primeiros defensores do *Plain English* (inglês acessível, *tradução nossa*). Propôs uma linguagem mais clara, simples e acessível à população em geral, independentemente do seu grau de escolaridade. Flesch foi um dos precursores de um movimento social que defendia o acesso amplo à informação em prol dos Direitos Civis.

Depois de Flesch, surgiriam muitos outros estudiosos e defensores de uma “linguagem acessível”, principalmente a partir da década de 70, quando movimentos civis mais organizados começam a ganhar espaço, especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Neste contexto, temos William DuBay, ativista social e grande defensor dos Direitos Civis. DuBay publicou importantes obras sobre *Plain Language*, sendo a primeira delas *The Principles of Readability* (2004), seguida por *Smart Language: Readers, Readability e Grading of Text and Unlocking Language: The Classic Readability Studies*.

Naquela época, fora do âmbito norte-americano, também foram promovidas campanhas como a PEC (*Plain English Campaign*), em 1979, na Inglaterra. Essa campanha foi criada por um grupo independente e privado de mesmo nome, tal como o *Plain Language* do governo americano, além de dois grupos distintos que atendem pelo acrônimo PLAIN, a associação PLAIN (*Plain Language Association International*) e o grupo PLAIN (*Plain Language Action Network*).

No Brasil, esse movimento não chegou a ocorrer como fruto de um ativismo social ou institucional em prol de Direitos Civis. Talvez em função do fato de a Ditadura Militar ter perdurado até os anos 1980. Por uma série de motivos, principalmente ideológicos, muitas pessoas naquela época entendiam – e ainda entendem – que simplificar textos e linguagem em favor do entendimento de pessoas de menor instrução traria algum tipo de deturpação ou, mesmo, de desserviço a elas e também para a sociedade. O ideal, em oposição a isso, seria estimular que todos buscassem melhorar as suas condições de acesso à educação linguística

ou a letramentos diversos, de modo que todo o cidadão pudesse compreender quaisquer textos que lhe chegue às mãos.

Não obstante, no âmbito da pesquisa acadêmica brasileira, especialmente no cenário do Ensino de línguas estrangeira e de língua materna, a necessidade de reescritas simplificadas para atender a diferentes tipos de leitores foi algo bem-recebido e estimulado pelo menos desde o final dos anos 1990. Entre as pesquisas universitárias sobre esse tema, uma que gerou resultados concretos para atender a essa demanda foi desenvolvida fora do âmbito do Ensino ou dos Estudos da Linguagem, com o PorSimples (Simplificação de Textos em Português para Inclusão Digital e Acessibilidade), tendo sido acolhida entre um grupo da área de Ciência da Computação do Brasil junto à USP, *campus* de São Carlos em SP. Esse grupo é o já citado NILC.

Fora do âmbito da pesquisa universitária, os movimentos civis internacionais organizados em defesa do uso de uma linguagem acessível, *Plain English* e *Plain Language* sempre estiveram fortemente ligados ao Direito e à necessidade de acesso do cidadão a informações governamentais. Um exemplo disso é que, nos Estados Unidos, o movimento de Direitos do Consumidor conseguiu aprovar uma lei, ainda na década de 70, que exigia o uso de linguagem acessível em contratos, apólices de seguro e regulamentações governamentais. Em 1972, o então presidente Richard Nixon decretou que o Registro Federal Americano fosse escrito em “linguagem para leigos”. Depois dele, em 1978, o presidente Jimmy Carter assinou uma Ordem Executiva que exigia que agentes governamentais garantissem que toda e qualquer regulamentação fosse “[...] escrita em inglês simples e compreensível por todos que precisam estar em conformidade com elas” (MAZUR, 2000, documento *on-line*).

Nessa trajetória norte-americana de reconhecimentos legislativos para a acessibilidade textual, apesar de o Presidente Ronald Reagan ter revogado esse ordenamento em 1981, muitos órgãos públicos continuaram a redigir seus documentos – especialmente aqueles aos quais o público tinha acesso – em linguagem acessível (MAZUR, 2000). Naturalmente, não se pode esquecer que há, desde o pós-guerra, a força histórica das ideias e das ações de Rudolf Flesch, cuja validade já havia sido testada.

Assim, na década de 90, oito estados dos EUA já possuíam leis relacionadas ao *Plain Language*. Em junho de 1998, o então presidente Bill Clinton emitiu um memorando no qual exigia que todos os departamentos e órgãos governamentais adotassem a linguagem acessível em todos os documentos do governo.

Por outro lado, na Inglaterra, a PEC (*Plain English Campaign*) iniciou com um ato simbólico e radical que marcaria para sempre a necessidade que os ingleses sentiam de mudar

a maneira como a linguagem era utilizada na comunicação entre governo, órgãos oficiais e a população. A idealizadora e ativista dessa campanha, Chrissie Maher, rasgou em pedaços centenas de documentos oficiais em plena *Parliament Square*, em Londres, demonstrando o descontentamento com a maneira pouco clara que as informações eram veiculadas à população. A PEC, desde então, presta serviços para milhares de organizações no Reino Unido, incluindo departamentos governamentais, órgãos públicos e bancos.²⁰ A PEC ainda conta com um serviço de tradução acessível.²¹

Apesar de a Linguagem Acessível ter nos Estados Unidos e no Reino Unido seus principais investidores, em nível social e comercial-industrial, o movimento em defesa de uma linguagem mais clara e acessível à população adulta não está restrito a esses países. Existem movimentos semelhantes também na Austrália, desde 1976, e no Canadá, desde 1988 (SCHRIVER 1997; BERRY 1995 apud MAZUR 2000). Outros países, como a Suécia, África do Sul, Nova Zelândia, França, Portugal e Brasil também têm realizado esforços nesse sentido, mesmo que ainda de maneira incipiente se comparados ao que se pode verificar no cenário de língua inglesa dos EUA e UK.

5.1.1 Movimentos em prol da Acessibilidade do Texto

Como podemos ver pela história resumida dos movimentos sociais e da inserção do tema no panorama de pesquisa acadêmica do Brasil, existe não só um componente social, mas também cultural associado à ideia de uma Linguagem Acessível (LA). Nos países que investem, institucionalmente, no oferecimento de uma linguagem mais acessível à população em geral – remunerando o trabalho de redação, capacitando profissionais e investindo em pesquisa –, o acesso à informação é visto como um direito do cidadão. Nessa direção, não só os governos, como as políticas de Estado são, em certa medida, grandes incentivadores da LA. É uma cultura, infelizmente, ainda muito diferente da cultura brasileira, uma vez que no Brasil o direito à informação acessível não é algo ainda explícito e concretamente incentivado pelos legisladores do país.

Mas o que seria de fato *Plain Language* ou Linguagem Acessível? Essa pergunta também fez o já citado Silva (2018). Seria um processo, uma linguagem ou um movimento, ou ainda uma combinação desses três fatores? Nosso grupo de pesquisa tem tentado tratar

²⁰ PLAIN ENGLISH. c2018. Disponível em: < <http://www.plainenglish.co.uk/about-us.html>>. Acesso em: 25 out.2018.

²¹ Disponível em: <<http://www.plainenglish.co.uk/services/translation-service.html>>. Acesso em: 25 out.2018.

disso e somo a ele o meu esforço. Nosso objetivo comum é criar uma boa base de pesquisa acadêmica, de base linguística, que possa impulsionar novos produtos concretos, tais como já foi feito com Simplifica, no NILC, e com o CorPop, na UFRGS. Juntos, esperamos subsidiar ações práticas e objetivas de movimentos civis brasileiros e de instituições que se interessem pelo assunto. A seguir, detalho um pouco mais alguns elementos relacionados à iniciativa do *Plain Language* associada à língua inglesa, considerando que possam auxiliar a refletir sobre algo equivalente para o português do Brasil.

a) Sobre uma escrita acessível

O *Plain Writing Act* de 2010, lei assinada em 13 de outubro de 2010 nos Estados Unidos e que exige que todos os órgãos e agências federais passem a utilizar “[...] uma comunicação governamental clara que o público possa compreender e utilizar” (PLAW10), define *Plain Language* como sendo: “*Uma escrita clara, concisa, bem organizada e que siga outras boas práticas apropriadas ao assunto ou campo e ao público pretendido*”. (UNITED STATES OF AMERICA, 2010, documento *on-line*, tradução nossa)

Segundo Robert Eagleson, professor da Universidade de Sydney e especialista em *Plain Language*, a linguagem acessível é:

Uma expressão clara e direta que utiliza somente o número necessário de palavras. É uma linguagem que evita obscuridade, vocabulário rebuscado e uma construção sintática complexa. Não é um linguajar infantil, tampouco é uma versão simplificada das línguas. Quem escreve em linguagem acessível permite que seu público se concentre na mensagem ao invés de se distrair com uma linguagem complicada. Quem escreve em linguagem acessível deseja que o público compreenda facilmente a mensagem original. (EAGLESON, c2018, documento *on-line*, tradução nossa)²²

Erwin R. Steiberg, professor da Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos, e um dos grandes nomes, teóricos e defensores de uma linguagem acessível, afirma ainda que *Plain Language* ou Linguagem Acessível seria aquela que “[...] reflete os interesses e necessidades do leitor e do consumidor e não os interesses legais, burocráticos ou tecnológicos de quem escreve o texto ou da organização a qual o escritor representa” (STEINBERG, 1991, p. 7). Martin Cutts, pesquisador e diretor do *Plain Language*

²² Citação original: Plain English is clear, straightforward expression, using only as many words as are necessary. It is language that avoids obscurity, inflated vocabulary and convoluted sentence construction. It is not baby talk, nor is it a simplified version of the English language. Writers of plain English let their audience concentrate on the message instead of being distracted by complicated language. (EAGLESON, C2018, DOCUMENTO ON-LINE)

Committee do Reino Unido resume que a Linguagem Acessível deve permitir que um leitor motivado e cooperativo compreenda a mensagem na primeira leitura (CUTTS, 1998, p. 3).

A partir dessa breve revisão histórica desses movimentos “PLAIN” em outros países e no Brasil, e de definições propostas por expoentes desses movimentos, parto para a minha definição de *Plain Language* ou Linguagem Acessível. Antes, gostaria de destacar que, talvez pelo fato de esses movimentos em defesa de uma linguagem compreensível por um público de baixa escolaridade ainda serem relativamente novos no Brasil, atualmente, não existe um consenso sobre as terminologias relacionadas ao assunto. Em países de língua inglesa, *Plain Language* é o termo adotado por todos os órgãos, associações e indivíduos que tratam dessa temática. Já no Brasil, encontramos diferentes termos para designar o mesmo conceito, como Linguagem Simples, Linguagem Simplificada, Linguagem Objetiva (JUS BRASIL, 2016, documento *on-line*) e Linguagem Acessível.

Optei por utilizar o termo “Linguagem Acessível” por acreditar que seja a terminologia que melhor define o nosso objeto de estudo, uma vez que o nosso foco principal está no leitor e em uma linguagem compreensível por um determinado público. Quando falamos apenas em “linguagem simples”, esse termo parece subjetivo, uma vez que uma linguagem pode ser simples para um determinado leitor e complexa para outro. O termo “linguagem objetiva” também é um termo, conforme percebo, demasiadamente amplo e apenas um dos componentes da Linguagem Acessível (LA). Além disso, a “linguagem objetiva” parte mais da perspectiva de quem escreve do que de quem lê, pois o leitor raramente terá condições de determinar se o texto que está lendo possui uma linguagem objetiva ou não. Por outro lado, se quisermos saber se um determinado público, com uma escolaridade X, compreende um texto, temos condições de estimar o provável nível de compreensão por meio de testes empíricos. Esses testes, conforme já referido, devem-se, em suas diferentes configurações, em muito, às ideias pioneiras de R. Flesch.

A partir desses conceitos, parto então para a minha definição de Linguagem Acessível:

A nossa concepção de Linguagem Acessível é, assim, a de um ideal a ser alcançado, é algo que parte das concepções de um movimento social e que visa a democratizar o acesso ao conhecimento, especialmente via textos escritos. A acessibilidade deveria ser possível a todas as pessoas, independente do grau de escolaridade ou origem étnica, conforme R. Flesch já propôs. A Linguagem Acessível se apoia em um processo de simplificação da linguagem baseado em análise e reformulação lexical e sintática, mediante o uso de métricas, fórmulas, estimativas e testes com leitores, para atingir um objetivo: uma formulação de linguagem compreensível, acessível a um determinado público leitor que deverá, por sua vez,

compreender a mensagem de um texto já na primeira leitura, utilizando as informações encontradas no próprio texto que lê, de acordo com as suas necessidades.

5.1.2 Para quem a Linguagem Acessível (LA) é dirigida: conhecendo o seu público

Sabemos que um texto complexo pode afetar um grande número de leitores com dificuldade de leitura, mas quais seriam essas dificuldades? O espectro pode ser grande. Alguns leitores têm dificuldades por deficiências físicas e/ou cognitivas, como acontece com pessoas com dislexia - uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. Existem ainda diferentes estudos sobre LA com surdos e portadores de autismo (SAGGION, 2017, p. 3) de modo a facilitar o processo de aprendizagem. Outros leitores, no entanto, podem apresentar dificuldades para compreender um dado texto por falta de letramento e/ou escolaridade limitada, ou ainda por simplesmente desconhecerem o assunto em questão, mesmo que seu nível de letramento seja alto.

Hoje, com o acesso facilitado à Internet, a informação está disponível a um número muito maior de pessoas do que há alguns anos. Contudo, de nada adianta o acesso amplo sem um entendimento do que se oferece. De nada adianta um paciente, somente com o Ensino Fundamental, com a Doença de Parkinson, ter acesso ao *site* do Ministério da Saúde do Brasil, que traz informações sobre a doença, se o que ele lerá na página do governo – e que deveria informá-lo – for completamente inacessível e inadequado ao seu nível de letramento. Quem não compreende não aprende, tampouco retém a informação fornecida.

Finatto (2011) já enfatizava que devemos refutar a ideia de que simplificar significa “nivelar por baixo” ou “vulgarizar” a mensagem:

A simplificação textual e a ideia de uma acessibilidade textual e terminológica são caminhos para implantar ações que democratizem o acesso ao conhecimento, dinamizando e transpondo os resultados das pesquisas produzidas no âmbito da academia para a realidade da população brasileira em geral, ajudando-a no seu processo de amadurecimento linguístico. (FINATTO, 2011, p. 155)

Ainda, segundo o *Federal Plain Language Guidelines 2018* (documento *on-line*) “Um dos principais mitos da linguagem acessível é o de que você precisa “nivelar por baixo” o seu conteúdo para que qualquer pessoa em qualquer lugar possa lê-lo.”²³ Segundo o Guia, a

²³ Citação original: “One of the most popular plain language myths is that you have to “dumb down” your content so that everyone everywhere can read it.

primeira regra da LA é **escrever para o seu público**. Isso quer dizer que, antes de você sair escrevendo qualquer coisa, é preciso conhecer o público para o qual você está escrevendo. Lembrando que o público pode ser leigo no assunto, mas ter um nível alto de letramento, ou pode ter escolaridade limitada, mas conhecer o assunto tratado no texto. Pode ainda ter deficiências cognitivas que exijam uma abordagem específica. Por isso, é importante ter o público leitor sempre em mente antes de escrever.

Como explicou há bastante tempo Leffa (1996), um cientista que tenha feito seus relatos inúmeras vezes para seus pares, participantes da comunidade científica, pode ter automatizado o processo e muitas das pressuposições que faz sobre seus leitores. Contudo, se tiver que escrever sobre o mesmo assunto em um livro didático, direcionado a um público adolescente, precisará rever sua ideia de público leitor e adequar sua maneira de escrever aos novos paradigmas. Dessa forma, para o autor, “[...] a compreensão de um texto não depende das características intrínsecas do mesmo, mas do conhecimento prévio compartilhado entre autor e leitor” (LEFFA, 1996, p. 15)

O *Federal Plain Language Guidelines 2018* ainda defende que os públicos leitores não devem ser “misturados”. Em uma situação ideal, dever-se-ia criar um tipo de material para cada comunidade leitora de acordo com suas condições, experiências, nível de conhecimento, educação e letramento. Desse modo, por exemplo, um material sobre a Doença de Parkinson escrito para enfermeiros deveria ser diferente de um material voltado para cuidadores. Nem sempre isso é possível, mas o livro didático é um exemplo claro de uma tentativa de se adaptar conteúdo a um determinado público.

Em muitos casos, não será possível criar tantos materiais quanto forem necessários para públicos distintos. Frequentemente, será preciso abranger um público geral e diverso, como no caso de materiais criados por governos e cujo conteúdo deve abarcar toda uma população com níveis de letramento muito distintos. Por isso, antes de simplificar e trabalhar com LA, é preciso criar estratégias. Nem sempre elas funcionarão perfeitamente, nem sempre o conteúdo poderá ser compreendido por uma população inteira, missão essa quase impossível. Contudo, ter critérios e estratégias bem definidos e um bom conhecimento da comunidade leitora é meio caminho para se atingir um maior número de pessoas, levando informação a um número muito maior de leitores do que se o texto fosse escrito sem um planejamento prévio.

Vale ainda mencionar que não podemos simplesmente transpor o que já foi feito e dito sobre o assunto em países como os EUA, Inglaterra e Austrália para a realidade do Brasil. É preciso discutir estratégias que melhor se adaptem e representem nossa população, pois a

realidade de países desenvolvidos em relação à educação e nível de letramento é muito distinta da nossa, como veremos na Seção 5.2 deste trabalho.

Como mencionado na Seção 2.1, “Trabalhos relacionados”, desta dissertação, vários esforços têm sido feitos no sentido de produzir materiais mais acessíveis aos leitores brasileiros. Contudo, em um país com um índice tão significativo de analfabetismo funcional, como é o caso do Brasil, esses esforços precisam se multiplicar e precisamos avançar na discussão e implementação de propostas que possam reduzir o abismo que separa a parcela da população que tem acesso à informação e ao conhecimento da parcela da população que fica à margem desse acesso. É claro que os problemas estruturais do país e uma educação de base falha são os principais causadores desse abismo. Contudo, vejo na LA uma oportunidade de avançarmos no acesso efetivo à informação por parte de uma parcela desprivilegiada da população enquanto reformas estruturais não são implementadas.

A seguir, reproduzo algumas recomendações do *Federal Plain Language Guidelines* 2018 sobre a relação que o autor deve ter com seu público e como planejar um texto acessível a um determinado público leitor:

1. Identifique o seu público.
2. Descubra quais são as necessidades do seu público.
3. Pense e tente descobrir o que o seu público já sabe sobre o assunto.
4. Pense sobre o que ele precisa saber sobre o assunto.
5. Atraia a atenção do seu público falando sobre o que interessa a ele.
6. Explique para o seu público por que o material em questão é importante para ele.
7. Pense sobre as perguntas que o seu público poderia fazer.
8. Pense sobre onde você quer chegar com o seu texto. Quais resultados você quer obter?
9. Pense sobre o que o público ganhará ao ler o seu material. (FEDERAL PLAIN ENGLISH GUIDELINES 2018, traduzido e adaptado pela autora)

5.2. ACESSO À INFORMAÇÃO *VERSUS* ACESSIBILIDADE DA INFORMAÇÃO

Hoje, com o crescente acesso dos brasileiros à Internet, conforme já mencionado, a informação está ao alcance de muito mais pessoas. Pesquisa recente, realizada em 2017 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), afirma que 63,6% da população

brasileira tem acesso à Internet, seja por meio do computador ou por celular. Em 2013, menos da metade da população tinha acesso à Internet.

Atualmente, a Internet é o maior veículo de difusão de conhecimento técnico e científico. Mas esse veículo também pode nos oferecer informações equivocadas, as chamadas “fake news”, a ponto de o *site* do Ministério da Saúde do Brasil fazer um alerta sobre isso no que se refere ao programa nacional de vacinação, especialmente de crianças. Nesse grande acervo de dados, grande parte dos artigos, ensaios e pesquisas produzidas no mundo científico e acadêmico estão disponíveis *on-line*, mesmo que parcialmente. Mas seria toda essa informação disponível a qualquer um que possuir uma conexão de Internet?

Os índices de analfabetismo funcional (quando a pessoa é incapaz de compreender textos simples) no Brasil são alarmantes. Segundo estudo recente (2018), desenvolvido pela ONG Ação Educativa e pelo Instituto Paulo Montenegro, três em cada dez (29%) brasileiros (38 milhões de pessoas), em idades entre 15 a 64 anos, são considerados analfabetos funcionais, ou seja, apresentam muita dificuldade para entender e se expressar por meio de letras e números em situações cotidianas, como fazer contas de uma pequena compra ou identificar as principais informações em um cartaz de vacinação (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2017, documento *on-line*). Em comparação com pesquisa realizada em 2009, esse índice aumentou ligeiramente, pois neste ano os analfabetos funcionais somavam 27% da população.

Ainda segundo o Inaf (Indicador de Alfabetismo Funcional), somente 8% da população brasileira em idade de trabalho está no nível proficiente. Um indivíduo com Ensino Médio completo, com 12 anos de escolaridade, deveria alcançar o nível proficiente. Mas esta está longe de ser a realidade no Brasil. Segundo o relatório “Alfabetismo e o Mundo do Trabalho”, resultado de uma pesquisa conduzida pelo IPM (Instituto Paulo Montenegro) e pela ONG Ação Educativa existem 5 níveis de alfabetismo funcional: analfabeto (4%), rudimentar (23%), elementar (42%), intermediário (23%) e proficiente (8%). (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2016, documento *on-line*)

Se compararmos esses dados com o índice Flesch-Kincaid, que mede a complexidade de um texto de acordo com o grau de escolaridade, ideia já proposta por Rudolf Flesch (1946), podemos afirmar que para 65% da população brasileira (desconsiderando os analfabetos), os textos deveriam ter um índice de inteligibilidade de 80 a 100 (muito fácil de ler e fácil de ler), para 23% da população o índice Flesch deve ficar acima de 60 (linguagem simples) e somente para 8% dos brasileiros o texto pode ter um índice abaixo de 60 (razoavelmente difícil a difícil de ler).

Esses dados sugerem que o acesso ao conhecimento por meio da leitura fica ainda restrito a uma pequena parcela da população brasileira. Essa, além de ter acesso à Internet, teria acesso a uma educação diferenciada e teria passado por uma formação leitora considerada privilegiada. Ao que parece, mesmo exposta a textos, a livros, seja na Internet ou em suporte físico, apenas uma pequena parcela dos brasileiros consegue interagir qualificadamente com a informação que recebe. Poucos entendem o que leem, por vários motivos. (FINATTO; EVERS; STEFANI, 2016, p. 138)

Enfatizo ainda a importância dessa temática ser discutida no país e trazida à realidade do Brasil, pois nossa população difere, e muito, em nível de letramento de países considerados desenvolvidos, como os Estados Unidos e países europeus. Nos Estados Unidos, 99% da população com mais de 15 anos é alfabetizada, contra 91,3 da população brasileira. Mas o dado mais alarmante, que mostra realidades tão díspares, é o percentual de pessoas que concluíram o Ensino Fundamental e Médio. No Brasil, segundo dados do IBGE de 2017, 51% da população brasileira com mais de 25 anos possui Ensino Fundamental completo e somente 26,3% tem Ensino Médio completo (ESTADÃO, 2017, documento *on-line*).

Já, nos Estados Unidos, o percentual de pessoas com Ensino Médio (*High School*) completo chega a 90%, conforme dados do *US Census Bureau* (2017, documento *on-line*). A falta de acesso da população brasileira à educação, com boa parte da população não chegando a concluir nem o Ensino Fundamental, reflete na realidade de um país com um índice altíssimo de analfabetos funcionais.

Os números indicam que para pessoas acima dos 65 anos, a dificuldade de leitura pode ser ainda maior, e não somente no Brasil. Segundo pesquisa realizada no Canadá pelo IALS (*International Adult Literacy Survey*), parcela significativa de idosos canadenses apresenta dificuldades para ler e escrever e conta com poucos anos de escolaridade. Uma das razões atribuídas a esse fator seria que antigamente o mercado de trabalho não exigia um desenvolvimento mais abrangente de suas condições de letramento; outra possibilidade seria a deterioração de suas faculdades devido ao envelhecimento natural, como a memória.

Outro estudo realizado nos Estados Unidos objetivou determinar a relação entre os níveis de letramento de pessoas idosas estadunidenses e suas condições socioeconômicas. E a conclusão desse estudo sugere que o nível restrito de letramento está diretamente associado ao baixo status socioeconômico e à falta de acesso à saúde pública por parte da população idosa residente naquele país (SOUZA FILHO, 2014).

No Brasil, 49% da população idosa é considerada analfabeta funcional. Sendo que, desse total, 23% dos pesquisados declaram não saber ler e escrever, 4% deles afirmam só saber ler e escrever o próprio nome e 22% dos idosos consideram a leitura e a escrita atividades penosas, seja por deficiência no aprendizado, problemas de saúde, ou ambos os motivos.

Nesse sentido, se considerarmos a temática de nossa pesquisa, Complexidade Textual (CT) em textos de cunho científico, mais especificamente os sobre a Doença de Parkinson (DP), e que os maiores interessados no assunto são indivíduos em uma faixa-etária mais avançada, tornar os textos acessíveis para esta parcela da população é fundamental. A DP pode ocorrer em pessoas jovens, mas sua incidência é significativamente maior em pessoas com mais de sessenta anos, sendo que 1% da população mundial com mais de 65 anos sofre da doença (dados da OMS). A DP é a segunda doença neurológica de maior abrangência, somente atrás do Alzheimer. Dessa forma, considero que tornar informações como essas acessíveis aos públicos interessados é uma questão de saúde pública e de cunho social. Os cuidadores e familiares das pessoas com a DP tendem a ter perfil socioeconômico variado, e justamente as pessoas de menor poder aquisitivo, como os cuidadores, que são, no Brasil, fundamentalmente variantes de empregados domésticos, tendem a necessitar de uma informação facilitada. A prevenção das doenças passa pela informação e a informação só será eficaz se for compreendida pelas partes interessadas.

5.2.1 Letramento

Na seção anterior deste capítulo, tratamos sobre o baixo nível letramento do brasileiro, conforme apontam pesquisas recentes sobre letramento, especialmente em comparação com países desenvolvidos como os Estados Unidos, país que frequentemente tomamos como base de comparação por ter no *Plain English* e no *Plain Language* (Linguagem Acessível) grandes carros-chefes para o acesso ao conhecimento especializado por parte da população. Mas, afinal, o que é letramento? Trato disso nesta seção.

Nesta dissertação e em nosso projeto de pesquisa²⁴ realizado com alunos do Curso de Letras-Tradução da UFRGS, as noções de letramento andaram juntas com a noção de letramento científico, letramento em saúde e letramento digital, uma vez que trabalhamos

²⁴ Projeto do Edital 24/2017 da SEAD/UFRGS intitulado “Complexidade textual em contraste inglês-português bases para a elaboração de atividade EaD para a formação de tradutores na UFRGS, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria José Finatto, em que fui bolsista. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sead/documentos/aprovados-edital-24>> . Acesso em: 25 ago. 2018.

com traduções acessíveis de textos técnico-científicos, mais especificamente em Saúde. Por esta razão, achei importante delimitarmos esses conceitos e noções. Frequentemente nos referimos a grupos de leitores com deficiências de leitura como tendo escolaridade limitada e baixo nível de letramento. Mas o que é afinal letramento?

Começarei fazendo a distinção entre letramento e alfabetização, dois conceitos distintos que, por estarem relacionados, muitas vezes são confundidos.

Alfabetização. Segundo o Caderno do Educador: Alfabetização e Letramento, produzido pelo Ministério da Educação e Ciências (MEC), a alfabetização é a aquisição do código da escrita e da leitura, que, de acordo com Magda Soares:

Se faz pelo domínio de uma técnica: grafar e reconhecer letras, usar o papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar, estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas; a criança perceber unidades menores que compõem o sistema de escrita (palavras, sílabas, letras. (SOARES, 1998, p. 24).

Segundo ainda Soares, aprender a ler e escrever significa aprender uma tecnologia, “[...] *a de codificar em língua escrita e de decodificar em língua escrita*” (SOARES, 1998, p. 39). A alfabetização é, portanto, o processo de aprendizagem onde se **desenvolve a habilidade de ler e escrever** de maneira adequada, e este processo se dá por meio do desenvolvimento de **atividades de alfabetização**, que envolvem o aprendizado do alfabeto e dos números, a coordenação motora e a formação de palavras, sílabas e pequenas frases.

Letramento, por outro lado, é a utilização desta tecnologia em práticas sociais de leitura e de escrita (LOPES; ABREU; MATTOS, 2010). E, como afirma Soares (2003), não adianta aprender uma tecnologia e não saber usá-la. Ainda conforme definição de Soares: “[...] letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (SOARES, 2009, p. 39). Em outras palavras, letramento é usar a leitura e a escrita para seguir instruções (receitas, bula de remédio, manuais de jogo), apoiar a memória (lista), comunicar-se (recado, bilhete, telegrama), divertir e emocionar-se (conto, fábula, lenda), informar (notícia), orientar-se no mundo (o Atlas) e nas ruas (os sinais de trânsito).

Autoras como Mortatti (2004), Tfouni (2010), Kleiman (2008) e Soares (2004a; 2009) reconhecem a alfabetização e o letramento como dois processos distintos, considerando a alfabetização como um processo individual de aquisição da leitura e escrita e

o letramento como um processo mais amplo, relacionado aos usos da leitura e da escrita por um indivíduo ou um grupo de indivíduos (GRANDO, 2012, p. 15).

Soares, contudo, enfatiza que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004a, p. 14)

Ainda sobre as diferenças entre letramento e alfabetização, pode-se afirmar que não existe “grau zero de letramento” ou “iletramento”, em oposição ao que acontece com a alfabetização, uma vez que dizemos que uma pessoa que não foi alfabetizada é “analfabeta”. Isso ocorre porque todo sujeito, independentemente de condição socioeconômica ou intelectual, de um jeito ou de outro, faz algum uso da escrita e de sua prática social. Um exemplo é quando um sujeito, analfabeto por não saber ler ou escrever, é capaz de pagar o ônibus com dinheiro e receber o troco.

O letramento começa na infância, como explica Val:

Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, como a leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo. (VAL, 2006, p. 19)

Origem. O termo ‘letramento’ é relativamente novo no campo da Educação brasileira. Conforme Soares (2009, p. 33), esse termo parece ter sido usado pela primeira vez no país no ano de 1986 por Mary Kato, no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística” e surge a partir da tradução do termo ‘literacy’ em inglês. O novo termo parece ter surgido de uma necessidade que os linguistas tinham de falar ou especificar fenômenos que iam além da alfabetização.

Conforme explica Tfouni, em seu livro “Letramento e Alfabetização”:

A necessidade de se começar a falar em letramento surgiu, creio eu, da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta (TFOUNI, 2010 apud GRANDO, 2012, p. 32).

Existe ainda a hipótese entre os linguistas, como defende, Kleiman (2008), que o novo termo passou a ser usado nos meios acadêmicos a partir da necessidade de separar os estudos sobre o impacto social dos estudos sobre alfabetização.

É possível perceber pelo exposto acima que letramento é um conceito amplo e complexo, de difícil definição, o que acaba por se traduzir na dificuldade de mensuração do mesmo.

5.2.2 Letramento científico

Ao contrário do que poderíamos esperar por se tratar de ciências, uma temática extremamente abrangente e, muitas vezes, distante da realidade do cidadão, a definição de letramento científico parece causar menos ambivalência conceitual do que a definição de letramento por si só. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), entende-se por letramento científico:

A capacidade de empregar o conhecimento científico para identificar questões, adquirir novos conhecimentos, explicar fenômenos científicos e tirar conclusões baseadas em evidências sobre questões científicas. Também faz parte do conceito de letramento científico a compreensão das características que diferenciam a ciência como uma forma de conhecimento e investigação; a consciência de como a ciência e a tecnologia moldam nosso meio material, cultural e intelectual; e o interesse em engajar-se em questões científicas, como cidadão crítico capaz de compreender e tomar decisões sobre o mundo natural e as mudanças nele ocorridas. (INEP, 2010, documento *on-line*)

O letramento científico, portanto, refere-se tanto à compreensão de conceitos científicos quanto à capacidade de aplicar esses conceitos e pensar sob uma perspectiva científica.

O Inep ainda trabalha com o conceito de **competência científica**, que inclui: identificar questões científicas, explicar fenômenos cientificamente e utilizar evidências científicas. As competências científicas envolvem a capacidade de utilizar os conhecimentos científicos em situações que refletem o mundo real e estimulam as ideias científicas.

A seguir temos uma tabela que contextualiza a aplicação das principais competências científicas em diferentes áreas da ciência.

Figura 16: Tabela com as competências científicas

	Pessoal (o indivíduo, a família em seus grupos pessoais)	Social (a comunidade)	Global (a vida pelo mundo)
Saúde	Manutenção da saúde, acidentes e nutrição.	Controle de doenças, transmissão social, escolhas nutricionais, saúde da comunidade.	Epidemias, doenças infecciosas.
Recursos naturais	Consumo pessoal de materiais e energia.	Manutenção das populações humanas, qualidade de vida, segurança, produção e distribuição de alimentos, suprimento de energia.	Renováveis e não-renováveis, sistemas naturais, crescimento da população, uso sustentável das espécies.
Meio ambiente	Comportamento sustentável, utilização e descarte de materiais.	Distribuição da população, remoção de lixo, impacto ambiental, clima local.	Biodiversidade, sustentabilidade ecológica, controle de natalidade, produção e perda do solo.
Fenômenos naturais	Desastres naturais ou causados pelo homem, decisões sobre moradia.	Mudanças rápidas (terremotos, furacões), mudanças ao longo de algum tempo (erosão, sedimentação).	Mudança de clima, impacto das operações militares.
Fronteiras da ciência e da tecnologia	Interesse em explicações científicas dos fenômenos naturais, passatempos científicos, esporte e lazer, música e tecnologia pessoal.	Novos materiais, aparelhos e processos, modificação genética, tecnologia de armamentos, transporte.	Extinção de espécies, exploração do espaço, origem e estrutura do universo.

Fonte: INEP (2010, documento *on-line*)

O Brasil possui um Indicador de Letramento Científico (ILC) idealizado pelo Instituto Abramundo, braço social da Abramundo. O ILC tem como principal objetivo monitorar a evolução das habilidades em ciências da população jovem e adulta brasileira – de 15 a 40 anos. E, assim, incentivar políticas públicas relacionadas ao desenvolvimento da ciência na formação de jovens estudantes. (GOMES, 2015).

O ILC foi criado em 2014 e teve como base o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) e o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). O ILC é uma parceria entre o Instituto Abramundo e o Instituto Paulo Montenegro e a Ong Ação Educativa, e seu maior desafio foi mensurar o quanto do conhecimento científico adquirido ao longo da vida escolar é aplicado no cotidiano da população economicamente ativa.

O PISA, mencionado acima, é um Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, e um indicador de Educação Científica Internacional. No ano de 2012, foi realizada uma pesquisa pelo Instituto PISA com 65 países, o Brasil ficou em 57º lugar na posição geral e 59º na posição em Ciências. Os resultados não são nada animadores. Em 2015, dos 70 países avaliados, o Brasil ficou em 63º lugar geral (OCDE, 2016). O conteúdo a ser avaliado é selecionado a partir dos campos principais de física, química, ciências biológicas, e ciências da Terra e do espaço, de acordo com os três critérios a seguir: utilidade

do conhecimento científico na vida diária; relevância das ciências e da política educacional durante os próximos anos e a necessidade de combinar o conhecimento com alguns processos científicos.

Em 2014, o ILC realizou uma pesquisa sobre Letramento Científico com pessoas entre 15 e 40 anos, com mais de quatro anos de estudo e residentes em nove das principais regiões metropolitanas do Brasil. Quase a metade (48%) foi classificada no nível de letramento científico rudimentar, enquanto apenas 5%, foram classificadas no nível de letramento científico proficiente.

Figura 17: Tabela com os níveis de escala de proficiência científica conforme o ILC

Níveis da escala de proficiência:	
Nível 1 - Letramento Não Científico	Localiza, em contextos cotidianos, informações explícitas em textos simples (tabelas ou gráficos, textos curtos) envolvendo temas do cotidiano (consumo de energia em conta de luz, dosagem em bula de remédio, identificação de riscos imediatos à saúde), sem a exigência de domínio de conhecimentos científicos.
Nível 2 - Letramento Científico Rudimentar	Resolve problemas que envolvam a interpretação e a comparação de informações e conhecimentos científicos básicos, apresentados em textos diversos (tabelas e gráficos com mais de duas variáveis, imagens, rótulos), envolvendo temáticas presentes no cotidiano (benefícios ou riscos à saúde, adequações de soluções ambientais).
Nível 3 - Letramento Científico Básico	Elabora propostas de resolução de problemas de maior complexidade a partir de evidências científicas em textos técnicos e/ou científicos (manuais, esquemas, infográficos, conjunto de tabelas) estabelecendo relações intertextuais em diferentes contextos.
Nível 4 - Letramento Científico Proficiente	Avalia propostas e afirmações que exigem o domínio de conceitos e termos científicos em situações envolvendo contextos diversos (cotidianos ou científicos). Elabora argumentos sobre a confiabilidade ou a veracidade de hipóteses formuladas. Demonstra domínio do uso de unidades de medida e conhece questões relacionadas ao meio ambiente, à saúde, à astronomia ou à genética.

Fonte: Gomes (2015, documento *on-line*)

Apesar de os índices de letramento em Ciências no Brasil não serem promissores, uma pesquisa do Ministério da Ciências e Tecnologia de 2010 aponta que houve um crescimento de 41% para 65% no interesse dos brasileiros por ciência, tornando o letramento

em Ciências ainda mais fundamental para que as pessoas possam transformar seu interesse em ciências em conhecimento real. (FINATTO; EVERS; STEFANI 2016).

5.2.3 Letramento em Saúde (*Health Literacy*)

Como vimos na Seção anterior sobre letramento científico, no Brasil, este conceito engloba a área de Saúde. Nos Estados Unidos, porém, o conceito de *Health Literacy* (letramento em Saúde) frequentemente aparece independente do conceito de letramento Científico, uma vez que muitos dos temas abordados em Saúde não são ensinados na escola, tampouco medidos por indicadores como o PISA, apesar de este incluir ciências biológicas de maneira abrangente. Além disso, o conceito de letramento em Saúde engloba um componente a mais: a interação do profissional de saúde (seja ele o médico, enfermeiro, etc.), que aqui chamaremos de Provedor, com seu paciente.

Segundo Helen Osborne (2013, p. 1-2), a definição de letramento em Saúde mais difundida nos Estados Unidos é a de Selden et al. (2000 apud OSBORNE, 2013), que afirma que letramento em Saúde é a capacidade que os indivíduos têm de obter, processar e compreender informações básicas e serviços de saúde necessários para tomarem decisões adequadas sobre sua saúde ou a saúde de quem são responsáveis.

Para Osborne (2013), letramento em Saúde diz respeito a uma responsabilidade compartilhada entre pacientes (ou qualquer um do lado receptor da comunicação em saúde) e profissionais de saúde (ou qualquer um do lado provedor da comunicação em saúde), sendo que ambos devem se comunicar de modo que as duas partes se entendam.

Figura 18: Letramento em Saúde – Quando paciente e profissionais de saúde realmente se entendem



Fonte: Osborne (2013, p. 2). Ilustração de Mark Tatroo, Rotate Graphics

O letramento em Saúde, ainda pouco conhecido no Brasil, está ganhando cada vez mais espaço em países desenvolvidos, e a autora cita algumas possíveis razões para isso (OSBORNE, 2013, p. 3):

- Os pacientes precisam entender as informações em Saúde cada vez mais rápido, porque passam cada vez menos tempo presencial com os provedores, isso inclui consultas breves e hospitalizações rápidas.
- Os pacientes, bem como seus familiares e cuidadores, precisam realizar corretamente uma série de tarefas relacionadas com saúde, como dominar determinadas tecnologias ou tomar medicações.
- Os pacientes precisam ter um papel ativo na aquisição de conhecimentos em saúde, isso inclui ler informações que lhes são fornecidas pelos provedores, bem como avaliar a credibilidade e relevância das informações disponíveis em diversos canais de comunicação, desde familiares até informações acessadas pela Internet.
- Os pacientes são vistos, cada vez mais, como consumidores ativos e não como receptores passivos de tratamentos e cuidados. Hoje, os pacientes precisam não só tomar decisões sobre sua saúde, mas também advogar por seus direitos.

Embora o conceito de letramento em Saúde ainda seja pouco difundido no Brasil, as necessidades dos pacientes no Brasil e no restante do mundo são muito similares às descritas pela autora. Além disso, recentemente, o STJ deu parecer favorável ao que os hospitais chamam de “consentimento informado”, quando o paciente precisa assinar um documento afirmando que está ciente dos riscos inerentes ao procedimento médico a que será submetido. Essa demanda torna imprescindível que o paciente e seus familiares compreendam quais são esses riscos. Como explica o advogado Saul Goulart, “[...] não se trata apenas do direito de receber informações claras e adequadas, mas do direito que guiará a auto determinação do paciente (a autonomia da vontade).”²⁵

Isso quer dizer que os pacientes precisam estar cientes e compreender o que o médico, hospital ou qualquer outro órgão ou profissional de saúde (os Provedores) lhes comunica, de modo que possam tomar decisões conscientes e ter sua vontade e seus direitos resguardados. Para tanto, o letramento em Saúde é fundamental, uma vez que sem ele o paciente não terá as faculdades e conhecimentos necessários para exercer seus direitos.

5.2.4 A comunicação em Saúde

Comunicação é um processo transacional e, no contexto da saúde, é parte importante do trabalho da promoção de saúde. Comunicação, de acordo com Minardi e Riley (1997), é um processo essencial, providencial e intencional. A transação de comunicação é uma das informações partilhadas que emprega um conjunto de regras

²⁵ GOULART, SAUL. <https://www.facebook.com/saul.goulart>. 13 de agosto. Acesso em: 14 de agosto de 2018

comuns (Northouse e Northouse, 1998). Na promoção de saúde, a comunicação é um processo planejado (Kiger, 2004). A eficiência desse processo planejado vem à tona quando o público atingiu, atuou ou respondeu a uma mensagem. (CORCORAN, 2011, p. 1-2, tradução de Livia Oliveira)

A comunicação em Saúde anda junto com o letramento em Saúde. De um lado, a condição ou capacidade que o paciente tem de compreender o que lhe está sendo dito sobre sua saúde, o letramento. De outro, os esforços e estratégias para uma comunicação efetiva entre paciente/familiares e provedor, de modo que estes sejam capazes de se entender mutuamente. A comunicação em Saúde tem como principal objetivo promover a saúde. Como explica Corcoran, na promoção da saúde, a comunicação é um processo planejado e a eficiência desse processo planejado vem à tona quando o público atingiu, atuou ou respondeu a uma mensagem (CORCORAN, 2011, p. 2).

Segundo Kreps (2003, apud CORCORAN, 2011, p. 4), a comunicação em Saúde é vista como um recurso que permite que as mensagens de saúde (por exemplo, prevenção, risco ou conscientização) sejam usadas na educação e na prevenção da saúde ruim. A comunicação em Saúde, portanto, ocupa muitos níveis da sociedade e deve ter uma abordagem holística na promoção da saúde.

Em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, juntamente com os movimentos em defesa de uma linguagem acessível ao cidadão por parte de órgãos governamentais, existem diversas iniciativas que visam a facilitar a comunicação médico-paciente ou profissional de saúde-paciente. Uma delas é a mostrada na foto abaixo. Um dicionário de *Plain Language* (Linguagem Acessível) para a área médica, no qual o usuário pode pesquisar por termos médicos e receber explicações acessíveis (Figura 19).

Figura 19: Dicionário médico de linguagem acessível

Plain Language Medical Dictionary
application by the University of Michigan Library

As you type, matching results will be listed below automatically.

Search for a term:

You can also browse all terms, or view all terms starting with a letter.

Browse by letter:

This work was performed under a subcontract with the [University of Illinois at Chicago](#) and made possible by grant #N01-LM-6-3503 from [National Library of Medicine \(NLM\)](#) and its contents are solely the responsibility of the authors and do not necessarily represent the official views of the National Library of Medicine.

This application is copyright 2014, The Regents of the University of Michigan.

Fonte: Plain Language Medical Dictionary (c2014, document *on-line*).

Segundo o site *Plain Language*²⁶ do governo americano, os provedores de Saúde estão cada vez mais sendo incentivados a que os pacientes e seus familiares lhes façam perguntas, de modo que não restem dúvidas sobre sua condição e necessidades. Perguntas como as relacionadas abaixo podem nortear a comunicação entre o provedor de Saúde e o paciente/familiares.

- Qual é o meu problema?
- O que eu preciso fazer?
- Por que é importante que eu faça isso?

Mas, naturalmente, as respostas precisam ser claras e acessíveis, de acordo com o nível de letramento em Saúde do paciente. De nada adianta o médico, por exemplo, informar ao paciente sobre sua condição da mesma forma que falaria com um colega de trabalho. Portanto, para que se tenha os melhores resultados, a comunicação em Saúde deve se adequar ao letramento do paciente, o que muitas vezes não acontece. Existem diversos fatores que podem prejudicar a comunicação provedor-paciente e que devem ser observadas:

- Pessoas com baixo grau de letramento geral tendem a ter baixo grau de letramento em Saúde; portanto, o provedor deve adequar sua linguagem ao paciente e seus familiares.

- Questões culturais e a barreira da língua podem afetar a comunicação provedor-paciente. Podemos citar como exemplo a os imigrantes.

- Questões emocionais. O abalo emocional pode afetar a comunicação entre provedor e paciente/familiares, por isso é importante o provedor ter empatia.

- O sistema de saúde no Brasil, tanto público quanto privado, não proporciona tempo presencial suficiente do provedor com o paciente de modo que estabeleçam uma boa comunicação. Portanto, é importante que o provedor seja o mais claro possível nos breves contatos que tem com seus pacientes/familiares.

Pelas razões listadas acima, acredito que a implementação de diretrizes de Linguagem Acessível nos sistemas de saúde brasileiros é fundamental para que a comunicação entre provedor e paciente/familiares seja facilitada e que os pacientes tenham uma melhor noção de seus direitos, dos riscos envolvidos, bem como de suas necessidades e obrigações médicas. Os desafios são enormes, mas por meio da Linguagem Acessível, podemos melhorar o nível de letramento em saúde da população brasileira.

Algumas iniciativas como essa já podem ser vistas no país com o livro “Entendendo a Doença de Parkinson – Informações para pacientes, familiares e cuidadores” (TERRA,

²⁶ PLAIN LANGUAGE. c2018. Disponível em: <<https://plainlanguage.gov/resources/content-types/healthcare/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

N.L. 2016). O texto foi revisado pela Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto, especialista em Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT) e está acompanhado de um glossário de termos. A proposta original desse livro era a de apresentar uma linguagem mais acessível para leitores leigos, considerando-se pessoas sem formação específica em Saúde ou em áreas correlatas ao tema.

Ao que parece, nem todos os autores envolvidos no livro compreenderam esse objetivo e/ou aceitaram todas as recomendações de simplificação, podendo ser encontrados vários trechos bastante complexos, o que pode ter justificado a presença do glossário na obra. Os temas escolhidos abrangem todos os cuidados que um paciente que desenvolve a Doença de Parkinson e seus cuidadores devem ter, da Fisioterapia ao atendimento Odontológico, Nutricional e jurídico.

Ainda temos duas outras iniciativas importantes, agora no âmbito da tradução. O livro infantil, “Vovô agora é cavaleiro”, de Dagmar H. Mueller e Verena Ballhaus (2012), sobre a Doença Parkinson tem por objetivo ajudar os familiares, como netos e netas, dos pacientes com DP a entenderem melhor os sintomas e as limitações da doença. Esse livro foi escrito originalmente em alemão, tendo sido traduzido e adaptado para o contexto brasileiro por Sâmia Rios. Já o livro “Terminologia Médica para Leigos” é uma tradução de “Medical Terminology for Dummies” e faz parte de uma série de livros em inglês, sobre diversos assuntos, como engenharia, informática, etc., escritos para leigos. Segundo a introdução do próprio livro, o leitor aprenderá a identificar e pronunciar termos médicos; entender a origem e a formação das palavras; desconstruir palavras para compreender as definições; e descrever situações médicas de forma exata.

Figura 20: Capa do livro infantil, Vovô agora é cavaleiro, sobre DP e do livro Terminologia Médica para Leigos



Fonte: Mueller; Ballhaus (2012) e Henderson; Dorsey (2015).

Se o Brasil seguir essa tendência mundial, abrirá espaço para que o tradutor e o profissional do texto tenham papel fundamental nesse processo. Nos Estados Unidos, tradutores e intérpretes são contratados para trabalhar em hospitais e acompanhar pacientes de outras nacionalidades, fazendo a ponte entre profissionais de saúde e pacientes e familiares.

5.2.5 Letramento digital

Após a disseminação do acesso à Internet, a maneira como as informações chegam ao cidadão mudou completamente. Podemos acessar informações a qualquer hora, de qualquer lugar. A informação também pode chegar em tempo real. Os jornais e livros impressos continuam existindo, mas estão cada vez mais sendo substituídos por suas versões digitais, normalmente mais baratas e práticas, pois podem ser acessadas rapidamente, sem restrições logísticas. O computador e a Internet revolucionaram a maneira como nos comunicamos e até nos relacionamos uns com os outros. As exigências no trabalho já não são as mesmas. As empresas exigem de seus funcionários diversas habilidades relacionadas com o manuseio do computador e de suas funcionalidades. Por meio do computador as pessoas praticam a leitura e a escrita, se comunicam e interagem, tornam-se sujeitos da informação.

E na era digital nada mais natural que surgisse o letramento digital. Segundo Barton (1998 apud XAVIER, 2015), o letramento digital seria mais um tipo de letramento dentro da gama de letramentos de um indivíduo. E, segundo Soares (2002), por letramento digital compreende-se a capacidade que um indivíduo tem de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital.

Conforme explica Carmo (2003), o letramento digital é mais do que o conhecimento técnico, ele inclui ainda:

Habilidades para construir sentido a partir de textos multimodais, isto é, textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície. Inclui também a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletronicamente". O letramento digital é, portanto, a capacidade de lidar naturalmente e com agilidade as regras da comunicação em ambiente digital. (CARMO, 2003, documento *on-line*)

Ainda conforme explica Soares (2002), a tela do computador se constitui como um novo suporte para a leitura e escrita digital. Segundo ela, a tela é considerada um novo

espaço de escrita e traz mudanças significativas nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo entre o ser humano e o conhecimento.

Para a autora, essas transformações têm desdobramentos sociais, cognitivos e discursivos, configurando assim um letramento digital (SOARES, 2002. p. 151).

5.3 NOVAS E VELHAS CRÍTICAS AO PLAIN LANGUAGE

O *Plain Language* (Linguagem Acessível) não é unanimidade entre linguistas e estudiosos da linguagem, tampouco entre gestores públicos, educadores ou mesmo entre profissionais de Saúde. Em diferentes áreas afeitas à intervenção simplificadora de seus textos, há registros de insatisfação quanto a esse tipo de interferência, que chega a ser considerada como um tipo de invasão revisória desmedida. Enfim, existem muitas críticas a objetivos, processos e, principalmente, à sua eficácia.

No Brasil, com a ainda pouca difusão do assunto, e uma muito menor implementação prática de diretrizes de simplificação de textos de Utilidade Pública para público leigo, as críticas ao *Plain Language* também são pouco exploradas. Contudo, no ano de 1996, portanto, há mais de 20 anos, o Prof. Dr. Vilson José Leffa, da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) escreveu um artigo expondo algumas dessas críticas, todas formatadas por linguistas estrangeiros. Tomei este artigo e outro intitulado “*Revisiting Plain Language*”, 2016, de Beth Mazur, como base para listar as principais críticas e possíveis respostas a elas, considerando o que é válido nas críticas e procurando desmistificar pressuposições nem sempre embasadas sobre o que se entende por *Plain Language*.

Crítica 1. Fórmulas simplistas? Aqui estão em foco as fórmulas propostas por R. Flesch para estimar a CT

Como expõe Leffa:

Anderson & Davison (1986) argumentam que as fórmulas de inteligibilidade, ainda que sob certas circunstâncias possam prever o nível de dificuldade de um texto, não são as formas mais adequadas de se avaliar a compreensão que leitores individuais podem ter de um determinado texto. As altas correlações encontradas com base na complexidade do vocabulário e da sintaxe são, segundo os autores, um subproduto de modelos estatísticos inadequados que exageram o papel dos fatores linguísticos na compreensão. Características do leitor e do texto que não podem ser medidas pelas fórmulas são mais importantes. (ANDERSON; DAVISON, 1986 apud LEFFA, 1996, p. 8)

Talvez a principal crítica ao *Plain Language* seja o uso de fórmulas de inteligibilidade, as quais muitos linguistas ou profissionais do texto acreditam serem imprecisas e simplistas, uma vez que “apenas” medem o comprimento das frases e das palavras, fornecendo uma visão micro do texto (Leffa, 1996), com o enfoque ficando somente no vocabulário e na estrutura da frase, partindo-se do pressuposto de que palavras longas (com maior número de sílabas) tendem a ser mais complexas. Dessa forma, um texto com vocabulário de alta frequência (pouco erudito) e frases curtas alcançaria um alto grau de inteligibilidade mesmo que não tivesse coesão e coerência alguma. É evidente, portanto, que as críticas às fórmulas têm fundamento. Contudo, *Plain Language* não é sinônimo de fórmulas de inteligibilidade. Ao contrário, muitos dos guias e manuais de escrita acessível, como o *Federal Plain Language Guidelines 2018* (UNITED STATES OF AMERICA, 2018), nem mencionam as fórmulas de inteligibilidade. Portanto, o *Plain Language* é muito mais do que fórmulas de inteligibilidade.

As fórmulas de inteligibilidade, como *Flesch Reading Ease* e *Flesch-Kincaid* seriam, então, obsoletas e falhas? Ou inúteis ao processo de simplificação de um texto? Em minha opinião, bem pelo contrário. Elas são extremamente úteis uma vez que funcionam como um alerta, uma luz vermelha, avisando o autor ou tradutor de um texto que este pode, com ênfase no condicional, estar além das possibilidades do leitor. E elas são apenas estimativas, não pontos de certeza. Sempre que realizei testes com fórmulas de inteligibilidade em análises textuais, elas me serviram como um ótimo **indicativo provável** de que o texto deveria receber uma atenção especial e que mais análises deveriam ser feitas para se determinar onde estavam os prováveis pontos de complexidade a serem simplificados.

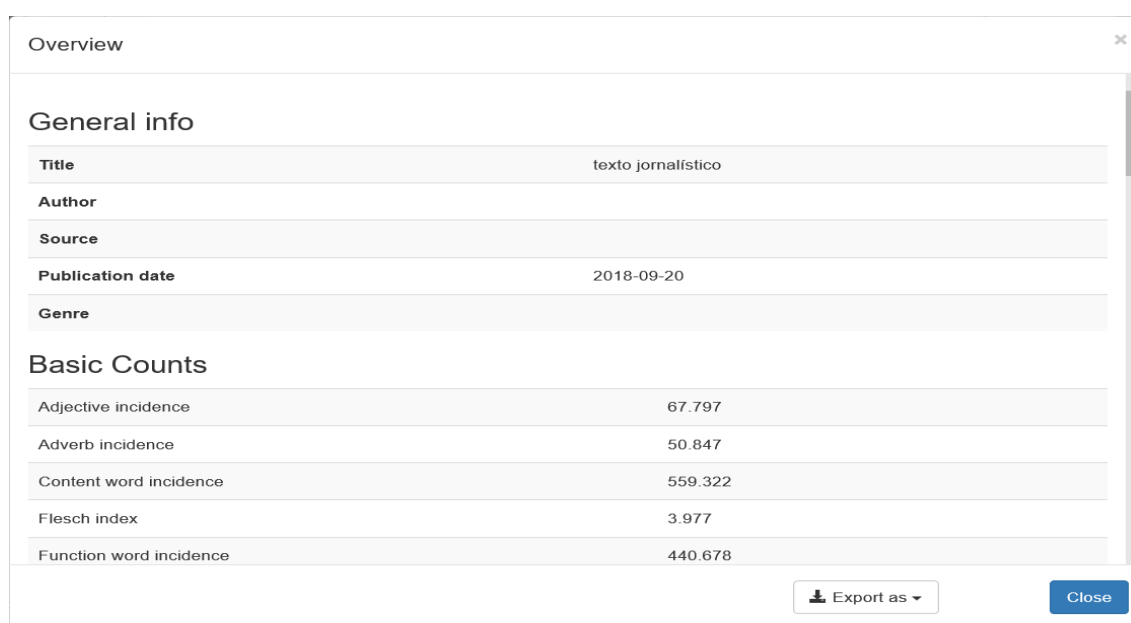
Para toda regra ou generalização, existem inúmeras exceções, e esse é o caso das medições realizadas por essas fórmulas. Contudo, não podemos simplesmente ignorar que palavras mais extensas, como termos técnicos que derivam da junção de duas ou mais palavras, ou advérbios terminados em *-mente*, em português, tendem a ter uma frequência muito menor e, conseqüentemente, causar maior estranheza ao leitor e dificuldade de compreensão. O mesmo acontece com as frases muito longas. As chances de um leitor de escolaridade limitada não “se perder no meio do caminho” em uma frase extensa e saber exatamente ao que o autor se refere não é das maiores.

A seguir trago um exemplo de frase complexa, não tanto por seu léxico, mas por sua construção, extraída do Guia de Redação Jornalística (FERRARI, 2015, documento *on-line*).

Em 2011, especialistas já identificaram os motivos do crescimento dos índices inflacionários, um deles é o aumento nos preços dos alimentos e serviços e, o outro, a intensa atividade econômica dos brasileiros que hoje tem mais opções de emprego, conseguem ganhar mais e têm acesso às facilidades na hora da compra – o que torna natural o aumento do consumo.

Como podemos ver na Figura abaixo, o índice Flesch da frase é de 3, que, de acordo com a tabela IF, é considerado um texto muito difícil de ler, compreensível apenas por pessoas com terceiro grau completo.

Figura 21: Exemplo de cálculo do Índice Flesch em Português



General info	
Title	texto jornalístico
Author	
Source	
Publication date	2018-09-20
Genre	
Basic Counts	
Adjective incidence	67.797
Adverb incidence	50.847
Content word incidence	559.322
Flesch index	3.977
Function word incidence	440.678

Export as Close

Fonte: Cunha (c2015, documento *on-line*).

As fórmulas de inteligibilidade podem servir também como uma boa ferramenta de teste durante o processo de simplificação. Após as alterações feitas em busca de uma possível simplificação, as fórmulas podem ser utilizadas no intuito de se verificar se houve alguma alteração na inteligibilidade. Mais uma vez, essa aferição será relativa, mas pode indicar caminhos. O teste mais efetivo sempre envolverá o leitor, pois só ele poderá dizer com certeza se foi capaz de compreender qualquer mensagem.

Crítica 2. O *Plain Language* (Linguagem Acessível) vulgariza e nivela por baixo.

Muitos críticos ao *Plain Language* afirmam que seus defensores apenas reduzem o tamanho das frases, e, conseqüentemente, dos documentos, e nivelam a linguagem por baixo, tornando-a tão simples (quase vulgar), em busca de uma clareza absoluta, que não há mais

espaço para sutilezas, ambiguidades propositais, criatividade. Veja o que diz Leffa, ao expor as críticas de alguns estudiosos do assunto:

As críticas mais fortes contra as fórmulas argumentam que elas tornam os livros didáticos monótonos e tolhem a criatividade dos autores. Alguns até defendem que a própria clareza de estilo nem sempre é uma qualidade desejável. O burocrata que escreve uma carta de recomendação sem usar o jargão adequado ou o publicitário que prepara um anúncio sem dar duplo sentido ao texto pode acabar perdendo o emprego[...] (LEFFA, 1996, p. 9)

Primeiro, é preciso voltar a salientar que fórmulas de inteligibilidade não são sinônimo de Linguagem Acessível. Segundo, escrever com uma linguagem acessível não quer dizer escrever com uma linguagem tão simples que até uma criança da primeira série entenderia, tampouco utilizar somente palavras de alta frequência, eliminando a linguagem especializada, por exemplo. Escrever em Linguagem Acessível significa escrever para o seu público, e ter esse público bem delimitado. Uma linguagem acessível não é uma linguagem simplista, mas direta, clara, precisa, bem contextualizada. E dentro desse espectro, o autor tem toda a liberdade para utilizar toda a sua criatividade para escrever ou transformar um texto já existente em uma mensagem compreensível por seu público.

Prova disso foram os textos criados, com base em traduções sobre a temática da Doença de Parkinson, pelos alunos do curso de Letras-Tradução participantes de nossa pesquisa. Como mostra o Anexo I, alguns alunos foram extremamente criativos para encontrar soluções que tornassem seus textos não só inteligíveis, mas agradáveis de ler por pacientes e familiares com a Doença de Parkinson.

Crítica 3. Os textos criados de acordo com o *Plain Language* não são testados

Uma das premissas do *Plain Language* é testar os textos de forma a se determinar se são adequados ao leitor ou à comunidade leitora a que se destinam; portanto, o *Plain Language* seria essencialmente baseado no leitor, mais do que no texto.

Defensores do *Plain Language* inclusive advogam que os textos sejam testados, com pessoas reais, não somente ao final do processo de simplificação, mas durante todo ele. Segundo Michele Asprey:

Se você testar desde o princípio, você estará mais receptivo a sugestões, mais aberto a mudar sua estratégia e terá mais tempo para incorporar as mudanças. Se você testar desde o início, você descobrirá logo se estiver equivocado quanto ao

funcionamento do documento na prática.²⁷² (ASPREY, 1991, p. 228, tradução nossa)

Dessa forma, caso os textos não estejam sendo testados como deveriam não é porque os defensores do *Plain Language* acreditam que não seja necessário, mas sim por fatores outros, que podem incluir a falta de verbas ou interesse dos órgãos e empresas que contratam esse tipo de serviço. Segundo Kimble (1994 apud MAZUR, 2000), a incapacidade de implementar uma abordagem interativa com os leitores em todos os estágios do processo é uma realidade indesejada que deve ser trabalhada.

Crítica 4. O *Plain Language* é prescritivo e suas regras não podem ser quebradas.

Engana-se quem pensa que o *Plain Language* impõe regras de escrita. Todos os manuais ou guias de *Plain Language* falam em “*guidelines*”, que, em português quer dizer ‘diretrizes’ ou ‘orientações’. Essas diretrizes são, portanto, orientações, e não imposições que devem ser, obrigatoriamente, seguidas.

Vejamos a seguir algumas citações sobre o assunto:

- “Eu defendo diretrizes e não regras” (CUTTS, 1995, p. 2).
- “Não transforme as diretrizes do *Plain Language* em regras” (BALDWIN, 1999, p. 19).
- “Apesar de todas as orientações contidas neste manual, sinta-se à vontade para adequá-las às suas necessidades, ao seu documento e ao seu orçamento... Escolha aquelas que servem o seu propósito (SEC, 1998).
- “Uma diretriz é uma sugestão que ajuda os escritores a atingirem o seu objetivo de uma comunicação clara com seus leitores”. (REDISH AND ROSEN, 1991). (MAZUR, 2016, tradução nossa)

Ainda, segundo Redish e Rosen (1991 apud MAZUR, 2000), diretrizes (*guidelines*) são ferramentas especialmente úteis para quem não tem na escrita sua principal função, como no caso do médico que vai escrever um artigo para um jornal de grande circulação.

CONSIDERAÇÕES DA AUTORA:

²⁷ Citação original: “If you test early, you’ll be more receptive to suggestions, more open to changing strategy, and have more time to incorporate changes. If you test early, you’ll find out early if you have any fundamental misunderstandings about how the document works in practice.” (ASPREY, 1991, p. 228)

É fato que o *Plain Language* não é um método, processo ou movimento infalível. Tampouco é algo pensado por e para máquinas somente, apesar de muitas de suas premissas, como vimos na introdução deste capítulo e veremos ainda no Capítulo 6 deste trabalho, já serem utilizadas para criar ferramentas de inteligência artificial.

O *Plain Language* nasceu de uma necessidade que os escritores tinham – fossem eles tradutores, revisores ou qualquer profissional que ganhasse a vida escrevendo – tinham de adaptar sua escrita de modo a torná-la mais acessível para determinados públicos leitores. Isso, desde sempre, exigiu que esse profissional lidasse com todas as subjetividades, nuances e ambiguidades que um texto pode oferecer.

Como mencionei anteriormente, na Crítica 1, o *Plain Language* é muito mais que fórmulas de inteligibilidade, que, por si só, não conseguem fazer nada sozinhas. O *Plain Language*, ao contrário do que muitos pensam, tem no leitor o seu principal objetivo, pois é somente por causa da diversidade de leitores existentes que o *Plain Language* existe.

Plain Language envolve uma miríade complexa de análises, processos e resultados e não pode ser resumido a um aspecto apenas. Nesse sentido, ele não veio para substituir o profissional do texto, bem pelo contrário. O profissional que for capaz de dominar suas técnicas, diretrizes e conceitos, terá certamente mais oportunidades de trabalho, pois estará agregando valor ao seu portfólio.

Além disso, como afirma Finatto (2016), um texto com linguagem acessível, ao invés de nivelar o leitor por baixo, pode ser uma maneira de esse leitor de escolaridade limitada buscar mais letramento. Ao entender bem uma dada informação, esse leitor poderá, inclusive, querer saber mais. Vejo, portanto, o *Plain Language* como conformação textual e discursiva, como um mecanismo social e um modo pode ajudar o leitor a subir as escadas do letramento, passando de nível à medida que adquire conhecimento.

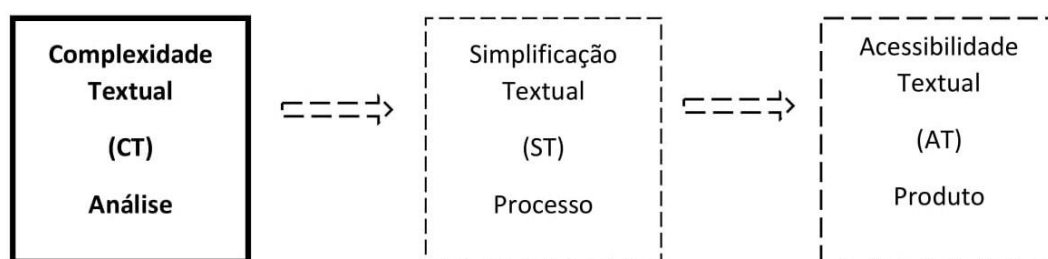
6 COMPLEXIDADE TEXTUAL

A Complexidade Textual (CT) é uma propriedade relativa, uma condição semântica, instaurada pela não familiaridade de um leitor ou grupo de leitores com um dado texto escrito e seu conteúdo lexical e/ou sintático. A complexidade de um texto é, portanto, uma propriedade ou condição do texto e, como tal, pode ser mensurada mediante a análise de seus atributos de construção verbal – pelo vocabulário (termos e léxico geral) presente no texto e também por sua configuração gramatical. Isso vale do texto literário ao texto especializado, associado a uma temática técnico-científica.

A CT trabalha sempre com um ponto de referência – em geral, a figura de um leitor ou de um grupo de leitores, uma vez que um determinado texto X pode parecer muito complexo para um dado leitor, enquanto pareça trivial para outro, dependendo do seu grau de escolaridade ou conhecimento prévio sobre o assunto.

O esquema abaixo (Figura22) representa o trinômio tratado neste trabalho e cuja temática se inicia com a CT, pois antes de simplificarmos qualquer texto com vistas à acessibilidade, precisamos avaliar e compreender o quão complexo ele é para um determinado leitor. No nosso caso, vale frisar, estamos no território de textos especializados, com destaque para os textos que tratam de temas de Saúde.

Figura 22: A CT como forma de análise textual



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Frisamos que a noção de **CT** é ampla em função de diferentes e numerosas concepções sobre esse tema e suas implicações no âmbito dos Estudos da Linguagem e da Educação Linguística, incluindo Estudos sobre Leitura. No Brasil, Carlos Antônio de Souza Perini foi um dos primeiros linguistas a tratar o tema da leitura funcional e da maior ou menor habilidade de leitura (PERINI, 1988), com o trabalho intitulado *Tópicos discursivos e legibilidade* (apud FINATTO, 2011). Perini defendia que os alunos brasileiros tivessem

acesso a materiais de leitura graduados de acordo com o seu nível de escolaridade e nível de dificuldade de compreensão.

E como explica ainda Finatto:

A partir do legado de trabalhos fundadores tais como o de Perini, antes referido, Neis (1982) e Kleiman (1987, 1989, 1993, 1997), Kato (1982) e Averbuck, Appel e Hessel (1983), entre outros, produzidos especialmente ao longo dos anos 80 e 90, temos hoje no Brasil um vasto e multifacetado alicerce de estudos sobre o tema da Leitura. Esse corpo de conhecimento permitiu-nos hoje distinguir especificidades das noções de leitura, alfabetização, letramento, competência textual, competência lexical e competência leitora. (FINATTO, 2011, p. 3)

Sabe-se hoje, a partir dos estudos sobre leitura realizados tanto no Brasil como em outros países pioneiros no assunto, como os Estados Unidos e a Inglaterra, que existem determinados elementos – que aqui chamaremos de **métricas de complexidade** – que podem indicar possíveis pontos que tendem a dificultar a compreensão de leitura de um dado texto. Por exemplo, um número muito levado de palavras por sentença.

Essas métricas de complexidade, mormente cultivadas no cenário do *Plain Language*, foram compiladas e verificadas durante um projeto de pesquisa do Edital 23 SEAD/UFRGS por Asafe Davi Cortina Silva em 2016. Na época, era ele um novo bolsista pós-graduando do projeto. As métricas de complexidade investigadas partiram do que estava sistematizado no inglês e foram descritas em português com base em um material elaborado pelo governo americano intitulado ‘*Plain English Guidelines*’ (*Diretrizes do Inglês Acessível*). Esse material foi traduzido e as métricas adaptadas para o português brasileiro por Silva. No item 6.2 deste capítulo especifico as principais métricas de complexidade associadas a essas orientações.

Além das métricas de complexidade, temos nos trabalhos pioneiros do já citado Rudolph Flesch o estabelecimento de fórmulas para estimar a provável complexidade de um texto. Essas fórmulas carregam seu nome: **Flesch Reading Ease** e **Flesch-Kincaid**. Nas Seções que seguem deste capítulo, apresento um breve histórico tanto sobre as fórmulas de inteligibilidade quanto dessas métricas ou medidas de potencial complexidade de um texto.

6.1 *READABILITY FORMULAS: A INTELIGIBILIDADE DE UM TEXTO COMO PONTO DE PARTIDA*

Os estudos sobre Complexidade Textual não seriam possíveis sem as ideias precursoras do já citado Rudolph Flesch. Rudolph Flesch (FLESCH, 1946) foi o primeiro a criar uma fórmula matemática capaz de estimar a provável inteligibilidade de um texto, ou seja, a facilidade ou dificuldade que um leitor ou um grupo de leitores teria de compreender um dado texto.

Outras fórmulas seguiram-se à ideia pioneira de Flesch; contudo, em nosso trabalho de pesquisa optamos por trabalhar apenas com a Flesch Reading Ease e a Flesch-Kincaid por serem duas das fórmulas mais difundidas e testadas no mundo. Essas fórmulas tendem a ser bastante úteis na análise da CT, pois podem ser consideradas um ponto de partida, um indicativo de que o texto pode ou precisa ser analisado em sua complexidade com vistas à posterior simplificação.

Antes de passarmos à história das fórmulas desenhadas por Flesch, vale ressaltar o conceito de **inteligibilidade**. Muito frequentemente, o termo ‘readability’, em inglês, é erroneamente traduzido por ‘legibilidade’ em português. Contudo, legibilidade diz respeito à tipografia de um texto, ou seja, à parte física do texto, suas letras, fontes, cores, números. Para que um texto seja legível, o leitor precisa converter, o mais rápido possível, os símbolos tipográficos em conceitos. No entanto, um texto pode estar legível, mas ser inteligível ao leitor. Isso porque a inteligibilidade de um texto (alguns autores preferem chamar de **leiturabilidade**), diz respeito à compreensão que o leitor faz daquele texto; ou seja, se ele é capaz de compreender a mensagem transmitida por determinado texto. Portanto, quando tratamos de ‘readability formulas’, estamos nos referindo a ‘fórmulas de inteligibilidade’ e não de legibilidade. Como afirma DuBay (2012, p. 7), “inteligibilidade é o que torna um texto mais fácil de ler do que outro e é frequentemente confundido com legibilidade, que diz respeito à tipografia e ao layout do texto”.

A Flesch Reading Ease foi criada por Rudolph Flesch há exatos 70 anos. Rudolph Flesch era precursor e defensor do *Plain English*, ou seja, uma linguagem mais clara, simples e acessível à população em geral, independente do seu grau de escolaridade. Ele estudou direito e era Ph.D. em inglês pela Universidade de Colúmbia. O **índice Flesch** foi criado em 1948 nos EUA do pós-guerra. Flesch trabalhava em uma fábrica americana e percebeu que, assim como ele, seus companheiros de fábrica também tinham dificuldade para compreender os manuais escritos em inglês utilizados no local de trabalho. Com o

intuito de medir a complexidade desse material e torná-lo mais acessível, Rudolph criou uma fórmula que media o grau de inteligibilidade de um texto. Posteriormente, essa fórmula passou a se chamar Índice Flesch ou *Flesch Reading Ease*, em inglês.

A fórmula:

$$\text{IFLF} = 206,835 - ((1,015 \times \text{comprimento médio da frase}) + 0,846 \times (\text{número de sílabas por 100 palavras}))$$

Note-se que o índice Flesch trabalha com as variantes “comprimento médio por frase” e “número de sílabas por palavra”. O índice tem 7 faixas de dificuldade de leitura, podendo variar de 0 a 100. Quanto maior for o índice, ou seja, mais próximo de 100, mais fácil de ler o texto; quanto mais próximo de 0, mais difícil.

Vale ressaltar que o índice Flesch não pode ser considerado um determinante absoluto do grau de dificuldade de um texto; ele pode, porém, ser considerado um indicativo de que o texto e suas métricas de complexidade precisam ser analisados mais a fundo, de modo a se determinar se um certo texto está ou não além das possibilidades de compreensão de um dado leitor. Em todos os testes que realizei para este projeto de pesquisa, o índice Flesch se mostrou uma excelente ferramenta de auxílio na análise da CT. O índice Flesch funcionou como uma espécie de alerta, sem ser, contudo, uma determinante, para que eu buscasse uma análise mais criteriosa da condição leitora do texto em questão.

O índice Flesch foi adaptado para a língua portuguesa por Martins, Teresa B. F., Claudete M. Ghiraldelo, Maria das Graças Volpe Nunes e Osvaldo Novais de Oliveira Junior, no ano de 1996, de forma que representasse a realidade das palavras e sílabas da escrita em português do Brasil (CUNHA, 2015, documento *on-line*).

A fórmula para o português é a seguinte:

$$\text{ILF} = 248.835 - [1.015 \times (\text{Número de palavras por sentença})] - [84.6 \times (\text{Número de sílabas do texto} / \text{Número de palavras do texto})]$$

Vale destacar que os números diferentes, estabelecidos pelos matemáticos brasileiros, procuram dar conta de todo um universo estatístico diferenciado. Esse universo é desenhado

pelo universo de distribuição de diferentes tipos de palavras, tamanhos de palavras e de frases do português escrito do Brasil.

Quadro 7 - Índice Flesch e grau de dificuldade de leitura (em português)

Valor do índice	Leitura do texto
90-100	muito fácil
80-90	fácil
70-80	razoavelmente fácil
60-70	padrão
50-60	razoavelmente difícil
40-50	difícil
0-30	muito difícil

Fonte: Finatto (2011).

A maioria dos índices que se sucederam ao índice Flesch tem como base a fórmula criada por Rudolph Flesch, como o índice Flesch-Kincaid, que recebe o nome de Rudolph Flesch e de seu criador, Peter Kincaid. O índice Flesch-Kincaid foi desenvolvido por Peter Kincaid a pedido da marinha americana. Foi primeiramente utilizado para testar a dificuldade de compreensão de manuais técnicos utilizados pelo exército. O índice Flesch-Kincaid é bastante útil por trazer um dado a mais: ele considera a dificuldade de compreensão da leitura por **grau de escolaridade do leitor**.

A fórmula:

$$ILFK = ((0,39 \times \text{média de palavras por frase}) + (11,8 \times \text{média de sílabas por palavra})) - 15,59$$

Veja no quadro 8 abaixo:

Quadro 8 - Índice Flesch-Kincaid por grau de escolaridade

Índice	Grau de escolaridade	Observações
90.0–100.0	5 anos de escolaridade	Muito fácil de ler. Fácil de ser

		compreendido por um aluno com aproximadamente 11 anos de idade.
80.0–90.0	6 anos de escolaridade	Fácil de ler.
70.0–80.0	7 anos de escolaridade	Razoavelmente fácil de ler.
60.0–70.0	de 8 a 9 anos de escolaridade	Linguagem simples. Fácil de ser compreendido por alunos entre 13 a 15 anos de idade.
50.0–60.0	de 10 a 12 anos de escolaridade	Razoavelmente fácil de ler.
30.0–50.0	Alunos universitários	Difícil de ler.
0.0 – 30.0	Graduados em universidades	Bastante difícil de ler. Compreendido somente por graduados em universidades.

Fonte: Finatto (2011).

Em resumo, as fórmulas Flesch Reading Ease e o Flesch-Kincaid são recursos interessantes para se iniciar a análise da complexidade de um dado texto. A partir dos resultados obtidos, o tradutor ou profissional do texto, terá subsídios para avançar em sua análise, seja ela manual ou por meio de ferramentas automáticas, em busca de dados que corroborem ou refutem o grau de inteligibilidade/complexidade encontrado pelas fórmulas. E apesar de receberem críticas de muitos estudiosos por considerarem que estas são limitadas e prescritivas, devo concordar com DuBay quando ele afirma que, embora algumas críticas sejam válidas e as alternativas propostas, como testes de usabilidade, sejam até mesmo necessárias, “[...] elas falham em fazer o que as fórmulas fazem: fornecer uma previsão objetiva sobre a dificuldade de leitura de um texto”. (DUBAY, 2012, p. 7)

6.2 A VISÃO MACRO DO TEXTO E AS MÉTRICAS DE COMPLEXIDADE TEXTUAL

E como mensuramos a provável complexidade/inteligibilidade de um texto além das fórmulas mencionadas na Seção 6.1?

É importante frisar que, embora as métricas de complexidade que veremos a seguir estejam associadas ao léxico e à sintaxe do texto e a aspectos específicos, que poderiam ser chamadas de estruturas microtextuais, para que possamos definir se um texto é complexo para um determinado leitor, é importante se ter uma visão macro desse texto. É preciso enxergar o texto como um conjunto dos elementos que o compõe, pois a CT não poderá ser medida por

um aspecto isolado. É um conjunto de métricas – não necessariamente todas elas – que determinará se o texto é potencialmente complexo ou não.

Nesse contexto, existem algumas medidas de análise lexical e sintática de um texto que podem ser mensuradas e, a partir delas, se avaliar o nível de complexidade de um dado texto. Essas medidas, chamadas por nós de **métricas de complexidade**, fazem parte da complexidade “interna” do texto. Em nossa pesquisa, utilizamos essas métricas para avaliar a complexidade de textos técnico-científicos, objeto de nosso estudo, mas estas podem ser utilizadas na análise da complexidade de outros tipos de textos, como os literários.

As **métricas de complexidade** incluem, mas não estão limitadas a:

- **muitas palavras** por frase;
- **frases muito longas**;
- a **extensão geral** do texto;
- a relação *type-token* (palavras novas versus palavras repetidas);
- o grau de **referência pronominal** (quanto mais frequente a substituição de substantivos por pronomes maior a complexidade);
- o uso de **terminologia específica** sem explicação – não compreensível por um leigo – ou um **vocabulário erudito/de baixa frequência** (incluindo elementos gramaticais, como conectores frasais raros), numa dada língua, que não faça parte do léxico do leitor.
- o uso de **abreviações e siglas**;
- o uso da **voz passiva** ao invés da ordem canônica (voz ativa);
- **verbos desnecessários** ou “escondidos” (Isso significa que precisamos realizar o cálculo de nossos gastos → Isso significa que precisamos calcular nossos gastos.);
- o uso de **advérbios longos** (principalmente terminados em -mente);
- o uso de **muitos adjetivos** na mesma frase (mais comum na língua inglesa que no português). (SILVA, 2018; UNITED STATES OF AMERICA, 2018).

Vale destacar que existem outras métricas que podem influenciar direta ou indiretamente a complexidade de um texto e que são mensuradas por ferramentas automáticas de análise textual, como no caso das ferramentas *on-line* Coh-metrix e o Coh-metrix-port (descritas no item 5.4 deste capítulo), que trabalham com 60 e 48 métricas, respectivamente. Contudo, a intenção com essa listagem é fazer uma relação das principais métricas, já compiladas por Silva (2018), e acrescentar outras que acredito serem relevantes para o português, descritas no *Federal Plain Language Guidelines* (UNITED STATES OF

AMERICA, 2018), de modo que o tradutor, ou outro profissional do texto, que tenha a tarefa da análise da complexidade e da posterior simplificação, consiga levantar dados suficientes e trabalhar com esses dados em vistas a uma simplificação consistente.

A seleção dessas métricas deu-se de modo empírico, pois foram testadas em diferentes tipos de textos durante o projeto do Edital 24 SEAD/UFRGS “**Complexidade textual em contraste inglês-português bases para a elaboração de atividade EaD para a formação de tradutores na UFRGS**”, projeto em que fui bolsista durante todo o ano de 2017. Na PARTE 2 desta dissertação explicarei como se deu esse processo.

6.3 AS FERRAMENTAS AUTOMÁTICAS DE ANÁLISE DA COMPLEXIDADE DE UM TEXTO

Os softwares Coh-metrix (versão inglês)²⁸ e Coh-metrix-port (versão português)²⁹ possuem versões gratuitas disponíveis na Internet e utilizam o índice Flesch como base e uma das métricas de análise. Ambos utilizam ferramentas e recursos PLN (Processamento de Linguagem Natural) para permitir a extração de métricas textuais que podem ser utilizadas para auxiliar na análise automatizada da inteligibilidade de um texto. Ao basearem-se no Índice Flesch, essas ferramentas tecnológicas disponibilizam resultados que indicam o nível de adequação dos textos submetidos. Além da indicação do índice supracitado, ambas as ferramentas detalham categorias que podem identificar complexidades textuais de ordem estrutural. Elas calculam índices que interferem na coesão, coerência e complexidade de um texto (FINATTO, 2011) como, por exemplo, a incidência de advérbios, de palavras de conteúdo, de palavras funcionais, de substantivos, de pronomes, número de palavras por sentença, número de sílabas por palavra, entre muitas outras. A versão em português 2.0³⁰ conta com 48 métricas de análise e a versão em inglês com 60. A versão brasileira foi uma adaptação do Coh-metrix em inglês, um projeto do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) da Universidade de São Paulo (USP). Ambas as ferramentas requerem cadastro, login e senha.

²⁸ Para acessar a ferramenta Coh-metrix, utilize o endereço: <<http://cohmetrix.memphis.edu/>>.

²⁹ Para acessar a ferramenta Coh-metrix-port, utilize o endereço: <<http://143.107.183.175:22680/>>.

Figura 23: Análise parcial de um texto sobre a Doença de Parkinson realizada no Coh-metrix-Port

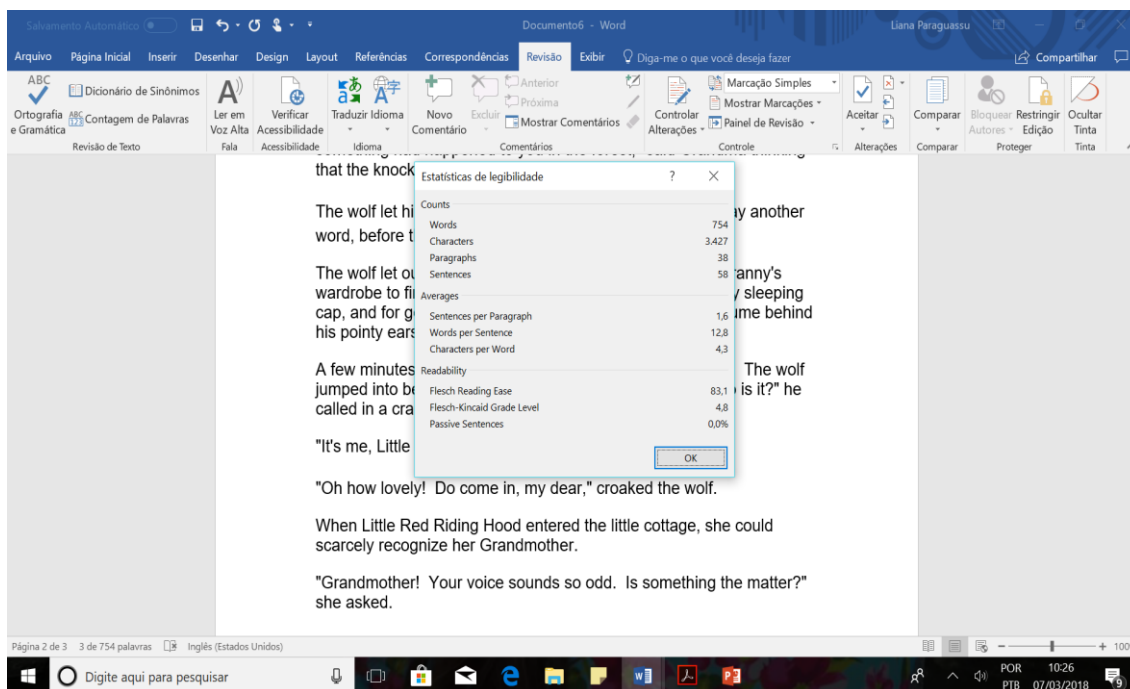
Basic Counts	
Adjective incidence	155.340
Adverb incidence	48.544
Content word incidence	631.068
Flesch index	20.122
Function word incidence	359.223
Mean sentences per paragraph	1.667
Mean syllables per content word	3.154
Mean words per sentence	20.600
Noun incidence	291.262
Number of Paragraphs	3.000
Number of Sentences	5.000
Number of Words	103.000

Export as Close

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Ambas as versões dessa ferramenta tecnológica oferecem análises completas e complexas, mas, atualmente, existem análises de inteligibilidade em versão simplificada que podem ser realizadas em outros softwares, como o Word da Microsoft. O Word oferece algumas métricas de análise, como número de palavras no texto, número de caracteres, número de parágrafos, número de frases, número de frases por parágrafo, palavras por frase, caracteres por palavra, índice Flesch, índice Flesch-Kincaid e percentual de voz passiva. A ferramenta do Word pode ser extremamente útil para quem deseja ter um ponto de partida para sua análise, pois ela fornece dados básicos que influenciam na inteligibilidade de um texto. A partir desses dados, o profissional do texto pode decidir explorar outras medidas e métricas e utilizar ferramentas mais completas como o Coh-metrix e Coh-metrix-Port. A seguir temos a figura 24 que ilustra as métricas oferecidas pelo Word.

Figura 24: Análise do texto em inglês “Little Red Riding Hood” realizada no Word



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

6.4 OS DIFERENTES GRAUS DE COMPLEXIDADE CONFORME O PÚBLICO LEITOR

Quando analisamos a provável complexidade de um texto e aplicamos todas as métricas e fórmulas mencionadas anteriormente, obtemos um resultado relativo, uma vez que, sem a figura do leitor, não temos termo de comparação para saber se o texto é realmente complexo para quem irá lê-lo. Podemos dizer que, em tese, um texto é complexo por si só se, por exemplo, obtivermos um índice Flesch próximo a zero, ou abaixo de 30, pois, de acordo com os índices Flesch e Flesch-Kincaid, o texto seria, em tese, “difícil de ler” e “compreensível somente para pessoas com nível universitário”.

Desse modo, um dado texto de Medicina poderá ser classificado em nossas análises textuais com o potencial mais alto grau de complexidade de acordo com os índices de inteligibilidade; contudo, se o leitor desse texto for um médico especializado no assunto, para ele, o texto será acessível. Por outro lado, se tomarmos esse mesmo texto, cujos índices indicam que só poderá ser compreendido por uma pessoa com terceiro grau completo e o apresentarmos para um advogado, são grandes as chances de que o texto será ininteligível para ele.

Vale frisar, portanto, que quando trabalhamos com a análise da CT, e uma potencial simplificação, precisamos ponderar duas variantes: o meu público é de escolaridade limitada ou somente leigo?

Um público de escolaridade limitada tende a ser leigo em grande parte dos assuntos especializados; no entanto, não podemos esquecer que um mecânico, por exemplo, por conhecer o jargão da profissão, tende a compreender melhor um manual técnico de um veículo do que um enfermeiro com terceiro grau e possíveis especializações em sua área. Da mesma forma, se o público leitor for formado somente por pessoas com terceiro grau completo, é preciso saber se o assunto a que essas pessoas serão expostas lhes é familiar. Não adianta termos um grupo de médicos e, portanto, pessoas com alto grau de escolaridade e letramento, e quisermos falar sobre como consertar o motor de um carro da mesma forma como falaríamos com um engenheiro.

É claro que o grau de letramento do leitor e sua capacidade de abstração e de compreender informações totalmente novas influenciará em sua capacidade de compreensão; contudo, o que vejo como imprescindível na CT, ST e ATT é termos bem delimitado o público a que o texto será dirigido de modo que se possa ponderar todas as variáveis que podem influenciar na inteligibilidade do texto.

6.5 A COMPLEXIDADE TEXTUAL NOS TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS E EM OUTROS TEXTOS

Os textos técnico-científicos, como forma escrita de comunicação especializada, têm suas peculiaridades, que, em maior ou menor grau, podem causar estranhamento e dificuldade de compreensão em leitores leigos e de escolaridade limitada.

Os textos técnico-científicos são mais complexos que outros tipos de textos como, por exemplo, os textos literários? Para tentar responder a esta pergunta, analisei 3 diferentes textos conforme os índices Flesch e Flesch-Kincaid, como mostro a seguir.

O que podemos afirmar, de antemão, é que, sendo os textos técnico-científicos formados tanto pelo léxico geral quanto pelo léxico especializado, por meio de termos, tendo essas palavras ganhado status de termo por meio de um uso em um contexto específico – como afirma Cabré, quando refere-se às unidades terminológicas “como unidades de significado especial” e acrescenta que “[...] toda unidade lexical tem potencial para ser uma unidade terminológica” (CABRÉ, 2003, p.190), como quando a palavra “água” ganha status de termo em um contexto especializado da área de meio ambiente – ou tendo sido esses

termos cunhados especificamente para uso especializado, como é muito comum na medicina (neuropatia, biópsia, etc.), os textos de comunicação especializada frequentemente fazem uso de uma linguagem de baixa frequência, ou seja, pouco utilizada na comunicação do dia a dia, por meio de uma terminologia e conceitos muito específicos, muitas vezes compreensíveis somente por quem conhece o assunto.

Por outro lado, se pensarmos em diferentes textos literários, não raro percebemos que estes também podem ser extremamente complexos e conter vocabulários que, a despeito de não serem considerados técnicos, podem ser eruditos, de baixa frequência, causando dificuldade de compreensão por parte do leitor. Sem falar da licença poética dos autores, que muitas vezes permite que o texto seja construído de forma pouco usual para um leitor não muito acostumado à leitura. Por esta razão, qualquer leitor que já tenha se encorajado a ler alguns dos maiores clássicos da literatura brasileira e universal já experimentou dificuldade de compreensão em diferentes graus.

A seguir trago dois exemplos de textos clássicos, uma passagem do prólogo de *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, e um trecho de *Vidas Secas*, de Guimarães Rosa, além de um texto sobre a temática da Doença de Parkinson escrito para um público de especialistas e/ou semiespecialistas, com o intuito de fazer uma breve análise comparativa de seus graus de complexidade.

A intenção não é fazer uma análise detalhada das características textuais de cada texto e de seus fatores de complexidade, mas sim exemplificar que um texto literário pode ser tanto quanto ou quase tão complexo quanto um texto técnico-científico se este possuir um vocabulário erudito e de baixa frequência, além de outras características léxico-sintáticas complexas. Vale mencionar que o nível de erudição e baixa frequência de um dado vocabulário pode ser verificado com ferramentas de corpora, como o *corpus BYU*.³¹ Na parte em que relato nosso projeto patrocinado pela SEAD/UFRGS com alunos do curso de Tradução, trarei alguns exemplos.

Os textos, todos eles voltados para o público adulto, tiveram seus índices Flesch e Flesch-Kincaid, tratado anteriormente neste capítulo, mensurados.

³¹ DAVIS, M. **BYU corpora**. c2004. Disponível em: <<https://corpus.byu.edu/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

Quadro 9 - Comparativo dos índices de inteligibilidade (complexidade) de três tipos distintos de texto

<p>TEXTO DOENÇA DE PARKINSON. <u>ÍNDICE FLESCH: 20.122</u> Muito difícil de ler</p>	<p>TRECHO PRÓLOGO O NOME DA ROSA. <u>ÍNDICE FLESCH: 33.513</u> Difícil de ler</p>	<p>TRECHO VIDAS SECAS. <u>ÍNDICE FLESCH: 56.551</u> Razoavelmente fácil de ler.</p>
<p>Disponível em: https://www.einstein.br</p>	<p>Disponível em: http://biblioteca.folha.com.br</p>	<p>Vidas Secas, Graciliano Ramos, 2003, p. 7, 89ª ed.</p>
<p>A Doença de Parkinson é uma doença degenerativa do sistema nervoso central, crônica e progressiva. É causada por uma diminuição intensa da produção de dopamina, que é um neurotransmissor (substância química que ajuda na transmissão de mensagens entre as células nervosas).</p> <p>A dopamina ajuda na realização dos movimentos voluntários do corpo de forma automática, ou seja, não precisamos pensar em cada movimento que nossos músculos realizam, graças à presença dessa substância em nossos cérebros. Na falta dela, particularmente numa pequena região encefálica chamada substância negra, o controle motor do indivíduo é perdido, ocasionando sinais e sintomas característicos, que veremos adiante.</p>	<p>No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto a Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto a Deus e dever do monge fiel seria repetir cada dia com salmodiante humildade o único evento imodificável do qual se pode confirmar a incontrovertível verdade. Mas videmus nunc per speculum et in aenigmate e a verdade, ao invés de cara a cara, manifesta-se deixando às vezes rastros (ai, quão ilegíveis) no erro do mundo, tanto que precisamos calculá-lo, soletrando os verdadeiros sinais, mesmo lá onde nos parecem obscuros e quase entremeados por uma vontade totalmente voltada para o mal.</p>	<p>Ele vem caminhando. Aí está ele! Vem vindo! Talvez você o conhecesse. Ele vem vindo. O Sol escaldante queima o olhar. O mormaço ocupa o espaço do ar para se respirar. Ele vem vindo. Não está só. Ao seu lado, acompanham quatro vultos. Sombras sobre sombras caminham. Um gemido! Uma de suas crias sem forças para andar caiu colando seu rosto nos cavacos de terra esturricados. Está a gemer. O homem brutal sem nada a dizer tenta reanimar o frágil desfalecido. Passa a lhe bater com a bainha de sua lâmina. — único método de seu conhecimento. Arrependeu-se. Baleia, a Cadela, que não é magricela apesar de [...] também não é sarnenta,</p>

		bernenta e nem rabugenta. Parece a mais animada do grupo. Talvez por ser um animal? Corre a frente! Com forças para latir. Corre para aonde? — o que poderá saber um animal para aonde vai? Acompanha os donos.
--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Note-se que este pequeno trecho de “O Nome da Rosa” é considerado, pela ação de ferramentas que apontam as medidas de Flesch, difícil de ler. Em uma análise rápida, podemos perceber um vocabulário de extrema baixa frequência, com palavras como ‘salmodiante’, ‘incontrovertível’, além de expressões em latim sem tradução ou explicação. Por outro lado, “Vidas Secas”, de acordo com o índice Flesch mensurado, é considerado um texto razoavelmente fácil de ler. Ao compararmos os dois romances por meio da leitura desses trechos, pode-se verificar que o índice Flesch consegue representar, em boa medida, esses diferentes graus de dificuldade de leitura. Em Vidas Secas, temos uma construção textual mais simples, com frases mais curtas, mas, principalmente, nota-se que seu vocabulário é mais acessível, com palavras de uso mais frequente. Ainda, quando comparamos o texto especializado com os outros dois textos literários, percebemos que a dificuldade de leitura, tomando como ponto de referência o “não especialista”, é ainda maior. Além dos elementos sintáticos, o vocabulário de baixa frequência, com termos destinados à comunicação profissional, como dopamina, sistema nervoso central, neurotransmissor, para citar alguns exemplos, dificulta a leitura por quem não está habituado à terminologia médica. Neste contexto, vale mencionar que o texto especializado costuma ser uma fonte de dificuldade para o leitor, mas não é a única. Como pudemos perceber pelos exemplos, os textos literários também podem apresentar um alto grau de inteligibilidade e, portanto, serem passíveis de simplificações com vistas à acessibilidade para determinados grupos leitores, como já acontece com os clássicos que são adaptados para o público infantil ou de menor escolaridade.

6.6 O TRADUTOR E A COMPLEXIDADE TEXTUAL (CT)

Nesse particular, o profissional tradutor, ao lidar com textos científicos ou técnicos, em diferentes línguas, geralmente não é especialista nas áreas tratadas nos textos, e tende a experimentar a CT de um modo bastante peculiar, sendo a sua experiência de trabalho em dada temática técnico-científica o diferencial para seu sucesso. Entretanto, para um tradutor em formação, que também está aperfeiçoando seus conhecimentos na língua estrangeira e na redação técnico-científica em português, enfrentar um artigo científico sobre, por exemplo, a Doença de Parkinson em inglês e transpô-lo para o português será um desafio importante. Nesse desafio, há culturas e estilos de escrita científica em cada cultura/idioma, conectados à área de conhecimento e aos estilos dos autores do texto, além de padrões estruturais/redacionais mais ou menos complexos. Uma miríade de elementos. Além da complexidade enfrentada pelo tradutor, ele deve ainda pensar em quem será o leitor de seu texto. Hoje, com a popularização da Internet e a facilidade de acesso à informação, o leque de leitores, com diferentes perfis, foi ampliado. O tradutor, portanto, deve ser capaz de trabalhar com essa gama de leitores e seus diferentes níveis de conhecimento sobre o assunto.

7 O PROCESSO DE SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL

A simplificação de um texto pode servir de atalho para a construção de um conhecimento ad hoc, uma porta de acesso para algo que seja demasiado complexo em determinado momento da trajetória de aprendizagem de um indivíduo. Esse acesso facilitado inicial também poderia funcionar como um ponto motivador para o cidadão querer buscar mais letramento. (FINATTO; EVERS; STEFANI, 2016, p. 139)

A Simplificação Textual pode ser compreendida como um processo, como uma ação de reformulação, pelo qual o texto é submetido de modo a se tornar mais simples e acessível a um determinado público leitor. Por ser um processo de reformulação textual, a ST, como vimos na Seção 4.4, também pode ser entendida como uma forma de tradução intralinguística.

Existem muitas características textuais que podem ser modificadas para tornar um texto mais inteligível e compreensível, incluindo sua apresentação, o uso de figuras e recursos gráficos. Contudo, para fins deste trabalho, nos deteremos em três ações principais: a simplificação do texto por meio da simplificação lexical (com ênfase para a terminologia por estarmos tratando de textos técnico-científicos), da simplificação sintática e da simplificação de conteúdo.

A simplificação lexical consiste em analisar o léxico de um texto, avaliar se este é adequado ao grupo de leitores a que se destina e, caso não seja, aplicar medidas simplificadoras que tornem esse vocabulário mais acessível ao público leitor. Como explica Saggion (2017, cap. 2, p. 2), a simplificação lexical tentará ou modificar o vocabulário do texto escolhendo palavras que sejam mais adequadas ao leitor-alvo ou incluirá explicações ou definições àquele vocabulário que não possa, por qualquer razão, ser substituído. Vejamos a seguir dois exemplos de simplificação lexical, por substituição (1) e por explicação (2).

Ex. 1: O passeio estava magnífico. → O passeio estava ótimo.

Ex. 2: O paciente está com cálculo renal. → O paciente está com cálculo renal, doença mais popularmente conhecida como pedras nos rins.

A simplificação sintática, por sua vez, trata de questões estruturais do texto que possam ser potencialmente complexas, trazendo dificuldade de leitura. Por exemplo, uma frase em voz passiva (1), que pode ser potencialmente mais difícil de ler por determinados grupos de leitores, pode ser transformada em voz ativa, que costuma ser mais fácil de compreender, pois o sujeito da ação fica mais evidente. Prova disso é que muitos dos livros

infantis costumam ter seus textos escritos em voz ativa. Outros exemplos de alterações sintáticas com vistas à simplificação podem incluir a transformação de orações subordinadas (2) em frases independentes e mais curtas, facilitando para o leitor a identificação dos agentes da frase.

Ex. 1: O Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. → Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil. Voz passiva → voz ativa

Ex. 2: A menina que é muito estudiosa passou de ano. → A menina é muito estudiosa. A menina passou de ano. Orações subordinadas → orações independentes.

Já a simplificação de conteúdo visa a selecionar o conteúdo mais relevante ao grupo de leitores-alvo. Esta é a parte mais subjetiva da simplificação e requer que quem simplifica o texto conheça bem o grupo de leitores ao qual o texto se destina, sendo vital compreender bem o tema que está sendo tratado. Quando o grupo de leitores é amplo e genérico, esta tarefa torna-se ainda mais complexa, pois uma dada informação pode não ser relevante para um grupo de leitores X, mas pode ser relevante para outro grupo de leitores Y. A seleção de conteúdo com vistas à simplificação deve, portanto, seguir critérios pré-estabelecidos e bem definidos de forma a evitar que informações importantes sejam eliminadas do texto. Mas, ainda assim, uma boa dose de empatia é fundamental para o processo ter êxito.

Os critérios de simplificação de conteúdo devem estar em consonância com os objetivos de quem simplifica o texto, que, por sua vez, deve ter conhecimento das necessidades de quem lerá esse texto. É importante lembrar que existem diferentes níveis de simplificação de um texto. Podemos desejar simplificar um texto de conteúdo extremamente especializado da área médica para outros profissionais da área de Saúde que não sejam médicos, por exemplo. Esses profissionais provavelmente terão algum conhecimento da terminologia e da forma como os textos médicos são estruturados sintaticamente, tendo mais capacidade de compreensão do assunto do que um leigo ou que uma pessoa de escolaridade limitada.

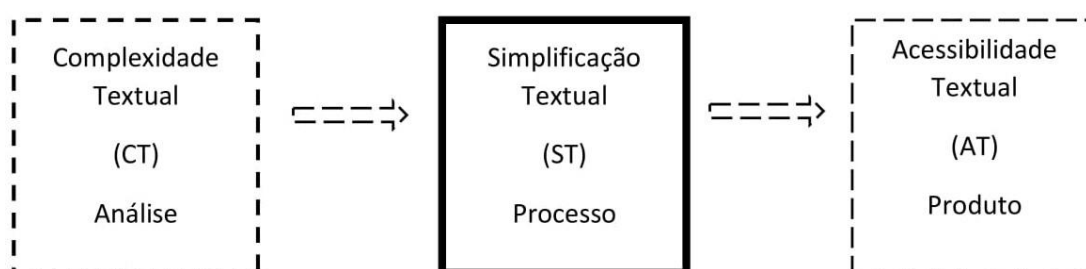
A Simplificação Textual (ST) é, portanto, um processo, um conjunto de ações a serem realizadas após a análise ou estimativa da potencial complexidade ou da inteligibilidade de um texto. O texto em questão deve ser reformulado de acordo com o perfil do público leitor e com o propósito da comunicação. Com dados de análises adquiridos de forma empírica ou fornecidos por ferramentas de análise tecnológicas, como o Coh-matrix, conseguimos decidir melhor quais ações deverão ser tomadas de modo a simplificar um dado texto.

O processo de simplificação de um texto, que se apresente, em tese, originalmente complexo, envolve muitas variantes. Especialmente aqueles de temática técnico-científica, cujos termos especializados precisam ainda ser explicados sem que a informação técnica ou científica se perca. Se bem-sucedido, o processo de Simplificação Textual (ST) gera um texto potencialmente acessível para o leitor e, conseqüentemente, o conhecimento será transmitido de maneira condizente com o nível de escolaridade ou grau de letramento do mesmo.

Vale frisar que não existe uma fórmula “mágica” que garanta o sucesso de uma simplificação textual. Existem, sim, apoios para a tomada de decisão do tradutor/redator. Por exemplo: testes que podem ser realizados após a simplificação, de modo a verificar se os índices anteriores, pré-simplificação, foram alterados, reduzindo-se a complexidade do texto de acordo com as métricas referidas. Contudo, conforme antes mencionado, existem muitas variáveis implicadas nos perfis de leitores e somente uma testagem empírica (redator+ texto(s) reescrito(s)+ leitor-alvo) poderá aferir de maneira mais precisa se o resultado da simplificação produziu um texto suficientemente acessível para o leitor em questão.

O esquema abaixo representa a continuação do trinômio tratado neste trabalho e cuja temática agora é a Simplificação Textual. A ST é percebida aqui como um processo de adaptação do texto, ou, no caso da tradução, como um processo de tradução intralinguística, com vistas à acessibilidade, que poderá ou não se concretizar dependendo do grau de compreensão desse novo texto por parte do leitor-alvo, conforme Figura 25:

Figura 25: A Simplificação Textual como processo



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

No quadro 10, faço uma compilação de algumas possíveis medidas e estratégias simplificadoras baseadas nas métricas apresentadas no Projeto de Pesquisa do edital 23 da SEAD/UFRGS (2017), intitulado “Vocabulário, Complexidade Textual e Compreensão de

Leitura em Ambientes Digitais de Ensino”, e no *Federal Plain Language Guidelines 2018* (UNITED STATES OF AMERICA, 2018).

Quadro 10 - Métricas e estratégias simplificadoras

RESUMO DE ALGUMAS POSSÍVEIS MEDIDAS E ESTRATÉGIAS SIMPLIFICADORAS

- Utilizar voz ativa (ordem canônica - SVO: sujeito + verbo + objeto) – Joana escreveu o livro.
- Substituir pronomes por substantivos – Ele foi à feira para acompanhá-la. → João foi à feira para acompanhar Carolina.
- Preferir frases mais curtas.
- Utilizar advérbios mais curtos e/ou frequentes, evitando os advérbios terminados em -mente. Ex. infelizmente, copiosamente, etc.
- Evitar o excesso de adjetivos na mesma frase. Amanda era bela e inteligente, mas teimosa e braba como uma leoa.
- Simplificar a terminologia. Procurar usar palavras de maior frequência ou explicar a terminologia.
- Repetição de palavras, quando apropriado, para proporcionar maior clareza. Uso de anáfora.



Fonte da figura: Fernandes (2018, documento *on-line*).

Fonte: Elaborado pela autora com base no Projeto do Edital 23 SEAD/UFRGS e *Federal Plain Language 2018* (UNITED STATES OF AMERICA, 2018).

7.1 MEDIDAS E ESTRATÉGIAS POTENCIALMENTE SIMPLIFICADORAS

Como mencionamos anteriormente, o processo de Simplificação Textual (ST) requer uma série de medidas e ações que aqui chamaremos de **medidas e estratégias simplificadoras**, lembrando que essas medidas e estratégias são potencialmente capazes de simplificar um texto, se adotadas de maneira criteriosa, mas não são garantia de que o texto será simplificado de fato. Essas medidas podem ser de ordem lexical, sintática ou de conteúdo, e o conjunto delas tem por objetivo obter um texto simplificado e acessível a um determinado público leitor. Nesta seção, trataremos de algumas dessas medidas, mas não

temos a pretensão de listar todas as medidas simplificadoras reconhecidas na bibliografia sobre o tema. Afinal, seria impossível esgotar todas as possibilidades de simplificação de um texto.

7.1.1 Medidas e estratégias de ordem lexical: por substituição

A simplificação lexical por substituição visa a substituir palavras complexas por equivalentes, em tese, mais fáceis de ler e compreender. Isso deve ser feito sem alterar-se, significativamente, um significado original do texto. Do ponto de vista da Linguística de Saussure, isso seria impossível, visto que cada unidade é o que uma outra não é. E aqui já há um dilema para o redator, se ele for um linguista. No caso dos termos técnicos, a precisão terminológica muitas vezes primada pelos especialistas deve receber redobrada atenção, pois nem sempre o que parece um sinônimo para um leigo será para o especialista. No decorrer desta Seção farei alguns experimentos com simplificações de ordem técnico-científicas. Essas simplificações receberam o aval de um especialista da área (médico), mas, como sabemos que isso nem sempre é possível, a recomendação é que o redator/tradutor faça o máximo esforço para preservar ou para não “deturpar” o sentido construído pelo especialista. Por esta razão, a simplificação lexical não se limita apenas à substituição, que veremos a seguir, mas também, como mostrarei no item 7.1.2, existe a possibilidade da simplificação por explicação, quando o termo em si não é substituído por outro, mas sim explicado ao leitor.

Em nossa pesquisa, as terminologias ganham destaque, uma vez que trabalhamos com textos técnico-científicos sobre a temática da Doença de Parkinson (DP). Contudo, a simplificação de ordem lexical vai além dos termos técnicos. Um vocabulário geral, mas erudito, de palavras de baixa frequência, ou advérbios complexos, como os terminados em -mente, também podem ser fatores complicadores de um texto e receber atenção em vistas à simplificação. Como explica Saggion (2017, p. 24), a simplificação lexical lida com duas questões: primeiro, encontrar um sinônimo, dentre um certo número de candidatos, que dê conta do significado; segundo, encontrar um sinônimo que seja mais fácil de compreender que a palavra original.

Vale mencionar, ainda, que a avaliação de se uma palavra ou um termo é complexo é relativa, pois uma palavra pode ser complexa para um leitor X e compreensível para um leitor Y. Contudo, sabemos que o léxico é formado por palavras de uso mais frequente e

genérico e, portanto, com maior potencial de compreensão, e palavras de uso mais restrito, como no caso do léxico especializado (termos), que se configura na comunicação profissional. É comum que a potencial complexidade ou simplicidade de uma palavra esteja diretamente ligada à sua frequência. Quanto mais frequente a palavra, e, portanto, mais utilizada ela for, maior a probabilidade de o leitor já conhecê-la ou tê-la usado. Por isso, os dicionários e os *corpora* são importantes ferramentas para a simplificação lexical. O dicionário serve para que o autor do texto simplificado procure por sinônimos e possíveis candidatos a substitutos da palavra a ser simplificada.

Existem inclusive pesquisas léxico-estatísticas que produzem listas de palavras mais frequentes em cada idioma. Biderman, em um artigo intitulado ‘A ciência da lexicografia’ de 1984, relata um experimento realizado no ano de 1972 por John C. Duncan, *Frequency Dictionary of Portuguese Words* (BIDERMAN, 1984, p. 19), em que o autor, com base na Linguística de *Corpus* e diferentes tipos de *corpora* (textos literários de diferentes gêneros; textos de jornais e revistas e textos técnico-científicos) gera listas das palavras mais frequentes do português, incluindo palavras instrumentais (artigos, numerais, etc.) e palavras de significação plena (substantivos, verbos, etc.).

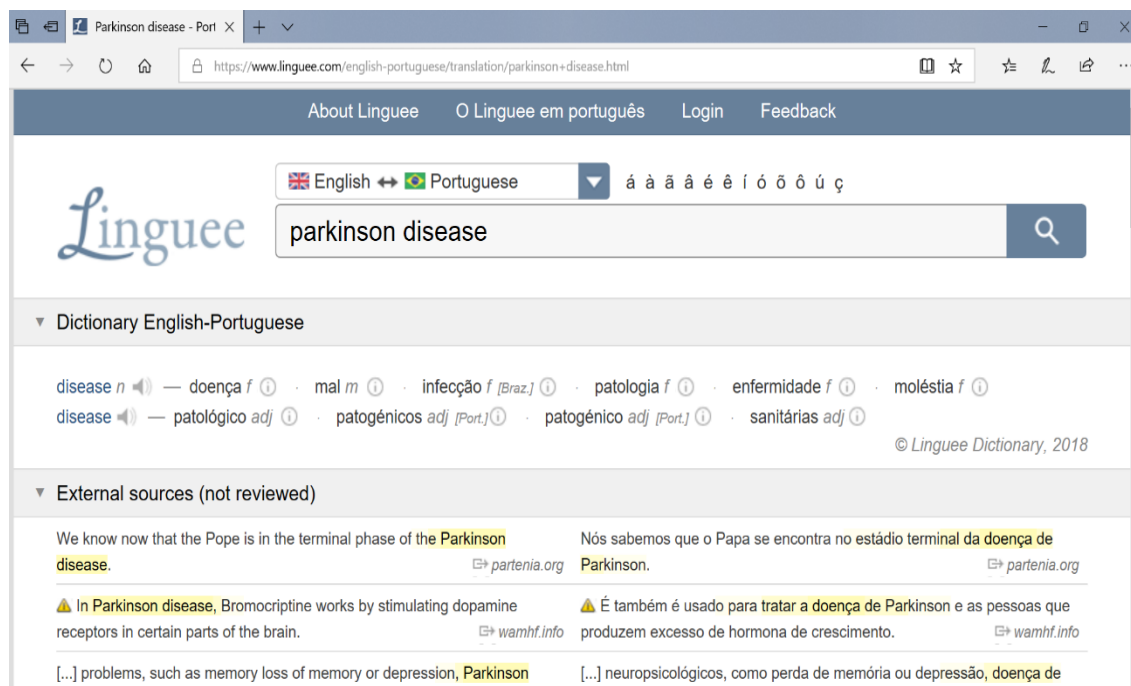
Em 1984, experiência similar foi realizada pelo Instituto Nacional de Investigação Científica de Lisboa. O *corpus* de pesquisa possuía 700.000 ocorrências coletadas por meio de entrevistas com 1.400 participantes. O objetivo era estabelecer as palavras mais frequentes do português (europeu) oral. O resultado foi uma lista com 2.217 palavras de uso comum. No âmbito do inglês, existem ainda pesquisas que demonstram que se um leitor tiver um vocabulário de 5.000 palavras mais frequentes, ele conhecerá apenas 5,77% dos lexemas da língua; contudo, será capaz de compreender 89% de qualquer texto (BIDERMAN, 1984, p. 21). Para quem trabalha com simplificação textual, essas pesquisas são de extrema relevância, pois podem servir como um ponto de referência do que pode ser considerada uma linguagem simples ou acessível para um leitor de escolaridade média e que caminhos seguir na busca por palavras mais acessíveis ao seu leitor, sendo as listas de palavras mais frequentes de um idioma uma boa fonte de consulta.

Além das pesquisas em *corpora* e das listas de palavras mais frequentes, diferentes dicionários, tanto impressos quanto *on-line*, de procedência confiável e reconhecida, podem ser um bom auxílio na busca por candidatos à simplificação. O Linguee³² pode ser uma boa

³² LINGUEE. c2018. Disponível em: <<https://www.linguee.com/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

opção, por ser um dicionário bilingue *on-line* que trabalha com diversos pares de idiomas, além de trazer informações gramaticais e o contexto de uso das palavras.

Figura 26: Pesquisa realizada no Linguee com a temática de nossa pesquisa em DP



Fonte: Linguee (c2018, documento *on-line*).

O Linguee, como todo dicionário, tem suas vantagens e desvantagens. As principais vantagens são a facilidade de ele ser *on-line* e poder ser acessado de qualquer lugar por qualquer pessoa com acesso à Internet. A segunda vantagem é que o Linguee fornece, além de sinônimos, exemplos de uso reais com base em uma infinidade de textos (*corpora*). É como se a ferramenta fosse um enorme *corpus* com uma busca facilitada por termos. Ademais, o Linguee não é apenas um dicionário do léxico geral, mas é também um dicionário técnico nas mais variadas áreas de conhecimento.

A desvantagem é que, como o próprio site informa, as fontes externas não são verificadas; portanto, nem sempre as informações trazidas nesses exemplos de uso são precisas e corretas. Além disso, o Linguee não fornece muitas informações gramaticais sobre as palavras pesquisadas, limitando-se à classe gramatical, ao gênero e à forma no plural e no singular. Apesar de as fontes não serem verificadas, a ferramenta fornece a fonte do texto por meio de um link. Dessa forma, o próprio pesquisador pode verificar se a origem do texto é de uma fonte aceitável ou não.

Em um segundo momento, após a seleção de candidatos à substituição da palavra/termo considerado complexo, é importante que se verifique se essa palavra é de uso frequente, tendo, assim, mais chances de ser uma palavra de fácil compreensão. Para isso, o uso de *corpora* pode ser uma excelente ferramenta de auxílio.

A partir disso, fica a pergunta, e, como fazer, para o português do Brasil? A seguir, trazemos uma sugestão.

Vejamos o exemplo a seguir com parte de uma definição bem resumida da Doença de Parkinson fornecida pelo médico Dr. Ricardo Eizerik Machado, CRM RJ 52-0110079-3, elaborada no dia 10/08/2018:

Parkinson é uma patologia neurológica crônico-degenerativa idiopática.

Não é preciso uma análise minuciosa para saber que esta é uma definição extremamente especializada e que somente profissionais da área médica e/ou de Saúde teriam condições de dominar essa terminologia. Neste momento, utilizarei somente a primeira parte da definição para exemplificar a simplificação lexical por substituição com o uso de dicionários e *corpora*, mas até o final desta seção, simplificarei esta frase utilizando o conjunto de estratégias simplificadoras aqui apresentadas.

Parkinson é uma **patologia**.

O que nos interessa nesta frase é o termo ‘patologia’ por ser um termo especializado da área médica. Se utilizarmos um corpus geral, como o corpus do português criado por Mark Davies, BYU,³³ podemos descobrir a frequência de uso do termo ‘patologia’ de modo a verificar se é um termo de uso comum e frequente ou não e, posteriormente, encontrar um sinônimo mais acessível ao nosso público leitor.

Vale salientar que está é apenas uma exemplificação do que é possível fazer para se verificar a frequência de determinada palavra/termo e na busca por sinônimos de maior frequência, e que o intuito aqui foi descobrir a frequência de uso deste termo em um ambiente não estritamente especializado. Por isso utilizei um corpus geral e abrangente, que pode incluir textos especializados e semiespecializados, mas que não foi construído

³³ O corpus do português Mark Davis, BYU. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/>>, está dividido em duas partes: o corpus Genre/Historical, com 45 milhões de palavras, e o corpus Web/Dialects, com mais de 1 bilhão de palavras.

exclusivamente com textos de áreas da Saúde. Assim, como podemos ver na figura abaixo (Figura. 27), é possível verificar que ‘patologia’ é uma palavra de baixa frequência e que, como mostra a Figura 28, aparece somente em contextos especializados.

Figura 27: Pesquisa sobre a frequência do termo ‘patologia’ no corpus geral *on-line* BYU-Português

The screenshot shows the 'FREQUENCY' tab of the Corpus do Português website. The search results table is as follows:

	CONTEXT	FREQ
1	PATOLOGIA	99

Additional information visible: ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500. A progress bar indicates 3.000 seconds.

Fonte: Davis (c2018, documento *on-line*).

Figura 28: Contexto do termo ‘patologia’ no corpus BYU-Português

The screenshot shows the 'CONTEXT' tab of the Corpus do Português website. The results are filtered for the section '1800s,1900s (99)'. The table below shows the first 15 results:

Item	Source	Context
1	19:Fic:Br:Vieira:Mais	A B C Durante aquele período de quatro anos conseguiu desenvolver uma clínica regular. O lente de Patologia Geral era moço, não pensava em aposentar-se; de modo qu
2	19:Fic:Br:Rio:Alma	A B C anseiam pelo juízo da rua, pela aprovação da via pública, e há na patologia nervosa uma vasta parte em que se trata apenas das moléstias produzidas pela rua,
3	19:Fic:Br:Barreto:Caminha	A B C e vai defender-se.. " Senhor Presidente ", começou, " há uma patologia social como há uma individual.. " Em resumo: o seu discurso afirmava que
4	19:Fic:Br:Barreto:Urbana	A B C , mas como boticário. O que ele sabe não é anatomia, não é patologia , não é terapêutica, não é botânica, não é química. Ele sabe
5	19:Fic:Br:Cunha:Setoos	A B C a ação exclusiva dum clima tropical. Esta exercita-se, sem dúvida, originando patologia sui generis, em quase toda a faixa marítima do Norte e em grande parte
6	19N:Br:Bahia	A B C , Darwin (1809-1882) sofreu, antes dos 20 anos, duma misteriosa patologia debilitante, que alguns médicos julgaram ser uma má formação do sistema nervoso, outr
7	19N:Br:Bahia	A B C e gota. # Os pesquisadores afirmam que se tratou, provavelmente, duma patologia mental que provocava ataques de pânico, agravados por agorafobia, o medo de s
8	19N:Br:PA	A B C , e esses podem morrer. # Para contra-atacar o que o médico classifica como patologia do trânsito, só mesmo a conscientização dos motoristas através de programa
9	19N:Br:Recf	A B C existência do vírus da raiva em seu cérebro, serão realizados hoje pelo Laboratório de Patologia Animal (Lapa), do Ministério da Agricultura, único de referência em P
10	19N:Br:SP	A B C sido a certeza da impunidade. Ele não crê que eles tenham algum tipo de patologia . " Pode ser até que um ou outro apresente um transtorno psiquiátrico, mas
11	19N:Br:Folha	A B C único do seu primeiro artigo, ele afirma que os candidatos não podem apresentar patologia com perspectiva presente, de incapacidade no futuro. nbr-fol-618# Os l
12	19N:Br:Folha	A B C que, muitas vezes, não encontrar indícios de anormalidade não significa que não exista patologia . nbr-fol-5725# A Embratel solicitou a uma empresa internacional,
13	19N:Br:Folha	A B C informar sobre o que as mutações fazem, mas também propiciar melhor conhecimento da patologia das alterações provocadas pela ALS. nbr-fol-6349# Paraná 1 A
14	19Ac:Br:Enc	A B C de objeto como cachimbos, bonecas, peças de roupas. Outros podem misturar esta patologia com o fetichismo, passando a roubar e
15	19Ac:Br:Enc	A B C particular de plantas, fósseis, minerais, amostras zoológicas, espécimes de anatomia e patologia . antiguidades e curiosidades artificiais, desenhos, moedas, impresso

Fonte: Davis (c2018, documento *on-line*).

Em português, temos um número de corpora de referência infinitamente menor que na língua inglesa; contudo, temos disponível ainda o Portuguese Web 2011 (ptTenTen11),

disponível na ferramenta Sketch Engine,³⁴ que pode ser outra boa fonte de consulta. Como se pode ver na figura abaixo (Fig. 29), por meio do Sketch Engine, foi possível consultar o termo ‘patologia’, seus sinônimos e frequências por meio de uma única busca na funcionalidade Thesaurus.

Figura 29: Pesquisa do termo patologia no corpus PtTenTen11 na ferramenta Sketch Engine

The screenshot shows the Sketch Engine Thesaurus interface. The search term 'patologia' is entered, and the results are displayed in a table with two columns: 'Word' and 'Frequency'. The results are ranked from 1 to 10. The table data is as follows:

Rank	Word	Frequency
1	enfermidade	32,190
2	distúrbio	53,842
3	síndrome	72,348
4	disfunção	24,467
5	infecção	126,139
6	doença	833,383
7	câncer	196,264
8	lesão	188,113
9	complicação	63,245
10	transtorno	84,196

The interface also shows a search bar at the top with the URL https://app.sketchengine.eu/#thesaurus?corpname=preloaded%2Fptten11_f14&lemma=patologia&showresults=1 and a search bar on the left with the text 'patologia as noun 53,667x'. A 'Back to the original interface' button is visible in the bottom right corner of the table area.

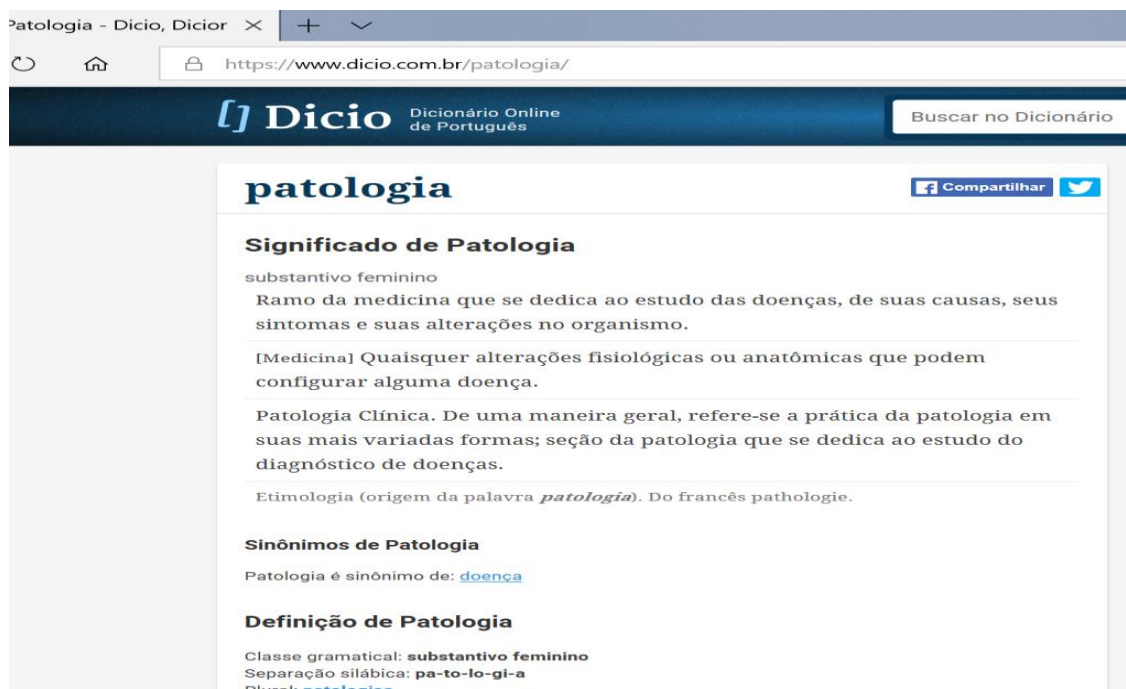
Fonte: Sketche Engine (c2018, documento *on-line*).

A partir da análise em *corpus*, portanto, é possível verificar que, sendo o termo ‘patologia’ de baixa frequência em um *corpus* geral, ele seria um potencial candidato à simplificação. A partir disso, pode-se então passar para a busca por candidatos à substituição. Vejamos, a seguir, uma definição do termo ‘patologia’ do Dicio³⁵, outra opção de ferramenta facilmente disponível e possível de ser utilizada na simplificação monolíngue em português do Brasil, como apresentado na Figura 30 abaixo.

³⁴ O **Sketch Engine** é um software gerenciador de corpora e análise textual desenvolvido pela Lexical Computing Limited. O Sketch Engine foi lançado em 2003 e seu principal objetivo é permitir que lexicógrafos, pesquisadores em linguística de corpus, tradutores e estudiosos da linguagem pesquisem grandes coletâneas de textos, criem seus próprios corpora, entre outras funcionalidades.

³⁵ DICIO. Dicionário Online de Português. c2018. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

Figura 30: Consulta ao termo ‘patologia’ no dicionário *on-line*



Fonte: Dicio (c2018, documento *on-line*).

O termo ‘patologia’ tem ‘doença’ como sinônimo e parte de sua definição, sendo, portanto, doença um possível candidato à substituição. O tradutor ou profissional do texto, claro, costuma ter condições de reconhecer um termo mais frequente. Contudo, é importante a verificação para se certificar de que o termo escolhido supre as necessidades do texto e que sua frequência é realmente maior do que a do termo substituído. Além disso, vale reforçar o cuidado que se deve ter para não “deturpar” a construção de sentido feita pelo especialista.

A título de exemplificação, realizei a verificação do termo ‘doença’, como mostrado pelas figuras abaixo. Tal verificação foi feita novamente no corpus geral BYU, em um contexto de corpus não estritamente especializado. Como pode-se ver, a palavra ‘doença’ aparece com uma frequência quase 28 vezes superior (2.752% de aumento) ao termo ‘patologia’ e seu contexto não é estritamente especializado, como representado na Figura 31. Exemplo de frase com ‘doença’ em contexto geral, não especializado (contexto não médico ou da área de saúde): “A exploração selvagem continua, a fome, o analfabetismo, a doença, os salários de miséria continuam”.

Figura 31: Pesquisa sobre a frequência do termo ‘doença’ no corpus geral *on-line* BYU-Português

Corpus do Português: Genre/Historical

SEARCH FREQUENCY CONTEXT ACCOUNT

SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP..]

	CONTEXT	FREQ
1	DOENÇA	2824

1.125 seconds

Fonte: Davis (c2018, documento *on-line*)

Figura 32: Consulta ao contexto de patologia no corpus geral *on-line* BYU-Português

Corpus do Português: Genre/Historical

SEARCH FREQUENCY CONTEXT ACCOUNT

SECTION: 1800s,1900s (2,824)
 FIND SAMPLE: 100 200 500 1000
 PAGE: << < 1 / 29 > >>

CLICK FOR MORE CONTEXT

	CONTEXT
1	190r:Br:intrv:Cid A B C sei muito bem qual é a posição da Igreja. Ela considera a homossexualidade uma doença e deve ser curada. Imprensa - A senhora acha que a Igreja está bem
2	190r:Br:intrv:Cid A B C e um deles estava com AIDS e o outro cuidava. Era o fim da doença , quando se troca o lençol a cada duas horas, e era terrível porque
3	190r:Br:intrv:Com A B C de retórica. A exploração selvagem continua, a fome, o analfabetismo, a doença , os salários de miséria continuam. As cidades incharam, cada vez mais há
4	190r:Br:intrv:Pov A B C a AIDS ", enfatizou Rosely. A psicóloga enfocou a "feminilização " da doença , advertindo para o assustador crescimento de mulheres infectadas pelo vírus HIV. Outro da
5	190r:Br:intrv:ISP A B C - Espero que o filme fique poético também. Mas o Rosa não tinha a doença do repórter, apesar de anotar cada frase que ouvia, cada folha que via
6	190r:Br:intrv:ISP A B C amizade que durou até o fim, sem um arranhão, foram amigos tanto na doença quanto na festa. Estado - E o Ezequiel Neves? Lucinha - O Zeca
7	190r:Br:intrv:ISP A B C os dias, era a primeira coisa que fazíamos ao acordar. Mas, na doença da Maria Julietta, isso parou. Até que, um dia, ele telefonou
8	190r:Br:intrv:ISP A B C bonzinho "? Renan - Passei a ver a vida de outra forma depois da doença de meu filho (Gianluca, de 4 anos). Passei a ser mais exigente
9	190r:Br:intrv:ISP A B C acho certo porque sei que não dá para contentar a todos. Diante duma doença tão séria como a leucemia, passei a ficar irritado quando os jogadores reclamam de
10	190r:Br:intrv:ISP A B C . Graças a Deus, a fase mais agressiva do tratamento acabou. Quando a doença foi diagnosticada, em janeiro de 1996, a chance de cura era de 75%
11	190r:Br:intrv:ISP A B C com Cioran juntos. Este já estava muito doente (mal de Alzheimer), a doença que destrói a memória. Morreu como um bebê. Com Ionesco eu ainda mantive
12	190r:Br:intrv:ISP A B C eu ainda mantive conversas fantásticas que vão ser encenadas agora na França. Sobre a doença de Cioran, continuamos a pesquisar. Essa enfermidade que ameaça o n
13	190r:Br:intrv:ISP A B C que ameaça o mundo hoje veio com o renascimento da biologia molecular. É uma doença irracional. Nem no momento em que o mundo da razão explode, com reflexo
14	190r:Br:intrv:ISP A B C , na matemática. A biologia molecular era um domínio intocável. E vem essa doença que provoca lesões cerebrais, mas não tem causa. Estado - Nesse renascimento,
15	190r:Br:intrv:ISP A B C para a realização do sequestro. Havia um contexto muito favorável, que era a doença do Costa e Silva e o poder estava meio desbaratado, enfrentando muitas contradic
16	190r:Br:intrv:ISP A B C Seria bom para vocês e também ajudaria a educar o povo contra a propagação dessa doença . No último minuto, cancelaram por ser muito caro. Hoje, estou tentando
17	190r:Br:intrv:ISP A B C conta dolorida aventura em livro Estado - Foi muito difícil transformar a experiência com uma doença em peça literária? Ignácio de Loyola Brandão - Na verdade, comece
18	190r:Br:intrv:ISP A B C em termos espirituais, já me considero de alta. Mas chega de falar de doença . Vamos falar de cinema. Estado - Vamos. Embora O Homem Nu seja

portugues.org/hist-gen/x3.asp?x=1&w11=doença&r=19,18

Fonte: Davis (c2018, documento *on-line*)

7.1.2 As medidas e estratégias simplificadoras de ordem lexical: por explicação

A explicação pode ser outra forma de simplificação lexical, uma vez que nem sempre será possível substituir uma palavra por outra, principalmente quando estivermos lidando com termos. Por vezes, o conceito tratado terá somente aquele termo para designá-lo e sabemos que a precisão na comunicação especializada e profissional é de extrema importância. Em outros casos, a intenção pode ser ensinar o leitor sobre determinado termo e

substituí-lo pode não ser a melhor estratégia. Lembrando sempre que escrevemos e simplificamos para um determinado leitor ou grupo de leitores: a comunidade leitora.

Para tratar da simplificação por explicação, utilizarei a mesma frase da seção anterior como exemplo:

Parkinson é uma patologia neurológica crônico-degenerativa idiopática.

Agora, estenderei a definição um pouco mais, até ‘neurológica’. Utilizarei a substituição de ‘patologia’ por ‘doença’, como feito anteriormente, e manterei o termo ‘neurológica’, mas buscarei uma explicação para ele. Farei a simplificação para dois grupos distintos: um grupo de leitores com Ensino Médio completo, cursando a faculdade, e um grupo de leitores com Ensino Fundamental completo. Vejamos os exemplos:

Parkinson é uma patologia neurológica. Índice Flesch: -26.960, extremamente difícil de ler. Possivelmente compreensível por pessoas com terceiro grau completo.

Parkinson é uma doença neurológica, ou seja, afeta o sistema nervoso central. Índice Flesch: 46.917. Difícil de ler, compreensível por pessoas com Ensino Médio completo e com terceiro grau em curso.

Parkinson é uma doença neurológica, ou seja, que ataca os nervos. Índice Flesch: 60.779. Linguagem Acessível, compreensível por pessoas com 8-9 anos de escolaridade.

Estes exemplos mostram que para simplificar um texto nem sempre é preciso usar somente um vocabulário de alta frequência. A explicação é um recurso bastante eficaz de simplificação e acessibilidade. A seguir apresento uma **possível** simplificação da frase original (FO) com seu respectivo índice de inteligibilidade.

FO: Parkinson é uma patologia neurológica crônico-degenerativa idiopática. Índice Flesch: -26.960. Extremamente difícil de ler.

FS: Parkinson é uma doença neurológica, ou seja, que ataca os nervos. É uma doença de longa duração, que altera o funcionamento do corpo e não tem causa conhecida. Índice Flesch: 62.799, na faixa de Linguagem Acessível.



Figura 33: Teste de simplificação no Cohmetrix-Port

General info	
Title	parkinson teste 5
Author	
Source	
Publication date	2018-08-24
Genre	
Basic Counts	
Adjective incidence	74.074
Adverb incidence	111.111
Content word incidence	703.704
Flesch index	62.799
Function word incidence	296.296

Fonte: Cunha (2015, documento *on-line*).

7.1.3 Medidas e estratégias simplificadoras de ordem sintática

As principais medidas e estratégias de ordem sintática com vistas à simplificação de um texto incluem transformar frases muito longas em frases menores – para que o leitor não se perca no meio do caminho ao ler a frase; transformar a voz passiva em voz ativa; e evitar a pronominalização, dando prioridade aos substantivos. Todas essas estratégias têm algo em comum: evitar que o leitor perca a referência, ou seja, evitar que ele não saiba quem/o quê está realizando ou sofrendo a ação na frase. Não raro, em frases muito longas, com muitos pronomes e na voz passiva, temos dificuldade em saber quem é o agente e o paciente da frase. Especialmente para um leitor de escolaridade limitada e baixo nível de letramento, é difícil acompanhar todas as referências feitas em uma frase longa, como acontecem nas orações subordinadas, coordenadas e na voz passiva, ou quando o sujeito ou o objeto está na forma pronominal. Vejamos os exemplos a seguir (Para mais informações sobre o índice Flesch, veja o Quadro 7 na pág. 134):

SUBORDINADA (RESTRITIVA)

- Mais complexa: Mauren, cuja família é descendente de japoneses, foi visitar seus ancestrais no Japão no ano passado. Índice Flesch: 42.245 (Fonte: Coh-Metrix-Port)
- Mais simples: Mauren é descendente de japoneses. Mauren foi visitar seus ancestrais no Japão no ano passado. Índice Flesch: 60.742 (Fonte: Coh-Metrix-Port)

COORDENADA

- Mais complexa: A atriz falou aos jornalistas e despediu-se em seguida. Índice Flesch: 51.700 (Fonte: Coh-Metrix-Port)
- Mais simples: A atriz falou aos jornalistas. Ela se despediu em seguida. Índice Flesch: 66.100 (Fonte: Coh-Metrix-Port).

VOZ PASSIVA

- Mais complexa: O interminável trabalho foi concluído por Ana. Índice Flesch: 36.273 (Fonte: Coh-Metrix-Port).
- Mais simples: Ana concluiu o interminável trabalho. Índice Flesch: 26.888 (Fonte: Coh-Metrix-Port).

* Concluiu-se pelos dados do índice Flesch que a fórmula não reconhece a voz passiva como um fator de complexidade. Contudo, a voz passiva está entre as métricas de complexidade, pois o leitor, por vezes, pode perder a referência de quem está recebendo e sofrendo a ação.

PRONOMINALIZAÇÃO

- Mais complexa: Ele lhe pediu para participar do seminário. Índice Flesch: 24.187 (Fonte: Coh-Metrix-Port).
- Mais simples: João pediu a Ana para participar do seminário. Índice Flesch: 36.215 (Fonte: Coh-Metrix-Port).

CONSIDERAÇÕES DA AUTORA

Vale frisar ainda que a Simplificação Textual (ST) é um **processo global e multidimensional** e que, portanto, requer diferentes abordagens e um conjunto bem definido de estratégias. Dessa forma, não é preciso, nem recomendado, que a simplificação se detenha a somente um aspecto do texto, tampouco que se utilize somente uma estratégia, como, por exemplo, substituir todos os termos considerados difíceis por palavras de maior ocorrência. Na ST, o léxico e a sintaxe andam juntos, um complementando o outro. Além disso, incluí aqui o índice Flesch como um dos parâmetros que podem auxiliar na mensuração da complexidade. Contudo, como dito em vários momentos desta dissertação, o índice Flesch não é um determinante da complexidade de um texto, uma vez que a fórmula considera apenas o tamanho das frases (número de palavras por frase) e o tamanho das palavras (número de sílabas) e a análise multifatorial, considerando-se diferentes métricas, tanto de ordem lexical (vocabulário empregado) quando sintática (por exemplo a voz passiva) é fundamental para uma simplificação bem-sucedida.

7.1.4 Medidas e estratégias simplificadoras por conteúdo

Acredito que a simplificação por conteúdo seja a abordagem mais complexa de uma simplificação textual. Em nosso projeto de pesquisa em Tradução, financiado pela SEAD/UFRGS, com os alunos de Letras- Bacharelado da UFRGS, as perguntas mais frequentes foram:

- Posso “cortar” o texto?
- É para resumir?
- Como sei qual informação é relevante e qual não é?

Para que essas decisões não sejam aleatórias, é preciso ter critérios bem definidos. Para isso, o leitor novamente é o foco do processo, pois sem ele não é possível saber qual informação é relevante e qual não é. Mencionamos anteriormente que um dado texto pode ser compreensível para um leitor X e difícil para um leitor Y e o mesmo ocorre com a informação. Uma dada informação pode ser essencial para uma comunidade leitora X e dispensável para uma comunidade leitora Y. Portanto, buscar o máximo de informações sobre o perfil da comunidade leitora possibilitará uma seleção de conteúdo mais criteriosa.

Segundo Saggion (2017, cap. 4, p. 15), alguns autores, como Barlachi e Tonelli e Glavas e Stajner (2013) defendem uma abordagem em que a informação principal da frase seja extraída e mantida e o restante seja descartado. Nesse caso, contudo, estamos falando de um sistema automático de simplificação. O sistema, assim, “detectaria as palavras que passam o significado principal dos eventos descritos em uma dada história”. O sistema, portanto, extrairia as palavras que representam os principais eventos e os principais componentes desses eventos seriam: *agente, alvo, tempo e local* (SAGGION, 2017).

Esta pode, portanto, ser uma abordagem da simplificação por seleção de conteúdo. Outra, mais global, sem o auxílio da máquina, pode considerar a relevância das informações de acordo com a **finalidade** do texto e seu **público leitor**. Um texto sobre a Doença de Parkinson (DP) escrito por um médico, cuja intenção seja simplificá-lo e publicá-lo em um blog para pacientes e familiares da DP, não precisará trazer todas as informações e detalhes de um texto escrito para a comunidade médica. Nesse sentido, o redator ou tradutor do texto deverá ter discernimento para selecionar o conteúdo relevante ao seu público leitor. Além disso, o aprendiz precisa saber que o cliente da tradução simplificada deverá ser alertado da necessidade de se contar com um revisor especialista para o texto, que o lerá em busca de algum equívoco conceitual importante.

7.1.5 Outros recursos de simplificação: recursos gráficos, organizadores textuais e outros

Como já mencionado neste trabalho, a simplificação de um texto envolve uma miríade de processos e recursos. Podemos optar por uma abordagem ou por um conjunto de abordagens que tornem o texto mais simples a uma dada comunidade leitora. Antes, neste capítulo, falamos sobre a abordagem lexical, sintática e de conteúdo, mas podemos ainda lançar mão de outros recursos que nos auxiliem na tarefa da simplificação. Lembrando que todos eles são apenas recomendações e não regras de simplificação. Um exemplo disso é como organizamos um texto, se os parágrafos são curtos ou longos, se utilizamos exemplos, listas, etc. Outro exemplo são os recursos visuais e se fazemos uso de auxílios visuais como tabelas, gráficos e figuras para que o leitor consiga, literalmente, visualizar sobre o que se está tratando no texto. Desse modo, o layout e a organização do texto também podem ser fundamentais para torná-lo mais acessível e claro a quem o lê. A seguir, listo alguns desses recursos, compilados a partir do *Plain Language Guidelines 2018*, e suas finalidades:

1. Escreva parágrafos curtos e com um tópico apenas por parágrafo. A recomendação é limitar cada parágrafo ou seção do texto a um tópico para que fique mais fácil para o público compreender a informação. Recomenda-se ainda iniciar o parágrafo como uma “frase tópico” para que o leitor desde o início já saiba sobre o que será falado no parágrafo.

Texto original

a. Parkinson é uma doença progressiva do sistema neurológico que afeta principalmente o cérebro. Este é um dos principais e mais comuns distúrbios nervosos da terceira idade e é caracterizado, principalmente, por prejudicar a coordenação motora e provocar tremores e dificuldades para caminhar e se movimentar. Não há formas de se prevenir o Parkinson. O Parkinson ocorre

Alteração recomendada

a. Parkinson é uma doença progressiva do sistema neurológico que afeta principalmente o cérebro. Este é um dos principais e mais comuns distúrbios nervosos da terceira idade e é caracterizado, principalmente, por prejudicar a coordenação motora e provocar tremores e dificuldades para caminhar e se movimentar. Não há formas de se prevenir o Parkinson.

quando as células nervosas do cérebro que produzem dopamina são destruídas lenta e progressivamente. Sem a dopamina, as células nervosas dessa parte do cérebro não podem enviar mensagens corretamente. Isso leva à perda da função muscular. O dano piora com o tempo.

b. O Parkinson ocorre quando as células nervosas do cérebro que produzem dopamina são destruídas lenta e progressivamente. As células nervosas usam uma substância química do cérebro chamada dopamina para ajudar a controlar os movimentos musculares. O Parkinson ocorre quando as células nervosas do cérebro que produzem dopamina são destruídas lenta e progressivamente. Sem a dopamina, as células nervosas dessa parte do cérebro não podem enviar mensagens corretamente. Isso leva à perda da função muscular. O dano piora com o tempo.

Sendo a = O que é Parkinson

B = Causas

* OBS: Não foi realizada a simplificação do texto original, apenas foi dividido por tópicos.

2. Use exemplos sempre. Os exemplos contextualizam o leitor. Um conceito abstrato pode ser muito mais facilmente compreendido se o exemplo for bem aplicado. Bons exemplos podem substituir longas explicações. Quanto mais complexo o conceito a ser tratado no texto, maior a necessidade de exemplos.

O paciente com a Doença de Parkinson apresenta sintomas neurológicos. O paciente pode, por exemplo, tremer em repouso (parado), ficar com os movimentos lentos, apresentar rigidez nas articulações (os movimentos ficam difíceis) e demência (perda de memória e raciocínio).

3. Organize o texto em listas. As listas verticais destacam a informação de uma maneira visualmente clara. Use-as para o leitor focar em assuntos importantes, que mereçam destaque.

Alguns fatores são considerados de risco para o desenvolvimento do Parkinson. Veja:

- **Idade:** a Doença de Parkinson pode ocorrer em jovens, mas é mais comum em pessoas na terceira idade. As pessoas costumam desenvolver a doença em torno de 60 anos de idade ou mais.
- **Hereditariedade:** Ter um parente próximo com a doença de Parkinson aumenta as chances de uma pessoa desenvolver a doença. No entanto, os riscos ainda são pequenos.
- **Gênero:** homens são mais propensos a desenvolver a doença de Parkinson do que mulheres.
- **Exposição a toxinas:** a exposição contínua a herbicidas e pesticidas pode aumentar o risco de desenvolver a Doença de Parkinson.

Fonte: Minha Vida (c2018, documento *on-line*)

4. Use tabelas para destacar um conteúdo. Elas ajudam o leitor a visualizar um conteúdo que possa estar perdido em um texto denso.

OS ESTÁGIOS DA DOENÇA

A doença de Parkinson deve ser tratada precocemente, para que demore mais tempo para alcançar seus estágios finais. "A despeito do tratamento sintomático, a doença progride lentamente e ajustes e seguimento especializados são necessários para todos os casos com esse diagnóstico", revela o neurologista Leandro Teles. Veja a seguir as características de cada fase da doença:

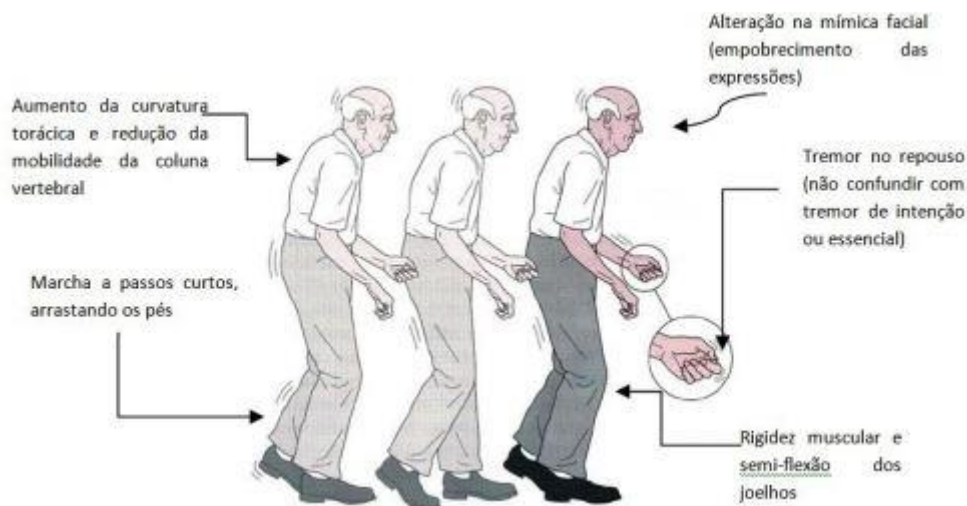
Inicial: essa etapa é geralmente marcada pelo tremor de repouso, ou seja, aquele que ocorre quando os membros estão parados. Ele pode ser associado a lentificação dos movimentos e rigidez muscular, podendo começar no membro superior ou inferior.

Moderado: nesse ponto há uma dificuldade mais perceptível de caminhar, algum desequilíbrio, além de alteração da voz e piora da rigidez muscular, acometendo outros membros com o passar dos anos.

Avançado: nesta evolução, que pode demorar muitos anos para chegar, o paciente pode apresentar muita dificuldade para caminhar e deglutir, rigidez intensa dos músculos, quedas, alterações cognitivas, entre outros sintomas.

Fonte: Miyazato (2016, document *on-line*).

5. Pense em usar figuras. As figuras ilustram ideias e conceitos e ajudam o leitor a literalmente visualizar o que está sendo dito. As figuras permitem que o leitor faça uma conexão com a prática.



Fonte: Tribuna Popular (2015, documento *on-line*).

6. Use recursos de ênfase para destacar as informações importantes. Ela pode aparecer na forma de LETRA MAIÚSCULA, sublinhado, **negrito**, etc. Mas é preciso ter discernimento. Colocar tudo em letra maiúscula, por exemplo, não dará destaque à informação que você quer enfatizar. Por isso, este recurso deve ser usado com parcimônia.

Parkinson é uma **doença** progressiva do **sistema neurológico** que afeta principalmente o **cérebro**. Fonte: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/parkinson>

7. Considere colocar títulos para dividir o texto por assunto. Os títulos podem ser uma forma de dar ao leitor um indicativo do que será tratado no(s) parágrafo(s).

O QUE É PARKINSON?

Parkinson é uma doença progressiva do sistema neurológico que afeta principalmente o cérebro. Este é um dos principais e mais comuns distúrbios nervosos da terceira idade e é caracterizado, principalmente, por prejudicar a coordenação motora e provocar tremores e dificuldades para caminhar e se movimentar. Não há formas de se prevenir o Parkinson.

O QUE CAUSA A DOENÇA DE PARKINSON?

As células nervosas usam uma substância química do cérebro chamada dopamina para ajudar a controlar os movimentos musculares. O Parkinson ocorre quando as células nervosas do cérebro que produzem dopamina são destruídas lenta e progressivamente. Sem a dopamina, as células nervosas dessa parte do cérebro não podem enviar mensagens corretamente. Isso leva à perda da função muscular. O dano piora com o tempo.

Fonte: Minha Vida (c2018, documento *on-line*).

7.2 A SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL (ST) E A LINGUÍSTICA COMPUTACIONAL/PLN

Existem diversas ferramentas que se propõem a fazer a simplificação de um texto de forma automática. Essas ferramentas trabalham no âmbito do Processamento de Linguagem Natural (PLN) e da linguística computacional, que surgiu na década de 1950 com o objetivo de criar ferramentas de tradução automática, reconhecimento de voz, busca de informações em documentos, além da simplificação textual (PASQUALINI, 2012), entre outros recursos automáticos ligados à linguagem.

O PLN, uma subárea da Inteligência Artificial (IA), em Ciência da Computação, estuda a capacidade e as limitações de uma máquina em entender a linguagem dos seres humanos. O objetivo do PLN é permitir que os computadores entendam e componham textos. “Entender” um texto significa reconhecer seu contexto, fazer a análise sintática, semântica, léxica e morfológica de seu conteúdo, além de criar resumos e extrair informações. O PLN é multidisciplinar, pois envolve áreas de pesquisa como a linguística, psicolinguística, neurologia, engenharia elétrica e computação. (PROLO, 2010).

A Simplificação Textual (ST) é uma abordagem bastante útil aos estudos de PLN, uma vez que, como explica Saggion (cap. 7, p. 5), a ideia inicial da ST na PLN é simplificar a linguagem de modo que seu processamento por *parsers* (analisadores sintáticos) seja facilitado. A ST seria, portanto, uma etapa pré-processamento para auxiliar tarefas de

Processamento de Linguagem Natural. Para modelar a língua e possibilitar que a máquina a entenda, são necessários pré-processamentos que abstraem e estruturam a língua, deixando apenas o que é informação relevante. Esse pré-processamento reduz o vocabulário e torna os dados menos esparsos, característica conveniente para o processamento computacional (RODRIGUES, 2017). Segundo ainda Saggion (2017), muitos pesquisadores aderiram à ST para facilitar muitas das aplicações da PLN, como extração de informações e resumos.

Alguns destes sistemas, que realizam a simplificação de um texto de modo automático, serão descritos a seguir. São três sistemas, um no idioma inglês (PSET), outro no idioma espanhol (Simplext) e outro no idioma português (PorSimples).

7.2.1 A Simplificação Textual (ST) no PSET

Um dos projetos pioneiros e mais conhecidos em ST automática foi o PSET (*Practical Simplification of English Texts*). Este projeto foi desenvolvido no Reino Unido e tinha como principal objetivo criar textos mais acessíveis para pessoas afásicas.³⁶ Além de pesquisas sobre inteligibilidade, foram realizados testes sobre quais tipos de simplificação seriam mais eficientes para pessoas com afasia. (SAGGION, 2017, p. 2). Após estudos, a proposta foi a seguinte:

- seguir o padrão SVO (sujeito, verbo e objeto);
- manter a voz ativa (pessoas com afasia tem dificuldade em compreender a voz passiva) ;
- ser o mais breve e direto possível;
- usar apenas um adjetivo por substantivo; e
- manter a ordem cronológica das frases para refletir a ordem dos eventos descritos.

Os criadores do sistema ainda analisaram textos jornalísticos, uma vez que estes costumam ser difíceis para pessoas afásicas, pois frequentemente, apresentam frases muito longas, muitos adjetivos por substantivo, além de um grande número de substantivos compostos, etc.

³⁶Afasia é uma deterioração da função da linguagem falada e escrita, após ter sido adquirida de maneira normal e sem déficit intelectual correlativo. É caracterizada pela dificuldade em nomear pessoas e objetos. A principal causa da afasia é o acidente vascular cerebral (AVC), que resulta em uma lesão cerebral. (MELDAU, D. C. **Afasia**. c2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/doencas/afasia/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

O sistema PSET era composto por três recursos principais: um simplificador sintático, um simplificador lexical e um recurso que possibilitava o uso de anáfora. O simplificador sintático trabalhava com um mecanismo de substituição lexical baseado no WordNet. O sistema procurava o sinônimo com maior frequência de uso na base de dados *on-line*³⁷. O projeto PSET teve continuidade no projeto HAPPI (*Helping Aphasic People Process On-line Information*), que desenvolveu uma interface web, em que as pessoas afásicas podiam simplificar seus textos *on-line* (SAGGION, 2017, p. 4).

7.2.2 A Simplificação Textual (ST) no Simplext

O Simplext é um projeto da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona. Segundo Saggion (2017), um de seus idealizadores, o principal objetivo do sistema é simplificar textos para pessoas com deficiências intelectuais. Para tanto, foi criado um *corpus* especial para o projeto, uma vez que não existe em espanhol um *corpus* de espanhol original e espanhol adaptado (simplificado), como existe em inglês (como veremos no item 6.2.4 com a English Wikipedia e a Simple English Wikipedia). O *corpus* em espanhol foi construído com textos jornalísticos originais e adaptações produzidas por pessoas especializadas, de acordo com diretrizes criadas para o projeto. Um programa foi criado especialmente para alinhar automaticamente as frases das reportagens originais e de suas adaptações. Segundo Saggion (2017, cap. 6, p. 3), o alinhamento de frase é fundamental para os estudos em *corpora* e para experimentos de aprendizagem em máquina, que podem ser conduzidos em subproblemas específicos de simplificação textual. Abaixo, um exemplo de fragmento do corpus simplificado em espanhol.

Figura 34: Fragmento do Corpus Simplext com frase original e simplificada

Example	Original	Simplified
1	<i>Abre en Madrid su primera sucursal el mayor banco de China y del Mundo. (Opens in Madrid its first branch the biggest bank of China and the World.)</i>	<i>El banco mas importante de China y del mundo abre una oficina en Madrid. (The most important bank of China and the world opens an office in Madrid.)</i>

Fonte: Saggion (2017, cap. 6, p. 5)

³⁷ WORDNET. c2018. Disponível em: <<https://wordnet.princeton.edu/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

Bot e Saggion (2011 apud SAGGION, 2017) realizaram a análise do *corpus* para quantificar e qualificar as operações de simplificação e decidir sobre as implementações computacionais. Assim, o *corpus* Simplext foi usado tanto para experimentos com simplificação textual quanto com tradução automática. O sistema é formado por três módulos: simplificação lexical baseado em regras; simplificação lexical por substituição com sinônimos (utiliza um dicionário e medidas de distância para semântica distribucional)³⁸ e uma gramática de simplificação sintática.

O Simplext está disponível *on-line*³⁹. A seguir, apresento alguns testes realizados no Simplext sobre a temática da Doença de Parkinson com textos em espanhol.

TESTE 1

Quadro 11 - Teste de simplificação textual realizado no Simplext

Texto original em español. Fonte: https://www.parkinsonmadrid.org/el-parkinson/el-parkinson-definicion/	Texto simplificado no Simplext
<p>El párkinson es una enfermedad producida por un proceso neurodegenerativo multisistémico que afecta al sistema nervioso central lo que provoca la aparición de síntomas motores y no motores. Es crónica y afecta de diferente manera a cada persona que la padece, la evolución puede ser muy lenta en algunos pacientes y en otros puede evolucionar más rápidamente. No es una enfermedad fatal, lo que significa que el afectado no va a fallecer a causa del.</p>	<p>El párkinson es una enfermedad producida por un proceso neurodegenerativo multisistémico. Este proceso afecta al sistema nervioso central lo que provoca la aparición de síntomas motores y no motores.</p> <p>Es crónica y afecta de diferente manera a cada persona que la padece, la evolución puede ser muy lenta en algunos pacientes. Esta evolución en otros puede evolucionar más rápidamente.</p> <p>No es una enfermedad mortal, lo que significa que el afectado no va a fallecer a causa del.</p>

Fonte: Simplext. (c2016, documento *on-line*).

³⁸ A **semântica distribucional** é uma área de investigação que desenvolve e estuda as teorias e métodos para quantificar e categorizar as similaridades semânticas entre elementos linguísticos, segundo suas propriedades distribucionais em grandes mostras de dados linguísticos.

³⁹ Disponível em: <<http://simplext.taln.upf.edu/>>.

Os testes realizados no Simplext foram superficiais. Contudo, eles nos dão alguns indicativos de que o sistema falha, principalmente, na simplificação lexical. Ele não consegue encontrar equivalentes de maior frequência para os termos técnicos tampouco fornecer uma explicação para os termos que não possuam sinônimos. Lembrando que seu *corpus* foi montado com base em artigos de jornais. Mas mesmo com as palavras de maior frequência, do léxico geral, como “conocidos”, o sistema acabou por encontrar um sinônimo que não condizia com o contexto do texto, ao substituir “conocidos” por “prestigiosos”, lembrando muito o que, por vezes, ainda acontece nas ferramentas de tradução automática. Em termos de simplificação sintática, o sistema basicamente “quebra” o texto em frases menores. O SIMPLIFICA, que será tratado mais adiante neste trabalho, apresenta inconsistências similares.

Uma vez que o *corpus* do Simplext foi baseado em textos de jornal, decidi então realizar um teste com uma notícia de jornal extraída do periódico El País sobre um assunto geral, sem alta incidência de linguagem especializada. O intuito era verificar se com uma notícia de jornal sem forte conteúdo especializado, o Simplext traria resultados melhores na simplificação textual.

Quadro 12- Teste de simplificação no Simplext com texto jornalístico

Texto original em espanhol. Fonte: https://elpais.com	Texto simplificado no Simplext.
Una patera de pequeñas dimensiones ha desembarcado este domingo a primera hora de la tarde en la populosa playa de la Barrosa, en Chiclana (Cádiz). En torno a las 15.30, numerosos bañistas han presenciado como la embarcación neumática alcanzaba la costa con gran rapidez y sus ocupantes —muchos de ellos con apariencia de ser menores de edad, según testigos presenciales — han trepado por un acantilado. La Guardia Civil ha iniciado una búsqueda.	Una patera de pequeñas dimensiones ha desembarcado este domingo a primera hora de la tarde en la populosa playa de la Barrosa, en Chiclana. En torno a las 15.30, numerosos bañistas han presenciado como la embarcación neumática alcanzaba la costa con gran rapidez y sus ocupantes — muchos de ellos con apariencia de ser menores de edad, según testigos presenciales — han trepado por un acantilado. La Guardia Civil ha iniciado una búsqueda.

Fonte: Simplext. (c2016, documento *on-line*).

O Simplext produziu ainda menos alterações relevantes no texto, apenas suprimindo a palavra em parênteses (cidade Cádiz), em nível lexical e, em nível sintático, transformando um parágrafo em dois, criando um parágrafo de uma única frase. O sistema não foi capaz de reconhecer o uso do travessão para destacar o aposto, mantendo, assim, a frase longa com a mesma construção da frase original. A meu ver, os dois testes na ferramenta automática deixaram a desejar, provando que a Simplificação Textual automática ainda tem muito a avançar e que o tradutor e profissional do texto que buscarem formação na área, por muito tempo ainda, serão indispensáveis.

Figura 35: Simplext Teste 1 – Texto técnico-científico



Fonte: Simplext. (c2016, documento *on-line*).

Figura 36: Simplext Teste 2 – Texto jornalístico



Fonte:

Simplext. (c2016, documento *on-line*).

7.2.3 A Simplificação Textual (ST) no PorSimples

Conforme já citado, o PorSimples é um projeto de Simplificação Textual desenvolvido para o português brasileiro pelo NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) da USP São Carlos. O projeto PorSimples (Simplificação Textual do Português para Inclusão e Acessibilidade Digital) propõe o desenvolvimento de uma tecnologia para facilitar o acesso à informação dos analfabetos funcionais (AF) e, potencialmente, de pessoas com outras deficiências cognitivas, como afasia e dislexia (NILC, c2010). O Projeto desenvolveu um editor de textos chamado Simplifica. O Simplifica é uma ferramenta que auxilia autores de conteúdo a redigir textos simplificados, que possam ser entendidos por um número maior de leitores. O sistema trabalha com dois tipos de simplificação, a simplificação sintática (dividindo orações longas ou alterando a estrutura sintática da oração) e a simplificação léxica (destacando palavras complexas ou pouco comuns e oferecendo sinônimos). Como podemos ver nas figuras a seguir.

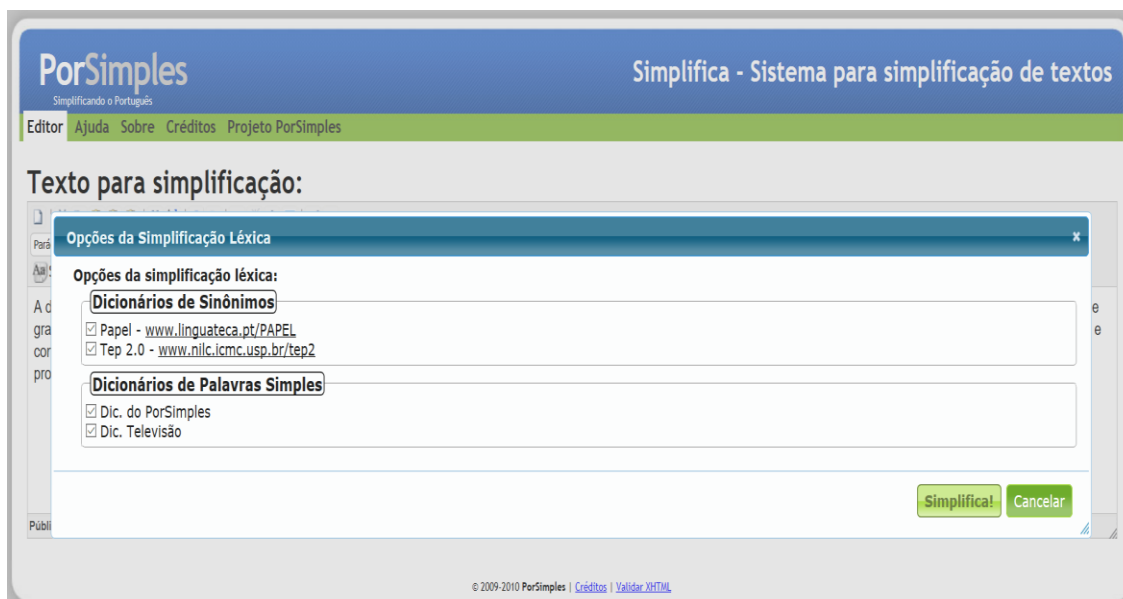
Figura 37: Os tipos de simplificação do Simplifica: léxica e sintática



Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*).

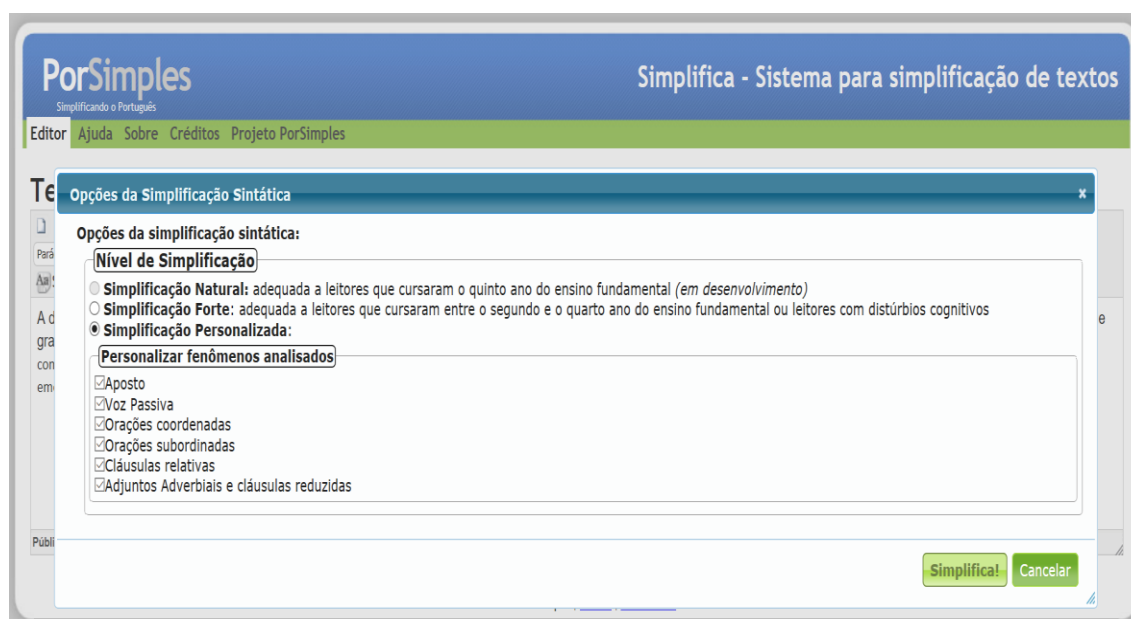
A simplificação léxica é realizada com base em dicionários de sinônimos da Linguateca e do NILC, bem como por dois dicionários de palavras simples criados pelo Projeto PorSimples, como vemos na Figura 38. Enquanto a simplificação sintática segue uma gramática e o usuário pode escolher quais aspectos gramaticais simplificar, além de optar pelo grau de simplificação de acordo com o nível de escolaridade do leitor.

Figura 38: A simplificação léxica no Simplifica



Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*).

Figura 39: A simplificação sintática no Simplifica



Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*).

Da mesma forma que com o Simplext, realizei testes na ferramenta com um texto técnico-científico sobre a temática da Doença de Parkinson, extraído da Wikipedia Brasil, e outro jornalístico, extraído do site de notícias UOL. O intuito era verificar se a ferramenta é capaz de produzir um texto simplificado em nível lexical e sintático e se haveria diferença quando o texto inserido é técnico ou não técnico.

PRIMEIRO TEXTO – SOBRE A DOENÇA DE PARKINSON

A doença de Parkinson (DP) é uma perturbação degenerativa crônica do sistema nervoso central que afeta principalmente a coordenação motora. Os sintomas vão-se manifestando de forma lenta e gradual ao longo do tempo. Na fase inicial da doença, os sintomas mais óbvios são tremores, rigidez, lentidão de movimentos e dificuldade em caminhar. Podem também ocorrer problemas de raciocínio e comportamentais. Nos estádios avançados da doença é comum a presença de demência. Cerca de 30% das pessoas manifestam depressão e ansiedade. Entre outros possíveis sintomas estão problemas sensoriais, emocionais e perturbações do sono. O conjunto dos principais sintomas em nível motor denominam-se "Parkinsonismo", ou síndrome de Parkinson.

Fonte: Doença de Parkinson (2018, documento *on-line*).

Como se pode ver na Figura 40, a ferramenta marca as opções de palavras complexas e fornece opções de sinónimos de acordo com seus dicionários. O sistema, porém, não consegue detectar termos compostos, como “sistema nervoso central” e “coordenação motora”, “problemas sensoriais”, para citar alguns exemplos. Além disso, em uma análise não automática, acredito que outros termos e palavras poderiam ser trabalhados em vistas à simplificação, como “principalmente”, “perturbações” e “rigidez”. Contudo, esta não é a principal dificuldade do Simplifica. A restrição maior está no fato de que a ferramenta propôs opções de alteração/simplificação somente para pouquíssimos dos termos e palavras marcados. E mesmo quando propõe sinónimos, eles não são opções para substituição, como podemos ver com o termo “emocionais” e cujas opções fornecidas pela ferramenta foram “coração”, “emocionante” e “impressionante”. Em outra situação, com o termo “depressão”, o Simplifica teve um desempenho ainda pior na tarefa de apresentar candidatos à simplificação. Os sinónimos apresentados em nada tiveram a ver com o distúrbio ‘depressão’, tendo sido apresentados “sinónimos” como “rã”, “original”, “empresa”, etc. (Figura 41). No quesito simplificação sintática, o Simplifica não foi capaz de apresentar nenhum resultado para este texto, como mostrado na Figura 42.



Figura 40: Editor do Simplifica com simplificação lexical e sintática

PorSimples
Simplificando o Português

Simplifica - Sistema para simplificação de textos

Editor Ajuda Sobre Créditos Projeto PorSimples

Texto com palavras complexas marcadas:

Clique nas palavras para ver as opções!

Dicas de substituição:
[coração](#), [emocionante](#),
[impressionante](#)

A doença de [Parkinson](#) é uma perturbação [degenerativa](#) crónica do sistema nervoso central que afeta principalmente a coordenação motora. Os sintomas [vão-se](#) manifestando de forma lenta e [gradual](#) ao longo do tempo. Na fase inicial da doença, os sintomas mais [óbvios](#) são tremores, rigidez, [lentidão](#) de movimentos e dificuldade em caminhar. Podem também ocorrer problemas de raciocínio e [comportamentais](#). Nos estádios avançados da doença é comum a presença de [demência](#). Cerca de 30% das pessoas manifestam [depressão](#) e ansiedade. Entre outros possíveis sintomas estão problemas sensoriais, [emocionais](#) e perturbações do sono. O conjunto dos principais sintomas a nível motor [denominam-se](#) "Parkinsonismo", ou síndrome de [Parkinson](#).

Finalizar revisão

Finalizar revisão

© 2009-2010 PorSimples | Créditos | Validar XHTML

Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*).

Figura 41: Editor do Simplifica com opções de sinónimos para o termo 'depressão'

PorSimples
Simplificando o Português

Simplifica - Sistema para simplificação de textos

Editor Ajuda Sobre Créditos Projeto PorSimples

Texto com palavras complexas marcadas:

Clique nas palavras para ver as opções!

Dicas de substituição:
[rá](#), [original](#), [final](#), [empresa](#),
[compra](#), [programa](#), [algo](#),
[meta](#), [norte](#), [fotografia](#),
[medida](#), [vide](#), [sorte](#),
[agricultura](#), [perfume](#),
[conto](#), [passado](#), [creme](#),
[funeral](#), [digestão](#), [baile](#),
[baixa](#), [certa](#), [emoção](#),
[custo](#), [estrela](#),

A doença de [Parkinson](#) (DP) é uma perturbação [degenerativa](#) crónica do sistema nervoso central que afeta principalmente a coordenação motora. Os sintomas [vão-se](#) manifestando de forma lenta e [gradual](#) ao longo do tempo. Na fase inicial da doença, os sintomas mais [óbvios](#) são tremores, rigidez, [lentidão](#) de movimentos e dificuldade em caminhar. Podem também ocorrer problemas de raciocínio e [comportamentais](#). Nos estádios avançados da doença é comum a presença de [demência](#). Cerca de 30% das pessoas manifestam [depressão](#) e ansiedade. Entre outros possíveis sintomas estão problemas sensoriais, [emocionais](#) e perturbações do sono. O conjunto dos principais sintomas a nível motor [denominam-se](#) "Parkinsonismo", ou síndrome de [Parkinson](#).

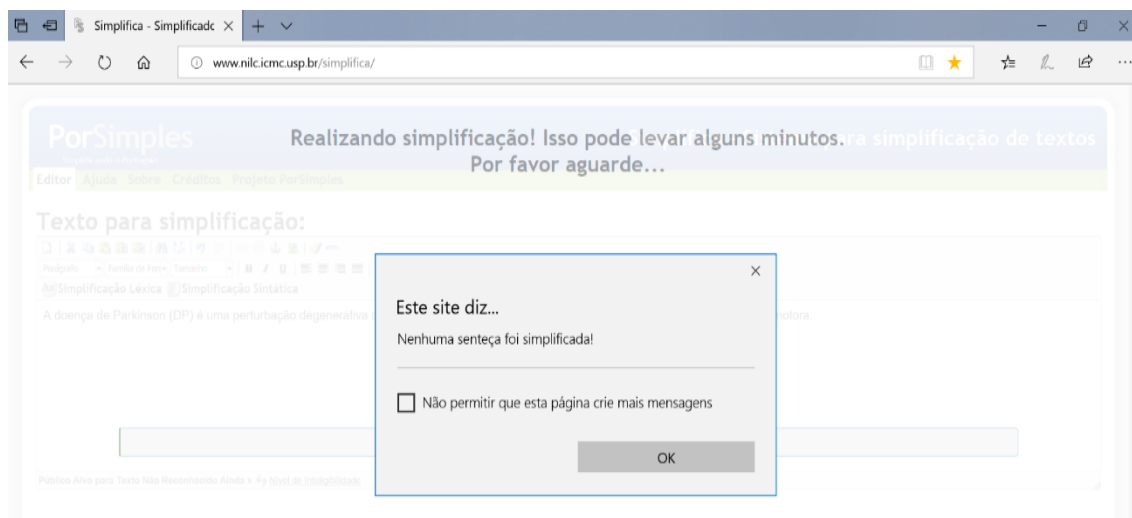
Finalizar revisão

Finalizar revisão

© 2009-2010 PorSimples | Créditos | Validar XHTML

Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*).

Figura 42: O editor do Simplifica não conseguiu realizar a simplificação sintática



Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*).

Em outro cenário, com um texto jornalístico não técnico, o Simplifica teve um desempenho melhor, mas não o suficiente para que se possa afirmar que ele de fato é capaz de simplificar, sozinho, automaticamente, um texto. Na parte lexical, a ferramenta conseguiu atribuir sinônimos a um maior número de palavras e dentro do contexto esperado, como podemos ver na Figura 43. Contudo, ainda assim, não foi capaz de sugerir substituições para palavras que não eram extremamente técnicas ou de muito baixa frequência, como no caso de “envelhecimento”, como mostra a Figura 44. A simplificação sintática, no entanto, retornou um resultado, mas que, de fato, não alterou o texto em nada, como mostra a Figura 45.

TEXTO 2 – NOTÍCIA DE JORNAL

Demanda por moradia cai, mas ainda deve superar 1 milhão ao ano até 2024, aponta estudo

O Brasil terá uma demanda superior a 1 milhão de novos domicílios por ano nos próximos seis anos, até 2024 --essa necessidade vem caindo, mas o desafio no país ainda é gigante. O dado consta no estudo "Demanda Futura por moradia", desenvolvido pela UFF (Universidade Federal Fluminense), em parceria com a Secretaria Nacional de Habitação.

O estudo faz uma estimativa levando em consideração a curva de crescimento populacional e de novas habitações nos últimos anos, o envelhecimento da população e a dinâmica de formação das famílias --que vêm encolhendo ao longo do

tempo. A grande tendência que deve se acentuar é a moradia com cada vez menos moradores.

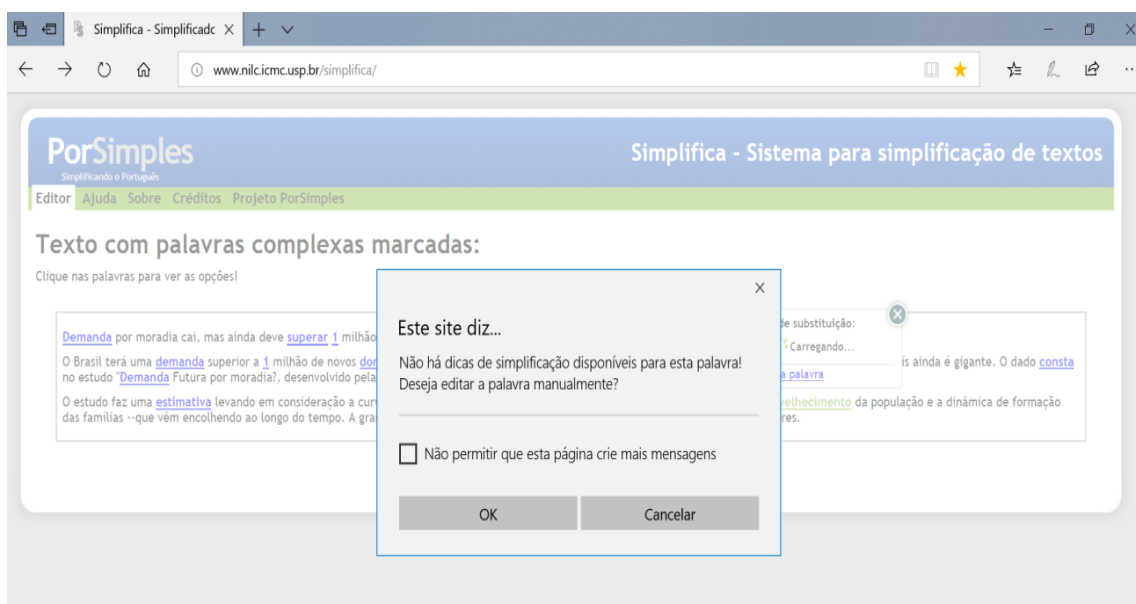
Fonte: Madeiro (2018, documento *on-line*).

Figura 43: Editor Simplifica com os candidatos a sinônimos para ‘Habitação’



Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*).

Figura 44: Editor Simplifica sem candidatos a sinônimos para ‘envelhecimento’



Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*).

Figura 45: Editor Simplifica com o resultado da simplificação sintática, que, na prática, não realizou nenhuma alteração



Fonte: NILC (c2010, documento *on-line*)

CONSIDERAÇÕES DA AUTORA

Acredito que as iniciativas de se criar ferramentas que simplifiquem textos automaticamente - ou que apenas auxiliem o redator indicando prováveis itens complexos - são extremamente relevantes. Afinal, esses sistemas tendem a contribuir para democratizar ainda mais o acesso ao conhecimento, principalmente sobre aquele que já está disponível *on-line*, uma vez que nem todos os leitores poderão contar com profissionais da simplificação ou com versões simplificadas dos textos já disponíveis. Contudo, como foi verificado por breves testes realizados com o Simplext e com o PorSimples, muito ainda é preciso ser feito para que essas ferramentas funcionem bem e produzam resultados efetivos.

Apesar de eu não compreender, a fundo, os mecanismos computacionais dessas ferramentas, do ponto de vista linguístico, parece-me que elas são ainda mais complexas que um tradutor automático, uma vez que as ferramentas de tradução automática contam com extensos *corpora* que lhes alimentam com os contextos de uso das palavras em tradução. Isso, no curto e médio prazos, dificilmente ocorrerá em uma ferramenta automática de simplificação, uma vez que não existem (ainda) *corpora* simplificados, com o texto original e o adaptado, exceto pelo da Wikipedia e Simple Wikipedia, suficientemente representativos. Alguns *corpora* foram criados exclusivamente para alimentar essas ferramentas de simplificação, ficando limitados em termos de extensão e representatividade.

Nesse contexto, parecer-me-ia mais proveitoso se essas ferramentas fossem criadas por áreas de conhecimento e por área temática. Projetar uma ferramenta de simplificação para textos exclusivamente médicos, por exemplo, pode ser um caminho para se ter uma ferramenta mais precisa. Há ainda muito a se avançar nesse sentido, mas, com os investimentos e a visibilidade necessários, as ferramentas de simplificação podem ganhar espaço.

Vale salientar que essas ferramentas podem ser grandes aliadas em sala de aula, especialmente em um ambiente multilíngue como as disciplinas de Terminologia, bem como nas disciplinas de Tradução com diferentes línguas de trabalho, uma vez que temos acesso a sistemas que trabalham com idiomas distintos, como espanhol, inglês e português. Além disso, com o avanço das tecnologias, a utilização de ferramentas computacionais em sala de aula costuma despertar o interesse dos alunos para as temáticas sendo trabalhadas, como pude comprovar durante o nosso projeto de pesquisa apoiado pela SEAD/UFRGS de Ensino a Distância já mencionado nesta dissertação.

7.2.4 A Simplificação Textual em *corpora*: Wikipedia e Corpop

Wikipedia. A versão simplificada da Wikipedia em inglês, a Simple English Wikipedia (SEW) possibilitou que pesquisadores usassem as duas versões da enciclopédia virtual, English Wikipedia (EW) e Simple English Wikipedia (SEW) para construir *corpora* comparáveis de textos originais e adaptados (simplificados). Conforme explica Saggion (2017) Yatskar et. al (2010) criaram um sistema com as duas versões da Wikipedia para estabelecer regras de substituição lexical no formato $x \rightarrow y$. Assim, foram selecionados pares de textos da EW (original) e SEW (simplificada) e verificou-se quais palavras foram substituídas para tornar a SEW mais simples que a EW. Dessa forma, a “abordagem probabilística é usada para modelar a probabilidade de a palavra x ser substituída pela palavra y pelo fato de y ser mais simples que x ” (2017, cap. 3, p.11).

Segundo ainda Saggion (2017), outro trabalho com os *corpora* EW/SEW foi o realizado por Biran et al. (2011). Neste caso, são utilizados vetores de contexto para identificar pares de palavras que ocorrem em contextos similares na SEW e na EW. O banco de dados lexical WordNet é utilizado como filtro para possíveis regras de substituição lexical ($x \rightarrow y$). Nesse caso, foi definida uma medida de complexidade lexical, levando em consideração a extensão e a frequência da palavra.

Essas abordagens probabilísticas só puderam ser mensuradas porque foi possível criar *corpora* paralelos com as duas versões dos textos: o texto original e o texto simplificado. Para os projetos mencionados anteriormente, no item 7.2.3, também se criaram *corpora* com textos originais e adaptados; contudo em extensão muito menor do que o que ocorreu neste caso com os textos da Wikipedia.

CorPop. O CorPop é um recurso *on-line* que nasceu da pesquisa de doutoramento de Bianca Pasqualini (2018) e que visa a servir como um *corpus* de referência do português popular escrito no Brasil. O CorPop foi compilado a partir de textos selecionados com base no nível de letramento médio dos leitores do país e pode ser livremente acessado e percorrido.⁴⁰ O acervo do CorPop é, assim, uma ferramenta a ser utilizada como referência para uso/escolha de palavras potencialmente mais acessíveis para um leitor adulto de escolaridade limitada com Ensino Fundamental completo.

O CorPop, diferentemente do corpus formatado com base no English Wikipedia e Simple English Wikipedia não é um corpus comparável simplificado, pois ele não possui textos na versão original e suas versões adaptadas, mas é uma ferramenta que pode servir de referência para diferentes redatores de textos, desde médicos a tradutores, de modo a obterem auxílio na avaliação de vocabulário acessível.

Assim como fiz com as ferramentas de simplificação automática disponíveis *on-line*, realizei alguns testes no CorPop. Vale frisar que ter um corpus de referência é de extrema relevância, pois muitas vezes é difícil avaliarmos se determinada palavra seria acessível ou não a um dado grupo de leitores. O CorPop, portanto, pode ajudar um redator ou tradutor a tomar decisões mais embasadas sobre quais termos ou palavras devem ser simplificados.

O CorPop possui também uma lista lematizada. Como explica Pasqualini (2018) no site da ferramenta, o primeiro procedimento foi usar a lista das palavras mais frequentes do CorPop (os 10.695 *types* mais frequentes) por meio da ferramenta AntConc para, em seguida, lematizar essa lista, ou seja, fazer com que as palavras ficassem em sua forma pura ou lema. Por exemplo, verbos ficaram em sua forma infinitiva, adjetivos e substantivos em sua forma singular masculina e sem flexão de grau e advérbios ficaram sem flexão de grau. Depois de limpa e revisada (foram retirados da lista os nomes próprios; as localidades; as preposições; os pronomes pessoais; advérbios comuns como “sim”, “não”, “mal”, “nem”; artigos definidos e indefinidos; pronomes demonstrativos; interjeições; meses do ano e dias da semana; prefixos soltos (pré, pós, etc.); siglas; numerais cardinais e ordinais;

⁴⁰ CORPPPOP. 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/corpop/>>.

regionalismos presentes em um só texto do *corpus*, como "cafua", "volitar", "perísprito"), a lista lematizada foi levada de volta ao **AntConc** para ser refeita agora somente com os lemas. Dos mais de 10 mil *types* iniciais, ficaram 5.229.

O CorPop oferece um concordanciador, que permite fazer busca de contextos para palavras que estão nos textos. O usuário digita uma palavra e visualiza como resultado as suas ocorrências em frases. Se você preceder ou suceder o elemento que busca por '*', serão ignoradas outras letras e o foco é sobre um RADICAL. Por exemplo, ao digitar "pod*", você verá ocorrências para "poderíamos", "podem", etc. Vale o inverso para uma busca com "*mos": você terá uma lista de contextos com palavras terminadas por -MOS.

A ferramenta ainda possui um recurso chamado N-Gramas. Esta ferramenta localiza agrupamentos de palavras, chamados N-GRAMAS ou SINTAGMAS. Permite obter uma lista de ocorrências de grupos de palavras repetidos ao longo de um texto/*corpus* com indicação do seu número de repetições. O usuário pode escolher qual o tamanho dos grupos cuja presença deseja verificar - grupos de dois, três ou quatro unidades. Um BIGRAMA é um grupo de palavras composto por duas unidades. Exemplo de bigrama: ácido sulfúrico. Exemplo de trígama: óxido de ferro.

Na página inicial do CorPop o usuário pode selecionar com quais seleções de corpus ele quer trabalhar/consultar. A Figura 46 mostra a interface inicial da ferramenta onde se podem selecionar os *corpora* de consulta. O usuário pode selecionar todos ao mesmo tempo ou aqueles que desejar.

Figura 46: Página inicial do CorPop onde o usuário seleciona com quais corpora quer trabalhar

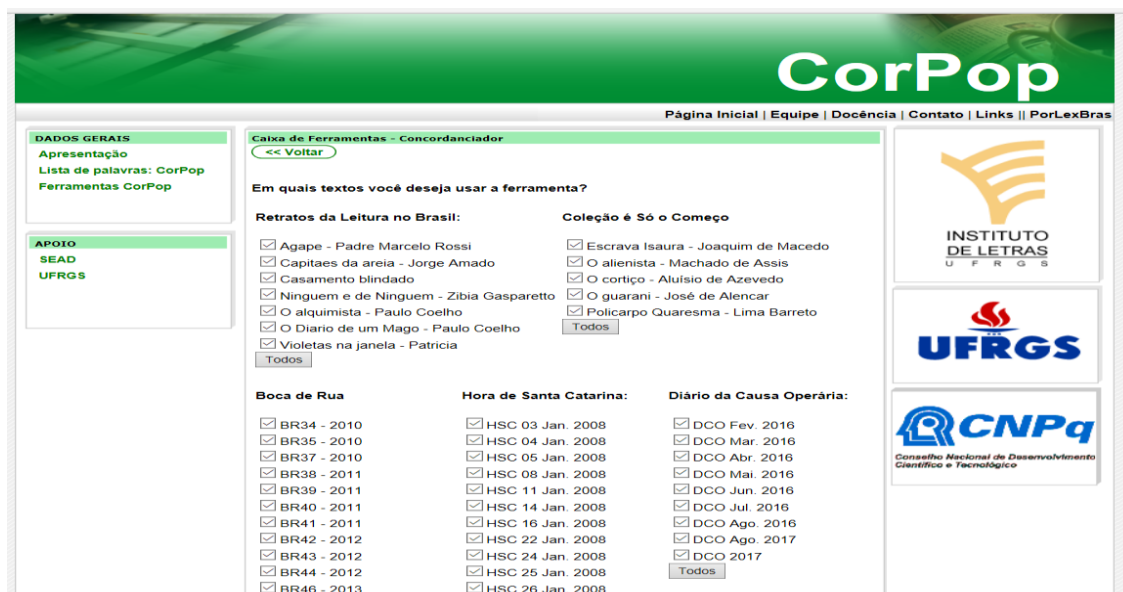


Figura 47: Pesquisa do termo ‘patologia’ realizada no CorPop

Aviso: Dependendo do número de *corpóra* selecionados, o resultado pode demorar.

Escreva a palavra ou parte de palavra que você deseja procurar:

Escolha quantas palavras você deseja visualizar antes e após sua busca:

Escolha o formato de saída:

Fonte: Corp Pop. (2018, documento *on-line*).

Figura 48: Resultado da pesquisa por ‘patologia’ no concordanciador do CorPop

The screenshot displays the CorPop concordancer interface. At the top, there is a green header with the CorPop logo and navigation links: Página Inicial | Equipe | Docência | Contato | Links | PorLexBr. The main content area is divided into three columns. The left column contains 'DADOS GERAIS' (Apresentação, Lista de palavras: CorPop, Ferramentas CorPop) and 'APOIO' (SEAD, UFRGS). The middle column, titled 'Caixa de Ferramentas - Concordanciador', shows the search results for 'patologia'. It indicates 'Total de concordâncias: 2' and provides a snippet of text: 'real com a erradicação dessa **patologia**, mas logicamente o lucro resultante de controle da incidência da **patologia**. Contudo, o que se percebe'. The right column features logos for the Instituto de Letras UFRGS and the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Fonte: Corp Pop. (2018, documento *on-line*).

Figura 49: Resultado da pesquisa por 'doença' no concordanciador do CorPop

The screenshot displays the CorPop concordancer interface. At the top, there is a green header with the 'CorPop' logo and navigation links: 'Página Inicial | Equipe | Docência | Contato | Links | PorLexBras'. Below the header, the interface is divided into several sections:

- DADOS GERAIS:** Includes 'Apresentação', 'Lista de palavras: CorPop', and 'Ferramentas CorPop'.
- APOIO:** Lists 'SEAD' and 'UFRGS'.
- Caixa de Ferramentas - Concordanciador:** This section contains the search results for the word 'doença'. It shows a total of 50 concordances and a list of text excerpts where the word is used. The excerpts include phrases like 'doença social', 'doença mental', 'doença crônica', and 'doença física', illustrating various contexts of the word.
- Logos:** On the right side, there are logos for 'INSTITUTO DE LETRAS UFRGS', 'UFRGS', and 'CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico'.

The search results for 'doença' are as follows:

Total de concordâncias: 50

Concordanciador

econômico. A fome é uma **doença** social. As pessoas costumam dizer sumindo mesmo. Uns morrem de **doença**, outros são presos. Vamos sendo as pessoas. Uma usuária com **doença** mental foi repreendida porque esqueceu perguntou se eu tinha alguma **doença**. Eu falei que eu tinha de trabalhar por causa desta **doença**, tanto que vendo há anos profissional da saúde. Ou seja: **doença** vira caso de polícia. Existe um endereço. Se tiver uma **doença** crônica, uma passagem pelo sistema país com mais casos da **doença** no mundo, e o estado campanha mostra a gravidade da **doença**. Sem se cuidar, muitos acabam muitos acabam morrendo com a **doença**, inclusive alguns integrantes do Boca é traficante, se rouba por **doença** ou porque precisa... O morador que isso já era uma **doença**. Foi preso e levado para melhor remédio para a falsa **doença**. Crispim disse que estava bom classes, de acordo com a **doença**. Simão atacou de frente a A notícia da **doença** de Jerônimo correu entre as a gente. O crime, a **doença** e a loucura também acabam onde há a incidência dessa **doença**. No entanto, o que se no país em diagnóstico da **doença**, emitiu laudo ontem no qual Aedes aegypti, mosquito transmissor da **doença**, o que mantém o alerta de que alunos contraíssem a **doença** resultou em perda de aula. a confirmação do foco da **doença**, a diretora Silvia Regina Neis Alegre tem transmissão interna da **doença**. Todos os outros casos registrados sete, Ti-ti-ti, terá câncer, mesma **doença** que provocou a morte da Daisy Gam, por causa da **doença**, em 2007. – Falar disto

Fonte: Corp Pop. (2018, documento *on-line*).

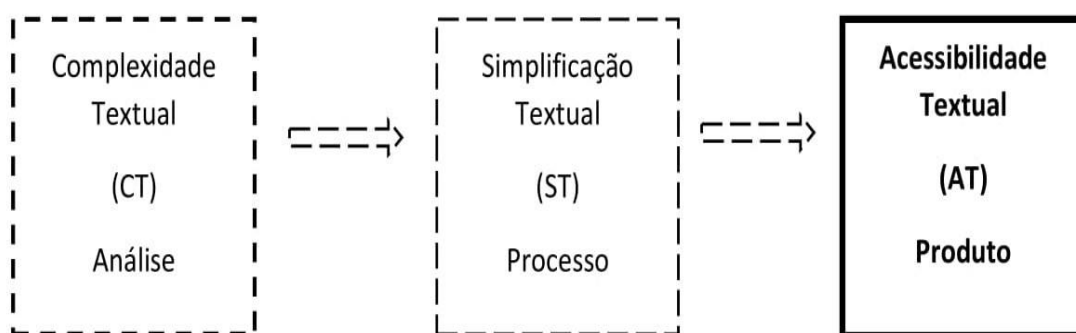
8 ACESSIBILIDADE TEXTUAL: TEXTO E TRADUÇÃO

A Acessibilidade Textual pode ser compreendida como uma qualidade, uma condição do texto e, principalmente, como algo que se deseja promover ou concretizar de modo que determinada comunidade leitora tenha condições de compreender um dado texto. Com isso, a desejada acessibilidade pode vir a ser o produto resultante desses processos. Como explica Finatto:

A Acessibilidade Textual e Terminológica pode ser vista como uma condição desejada, resultante de processos de escrita ou de reescrita que partem de um texto-fonte, ou de uma informação-fonte, em tese, complexos. Essa “complexidade original” estimada e da qual se parte como referência tende a ser, também, multifatorial, podendo ser construída por conteúdos, convenções de escrita, etc. (FINATTO, no prelo).

Neste capítulo, dou continuidade ao tratamento do trinômio citado como base desta pesquisa: Complexidade Textual (CT), Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual (AT). A seguir, trago um esquema que ilustra a Acessibilidade Textual como um produto resultante da análise da Complexidade e do processo de Simplificação, se estes forem bem-sucedidos.

Figura 50: Acessibilidade Textual como produto



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A Acessibilidade Textual, para que possa de fato se concretizar, precisa ser trabalhada no âmbito da construção do texto, por meio da análise de sua complexidade e posterior simplificação de seu léxico e de sua sintaxe. Neste contexto, o redator e/ou o tradutor tem papel primordial, pois a construção de um texto acessível não é feita com base

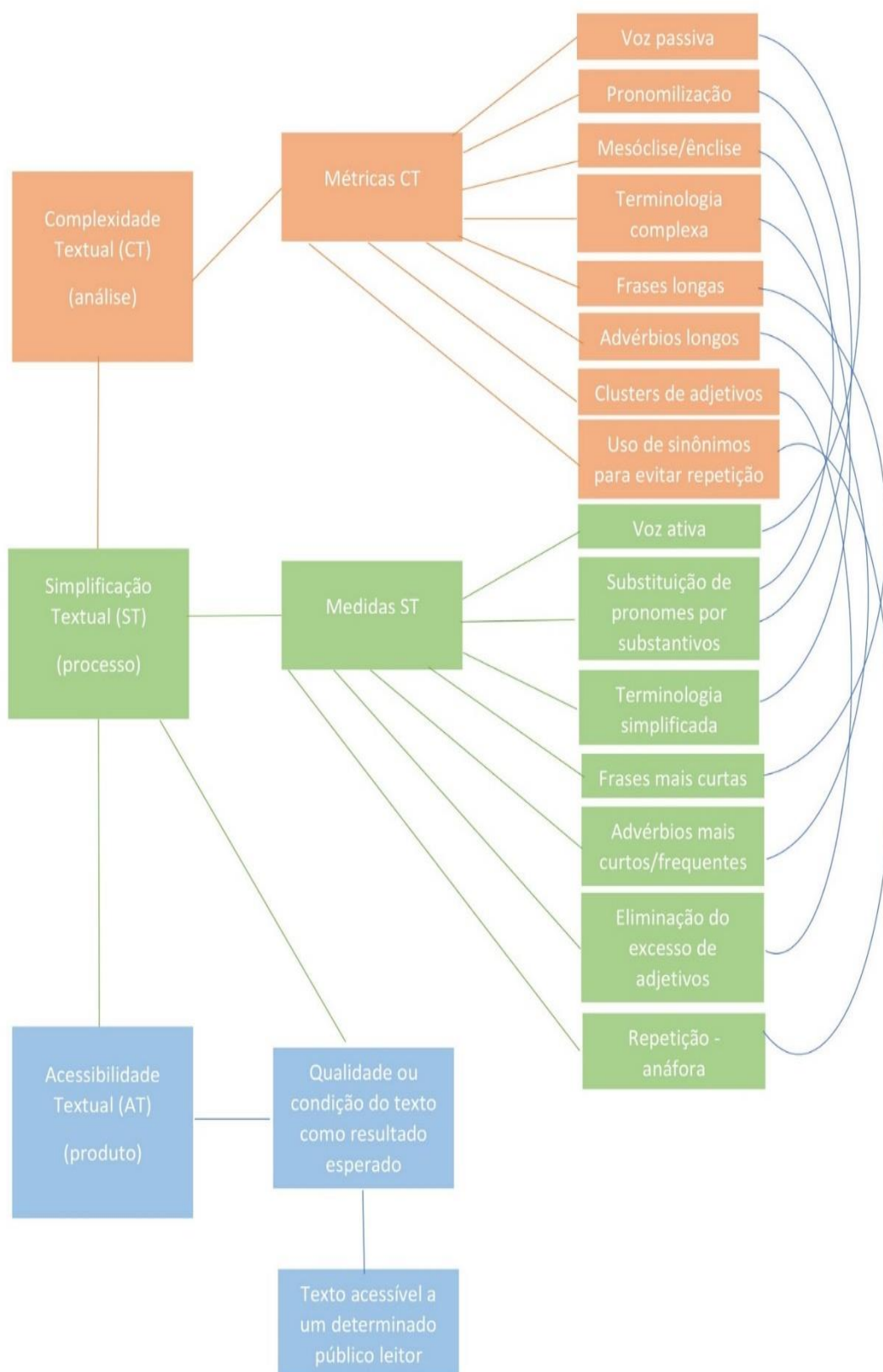
em “achismos”. Um texto acessível precisa ser construído por quem domina não só a linguagem, mas por quem possua determinadas competências e atributos psicofisiológicos que contribuirão para um resultado desejável no que tange essa acessibilidade.

Assim, como vimos anteriormente nesta dissertação, a capacidade de adaptação e a empatia aparecem como atributos essenciais a este profissional do texto. Contudo, este assunto ainda inspira reflexões. Pois seriam essas características inerentes ou poderiam ser aprendidas em sala de aula? Todo o redator e/ou tradutor “bem treinado” estaria apto a traduzir ou redigir textos acessíveis? Ou esta seria uma modalidade da tradução resguardada apenas a profissionais com determinadas características? Não tenho uma resposta definitiva para essas questões tampouco sei se elas existem. Contudo, a experiência prática em sala de aula sobre a temática da CT, ST e AT fornece indícios de que trabalhar estas questões em sala de aula e buscar preparar o profissional dos cursos de Letras para a produção de textos acessíveis agrega valor à sua formação, ampliando seus horizontes para um tema de forte relevância social

Vale frisar que existem diferentes situações em que a acessibilidade de um dado texto pode ser trabalhada. Nesta pesquisa, estamos tratando de uma delas em particular: a acessibilidade em textos traduzidos. Contudo, criar textos já acessíveis, tendo em mente as premissas da simplificação, como vimos em capítulos anteriores deste trabalho, pode ser uma realidade. Nesse caso, o texto não precisará ser transformado com vistas à acessibilidade, mas ele já se originará acessível, caso o redator tenha a acessibilidade como objetivo primordial. Criar um texto acessível, em tese, poderia ser mais fácil do que transformar aquilo que já foi construído de outra forma, mas vale ressaltar que para tanto o redator precisa conhecer os mesmos fundamentos aplicados ao texto complexo que será simplificado: as fórmulas de inteligibilidade, as métricas de análise de complexidade e as medidas simplificadoras, pois, de qualquer forma, ele precisará medir a complexidade do seu próprio texto e aplicar as medidas simplificadoras durante a redação de seu texto.

A seguir, apresento um Mapa da Acessibilidade: um resumo dos processos de promoção da Acessibilidade que podem ser aplicados tanto por redatores quanto por tradutores.

Figura 51: O mapa da Acessibilidade



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

8.1 A ACESSIBILIDADE TEXTUAL (AT) NOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO

Como já mencionado neste trabalho, o principal enfoque desta pesquisa é a Tradução Especializada Acessível e de que forma as temáticas que perfazem a TEA podem ser apresentadas ao tradutor/redator em formação. O tradutor costuma ser um dos intermediadores do conhecimento quando possibilita que obras dos mais variados tipos e de diversas temáticas cheguem a pessoas de outros lugares do mundo por meio da tradução de seus conteúdos. Mas o tradutor, hoje, com as diferentes demandas de um mundo globalizado, e cujo público leitor e consumidor tem os mais variados graus de letramento, pode ser mais do que um intermediador, mas também um facilitador do acesso ao conhecimento.

Como vimos em Seção anterior deste trabalho (Seção 4.4), a Acessibilidade Textual na Tradução se concretiza através da simplificação textual, vista como uma forma de tradução intralinguística. Defendo, portanto, a importância de se trabalhar esses conceitos, ainda pouco explorados no Brasil, tanto de Complexidade Textual, quanto de Simplificação Textual – como forma de tradução intralinguística –, e Acessibilidade Textual, nos cursos de Tradução oferecidos nas faculdades de Letras ou de Tradução e Interpretação, uma vez que a tradução intralinguística e o trinômio CT, ST e AT podem ser vistos como novas oportunidades de trabalho para redatores e tradutores. Ademais, esse trabalho possui um importante fator social, uma vez que possibilita que um maior número de pessoas, que inicialmente não teriam condições de compreender literaturas sobre diversos assuntos, tenham a oportunidade de aprender com textos mais de acordo com sua capacidade leitora e nível de letramento.

Neste trabalho, a Acessibilidade Textual aparece à luz da tradução especializada, pois este foi nosso objeto de trabalho durante os projetos de pesquisa patrocinados pela SEAD/UFRGS com os alunos de Tradução da faculdade de Letras Bacharelado da UFRGS; contudo, a tradução acessível pode ser trabalhada com diferentes tipos de tradução, como a literária, a publicitária, bem como em diferentes modalidades, como na tradução audiovisual, na interpretação, etc.

Versões literárias mais acessíveis a um determinado público não são novidade, uma vez que existem no mercado versões de livros clássicos para pessoas de escolaridade limitada ou para o público infantil. Contudo, não são ainda frequentes no país pesquisas embasadas por fundamentos teórico-metodológicos que sustentem esse tipo de trabalho. Por

isso a importância de formar profissionais do texto, como tradutores e redatores, que estejam preparados para suprir essa demanda ainda escassa no Brasil.

8.2 A ACESSIBILIDADE TEXTUAL (AT) NOS ESTUDOS DE TERMINOLOGIA

Como explica Alain Rey:

Os vocabulários científicos, técnicos, institucionais, instrumentos obrigatórios da constituição e da transmissão do saber, da harmonização da cultura, do desenvolvimento pedagógico, eram tradicionalmente usados sem ser bem percebidos, salvo pelos próprios especialistas. A tomada de consciência das dimensões linguísticas, formais e, em particular das léxico-terminológicas dos problemas culturais ou socioeconômicos, torna desejável um grande esforço nesta direção e um desenvolvimento da terminologia. (REY, 1979, p. 116, tradução nossa)⁴¹

Foi então com o avanço da industrialização e crescimento das áreas de conhecimento técnicas e científicas que começam a surgir os estudos sobre as terminologias utilizadas nessas literaturas de comunicação profissional e especializada. Vale ressaltar que a Terminologia como área de estudo é grafada com T maiúsculo enquanto ‘terminologia’, com t minúsculo, é um conjunto de termos. Desde as primeiras teorias, como a Teoria Geral da Terminologia, de Eugen Wüster, e a Escola Russa, muita coisa mudou nos Estudos de Terminologia. Finatto nos traz um panorama de como é vista a Terminologia nos dias de hoje.

A Terminologia – grafada com T inicial maiúsculo – é entendida hoje como uma área de estudos ou como uma disciplina especialmente dedicada a tratar dos fenômenos das linguagens técnico-científicas. No Brasil, filia-se à Linguística Aplicada, tem enfoque descritivo e seus produtos mais tradicionais têm sido os glossários e dicionários especializados, diferenciados dos dicionários gerais de língua. A Terminologia, ao lidar com as terminologias e com o seu entorno, comunicativo e textual, mostra uma vertente teórica e outra prática (cf. KRIEGER, FINATTO, 2017). A Terminologia, em suas diferentes teorias e tipos de trabalhos, é hoje um terreno fértil para diferentes encaminhamentos e diálogos de pesquisas. (FINATTO, no prelo)

Assim, com a evolução dos estudos de Terminologia, desde a primeira fase de transformação da clássica e prescritiva Terminologia wüsteriana pelo viés linguístico,

⁴¹ Texto original: Les vocabulaires scientifiques, techniques et institutionnels, outils obligatoires de la constitution et de la transmission du savoir, de l’harmonisations de la culture, du développement pédagogique, étaient traditionnellement utilisés sans éter bien perçus, sauf par les spécialistes eux-mêmes. La prise de conscience des dimensions linguistiques, formelles, et en particulier lexico-terminologiques des problèmes culturels ou socio-économiques rend très souhaitable un effort accrudans cette direction, et un développement de la terminologie.

passou-se a defender que a língua das ciências e das técnicas não deixaria de ser uma língua natural (FINATTO, 2004, p. 347). Além disso, a Terminologia não se encarregaria mais de tratar tão somente do termo e dos produtos dele derivados, como os glossários. Dessa forma, conforme expõe Cabré (2005, p. 6), em sua Teoria Comunicativa da Terminologia, as mudanças produzidas nas últimas décadas com os avanços industriais, científicos e tecnológicos, aumentaram o valor social dos estudos terminológicos e a Terminologia deixa de ser considerada uma necessidade e uma prática homogêneas e passa a ser considerada um conjunto variado de necessidades que requerem práticas distintas e geram aplicações adequadas a essas necessidades.

É nesse contexto que a Terminologia sai da percepção do termo isolado ao termo integrado em um ambiente textual e vinculado a um todo de significação que é o texto (FINATTO, 2014, p. 348) e passa a abarcar a comunicação profissional e o texto especializado como um todo e suas relações no âmbito social, como a forma com que essa comunicação impacta e influencia as relações entre os detentores do conhecimento e produtores de textos especializados e aqueles que irão absorver esse conhecimento por meio desses textos, uma vez que, como explica Finatto (2004, p. 348) “nos falares da ciência, há apropriação da linguagem por parte de um locutor que se constitui como um EU que é simultaneamente um indivíduo e um porta-voz autorizado de uma ciência ou conhecimento”.

Note-se que a Terminologia, no geral, visa a facilitar a comunicação entre um grupo de pessoas e a estrutura da comunicação especializada tem como objetivo principal transferir conhecimento especializado, cobrindo, por exemplo, a comunicação entre especialistas, entre especialistas e semiespecialistas e entre especialistas e leigos. Contudo, essa comunicação entre públicos distintos não é homogênea e suas diferentes camadas textuais precisam ser trabalhadas de forma que os públicos leitores com diferentes necessidades consigam de fato se comunicar. É em esses diferentes contextos, em que as terminologias e a Terminologia não estão mais restritas ao profissional detentor do conhecimento especializado, que se enquadram os nossos estudos sobre o trinômio CT, ST e AT.

As terminologias, bem como o léxico geral, aparecem com destaque nas análises de Complexidade Textual, nos processos de Simplificação Textual e no produto Acessibilidade Textual. É inegável que o termo, como já visto nesta dissertação no Capítulo 6, pode ser um fator potencialmente complicador da compreensão de um texto. Nada mais natural, uma vez que as terminologias, frequentemente, estão restritas às áreas de conhecimento. A Internet veio para mudar esse contexto, mas não completamente. É fato que a Internet disseminou o conhecimento como nunca visto antes e, com isso, terminologias de diferentes áreas estão à

disposição de muitos leitores. Contudo, é muito difícil que os leitores, por diferentes fatores, desde letramento à acessibilidade, tenham condições de se aprofundar nessas terminologias e em tantas áreas do conhecimento disponíveis hoje. Nesse sentido, os termos ainda continuam muito restritos à comunicação especializada do âmbito profissional. E, nesse contexto, em algumas áreas com forte impacto social, como as áreas de saúde, e em que se queiram divulgar informações, trabalhar suas terminologias, por meio de estratégias de simplificação e acessibilidade, como visto no Capítulo 7 deste trabalho, é fundamental para que a informação possa chegar de maneira compreensível e acessível à população.

Por estas razões, sendo o termo um protagonista nos trabalhos de complexidade e simplificação, é que considero que o trinômio CT, ST e AT tem lugar de destaque nos Estudos de Terminologia. Conforme mencionado na PARTE DOIS desta dissertação, parte na qual relato os projetos financiados pela SEAD/UFRGS sobre CT, ST e AT, este trabalho de trazer a temática para as aulas de Terminologia já vem sendo realizado neste semestre com os alunos do curso de Letras Bacharelado. Os resultados ainda não estão concretizados, mas já se percebe que essa temática vem para contribuir e agregar interesse às disciplinas de Terminologia do curso de Letras da UFRGS.

PARTE 2

9 UM EXPERIMENTO EM SALA DE AULA: O PROJETO

Conforme citado na Seção 1.1 desta dissertação, esta pesquisa surgiu a partir de um projeto ao qual fiz parte como bolsista de pós-graduação, com o apoio da SEAD/UFRGS, intitulado “**Complexidade textual em contraste inglês-português bases para a elaboração de atividade EaD para a formação de tradutores na UFRGS**”. O projeto nasceu no ano de 2017, em meu primeiro ano como mestranda da linha de pesquisa Terminologia, Tradução e Lexicografia do PPG-LETRAS UFRGS.

O tema principal do projeto, a Complexidade Textual (CT) em Tradução (inglês-português), bem como as temáticas paralelas e, neste caso, indissociáveis, da Simplificação Textual (ST) e Acessibilidade Textual (AT), foi introduzido em sala de aula para os alunos do curso de Tradução Inglês/Português da Faculdade de Letras Bacharelado da UFRGS. O principal objetivo do projeto foi criar bases para a elaboração de recursos educacionais digitais sobre o tema da CT, ST e AT por meio da exposição do tema aos alunos, de atividades presenciais e da posterior testagem dos acertos e falhas por meio do *feedback* dos alunos e da Professora de Tradução responsável pelas turmas em questão, de modo a que ficasse mais fácil selecionar conteúdos e preparar atividades com fins de ensino a distância (EaD) a serem realizadas em um ambiente virtual pelos futuros tradutores e, em um dado momento, por alunos de outras áreas de conhecimento.

9.1. AS BASES DO PROJETO: COLETA DE DADOS

A primeira fase do projeto consistiu da coleta de dados, de modo que estes nos dessem os subsídios necessários para a criação de atividades EaD e também para que pudéssemos verificar a aceitação do trinômio CT, ST e AT, por parte dos alunos do curso de Tradução, como possível área de estudo. De nada adiantaria darmos prosseguimento ao nosso projeto e criarmos atividades que pudessem ser acessadas pelos alunos de Tradução *on-line* se o tema principal da pesquisa não fosse de interesse dos mesmos. Por ser um tema ainda muito pouco explorado no Brasil, mensurar a relevância do trinômio CT, ST e AT para alunos de Tradução, que deverão se colocar no mercado, em breve, como profissionais do texto, foi fundamental antes de se pensar em avançar em nossos estudos e propor a temática

como possível disciplina do curso de Tradução da UFRGS e para outros cursos de Tradução, com as devidas adaptações, como veremos no Capítulo 10 deste trabalho.

A seguir, relatarei o passo-a-passo de nosso projeto e de que forma os dados foram sendo coletados, em sala de aula e fora dela, para que nos dessem os subsídios que temos hoje para a proposta desta dissertação: uma disciplina intitulada Tradução Especializada Acessível (TEA) desenhada para o curso de Letras Bacharelado da UFRGS e, possivelmente, para outros cursos de Tradução do país.

9.1.1 A primeira fase do projeto e a compilação do *corpus* de pesquisa

Antes de passarmos à sala de aula, na primeira fase deste projeto, preparamos as bases para o assunto que seria exposto aos alunos. Nesse contexto, construímos um *corpus* de pesquisa, de modo que tivéssemos uma fonte de consulta e referência para os textos técnico-científicos que seriam trabalhados em sala de aula sob o enfoque do trinômio CT, ST e AT. Esse *corpus* de pesquisa foi elaborado a partir de textos técnico-científicos da área médica, mais especificamente, sobre a Doença de Parkinson (DP). O nosso *corpus* teve como ponto de partida um *corpus* textual bilíngue pré-existente, relacionado a estudos em andamento junto ao PPG-LETRAS UFRGS, na área de Terminologia e Tradução, e a pesquisas em Educação a Distância (EaD) anteriores a esta realizadas com o apoio da SEAD. O *corpus* de partida consistia de mais de 300 documentos, artigos científicos e textos de popularização para leigos na área de Saúde, em inglês e português, sobre os temas da DP, dos quais selecionamos 50 textos, privilegiando os mais relevantes e interessantes para o contraste inglês/português, construindo, assim, nosso *corpus*-amostra.

A ideia de construir um *corpus* que representasse a temática da DP, nos dois idiomas, inglês e português, teve como principal objetivo proporcionar aos alunos uma fonte de consulta confiável, constituída de textos de fontes selecionadas para representar, além da linguagem científica, a linguagem utilizada nos sites e *blogs* sobre a doença dirigidos a leigos, uma vez que o nosso objetivo final era que os alunos fossem capazes de transformar um texto escrito por e para um público especializado em um texto traduzido compreensível por um público leigo.

Para construir nosso *corpus*, nos baseamos nos critérios apresentados por Berber Sardinha (2000). Não me estenderei aqui sobre as teorias de construção de *corpora*, pois esta dissertação não é um trabalho de Linguística de Corpus. Contudo, tomamos como base os

principais pré-requisitos da elaboração de *corpora*, de forma que pudéssemos construir um corpus minimamente representativo e útil, como fonte de consulta, para nossos alunos, sendo estes fundamentos (SARDINHA, 2000, p. 16):

- o *corpus* deve ser composto de textos autênticos, em linguagem natural;
- os textos devem ser escritos por falantes nativos;
- o conteúdo do *corpus* deve ser escolhido criteriosamente;
- e o *corpus* deve ser representativo.

Para complementar e enriquecer o *corpus* pré-existente, de 50 textos (*corpus*-amostra), selecionamos outros 23 textos de *sites* e *blogs* com a temática da DP em seus idiomas originais. Para o *corpus* em inglês, selecionamos textos de sites americanos e britânicos bastante conhecidos pelos portadores da doença e seus familiares, como os sites da Michael J. Fox Foundation, da APDA (*American Parkinson Disease Foundation*) e da *Parkinson's UK*. Para o *corpus* em português, buscamos ainda, além de materiais de *sites*, alguns artigos científicos, uma vez que existem menos *sites* e *blogs* informativos sobre a doença, em português, disponíveis na Internet, se comparado com o inglês. Os *sites* utilizados foram, entre outros, o da Academia Brasileira de Neurologia, Associação Brasil Parkinson e *site* do Dr. Dráuzio Varella. Nos preocupamos, além de ter uma boa representatividade no português, com a origem e a confiabilidade dos textos. Para que um *corpus* seja uma fonte confiável de consulta, os textos que o compõe precisam ser de fontes gabaritadas e que tenham a autoria/responsabilidade de instituições/associações de Saúde ou de profissionais devidamente identificados.

Após a coletânea dos textos, utilizamos a ferramenta Sketch Engine⁴² para compilar o *corpus*. Esta é uma ferramenta bastante versátil, com vários recursos e com a possibilidade de se utilizar um *corpus* de referência pronto e disponível na própria ferramenta. Segundo Tagnin (2012), um *corpus* de referência serve de termo de comparação para o *corpus* de estudo. Idealmente, este *corpus* deve ter de três a cinco vezes o tamanho do *corpus* de estudo. A compilação do nosso *corpus* de pesquisa no Sketch Engine teve como principal objetivo facilitar a pesquisa por termos especializados, por parte dos professores e pesquisadores envolvidos na pesquisa, que utilizam esta ferramenta, além de ser um meio de armazenar o *corpus* para futuros incrementos à medida que novos textos surjam.

⁴² O **Sketch Engine** é um software gerenciador de *corpora* e análise textual desenvolvido pela Lexical Computing Limited. O Sketch Engine foi lançado em 2003 e seu principal objetivo é permitir que lexicógrafos, pesquisadores em linguística de corpus, tradutores e estudiosos da linguagem pesquisem grandes coletâneas de textos, criem seus próprios corpora, entre outras funcionalidades.

A seguir temos um exemplo de uma pesquisa realizada na ferramenta Sketch Engine pelos termos Mal⁴³ (de Parkinson) *versus* Doença (de Parkinson). O objetivo era estabelecer qual dos dois termos seria o mais utilizado, para que, no momento da tradução do texto simplificado, o tradutor fizesse uso daquele termo de maior frequência e abrangência. A ferramenta ainda nos permite visualizar com quais palavras o termo pesquisado vem acompanhado.

Observa-se na primeira tela, os resultados para a pesquisa do termo ‘Mal’. Foram oito ocorrências, sendo que dessas oito todas elas vinham acompanhadas por ‘de Parkinson’. Note-se que as ocorrências aqui mencionadas dizem respeito somente ao *corpus* compilado por nós.

Figura 52: Tela de pesquisa realizada no Sketch Engine – Mal

The screenshot shows a web browser window with the URL https://thesketchengine.co.uk/corpus/first?corpname=user%2Flianaufgrs%2Fdoenca_de_parkinson_port&reload=&query=mal&querysi. The search results for the query 'mal' are displayed, showing a frequency of 8 (211.32 per million). The results include several snippets of text from a corpus, all mentioning 'mal de Parkinson'. The snippets are as follows:

- file652712... são comuns em muitos dos portadores do mal de Parkinson <g> . Às vezes <g> , elas são causadas por
- file652712... : Wikipédia <g> , a enciclopédia livre <g> . Nota <g> : Mal de Parkinson redireciona para este artigo <g> .
- file652712... , veja Parkinsonismo A doença de Parkinson <g> , mal de Parkinson ou paralisia agitante <g> , descrita
- file652712... pequeno tremor na mão aos 19 anos de idade <g> . <g> [<g> 3 <g>] O mal de Parkinson é uma doença que ocorre quando
- file652712... de Neurologia O que causa e como identificar o mal de Parkinson A doença de Parkinson <g> , também
- file652712... A doença de Parkinson <g> , também conhecida como mal de Parkinson <g> , é uma doença degenerativa do
- file652712... uma vez que não existe um exame específico para o mal de Parkinson <g> . Caso o médico confirme o
- file652712... dúvidas <g> . O que é a doença A doença de Parkinson <g> , mal de Parkinson ou <g> , simplesmente <g> , Parkinson <g> , foi

Fonte: Elaborada pela autora em Sketch Engine (2018).

⁴³ A utilização da palavra ‘Mal’ associada à doença de Parkinson é criticada por muitos especialistas, por sua carga negativa. A explicação para o surgimento do termo Mal de Parkinson estaria na tradução equivocada da palavra ‘Maladie’ em francês, que, na verdade, quer dizer doença em sua primeira acepção. Contudo, fizemos essa comparação, pois muitos sites, inclusive médicos, ainda utilizam o termo Mal de Parkinson. (LUCENA, M. Doença de Parkinson e Alzheimer: a triste origem do “Mal”. **Portal do Envelhecimento**, 01 set. 2017. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/doenca-de-parkinson-e-alzheimer-triste-origem-do-mal/>>. Acesso em: 23 set. 2018.)

Na segunda tela, temos os resultados da pesquisa pelo termo ‘Doença’. Foram 468 ocorrências, mas observe-se que nem todas as ocorrências resultaram em ‘Doença de Parkinson’. Temos aqui outros resultados, como ‘doença específica’, ‘sintomas da doença’, etc.

Figura 53: Tela de pesquisa realizada no Sketch Engine – Doença

Fonte: Elaborada pela autora em Sketch Engine (2018).

De forma a nos certificarmos de qual seria o termo mais frequente, ‘Mal de Parkinson’ ou ‘Doença de Parkinson’, foi feita uma nova pesquisa para se verificar qual fraseologia seria a mais utilizada de fato. Como pode ser visto nas Figuras 53 e 54, respectivamente, ‘Mal de Parkinson’ tem somente 08 ocorrências contra 232 ocorrências para ‘Doença de Parkinson’, provando ser o mais utilizado em nosso *corpus* de pesquisa.

Figura 54: Tela de pesquisa realizada no Sketch Engine – Doença de Parkinson.

The screenshot shows the Sketch Engine search results for the query 'Doença de Parkinson'. The search bar at the top contains the query and the results are displayed in a table-like format. The results include file identifiers and snippets of text. The search results are as follows:

File ID	Snippet
file652712...	no controle dos sintomas associados à doença de Parkinson <g>... Preço O preço de Akineton varia entre os 26 e os
file652712...	de vários de nossos pacientes com doença de Parkinson <g>... seus cuidadores e familiares <g>... e do
file652712...	* <g> vitamina B2 e consumo de carne vermelha na doença de Parkinson <g>... <g>... Tem sido colocado na imprensa que o consumo de
file652712...	o consumo de carne vermelha poderia provocar a doença de Parkinson e que o uso de vitamina B2 em doses elevadas seria
file652712...	sangüíneos de vitamina B2 em 31 pacientes com doença de Parkinson e em 10 pacientes com o diagnóstico de <g> demência
file652712...	, mantendo seus medicamentos usuais para a doença de Parkinson <g>... e pediram para que deixassem de consumir carne
file652712...	e devem ser recomendadas para os pacientes com doença de Parkinson <g>... A nosso ver o artigo incorre em vários
file652712...	recebendo o tratamento tradicional para a doença de Parkinson <g>... O grupo que recebeu dieta sem carne vermelha
file652712...	que fazem uso do medicamento padrão para a doença de Parkinson <g>... , têm diminuídas a absorção e a
file652712...	1987 que é <g> <g> escala unificada para avaliação da doença de Parkinson <g>... <g>... conectada pela sigla UPDRS <g>... A UPDRS foi
file652712...	de tratamentos e intervenções terapêuticas na doença de Parkinson <g>... A criação de uma escala com valores em
file652712...	<g> <g> validação intra <g> - e inter-examinadores <g> <g> <g>... <g>... A doença de Parkinson <g>... , especialmente nas fases mais avançada e nos
file652712...	motoras e é mandatório que nos experimentos em doença de Parkinson as avaliações seja comparadas apenas no
file652712...	físicos excessivos <g>) ou no hábito alimentar e doença de Parkinson <g>... Também <g>... não há qualquer indicio
file652712...	entre a riboflavina (<g> <g> vitamina B2 <g>) e a doença de Parkinson <g>... Os recentes avanços no conhecimento da
file652712...	avanços no conhecimento da genética na doença de Parkinson também <g>... , até agora <g>... , não incluem correlação com
file652712...	vermelha sejam benéficos para os pacientes com doença de Parkinson <g>... Sem utilizar a metodologia científica
file652712...	de carne vermelha para os pacientes com doença de Parkinson Dia Mundial do Parkinson 11 de abril é o Dia
file652712...	do Parkinson 11 de abril é o Dia Mundial da Doença de Parkinson <g>... Por conta disso <g>... , a Academia Brasileira de
file652712...	disponíveis revelam que a prevalência da doença de Parkinson na população é de 150 a 200 casos por 100.000

Fonte: Elaborada pela autora em Sketch Engine (2018).

A compilação do nosso *corpus* de pesquisa na ferramenta Sketch Engine nos serviu como base e ferramenta de consulta para a elaboração das atividades didáticas propostas em sala de aula. Com os exemplos acima, mostramos aos alunos a importância de se verificar a terminologia adequada e as melhores soluções tradutórias para cada situação.

Contudo, por ser uma ferramenta bastante especializada e não ter sido o nosso intuito com este projeto trabalhar especificamente com Linguística de Corpus, mas sim esta área da Linguística servir como suporte às nossas atividades, decidimos que seria mais acessível para os alunos se estes tivessem acesso ao *corpus* em um formato em que pudessem acessar em qualquer computador, *tablet* ou até mesmo no celular. Dessa forma, os textos compilados foram limpos, ou seja, foram retiradas tabelas e figuras (os números foram mantidos) e salvos em formato *txt*. Esse *corpus* de pesquisa foi então fornecido aos alunos como material de consulta.

9.1.2 O cenário da pesquisa e a apresentação da temática da CT, ST e AT

Como visto na PARTE 1 deste trabalho, o tema norteador de nossa pesquisa foi o trinômio CT, ST e AT no âmbito da Tradução, em contraste inglês/português. Por termos a tradução e o tradutor como peças-chave nesta equação, foi necessário trabalhar a temática da CT, ST e AT tanto em inglês quanto em português, uma vez que cada idioma tem suas

peculiaridades. Da mesma forma que alguns fatores de complexidade em inglês convergem com fatores de complexidade em português, outros são distintos ou pouco frequentes. Um exemplo disso são os *clusters* de adjetivos em inglês. A língua inglesa costuma adjetivar com mais “intensidade” que a língua portuguesa. Os falantes do inglês não raro utilizam vários adjetivos antes do substantivo para qualificá-lo, muitas vezes recorrendo à hifenização. Exemplo: *She is a middle-aged strong-willed intelligent woman*. Este é um fator que frequentemente gera complexidade em um texto em inglês, mas que não é tão frequente em português. Por outro lado, utilizamos, com mais frequência que em inglês, a referência pronominal. Tendemos a substituir substantivos por pronomes para que o texto não fique repetitivo, outro fator que tem potencial para tornar um texto mais complexo, somente para citar alguns exemplos.

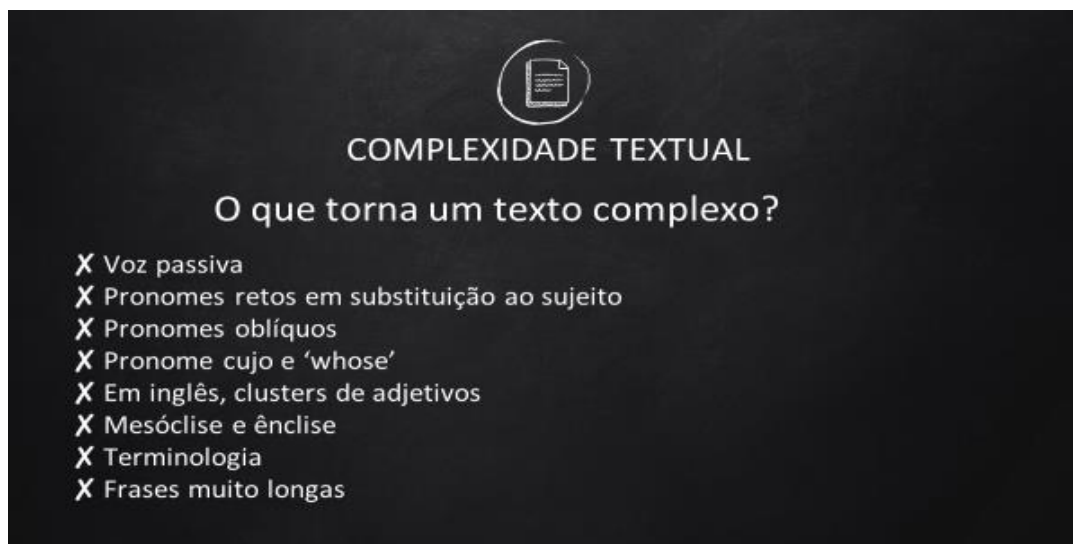
Procurando trabalhar as diferenças e as similaridades dos dois idiomas, contrastando-os, apresentamos, em sala de aula, para os alunos de graduação do curso de Tradução Inglês/Português da faculdade de Letras Bacharelado da UFRGS, matriculados nas disciplinas regulares do curso, TRAD I e TRAD III, ministradas pela Profa. Dra. Rozane Rebechi, **noções sobre complexidade textual, além do processo de simplificação e a potencial acessibilidade que resulta desse processo.**

Assim, apresentamos aos alunos os principais fatores que tornam um texto complexo. Contextualizamos a temática da Complexidade Textual com um pouco da história de Rudolph Flesch e como as fórmulas de inteligibilidade, utilizadas até hoje, surgiram e revolucionaram movimentos como o *Plain Language*. Após, foi feita uma explanação sobre o processo de simplificação e o que contribui para tornar um texto mais simples e, potencialmente, mais acessível. Foram feitas análises de textos tanto no *Word* quanto na ferramenta Coh-matrix-port, para que os alunos pudessem conhecê-las.

O conjunto de métricas apresentado no projeto foi: o número de frases por parágrafo, o número de palavras por frase, o número de caracteres por palavra, o índice Flesch, o índice Flesch-Kincaid, a relação *type-token*, o grau de referência pronominal, o uso de terminologia específica sem explicação, o uso de vocabulário erudito/de baixa frequência, o uso da voz passiva, o uso de advérbios longos e complexos e os ‘clusters’ de adjetivos (em inglês). Acreditamos que com esse conjunto de métricas, os alunos tiveram recursos suficientes para simplificar um texto de acordo com o perfil de leitor fornecido por nós e que veremos a seguir na exposição dos exercícios realizados em sala de aula.

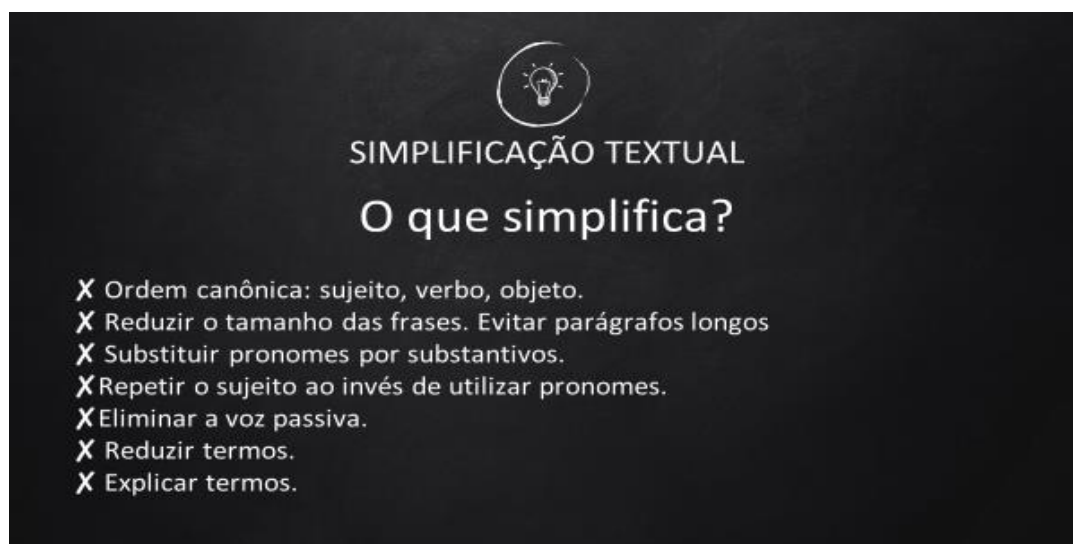
A seguir, trago um extrato do que foi apresentado em sala de aula. O material foi elaborado em PowerPoint e posteriormente convertido em formato digital para uso em plataforma EaD.

Figura 55: Apresentação em PPT realizada em sala de aula sobre a temática da Complexidade Textual



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Figura 56: Apresentação em PPT realizada em sala de aula: o processo de simplificação



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Figura 57: Apresentação em PPT realizada em sala de aula: o objetivo da Acessibilidade Textual



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Para fins deste experimento, optamos por demonstrar, em sala de aula, como se utilizam as ferramentas Coh-metrix e Coh-metrix-port, mas adotar a ferramenta do *Word* para analisar os textos com os alunos, além da seleção das métricas que mais influenciam o grau de complexidade de um texto compiladas na apresentação em PowerPoint, pois acreditamos que o principal objetivo deste projeto era fazer com que os aprendizes de tradução tivessem um primeiro contato com o tema da CT, ST e AT, e que utilizassem esta temática como sua aliada na hora de traduzir um texto. Não era esperado que os alunos do curso de graduação Tradução-Inglês da UFRGS se tornassem especialistas no tema. Aqueles alunos que se interessaram em se aprofundar no assunto e em utilizar os softwares de análise mencionados, puderam solucionar suas dúvidas via *e-mail*.

9.1.3 Os exercícios de simplificação realizados em sala de aula

Após a explanação teórica sobre as noções CT, ST e AT, os alunos praticaram os conhecimentos adquiridos com um exercício de simplificação supervisionado e realizado no laboratório de Informática do Instituto de Letras UFRGS. Foram utilizados recursos como os computadores da instituição e material de apoio como, como as ferramentas Word e Coh-metrix-Port, dicionários *on-line*, a apresentação em PPT antes sintetizada e o *corpus* de pesquisa.

Os alunos, trabalhando em pares ou em trios, realizaram o exercício em sala de aula e o enviaram por *e-mail* para que pudessem receber *feedback* sobre o seu desempenho. A atividade consistia em analisar um texto curto, de 1 página, em inglês, e identificar os fatores de complexidade (o texto encontra-se no Anexo D deste trabalho). O Word foi utilizado como principal ferramenta de análise, onde os alunos puderam verificar os índices Flesch e Flesch-Kincaid, além de outras métricas como percentual de voz passiva. Após a análise e marcação desses fatores no texto, o aprendiz de tradução pode optar por primeiro traduzir o texto e depois simplificá-lo ou simplificar o texto original em inglês e depois traduzir o resultado da simplificação, tornando-o mais acessível para um perfil de leitor previamente especificado (homem, 60 anos, aposentado do setor privado, trabalhou desde os 17 anos na mesma fábrica de tijolos, possui somente Ensino Fundamental completo e recentemente foi diagnosticado com a Doença de Parkinson).

Após a simplificação, os alunos avaliaram se o texto havia sido simplificado e qual grau de simplificação havia sido atingido. A análise da versão simplificada passou pelo mesmo processo do texto original, ou seja, o texto foi novamente avaliado na ferramenta do Word e as métricas de complexidade foram reavaliadas. Alguns alunos optaram por utilizar o Coh-matrix porque queriam aprender como a ferramenta funcionava.

Os resultados da simplificação foram debatidos em grupo, em sala de aula, e os alunos deram suas contribuições, fazendo um breve relato sobre como chegaram aos seus resultados. Foi-lhes solicitado que enviassem a atividade por e-mail para que pudesse ser avaliada e para que recebessem *feedback*. Na Seção 9.2 deste trabalho, apresentarei uma breve análise crítica sobre os resultados obtidos pelos alunos em suas atividades de simplificação.

O quadro 13 mostra os principais resultados alcançados pelos alunos que submeteram seus trabalhos para avaliação e os critérios utilizados na correção.

Quadro 13 - Critérios utilizados na avaliação do primeiro exercício de simplificação e percentual dos alunos que atingiram os critérios

Atividade de Simplificação	
Conseguiu manter as principais informações do texto – coesão e coerência	85,71%
Reduziu o número de palavras por frase	100%
Realizou substituições ou explicações adequadas do vocabulário e terminologias	71,42%
Falou diretamente com o leitor	28,57%
Substituiu pronomes por substantivos	57,14%
Aumentou o índice Flesch para o nível indicado	71,42%

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Com esta avaliação inicial, tivemos subsídios para ver os pontos que deveriam ser retrabalhados com os alunos para que suas dúvidas fossem solucionadas para a próxima tarefa que teriam a seguir.

A boa aceitação por parte dos alunos, quanto à temática do trinômio CT, ST e AT e os exercícios de simplificação, nos permitiu avançar além das expectativas iniciais nas atividades, e a Profa. Dra. Rozane Rebechi, responsável pelas turmas de Tradução I e III, sugeriu que o trabalho final da disciplina fosse uma tradução simplificada comentada.

9.1.4 O trabalho final

Para o trabalho final, selecionamos dois textos de *sites* americanos sobre a Doença de Parkinson. Os textos possuíam graus de complexidade diferentes por se tratarem de atividades para turmas com diferentes níveis e aprendizado em Tradução. Para as duas turmas de TRAD I, selecionamos um texto mais curto e com vocabulário menos erudito (Anexo G). O texto falava basicamente sobre uma pesquisa realizada com portadores da doença. Já o texto selecionado para a turma TRAD III (Anexo H), além de mais longo e com vocabulário mais erudito, apresentava dados históricos sobre a doença.

Para as duas turmas de Tradução I, selecionamos um texto semiespecializado com índice Flesch¹ 42.5, ou seja, difícil de ler e com conteúdo técnico-científico, mas escrito para um público semiespecialista ou semileigo. Para a turma de Tradução III, foi selecionado um texto especializado com índice Flesch¹ 33.2, ou seja, muito difícil de ler, com conteúdo técnico-científico e dirigido a especialistas. Estabeleceu-se essa diferença no grau de dificuldade do texto por estarmos trabalhando com aprendizes de tradução de graus de conhecimento diferentes: iniciantes e alunos do terceiro ano do curso. Assim, partiu-se do pressuposto que os alunos do terceiro ano do curso teriam mais condições de trabalhar com textos mais difíceis, e de que quanto mais especializado o texto, mais difícil de traduzir e, principalmente, mais difícil de simplificar para um público leitor de escolaridade limitada, uma vez que quanto mais especializado o texto mais distante ele estará da compreensão de um leigo.

Os alunos de ambas as turmas tiveram de traduzir o texto em inglês e posteriormente simplificá-lo para o português. Os alunos da turma de TRAD III tiveram a dificuldade adicional de selecionar as informações que eram realmente relevantes para o leitor-alvo, uma vez que o texto discorria sobre diversos temas relacionados à DP.

Foram criadas diretrizes tanto para a simplificação quanto para a tradução comentada (Anexo E). Foi criado um perfil de leitor que deveria nortear as escolhas dos alunos quanto à simplificação. Além disso, estes deveriam atingir um nível de simplificação, mensurado pelo índice Flesch e/ou Flesch Kincaid que ficasse dentro do grau de escolaridade do leitor. O perfil do leitor está descrito no Anexo F.

Os critérios utilizados para avaliar a atividade, com os respectivos percentuais de alunos que conseguiram atingir esses critérios, encontram-se a seguir:

Critério 1. O tradutor incluiu o índice Flesch nos comentários e o mediu de maneira confiável, com ferramentas como o Word ou o Coh-matrix-Port, como solicitado em sala de aula e nas diretrizes do trabalho final.

Critério 2. O tradutor conseguiu simplificar o texto, passando de um nível de complexidade de ‘muito difícil de ler’ para ‘padrão’, ou próximo a isso, como recomendado nas diretrizes do trabalho.

Critério 3. O tradutor empregou estratégias de simplificação, como a redução do número de palavras por frase, redução do tamanho dos parágrafos, redução da voz passiva, eliminação ou substituição de advérbios complexos (terminados em -mente) e substituição de pronomes por substantivos (repetição).

Critério 4. O tradutor conseguiu simplificar o léxico geral do texto e os termos médicos, deixando o texto com uma linguagem mais acessível, de acordo com o perfil de leitor estipulado, sem que o texto perdesse a fluidez e a coerência.

Critério 5. O tradutor justificou satisfatoriamente suas escolhas nos comentários do trabalho.

No quadro abaixo, apresento o percentual de alunos que conseguiu atingir cada critério descrito acima na turma de Tradução III.

Quadro 14 - : Critérios de avaliação trabalho final TRAD III e percentual de alunos que atingiram o objetivo

Trabalho Final TRAD III	
Critério 1	89%
Critério 2	89%
Critério 3	81,48%
Critério 4	74%
Critério 5	70,37%

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No quadro abaixo, apresento o percentual de alunos que conseguiu atingir cada critério descrito acima nas turmas de Tradução I (duas turmas).

Quadro 15 - Critérios de avaliação trabalho final TRAD I e percentual de alunos que atingiram o objetivo

Trabalho Final TRAD I	
Critério 1	72%
Critério 2	72%
Critério 3	64%
Critério 4	64%
Critério 5	32%

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Estes dados foram importantes para que pudéssemos diagnosticar os pontos que precisavam ser retrabalhados com os alunos ou que devessem ser reforçados nas atividades

EaD. A partir dessas necessidades, criamos um Guia de Simplificação, que pode ser consultado no Anexo J deste trabalho. O intuito com esse guia foi criar um passo-a-passo, com linguagem acessível, que os alunos pudessem consultar ao realizar a simplificação de um texto.

9.1.5 O questionário pós-tarefas

Após o final das atividades, elaboramos um questionário *on-line* para saber a opinião dos alunos sobre o projeto e mensurar seu interesse por atividades sobre a temática da CT, ST e AT em EaD. O questionário consistia de 5 perguntas e foi criado na plataforma surveymonkey para que os alunos pudessem respondê-lo remotamente. Do total de 52 alunos das 3 turmas de Tradução envolvidas no projeto, 37 alunos responderam ao questionário. O questionário foi enviado por e-mail e não era obrigatório. A seguir apresento figuras que ilustram o questionário *on-line*. A figura 58 representa o questionário em si e as posteriores os resultados obtidos no mesmo. Esses resultados serão analisados na Seção 9.2 a seguir.

Figura 58: Questionário sobre Acessibilidade Textual para os alunos participantes do projeto

Acessibilidade Textual

1. Você acredita que o tema da Acessibilidade Textual é relevante para a sua formação como tradutor?

Sim. Por quê?

Não. Por quê?

2. Sobre a apresentação do tema da Acessibilidade Textual em sala de aula, você conseguiu entender os conceitos apresentados?

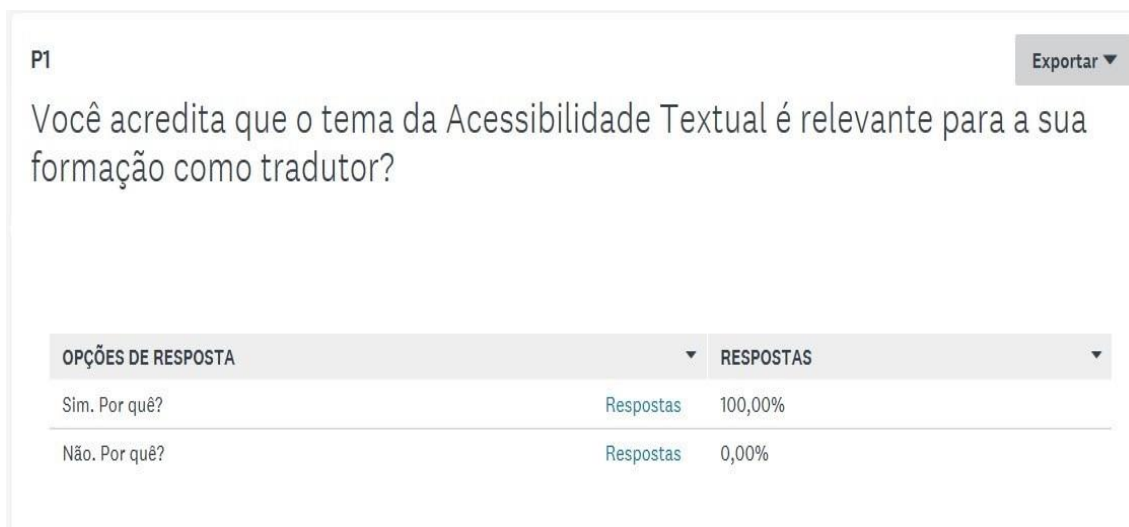
Sim.

Mais ou menos, pois fiquei com dúvidas.

Não.

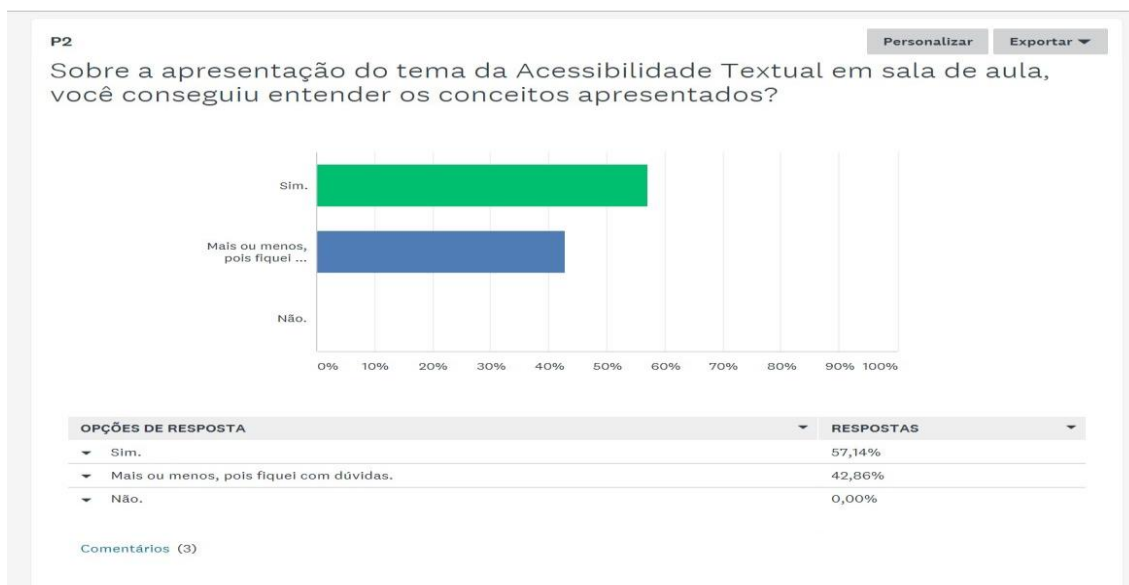
Fonte: Elaborada pela autora com Survey Monkey (2018).

Figura 59: Pergunta sobre a relevância da Acessibilidade Textual para os alunos da graduação em Letras

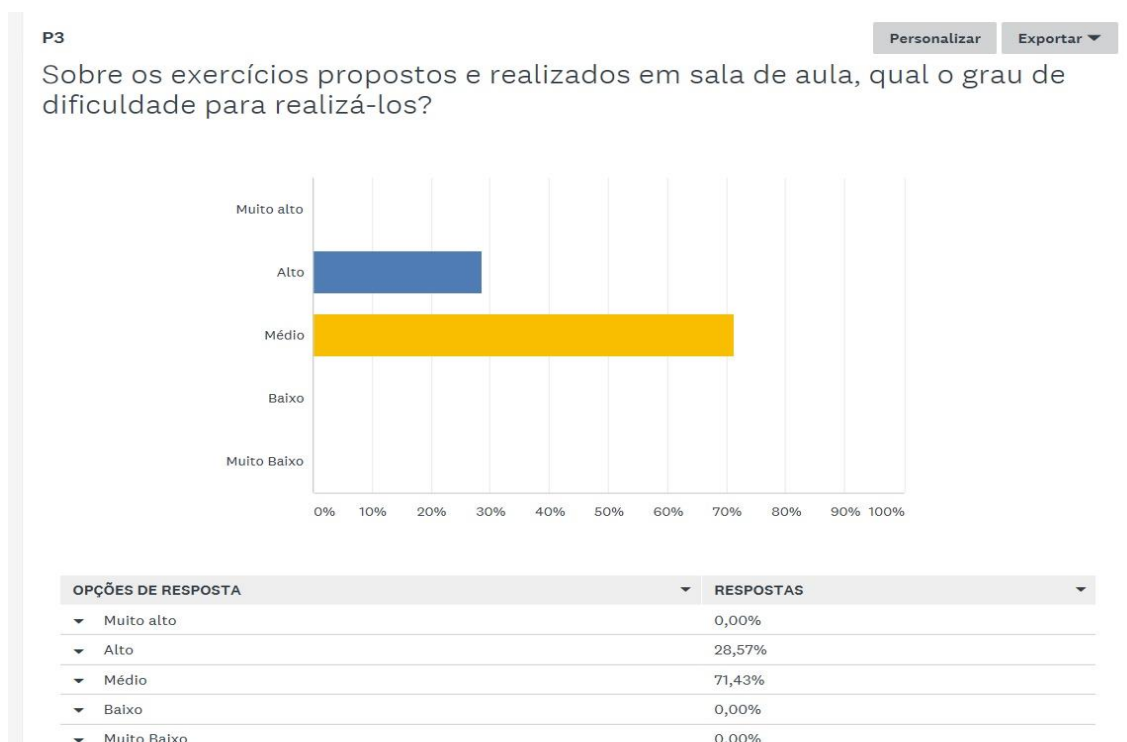


Fonte: Elaborada pela autora com Survey Monkey (2018).

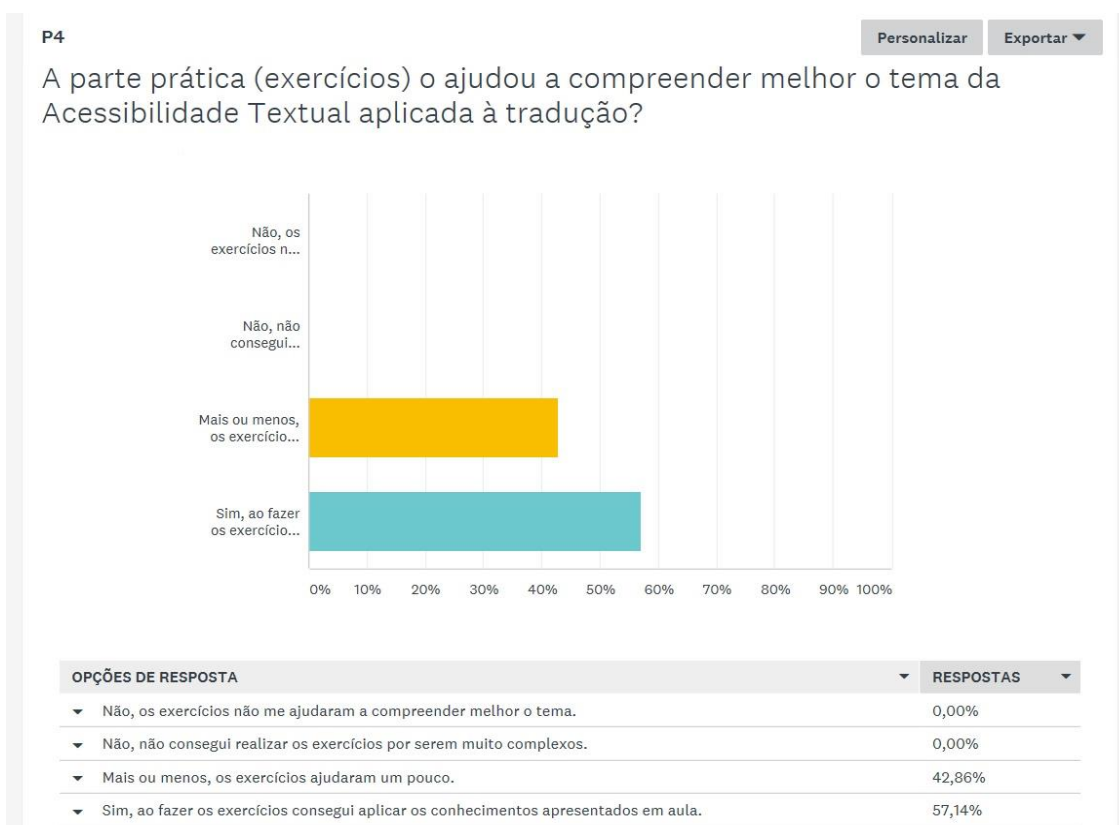
Figura 60: Pergunta sobre o entendimento dos conceitos de AT apresentados em sala de aula



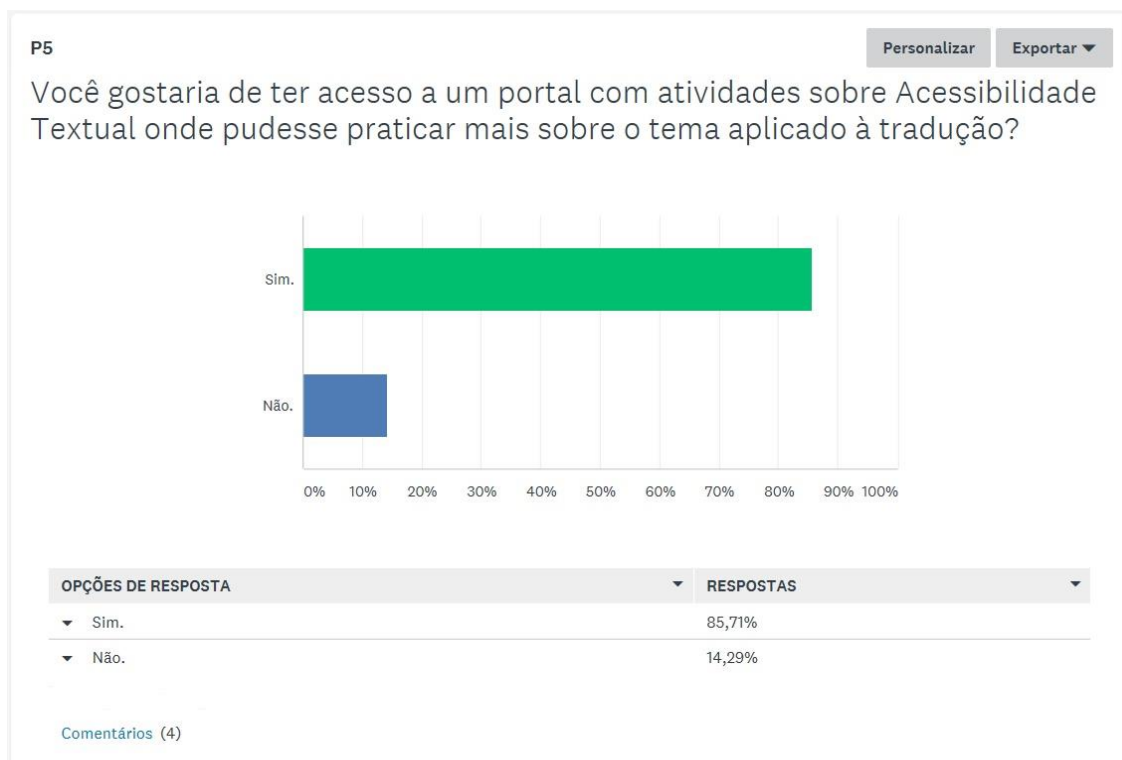
Fonte: Elaborada pela autora com Survey Monkey (2018).

Figura 61: Pergunta sobre os exercícios propostos durante o projeto e o grau de dificuldade

Fonte: Elaborada pela autora com Survey Monkey (2018).

Figura 62: Pergunta sobre a relevância das atividades práticas

Fonte: Elaborada pela autora com Survey Monkey (2018).

Figura 63: Pergunta sobre as atividades de Acessibilidade Textual em EaD

Fonte: Elaborada pela autora com Survey Monkey (2018).

Com essas perguntas, procuramos mensurar a adequação das atividades propostas, bem como o interesse dos alunos por atividades sobre a temática apresentada em uma plataforma digital para Ensino a Distância. Os alunos podiam ainda fazer comentários, que nos deram mais subsídios para a criação de novas atividades com recursos digitais.

9.2 ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DADOS COLETADOS

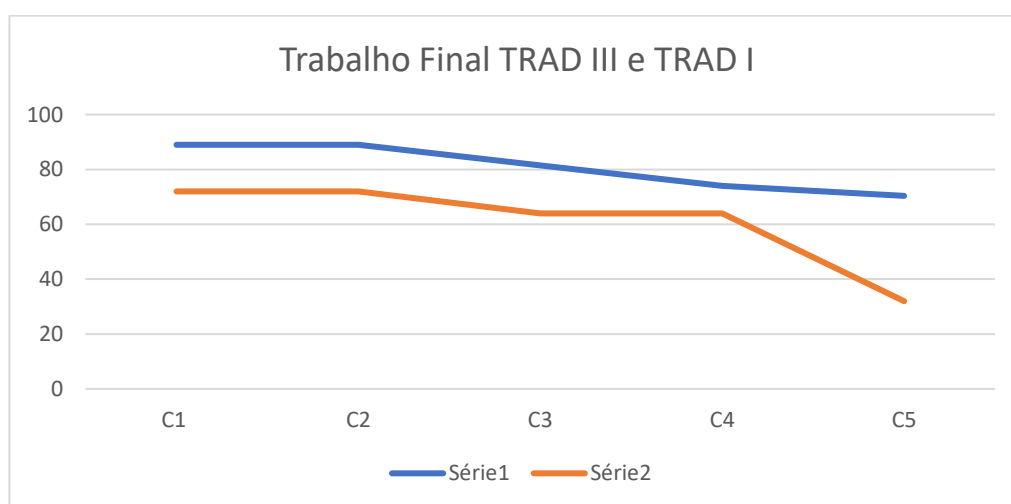
Os dados coletados durante o projeto foram importantes subsídios para a construção de atividades EaD sobre a temática da CT, ST e AT e para a implementação do projeto desta dissertação. A partir dos dados coletado comecei a definir as melhores bases para a criação de uma disciplina que abrangesse a temática apresentada aos alunos nos cursos de Tradução.

A ordem dos fatores altera o produto. Uma das conclusões a que chegamos a partir do experimento empírico em sala de aula é que dar a opção para os alunos simplificarem o texto em inglês ou em português (durante o projeto os alunos puderam escolher se traduziam ou simplificavam primeiro) não foi a melhor estratégia. Com essa experiência, identificamos que o melhor processo é trabalhar primeiramente a tradução interlinguística, neste caso, do inglês para o português, e depois a tradução intralinguística por meio da simplificação do

texto no idioma materno, o português. Isso ocorre, principalmente, porque os alunos de Tradução possuem maior conhecimento em sua língua materna e, portanto, mais recursos linguísticos e extralinguísticos para realizar a simplificação, atividade realizada pela grande maioria pela primeira vez, em português. Vale ainda salientar que não foi trabalhado em sala de aula o conceito de simplificação textual como forma de tradução intralinguística, uma vez que o tempo era limitado para aprofundarmos esses conceitos.

Comparativo de desempenho da atividade proposta. A seguir apresento um comparativo entre o desempenho das turmas de Tradução (TRAD I e TRAD III) nas tarefas de simplificação realizadas como trabalho final da disciplina. Como é possível ver pelo gráfico, os alunos de TRAD III obtiveram um melhor desempenho nas atividades propostas do que os alunos das turmas de TRAD I, o que indica que a competência tradutória e os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso influenciaram nos resultados da atividade de simplificação proposta. Isso nos fornece subsídios para inferir que uma possível disciplina sobre a temática, como veremos no Capítulo 10 desta dissertação, deverá ser oferecida do meio para o fim do curso, quando os alunos já tem os conceitos de tradução interlinguística mais consolidados e podem agregar uma nova perspectiva da tradução, a tradução intralinguística, aos seus conhecimentos, de modo a trabalharem com a Tradução Especializada Acessível (TEA).

Figura 64: Gráfico comparativo entre as turmas de TRAD III (azul) e TRAD I (laranja)



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Os questionários. Os questionários apresentados na Seção anterior deste capítulo nos forneceram subsídios para mensurar a aceitação e o interesse dos alunos sobre a temática da CT, ST e AT, e se as atividades foram satisfatórias do ponto de vista do aprendizado. A seguir apresento uma compilação das respostas obtidas no questionário.

Quadro 16 - Resultados da pesquisa realizada com os alunos pós-projeto

Compilação das respostas do questionário sobre as atividades propostas em sala de aula e a temática da AT
100% dos alunos acreditam que a Acessibilidade Textual é relevante para a sua formação como Tradutor.
57,14% dos alunos conseguiram entender os conceitos da AT apresentados em sala de aula.
42,86% dos alunos ficaram com algumas dúvidas sobre os conceitos da AT apresentados em sala de aula.
28,57% dos alunos acharam o grau de dificuldade dos exercícios propostos em aula alto.
71,43% dos alunos acharam o grau de dificuldade dos exercícios propostos em aula alto.
42,86% dos alunos acreditam que os exercícios ajudaram um pouco a compreender o tema.
57,14% dos alunos acreditam que os exercícios os ajudaram a aplicar os conhecimentos expostos em sala de aula.
85,71% dos alunos afirmam que gostariam de ter acesso a um portal com atividades sobre AT.
14,29% dos alunos afirmam não ter interesse em um portal com atividades sobre AT.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Como podemos ver pelas respostas dos alunos, a aceitação do tema foi grande, uma vez que 100% dos alunos acreditam que a Acessibilidade Textual é importante para sua formação como tradutores e 85,71 teriam interesse em um portal com atividades sobre o assunto. Contudo, pudemos perceber que o tema não é considerado um assunto fácil e não foi compreendido com facilidade por todos.

Nesse contexto, gostaria de salientar que o tempo de exposição do tema aos alunos foi bastante curto, limitado a apenas dois encontros de aproximadamente 1h30min por turma. Acredito, portanto, que com mais tempo de exposição e prática, tanto presencial quanto EaD, a apropriação dos conteúdos pelos alunos poderá ser aprimorada e aprofundada. E é esse o nosso intuito quando propomos uma disciplina para os cursos de Letras Bacharelado sobre Tradução Especializada Acessível (TEA).

9.2.1 A competência tradutória no processo de aprendizado do trinômio CT, ST e AT

Ao observar as tarefas de tradução e simplificação propostas em sala de aula para as disciplinas de Tradução I e III, pudemos constatar que o processo de tradução interlinguística e intralinguística demandou uma miríade de competências dos alunos, que nem sempre foram plenamente satisfeitas por estarmos lidando com tradutores não profissionais, o que não nos impediu de determinar quais competências seriam necessárias e quais deficiências deveriam ser trabalhadas, conforme análise a seguir.

Como pudemos observar em nosso experimento empírico em sala de aula, a tradução especializada simplificada exigiu que os alunos dominassem a subcompetência bilíngue, pois eles, em um dado momento, precisaram traduzir o texto de um idioma a outro. Desse modo, os alunos precisaram ter conhecimentos linguísticos e operacionais em ambos os idiomas, inglês e português, incluindo conhecimentos sobre aspectos gramaticais, textuais, fraseologias, pragmáticos (diferentes usos) e sociolinguísticos (norma e variantes) (BEVILACQUA, 2016, p. 1708), sendo capazes de compreender o texto-fonte na língua estrangeira, o inglês, e re-expressá-lo em sua língua materna, o português.

Por serem tradutores ainda em formação, nenhum dos alunos era tradutor especializado na área médica e, portanto, não estavam habituados a traduzir sobre este assunto em nível profissional. Desse modo, a competência extralinguística temática, que é de se esperar do tradutor especializado, teve de ser suprida pelas subcompetências estratégica e instrumental. Os alunos precisaram recorrer à subcompetência instrumental para compensar a falta de conhecimento especializado na área médica, durante o processo de tradução interlinguística, com o uso de *corpus* especializado com textos em ambos os idiomas sobre a Doença de Parkinson, dicionários especializados e *sites* de busca para pesquisa.

Durante o processo de reformulação do texto em português conforme público leitor pré-estabelecido (perfil de leitor fornecido), a competência instrumental também se mostrou essencial, uma vez que os alunos precisaram recorrer a softwares de análise como o Cohmetrix e Cohmetrix-port, bem como guias e diretrizes de simplificação.

Mas, sem dúvida, da mesma forma que na tradução interlinguística, a subcompetência estratégica foi a mais importante na tradução intralinguística, mostrando-se fundamental para o processo de simplificação textual. Para que um texto possa ser reformulado e simplificado, as estratégias de simplificação devem ser pensadas de antemão. A simplificação textual precisa, antes de mais nada, ser planejada. Não existe simplificação sem a definição do público-leitor, por exemplo. Portanto, dentro do planejamento estratégico

da simplificação é preciso que se conheça para quem se está reformulando a tradução e quais estratégias serão usadas para se atingir o objetivo final: um texto acessível ao leitor em questão.

A simplificação textual compreende um conjunto de métricas de análise textual e medidas “simplificadoras” a serem aplicadas ao texto. Mas se somente isso fosse necessário para a simplificação bem-sucedida, então qualquer software bem programado poderia fazê-lo sem maiores complexidades. E, como constatamos na Seção 7.2 deste trabalho, as ferramentas automáticas estão longe de conseguirem substituir o profissional do texto.

Ao analisarmos os trabalhos de tradução especializada simplificada dos alunos, ficou claro que aqueles que traçaram uma estratégia além das métricas de simplificação foram capazes de obter melhores resultados, tornando suas traduções mais acessíveis para o público leitor pré-estabelecido, em oposição àqueles que somente aplicaram as métricas, como frases mais curtas, evitar uso de advérbios longos, vocabulário mais simples, e nada mais. Alguns exemplos de estratégias utilizadas pelos alunos incluíram transformar o texto em perguntas e respostas curtas; outros investiram na linguagem coloquial, transformando o texto em uma conversa entre amigos. A seguir, nas figuras abaixo, trago exemplos dessas estratégias e, no Anexo I, encontra-se um desses trabalhos, que serviu como referência de simplificação bem-sucedida, realizado por um aluno bastante aplicado em sala de aula.

Figura 65: Exemplo 1 de estratégias bem-sucedidas de simplificação, ano de 2017

<p>Although there is anecdotal evidence of Parkinson's disease throughout much of history [1–3], the establishment the disease as a clinically distinct movement disorder has its origins in the work of James Parkinson, a medical practitioner working in London around the turn of the 19th century. Much of what we know about Parkinson's life comes from the diligent research of Leonard George Rowntree, a lecturer at Johns Hopkins Medical School in Baltimore, who wrote a seminal report</p>	<p>THE DISEASE</p> <p>James Parkinson was one of the firsts to study the disease. His definition of the disease is the most common one that we see until today. The problem is the definition is not so friendly to read.</p> <p>Let's try to give a more direct and friendly definition!</p> <p>Parkinson's disease affects the motor capacities, causing tremors the person can't control and it also makes the person bend forwards. This disease can be very</p>	<p>A DOENÇA</p> <p>James Parkinson foi um dos primeiros a estudar a doença. A definição dele da doença é a mais comum de se ver até hoje em dia. O problema é que essa definição não é tão fácil de ler.</p> <p>Vamos tentar dar uma definição mais direta e clara?</p> <p>A doença de Parkinson afeta as capacidades motoras, causando tremores que a pessoa não consegue controlar e também faz a pessoa se curvar para frente.</p>
--	---	--

Fonte: Trabalho final de uma aluna da disciplina de Tradução III

Figura 66: Exemplo 2 de estratégias bem-sucedidas de simplificação

<p>EARLY LIFE AND MEDICAL CAREER</p> <p>We know very few details of his early life. His parents, John and Mary, had three children – James (the eldest), William and Mary [7]. John Parkinson worked as a doctor in and around Hoxton, being a member of the company of surgeons, and this obviously influenced the young James Parkinson. Following in his father's footsteps, he enrolled at the London Hospital in 1776. A fascinating insight into Parkinson's views on training to be a doctor is provided by a series of letters he compiled as a pamphlet on medical education in 1800 entitled "the hospital pupil". In it, he detailed the requirements and system of a medical education, emphasizing that "a sympathetic concern, and a tender interest for the sufferings of others, ought to characterize all those who engage themselves in a profession, the object of which</p>	<p>WHAT IS PARKINSON'S DISEASE?</p> <p>To start our journey, let's begin with the first-ever definition of Parkinson's disease:</p> <p>"Involuntary tremulous motion, with lessened muscular power, in parts not in action and even when supported; with a propensity to bend the trunk forwards, and to pass from a walking to a running pace: the senses and intellects being uninjured."</p>	<p>O QUE É A DOENÇA DE PARKINSON?</p> <p>Para começar a nossa jornada, vamos dar uma conferida na primeira de todas as definições da doença de Parkinson:</p> <p>"Movimento trêmulo involuntário, com força muscular diminuída, em partes inativas e até mesmo quando suportadas; com propensão de curvar o tronco para frente e passar de um ritmo de caminhada a um de corrida: com sentidos e intelecto permanecendo ilesos."</p>
--	--	---

Fonte: Trabalho final de um aluno da disciplina de Tradução III (2017).

9.3 PROJETOS EM ANDAMENTO E PERSPECTIVAS FUTURAS

A partir da boa aceitação do projeto descrito neste capítulo surgiu a iniciativa de ampliarmos o trabalho com a temática da CT, ST e AT com turmas de outras disciplinas do curso de Letras Bacharelado da UFRGS. O novo projeto, com apoio da SEAD, atualmente em andamento e intitulado **Complexidade e simplificação textual em contrastes multilíngues: melhores atividades EaD para a formação de tradutores profissionais na UFRGS**, tem por objetivo estender as propostas de atividades já verificadas no projeto aqui descrito para disciplinas específicas que tratam de terminologias técnico-científicas, mas que tratam, simultaneamente, de textos especializados **em diferentes idiomas** em um cenário multilíngue de formação. Essas são as disciplinas de Terminologia do curso de Tradução da UFRGS.

Nessas disciplinas de Terminologia são atendidos, simultaneamente e de modo integrado, diferentes grupos de estudantes, cada grupo com uma língua de trabalho/formação

diferente. As línguas envolvidas são: inglês, espanhol, francês, alemão, italiano e japonês. O português é a língua de vinculação e o ponto de encontro das questões estudadas, para a qual o professor busca fazer convergir as reflexões dos diferentes grupos. Assim, um futuro tradutor de português-japonês, aluno da disciplina de Terminologia, traz as suas questões e as compartilha, por exemplo, com os demais colegas das diferentes línguas. Esse compartilhamento é feito em português, ainda que os elementos em japonês sejam devidamente mantidos e explicados aos colegas de outras línguas.

Como a presença de terminologias e de todo um conjunto de convenções de escrita bem peculiares contribuem para a complexidade de um texto, o nosso futuro tradutor precisará saber lidar com esses elementos. Além disso, conforme vimos na pesquisa de 2017, apenas com português-inglês, diferentes culturas de escrita técnico-científica tendem a promover padrões de complexidade de discurso peculiares, o que precisa ser compatibilizado na tradução, versão e revisão dos textos pelo profissional de Letras. Se considerarmos que cerca de 80% da tradução – e da revisão – de textos paga no Brasil provém das chamadas “áreas técnicas” – rótulo designativo que inclui Humanidades, Engenharias e Ciências da Saúde, torna-se muito importante construir esse conhecimento com nossos alunos, futuros tradutores, profissionais de texto e de comunicação. Nesse cenário específico, marcado por um ambiente de integração multilíngue, propusemos uma pesquisa que visa a reconhecer as melhores alternativas para a elaboração e condução de atividades EaD para esses alunos e professores.

O tema da Acessibilidade Textual tem obtido boa aceitação de alunos e da comunidade acadêmica, prova disso é que ganhamos o prêmio de destaque no Salão de Ensino da UFRGS 2017. E a partir do interesse de outras áreas de conhecimento, como Odontologia, Medicina e Jornalismo sobre o tema, decidimos criar, neste ano de 2018, um material de divulgação de maior abrangência e que pudesse ser acessado e compreendido por diferentes profissionais que lidam com diferentes públicos.⁴⁴

⁴⁴ Nosso material de divulgação, um vídeo explicativo sobre a Linguagem Acessível, está disponível em: LINGUAGUEM ACESSÍVEL. **Youtube**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=70Cq97GH8II>>. Acesso em: 23 out. 2018.

Figura 67: Figura ilustrativa do vídeo sobre Linguagem Acessível



Fonte: Linguagem Acessível (2018, documento *on-line*).

PARTE 3

10 TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL (TEA): UMA PROPOSTA DE DISCIPLINA NOS CURSOS DE TRADUÇÃO

A partir da revisão teórico-metodológica realizada nesta dissertação e da prática estabelecida por meio do projeto intitulado **Complexidade textual em contraste inglês-português bases para a elaboração de atividade EaD para a formação de tradutores na UFRGS**, financiado pela SEAD/UFRGS, e realizado com os alunos dos cursos de Tradução do curso de Letras Bacharelado da UFRGS no ano de 2017, parto para o desenho de uma disciplina que possa ser introduzida no curso de Tradução (Letras Bacharelado) da UFRGS e em outros cursos de Tradução de outras universidades, com as devidas adaptações.

Esta disciplina está dividida em 7 Unidades de Aprendizagem (UA), sendo que dessas 7, 6 são unidades teóricas e 1 unidade é prática. Vale salientar que as UAs possuem carga-horária diferente; tendo a UA prática o maior número de horas-aula (**total de 20h-aula, 1/3 do curso**). Cada uma das 6 UAs teóricas diz respeito a uma temática principal e seus subtemas relacionados, como as Linguagens Especializadas; a Tradução; os Movimentos *Plain Language*; a Complexidade Textual; a Simplificação Textual e a Acessibilidade Textual. A carga-horária de cada UA varia de acordo com as necessidades de tempo para os conteúdos abordados, conforme na Apresentação da Disciplina a seguir.

A parte prática da disciplina consiste de atividades EaD realizadas por meio da plataforma Moodle e de outros recursos digitais que se façam necessários. Estão reservadas 20 horas-aula para essa modalidade, conforme Portaria nº. 1.134, de 10 de outubro de 2016, que prevê que as instituições de ensino superior que possuam pelo menos um curso de graduação reconhecido poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos de graduação presenciais regularmente autorizados, a oferta de disciplinas na modalidade a distância. Ainda segundo a Portaria, as disciplinas referidas no caput poderão ser ofertadas, integral ou **parcialmente**, desde que esta oferta não ultrapasse 20% (vinte por cento) da carga horária total do curso (BRASIL, 2016).

No quadro abaixo, trago uma breve apresentação da disciplina para os alunos do curso de Letras Bacharelado e, posteriormente, a súmula e os conteúdos programáticos da disciplina TEA (Tradução Especializada Acessível).

Apresentação da Disciplina para os alunos do curso de Letras Bacharelado

- UA1 6h- **As linguagens especializadas**
 aula Nesta Unidade de Aprendizagem veremos como se configura a comunicação especializada no âmbito profissional; os gêneros de textos especializados; o termo como parte do léxico geral e as unidades lexicais que ganham status de termo na comunicação especializada. Veremos ainda a comunicação especializada entre especialistas, especialista e semiespecialista e especialista ou semiespecialista e leigo. Trabalharemos também com textos de diferentes graus de especialidade, desde textos especializados, semiespecializados e de divulgação para leigos de modo que possamos fazer um comparativo entre as diferentes construções desses textos. Para tanto, utilizaremos a categorização de textos proposta por Ciapuscio de modo que nos forneça subsídios para uma posterior simplificação.
- UA2 10h- **Tradução**
 aula Nesta Unidade de Aprendizagem trataremos dos diferentes tipos de tradução, conforme apresentado por Hurtado Albir, com ênfase para a tradução de textos especializados, que será o nosso principal objeto de estudo na análise da Complexidade Textual e no processo de Simplificação Textual (UA5 e UA6). Veremos também os conceitos apresentados por Jakobson sobre tradução interlinguística e intralinguística. Trabalharemos ainda com a teoria Funcionalista da Tradução de Christiane Nord e de que forma ela se aplica à tradução intralinguística (simplificação) conforme determinados públicos leitores. Debateremos o papel do tradutor no acesso ao conhecimento científico, como intermediador, mas também como facilitador. Trataremos ainda das competências necessárias a um tradutor que pretenda trabalhar com TEA, com destaque para importantes componentes psicofisiológicos como a capacidade de adaptação e a empatia. O objetivo é refletirmos se estas subcompetências podem ser trabalhadas e desenvolvidas em sala de aula ou se o tradutor TEA precisa possuir condições inatas que o habilitem a trabalhar com traduções acessíveis. Como exercício prático, realizaremos uma análise pré-translativa, de acordo com o modelo proposto por Nord, das características intratextuais e extratextuais do texto base (original) e do texto meta (a ser traduzido – intenções).
- UA3 6h- **INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO**
 aula ***PLAIN LANGUAGE***

Nesta parte do programa debateremos sobre o que significa ter acesso à informação, por meio da Internet e de outros canais *versus* ser capaz de compreender a informação que está disponível (acessibilidade da informação). Veremos ainda o que significa letramento e seus diferentes tipos. Neste ponto, os alunos serão solicitados a apresentar seminários sobre o tema do letramento. A turma será dividida em quatro grupos e apresentarão trabalhos sobre alfabetização *versus* letramento, letramento científico, letramento digital e letramento em saúde. Além disso, serão apresentados os principais movimentos históricos que deram origem ao *Plain Language* e o *Plain English* e como eles surgiram em países como os EUA e o Reino Unido. Reconhecemos também a história e a importância do pioneiro Rudolph Flesch e a primeira fórmula de inteligibilidade, além de outras fórmulas que vieram depois. Trataremos ainda da adaptação do índice Flesch para o idioma português e suas especificidades.

- UA4 6h-aula **Complexidade Textual**
 Nesta Unidade de Aprendizagem veremos o que é Complexidade Textual e trataremos sobre as métricas de complexidade, ou seja, fatores que podem potencialmente contribuir para a complexidade de um dado texto. Veremos ainda ferramentas que podem auxiliar na medição da complexidade de um texto, como algumas métricas fornecidas pelo editor de texto Word, bem como as ferramentas automáticas Coh-metrix e Coh-metrix-Port. Serão realizados testes nessas ferramentas nos computadores do lab. Analisaremos também brevemente outras ferramentas relacionadas ao tema como o PorSimples, o Simpletext, o CorPop, etc.
- UA5 10h-aula **Simplificação Textual**
 Nesta Unidade de Aprendizagem estudaremos as medidas e estratégias potencialmente simplificadoras, que podem ser de ordem lexical (léxico geral *versus* termo); sintática (as estruturas do texto, como frases longas ou curtas e outros fatores da estrutura interna de um texto); por conteúdo (resumir e selecionar as informações mais relevantes). Veremos ainda outros recursos que podem contribuir para a simplificação de um texto, como os recursos gráficos, organizadores textuais e outros. Nesta etapa, realizaremos 1 exercício prático de simplificação em duplas, presencialmente, nos laboratórios da UFRGS.
- UA6 2h-aula **Acessibilidade Textual**
 Para fechar a parte teórica, esta Unidade de Aprendizagem tratará do resultado das análises e processos que vimos anteriormente. A potencial Acessibilidade Textual e Terminológica é a condição ou a qualidade de um texto, mas principalmente algo que se deseja alcançar como resultado ou produto das análises e processos trabalhados. Nesta etapa do curso, realizaremos seminários e a apresentação/discussão dos resultados obtidos com os exercícios práticos de simplificação.
- UA7 20h-aula **Prática - EaD**
 A parte prática desta disciplina será ministrada *on-line*, via Moodle, onde serão disponibilizadas as tarefas EaD a serem realizadas. Trabalharemos com dois exercícios práticos de tradução interlinguística e intralinguística/simplificação e um trabalho final da disciplina. O primeiro trabalho deverá ser realizado individualmente e o aluno receberá *feedback* do Professor, por meio do trabalho corrigido, via

Moodle. A segunda tarefa de simplificação deverá ser realizada em duplas ou em trios e os resultados deverão ser compartilhados com toda a turma via Moodle. O trabalho final será uma tradução interlinguística e intralinguística comentada.

Disciplina: TRADUÇÃO ESPECIALIZADA ACESSÍVEL – Semipresencial

Número de créditos **04 – 60 horas-aula**

SÚMULA:

As linguagens especializadas: a comunicação especializada; léxico geral e termo; os Estudos de Terminologia. Tradução: tradução especializada; tradução interlinguística *versus* tradução intralinguística. Introdução e contextualização histórica: os movimentos do *Plain Language*, Rudolph Flesch e diferentes fórmulas para estimar a inteligibilidade. Conceitos básicos sobre CT e ST: as métricas de complexidade e as medidas e estratégias potencialmente simplificadoras. Acessibilidade Textual e Terminológica: conceitos, objetivos. Prática por meio de exercícios de análise da complexidade de um texto, simplificação do texto e avaliação da acessibilidade.

OBJETIVOS:

Apresentar o histórico, conceitos e métodos básicos do trinômio CT, ST e AT sob a perspectiva da Tradução Especializada. Praticar com os alunos o trinômio por meio da análise da CT, do processo de ST e da avaliação da AT (se bem sucedida ou não).

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS:

PARTE TEÓRICA – 40 HORAS-AULA - PRESENCIAL

1 AS LINGUAGENS ESPECIALIZADAS:

1.1 A COMUNICAÇÃO ESPECIALIZADA PROFISSIONAL

1.2 LÉXICO GERAL VERSUS TERMO

1.3 A TERMINOLOGIA DE UMA PERSPECTIVA TEXTUAL

2 TRADUÇÃO

2.1 OS TIPOS DE TRADUÇÃO: A TRADUÇÃO ESPECIALIZADA

2.2 TRADUÇÃO INTERLINGUÍSTICA *VERSUS* TRADUÇÃO INTRALINGUÍSTICA

2.3 A TEORIA FUNCIONALISTA DA TRADUÇÃO

2.4 O PAPEL DO TRADUTOR NO ACESSO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: INTERMEDIADOR *VERSUS* FACILITADOR

3 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO *PLAIN LANGUAGE*:

3.1 Acesso à informação *versus* acessibilidade da informação

3.2 Letramento e o público leitor (seminários)

3.3 Os movimentos históricos que deram origem ao *Plain Language*

3.4 Rudolph Flesch e as fórmulas de inteligibilidade

4 COMPLEXIDADE TEXTUAL

4.1 AS MÉTRICAS DE COMPLEXIDADE

4.2 As ferramentas de análise automática da complexidade de um texto: Word e Cohmetrix

4.3 Outras ferramentas: PorSimples, Simpletext, CorPop, etc.

5 Simplificação Textual

5.1 As medidas e estratégias potencialmente simplificadoras

5.2 As medidas de ordem lexical

5.3 As medidas de ordem sintática

5.4 As medidas simplificadoras por conteúdo

5.5 Outros recursos de simplificação: recursos gráficos, organizadores textuais e outros

6 Acessibilidade Textual

6.1 A Acessibilidade Textual e Terminológica como resultado da análise da complexidade e do processo de simplificação: uma condição e qualidade do texto

PARTE PRÁTICA – 20 horas-aula - EaD

Exercícios práticos supervisionados remotamente. Atividades de tradução (interlinguística) e simplificação (intra-linguística) disponibilizadas via Moodle.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Aulas teóricas expositivas, seminários de apresentação/síntese e discussão sobre leituras previamente indicadas para estudo. Exercícios práticos de simplificação textual. Orientação para elaboração do trabalho final da disciplina: uma tradução especializada acessível comentada.

Avaliação: O aluno será avaliado em função da sua participação qualificada nas atividades de sala de aula, índice de frequência às aulas, pela apresentação de 02 seminários de estudos e por 01 trabalho de conclusão da disciplina. Esse trabalho final de conclusão da disciplina (tradução especializada acessível) corresponde a 50% do total da avaliação

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALBIR, A. H. **Traducción y Traductología: Introducción a la Traductología**. Editora Cátedra, nona edición, 2017

DUBAY, W. H., **The Principles of Readability**. Impact Information. Costa Mesa, California, 2004

Federal Plain Language Guidelines, Plain Language Action and Information Network. Printed in the United States of America, 2018

FINATTO, M. J. B.; EVERS, A.; STEFANI, M.; **Letramento científico e simplificação textual: o papel do tradutor no acesso ao conhecimento científico**. Letras, Santa Maria, 2016, v. 26, n. 52, p. 135-158, jan./jun.

SAGGION, H. **Automatic Text Simplification**. Morgan & Claypool Publishers, 1st edition, 2017

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CIAPUSCIO, G. E. **Textos Especializados y Terminología**. IULA. Série Monografies 6, 2008

CUTTS, M. **Oxford Guide do Plain English**. Oxford University Press, 4th edition, 2013

FINATTO, M. J. B. **Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística**. In: ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M. G.

(Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. v.2, p. 341-358.

JAKOBSON, R. **Language in Literature**. Printed in the United States of America. The Jakobson Trust, 1986

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

MUELLER, D. H; BALLHAUS, H. **Vovô agora é cavaleiro. Sobre a vida com a doença de Parkinson**. Editora Scipione, 2018

NORD, C. **Translating as a Purposeful Activity**. Routledge 2nd edition, 2018

PASQUALINI, B. **Leitura, tradução e medidas de complexidade textual em contos da literatura para leitores com letramento básico**. 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61188>>. Acesso em 01.09.2018

PASQUALINI, B. **Corpop : um corpus de referência do português popular escrito do Brasil**, 2018

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2004 N° 25.

ZETHSEN, K. K. e HILL-MADSEN, A. **Intralingual Translation and Its Place within Translation Studies – A Theoretical Discussion**. *Meta* 613 (2016): 692–708.

11 RETOMADA DAS QUESTÕES DE PESQUISA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto, retomo as questões norteadoras e de pesquisa na tentativa de articulá-las às nossas intuições e definições iniciais com o experimento realizado em sala de aula e seus resultados.

Lembramos, então, que nossas questões norteadoras foram as seguintes:

1. O que perfaz a Tradução Especializada Acessível (TEA)?
2. De que forma este tema pode agregar conhecimento e valor à formação do tradutor atual?

E as questões específicas de pesquisa:

1. Como é o formato de uma nova disciplina sobre o tema?
2. Como se pode aplicar essa disciplina nos cursos de Tradução?

Em resposta à primeira questão, busquei trazer uma definição para a TEA que melhor se aproximasse do que entendo que seja o principal objeto desta pesquisa, a ser transformado em disciplina e aplicado em sala de aula com alunos dos cursos regulares de Letras Bacharelado e Tradução. Portanto, a TEA diz respeito à tradução de textos da comunicação especializada e de cunho técnico-científico. A TEA envolve dois processos de tradução: primeiramente a tradução interlinguística e, posteriormente, a tradução intralinguística. O processo de tradução intralinguística é intergenérico e visa à simplificação do resultado da tradução interlinguística, com o principal objetivo de tornar esse texto mais acessível a um público leitor com determinado grau de conhecimento e/ou letramento, seja ele semiespecialista ou leigo. Assim, concluiu-se que a TEA é uma disciplina multidisciplinar, que exigiria do aprendiz de Tradução diferentes conhecimentos e competências.

E o que difere a TEA de um processo de tradução comum? A partir desta pesquisa, concluo que a tradução intralinguística é o principal diferencial da TEA. Durante esta pesquisa, tratamos dos tipos e modalidades de tradução, das competências necessárias ao tradutor TEA, entre outros fatores que comporiam ou que influenciariam a TEA. Nas competências e nos componentes psicofisiológicos trouxemos a noção de que o tradutor TEA precisa ter grande capacidade de adaptação e empatia. Contudo, vale salientar que o tradutor, de qualquer texto, precisa desses atributos, em maior ou menor grau, para ser um tradutor bem-sucedido, pois ele sempre terá de se colocar no lugar de outra pessoa, o autor

do texto. Contudo, vejo na tradução intralinguística a chave e o componente “extra”. E, como já mencionado neste trabalho, a tradução intralinguística não é, ou não deveria ser, apenas uma explicação ou uma reformulação. A tradução intralinguística, da perspectiva da simplificação e da acessibilidade, deve levar em conta a seleção criteriosa de palavras que farão parte dessa reformulação, de modo a que o leitor do texto, com diferentes capacidades de abstração, entendimento e letramento possa se beneficiar das relações empíricas que consigam fazer com o texto.

Assim, a partir da conclusão de que a tradução intralinguística é o grande diferencial da TEA, parto para as conclusões sobre a segunda pergunta norteadora. Neste contexto, entendo que o redator e/ou o tradutor encontrará na TEA uma forma de desenvolver novos conhecimentos relacionados à Tradução, agregando valor à sua formação, aprimorando suas competências, competências essas que já são exigidas aos tradutores de outras modalidades, em maior ou menor grau. Em resumo, a partir da revisão do tema e das pesquisas empíricas realizadas em sala de aula, e com base na boa aceitação da temática pelos alunos dos cursos de Letras Bacharelado da UFRGS, concluo que a TEA viria para contribuir com o aprendiz de Tradução.

Assim, a partir da evidência de que uma nova disciplina poderia agregar valor à formação do aluno de Tradução, parto para as questões de pesquisa específicas e para o desenho desta disciplina. A disciplina, como já visto, envolve diferentes temáticas, desde temas relacionados à tradução (inter e intralinguística), as competências tradutórias, o texto especializado até as noções de CT, ST e AT. Em nossa pesquisa em sala de aula, e com o pouco tempo que tive para trabalhar essas questões com os alunos das disciplinas de Tradução, percebi que essas temáticas demandam um aprofundamento e mais tempo para serem trabalhadas. Além disso, por demandarem diferentes conhecimentos prévios de Tradução e Terminologia, recomendaria que a disciplina fosse oferecida a partir do terceiro ano (6ª semestre) do curso de Letras Bacharelado, de modo que esses alunos já tenham trabalhado com teorias que os preparariam melhor para a nova temática, como as teorias de Tradução (Funcionalista e outras) e de Terminologia (TCT, Terminologia de uma perspectiva textual).

Além disso, a partir de minha experiência pessoal com a temática da CT, ST e AT, entendo que, mesmo que os alunos do curso de Tradução nunca venham a trabalhar diretamente com a TEA, esta disciplina, ainda assim, agrega valor à formação do aprendiz de tradução, uma vez que contribui para que se tornem tradutores mais conscientes. Hoje, depois desta pesquisa, posso dizer que, ao traduzir, estou preparada para considerar outros

elementos que antes não estavam no topo da minha lista, ou, se estavam, eu não os reconhecia de maneira consciente, como, por exemplo, ter o leitor como centro das decisões tradutórias.

Com esta pesquisa tanto teórica quanto empírica, em sala de aula, concluo que a TEA teria grande importância para que os cursos de Tradução deem mais uma contribuição para a sociedade, como uma forma de diminuir os abismos ainda existentes no Brasil entre o conhecimento que fica restrito ao mundo científico e não chega ao leitor ou ouvinte (interlocutor), que dele se beneficiaria, de modo acessível e compreensível. Entendo que a TEA pode ser aplicada a diferentes temáticas de especialidade, mas nas áreas de Saúde ela pode ser uma grande aliada em questões que envolvem temas de Utilidade Pública, para que a informação de interesse público chegue a um maior número de pessoas.

REFERÊNCIAS

- ACESSIBILIDADE TT. 2017. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/>>. Acesso em: 25 out. 2018.
- AUBERT, F.H. **As mensagens e os “limites” da fidelidade**, p. 73-77, 1993.
- AZENHA, J. J. Goethe e a tradução: a construção da identidade na dinâmica da diferença. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v.11, n.9, p. 44-45, 2006.
- BEVILACQUA, C. R. A proposta de Nord e Hurtado Albir: aproximações teóricas nos estudos de tradução. **D.E.L.T.A.**, v.34, n. 1, p. 435-448, 2018.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da Lexicografia. **Alfa**. São Paulo, n. 28, p. 1-26, 1984.
- BRASIL. Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 set. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078compilado.htm>. Acesso em: 25 out. 2018.
- BRASIL. **Ocupações**: tradutor. Brasília: Ministério do Trabalho, c2017. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoOcupacaoMovimentacao.jsf>>. Acesso em: 25 out. 2018.
- BRASIL. Portaria nº 228, de 10 de maio de 2010. Anexo - Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas doença de Parkinson. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 maio 2010. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2010/prt0228_10_05_2010_rep.html>. Acesso em: 25 out. 2018.
- BRASIL. Portaria nº 1.134, de 10 de outubro de 2016. Revoga a Portaria MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, e estabelece nova redação para o tema. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 out. 2016. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sead/institucional/legislacao-ead-1/documentos/portaria-1134-2016-mec>>. Acesso em: 25 set. 2018.
- CABRÉ, M. T. Informática y terminología. In: CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona: IULA, 1999a. p.249-268
- CABRÉ, M. T. **La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro**. 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/riterm/article/viewFile/21286/12263>>. Acesso em: 25 set. 2018.
- CABRÉ, M. T. **Terminología: representación y comunicación**. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999b. (Monografies, 3).
- CABRÉ, M. T. **Terminology: theory, methods and applications**. Amsterdam: John Benjamins, 1999a.

CARMO, J. G. B. O letramento digital e a inclusão social. **Educação & Literatura**, São Paulo, fev. 2003. Disponível em: <<http://www.educacaoliteratura.com.br/index%2092.htm>>. Acesso em: 26 out. 2018.

CARPIO, P. M. S. **Abaixando o cocho**: adaptação de textos sobre doenças causadas pela inalação de amianto destinados para o público leigo. 2017. 106 f. Trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CIAPUSCIO, G. E. **Textos especializados y terminología**. Barcelona: IULA, 2008. (Monografies, 6).

COMMON SENSE ADVISORY. **The top 100 language service providers in 2018**. Disponível em: <https://www.commonseadvisory.com/top_100_lsps_2018.aspx>. Acesso em: 05 ago. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **A explosão dos cursos de medicina**: um olhar para o Amazonas, 23 abr. 2018. Disponível em: <http://www.portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27591:2018-04-23-14-36-41&catid=46:artigos&Itemid=18>. Acesso em: 25 set. 2018.

CORCORAN, N. **Comunicação em saúde, estratégias para a promoção de saúde**. São Paulo: ROCA, 2011. p. 1-4.

CORPOP. 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/corpop/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

CUNHA, A. **Coh-metrix-Port**. c2015. Disponível em : <<http://143.107.183.175:22680/analyze>>. Acesso em : 25 set. 2018.

CUTTS, M. **Oxford Guide do Plain English**. 4. ed. Oxford: Oxford University, 2013.

DAVIS, M. **BYU corpora**. c2004. Disponível em: <<https://corpus.byu.edu/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

DELGADO, H. O. K, **Proposta de uma didática de tradução de linguagens especializadas para licenciados em língua inglesa**. 2012. 247 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. c2018. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

DOENÇA DE PARKINSON. In: WIKIPEDIA. 16 out. 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Doença_de_Parkinson>. Acesso em: 25 out. 2018.

DORSEY, J. E HENDERSON. B. **Terminologia médica para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, , 2016.

DUBAY, W. H. **The principles of readability**. Costa Mesa: Impact Information, 2004.

DUMOULIN, C. F. **A Career in language translation**. [S.l.]: AuthorHouse, 2009.

FACILITA. c2009. Disponível em: <<http://wwatana.be/educational-facilita/index.html>>. Acesso em: 25 out. 2018.

FÉRRAILLEUR-DUMOLIN, C. **A career in language translation: insightful information to guide you in your journey as a professional translator.** [S.l.]: Authorhouse, 2009.

EAGLESON, R. **Short definition of Plain Language.** c2018. Disponível em: <<https://www.plainlanguage.gov/about/definitions/short-definition/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

ESTADÃO. **Metade dos brasileiros só tem ensino fundamental, diz IBGE,** 21 dez. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/metade-dos-brasileiros-nao-tem-ensino-fundamental-diz-ibge/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

FERNANDES, M. Figuras de linguagem: anáfora. **Toda Matéria.** 2018. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/figuras-de-linguagem/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

FETTER, G. L., **Divulgação tecnológica para agricultores familiares: análise de terminologias sob a ótica da linguística sistêmico-funcional.** 2017, p.

FERRARI, R. **Redação jornalística.** 2015. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Ruyferrari/redao-jornalistica>>. Acesso em: 25 out. 2018.

FINATTO, M. J. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M. G. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande: UFMS, 2004. v. 2. p. 341-358.

FINATTO, M. J. Complexidade textual em artigos científicos: contribuições para o estudo do texto científico em português. **Organon,** Porto Alegre, v. 25, n. 50, 2011.

FINATTO, M. J. Termos, textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande: UFMS, 2014. v. 2, p. 341-355.

FINATTO, M. J. ; EVERS, A.; STEFANI, M.; Letramento científico e simplificação textual: o papel do tradutor no acesso ao conhecimento científico. **Letras,** Santa Maria, v. 26, n. 52, p. 135-158, jan./jun. 2016.

FINATTO, M. J. **Acessibilidade textual e terminológica: um novo tópico de pesquisas em terminologia no Brasil.** (No prelo)

FINATTO, M. J. B. ; QUARESMA, P.; GONÇALVES, M. F. Portuguese Corpora of the 18th century: old Medicine texts for teaching and research activities. In: CONFERENCE ON LANGUAGE TECHNOLOGIES & DIGITAL HUMANITIES, 20., 2018. **Proceedings...** Ljubljana, Faculty of Electrical Engineering, University of Ljubljana Slovenia, 2018. p 114-120. Disponível em: <http://www.sdjt.si/wp/wp-content/uploads/2018/09/JTDH-2018-Jose-et-al_Portuguese-Corpora-of-the-18th-century-old-Medicine-texts-for-teaching-and-research-activities.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

FROTA, M. P. **O GT de Tradução da ANPOLL: história e perspectivas.** Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/os_caminhos_da_ietb.html>. Acesso em: 12 set. 2018.

GOMES, A. S. L. (Org.) **Letramento científico: um indicador para o Brasil .** São Paulo: Instituto Abramundo, 2015. Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2014/10/ILC_Letramento-cientifico_um-indicador-para-o-Brasil.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018.

GONÇALVES, F.B. **Efeitos de estresse laboral na tradução de textos técnico-científicos: percepções de profissionais e de aprendizes.** 2015. 226 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GRANDO, K. B. Letramento a partir de uma perspectiva teórica: origem do termo, conceituação e relações com a escolarização. In: ANPED SUL, 9., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2012.

GUIA DO ESTUDANTE. **Brasil tem mais cursos de Direito do que todos os outros países do mundo juntos,** 16 maio 2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/brasil-tem-mais-cursos-de-direito-do-que-todos-os-outros-paises-do-mundo-juntos/>>. Acesso em: 25 out.2018.

HENDERSON, B. ; DORSEY, J. **Terminologia médica para leigos.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

HOFFMANN, L. O papel das linguagens especializadas desde meados do século XX. In: FINATTO, M.J.B. ; ZILIO, L. **Textos e termos por Lothar Hoffmann: um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas.** Porto Alegre: Palotti, 2015, p.15-32.

HURTADO ALBIR, A. Clasificación y descripción de la traducción. In: HURTADO ALBIR. **Traducción y traductología.** Madrid: Cátedra, 2001, p. 43-95.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología: introducción a la traductología.** 9. ed. Madrid: Cátedra, 2017.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Habilidades de Leitura, Escrita e Matemática são limitadas em muitos setores da economia brasileira, podendo restringir produtividade e capacidade de inovação.** 2016. Disponível em: <http://download.uol.com.br/educacao/2016_INAF_%20Mundo_do_Trabalho.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional** (Inaf). c2017. Disponível em: < <http://www.ipm.org.br/inaf>>. Acesso em: 15 set. 2018.

INEP. **Letramento científico**. 2010. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/internacional/pisa/2010/letramento_cientifico.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2018.

JAKOBSON, R. **Language in literature**. London: The Belknap, 1986.

JOHNSON, L. A. **A toolbox for humanity: more than 9000 years of thoughts**. Trafford city: Trafford, 2006. p. 33.

JUS BRASIL. **Linguagem objetiva**. 2016. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/91301697/linguagem-objetiva>>. Acesso em: 03 set. 2018.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2009. p. 144.

KRIEGER, M. G. A terminologia revisitada. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 209-228, 2000.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LEFFA, V. J. Fatores da compreensão na leitura. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v.15, n.15, p.143-159, 1996.

LEIVA, A. **Glossário experimental de pneumopatias ocupacionais**. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/pneumopatias/novafase/index.php>>. Acesso em: 25 out. 2018.

LINGUAGUEM ACESSÍVEL. **Youtube**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=70Cq97GH8II>>. Acesso em: 23 out. 2018.

LINGUEE. c2018. Disponível em: <<https://www.linguee.com/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

LOPES, J. R.; ABREU, M. C. M.; MATTOS, M. C. E. **Caderno do educador : alfabetização e letramento**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Programa Escola Ativa)

MACIEL, A. B. M. Linguagens especializadas e terminologia: o passado projetando o futuro. In: PERNA, C.; DELGADO, H.K.; FINATTO, M.J.B. **Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MADEIRO, C. Demanda por moradia cai, mas ainda deve superar 1 milhão ao ano até 2024, aponta estudo. **UOL Notícias**, 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/08/27/demanda-por-moradia-cai-mas-deve-superar-1-milhao-de-domicilios-ao-ano-ate-2024.htm>>. Acesso em: 25 set. 2018.

MAZUR, B. Revisiting Plain Language. **Technical Communication**, [S.l.], v. 47, n. 2, may 2000. Disponível em: <<https://www.plainlanguage.gov/resources/articles/revisiting-plain-language/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

MINHA VIDA. **Parkinson**. c2018. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/saude/temas/parkinson>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

MIYAZATO, K. Alimentos que devem estar à mesa de quem tem a doença de Parkinson. **Revista Viva Saúde**, 11 abr. 2016. Disponível em: <<https://vivasauade.digisa.com.br/home/nutricao/alimentos-que-devem-estar-a-mesa-de-quem-tem-a-doenca-de-parkinson/6108/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

MUELLER, D. H; BALLHAUS, H. **Vovô agora é cavaleiro**. Sobre a vida com a doença de Parkinson. São Paulo: Scipione, 2018.

MUNDO VESTIBULAR. **Letras**. 2007. Disponível em: <<https://www.mundovestibular.com.br/articles/296/1/LETRAS/>>. Acesso em: 25 set. 2017.

NILC. **Simplificação Textual**. c2010. Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/index.php/tools-and-resources?layout=edit&id=27>>. Acesso em: 23 set. 2018.

NIMDZI. **Localization project management infographic**. 2018. <<https://www.nimdzi.com/localization-project-management-infographic/>>. Acesso em: 26 out. 2018.

NORD, C. El funcionalismo en la enseñanza de traducción. **Mutatis Mutandis**. La Rioja, v. 2, n. 2, p. 209-243, 2009.

NORD, C. **Translating as a purposeful activity**. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2018.

OPENNMT. c2018. Disponível em: <<http://opennmt.net/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

OECD. **Education at a glance 2016: OECD indicators**. 2016. Disponível em: <https://read.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2016_eag-2016-en#page1>. Acesso em: 13 set. 2018.

OSBORNE, H. **Health Literacy from A to Z**. 2. ed. Burlington: Jones & Bartlett Learning, 2013.

PASQUALINI, B. **Corpop: um corpus de referência do português popular escrito do Brasil**. 2018. 250 f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PASQUALINI, B. **Leitura, tradução e medidas de complexidade textual em contos da literatura para leitores com letramento básico**. 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61188>>. Acesso em: 01set. 2018.

PEREZ, I. **La terminología e la comunicación especializada**. 2016. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/12766/6/TEMA_2.pdf>. Acesso em: 25 set.2018.

PERINI, M. A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.

PLAIN ENGLISH. c2018. Disponível em: < <http://www.plainenglish.co.uk/about-us.html>>. Acesso em: 25 out.2018.

PLAIN LANGUAGE IN HEALTHCARE. c2018. Disponível em: <<https://plainlanguage.gov/resources/content-types/healthcare/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

PLAIN LANGUAGE MEDICAL DICTIONARY. c2014. Disponível em: <<https://www.lib.umich.edu/medical-dictionary/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

PONTES, V. O. O modelo Funcionalista de Christiane Nord aliado ao dispositivo de Sequências Didáticas: norteamentos para o Ensino de Tradução. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 2127-2158, 2017.

POR POPULAR. 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/index.php>>. Acesso em: 25 out. 2018.

POR SIMPLES. 2011. Disponível em: <http://www.fapesp.br/publicacoes/microsoft/microsoft_aluisio.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

PROLO, C. A. **Processamento de Linguagem Natural**. 2010. Disponível em: <<https://slideplayer.com.br/slide/334911/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

PROZ. c2018. Disponível em: < <https://www.proz.com/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

PYM, A. **Explorando teorias da tradução**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

REBECHI, R. R. **A tradução da culinária típica brasileira para o inglês**: um estudo sob o enfoque da linguística de *corpus*. 2015. 413 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-29092015-162829/pt-br.php>>. Acesso em: 25 set. 2018.

REY, A. **La terminologie**: nom set notions. Paris: PUF, 1979.

RESEARCH AND MARKETS. **Global Machine Translation Market - Forecasts from 2018 to 2023**. Dublin, 2018. Disponível em: <https://www.researchandmarkets.com/research/wpq468/global_machine?w=4>. Acesso em: 03 set. 2018.

RODRIGUES, J. O que é o processamento de linguagem natural? **Boots Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/botsbrasil/o-que-é-o-processamento-de-linguagem-natural-49ece9371cff>>.

SAGGION, H. Automatic text simplification. **Synthesis Lectures on Human Language Technologies**, Kaohsiung, v.10, n.1, abril 2017.

SARDINHA, T. B. Linguística de corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

SDL. c2018. <<https://www.sdl.com/software-and-services/translation-software/machine-translation>>. Acesso em: 25 out. 2018.

SILVA, A. D. C. **Orientações básicas para a simplificação de um texto**. Porto Alegre: UFRGS, 2018. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/files/COMO_SIMPLIFICAR_2018_Asafe_Mjose2.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

SILVA, A. D. C. **Textos de divulgação para leigos sobre o transtorno do estresse pós-traumático em português: alternativas para a acessibilidade textual e terminológica**. 2018. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SIMPLEXT. c2016. Disponível em: <<http://simplext.taln.upf.edu/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

SINTRA. 2018. Disponível em: <<https://www.sintra.org.br/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

SKETCHE ENGINE. c2018. Disponível em: < <https://auth.sketchengine.eu/#app-home?next=https%3A%2F%2Fapp.sketchengine.eu%2F%23open>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 25, 2004a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782004000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 23 set. 2018.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STATISTA. **Market size of the global language services industry from 2009 to 2021** (in billion U.S. dollars). c2018. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/257656/size-of-the-global-language-services-market/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

SURVEY MONKEY. **5 passos para garantir que sua amostra estima com precisão a sua população**. c2018. Disponível em: <<https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

TAGNIN, S. E. O. **Glossário de linguística de corpus**. 2009. Disponível em: <http://www.hubeditorial.com.br/site/recursos/5_glossario/glossario_423.pdf> . Acesso em: 25 set. 2018.

TERRA, N. L. **Entendendo a Doença de Parkinson** – informações para pacientes, familiares e cuidadores. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

TEXTECC. 2017. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

TRANSLATOR BASE. c2018. Disponível em: <<http://www.translatorsbase.com/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

TRIBUNA POPULAR. **Sinais de Parkinson**. 2015. Disponível em: <<http://www.tribunabm.com.br/wp-content/uploads/2015/06/pakson-1.jpg>>. Acesso em 24 set. 2018.

UNITED STATES OF AMERICA. **Federal plain language guidelines**. [S.l.]: Plain Language Action and Information Network, 2018.

UNITED STATES OF AMERICA. Revisiting plain language. **Technical Communication**, [Washington], v. 47, n. 2, may 2000. Disponível em: <<https://plainlanguage.gov/resources/articles/revisiting-plain-language/>>. Acesso em: 26 out. 2018.

UNIVERSITAT AUTÒNOMA DE BARCELONA. 2016. Disponível em: <>. Acesso em: 25 set. 2018.

UNIVERSITAT OBERTA DE CATALUNYA. COMJuntos, la aplicación que mejora la comunicación entre las familias con niños con enfermedades raras con los profesionales de la salud, 6 set. 2018. Disponível em: <<http://213.73.40.242/portal/es/news/actualitat/2018/210-comjunts.html>>. Acesso em: 25 set. 2018

US CENSUS BUREAU. 2017. Disponível em: <<https://www.census.gov/data/tables/2017/demo/education-attainment/cps-detailed-tables.html>>. Acesso em: 25 set. 2018.

VAL, M. G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, M. A. F., MENDONÇA, R. H. (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação; 2006.

WORDNET. c2018. Disponível em: <<https://wordnet.princeton.edu/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

WU, Y. et al. **Google's neural machine translation system: bridging the gap between human and machine translation**. Ithaca: Cornell University, 2016. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/1609.08144.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

XAVIER, A. C. Letramento digital: novas práticas de leitura. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v.9, n.1, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre>>. Acesso em: 25 set. 2018.

ZETHSEN, K. K. ; HILL-MADSEN, A. Intralingual translation and its place within translation studies – a theoretical discussion. **Meta: translators' journal**, v. 61, n. 3, p. 692–708, 2016.

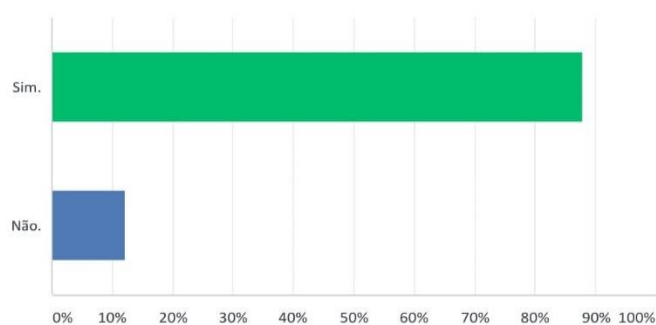
ANEXO A: PESQUISA SOBRE A FORMAÇÃO DE TRADUTORES NO BRASIL REALIZADA NO GRUPO 'TRADUTORES, INTÉRPRETES E CURIOSOS'.

Formação de tradutores

SurveyMonkey

Q1 Você possui 3º grau completo?

Answered: 239 Skipped: 1



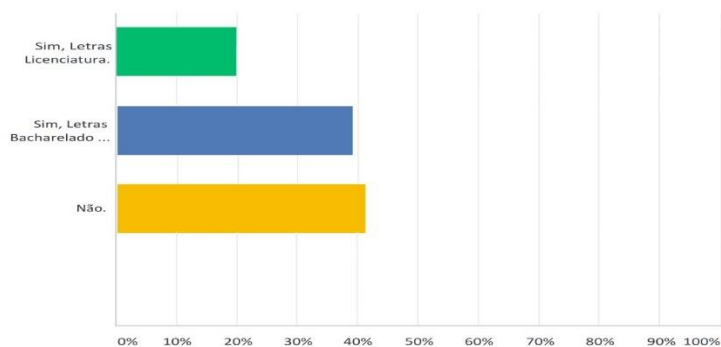
ANSWER CHOICES	RESPONSES	
Sim.	87.87%	210
Não.	12.13%	29
TOTAL		239

Formação de tradutores

SurveyMonkey

Q2 Você é formado em Letras ou em uma faculdade na área de tradução e interpretação?

Answered: 240 Skipped: 0



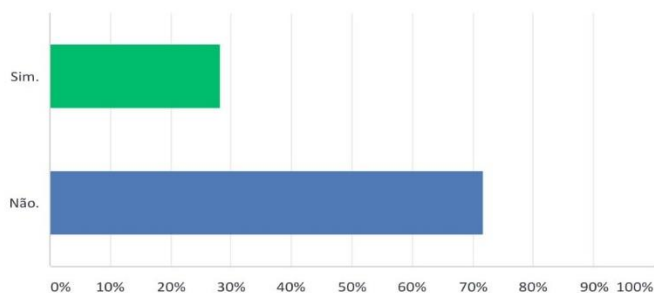
ANSWER CHOICES	RESPONSES	
Sim, Letras Licenciatura.	19.58%	47
Sim, Letras Bacharelado ou Tradução e Interpretação.	39.17%	94
Não.	41.25%	99
TOTAL		240

Formação de tradutores

SurveyMonkey

Q3 Você traduz na sua área de formação? (Exemplo: sou engenheiro e traduzo sobre engenharia).

Answered: 240 Skipped: 0



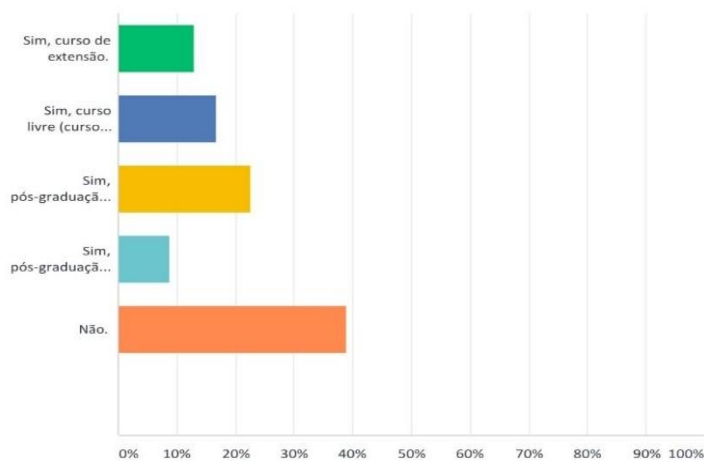
ANSWER CHOICES	RESPONSES	
Sim.	28.33%	68
Não.	71.67%	172
TOTAL		240

Formação de tradutores

SurveyMonkey

Q4 Você possui alguma especialização em tradução?

Answered: 239 Skipped: 1



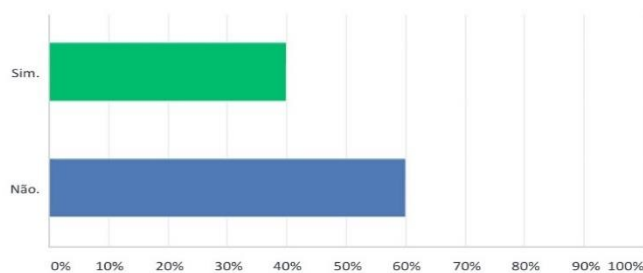
ANSWER CHOICES	RESPONSES	
Sim, curso de extensão.	12.97%	31
Sim, curso livre (cursos de formação fora das universidades).	16.74%	40
Sim, pós-graduação latu sensu.	22.59%	54
Sim, pós-graduação stricto sensu.	8.79%	21
Não.	38.91%	93
TOTAL		239

Formação de tradutores

SurveyMonkey

Q5 Você já morou no exterior, no país de sua língua de trabalho?

Answered: 238 Skipped: 2



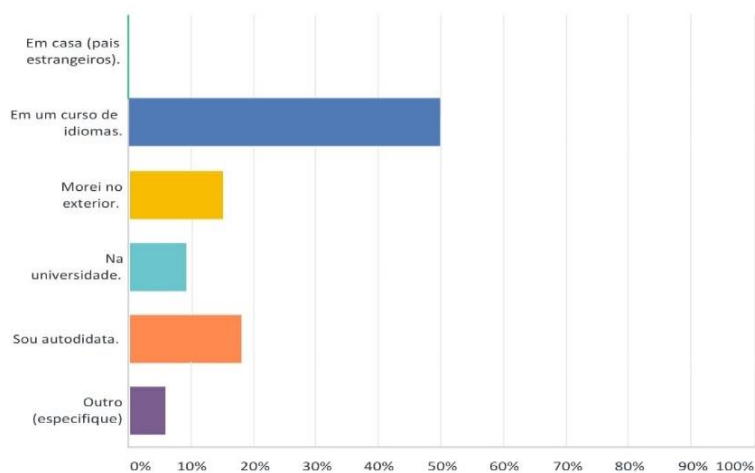
ANSWER CHOICES	RESPONSES	
Sim.	39.92%	95
Não.	60.08%	143
TOTAL		238

Formação de tradutores

SurveyMonkey

Q6 Onde você aprendeu a sua língua de trabalho?

Answered: 240 Skipped: 0



ANSWER CHOICES	RESPONSES	
Em casa (país estrangeiros).	1.67%	4
Em um curso de idiomas.	50.42%	121
Morei no exterior.	15.00%	36
Na universidade.	9.17%	22
Sou autodidata.	17.92%	43
Outro (especifique)	5.83%	14
TOTAL		240

ANEXO B: LISTA DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS QUE OFERECEM CURSO DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DE TRADUÇÃO E/OU INTERPRETAÇÃO.

*Nesta lista não estão incluídos cursos de pós-graduação.

UnB (Universidade de Brasília) - <http://repositorio.unb.br/handle/10482/144>

UNESP (Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto) - <http://www.ibilce.unesp.br/#!/graduacao/cursos/tradutor/principal/>

PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) - <http://www.letas.puc-rio.br/br/texto/7/traducao>

PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) - <https://www.pucsp.br/graduacao/letras>

UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=334

UNISANTOS (Universidade Católica de Santos) - <https://www.unisantos.br/graduacao/traducao-e-interpretacao/>

FIBRA (Faculdade Integrada Brasil Amazônia) - <http://www.fibrapara.edu.br/site/graduacao/letras-bacharelado>

USC (Universidade Sagrado Coração), Bauru - <https://www.usc.br/graduacao/letras-tradutor>

UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) - <https://www.escolha.ufop.br/cursos/letras>

UFU (Universidade Federal de Uberlândia) - <http://www.ileel.ufu.br/traducao/>

UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) - <http://www.ufjf.br/faclet/graduacao/bacharelado-em-letras/diurno/traducao/>

UFPB (Universidade Federal da Paraíba) - <http://www.cchla.ufpb.br/ctrad/>

UEM (Universidade Estadual de Maringá) - <http://www.dle.uem.br/>

UFPR (Universidade Federal do Paraná) - http://www.letas.ufpr.br/graduacao/opcoes_de_cursos/modalidades.html

UNILAGO (União das Faculdades dos Grandes Lagos, São José do Rio Preto) - <http://www.unilago.edu.br/cursos/graduacao/info/?id=61>

UNINOVE (Universidade Nove de Julho) - <http://www.uninove.br/graduacao/tradutor-e-interprete/o-que-e/>

Universidade Metodista de São Paulo - <http://portal.metodista.br/tradutor/sobre-o-curso>

UNIP (Universidade Paulista) - https://www.unip.br/presencial/ensino/graduacao/tradicionais/hum_letras_bacharelado_portugues_ingles.aspx

UNIFRAN (Universidade de Franca) - <https://www.unifran.edu.br/graduacao/curso/letras-tradutor-int-ppre-licenciatura-41>

USJT (Universidade São Judas Tadeu) - <http://www.usjt.br/cursos/letras-tradutor-e-interprete-bacharelado/>

UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba) - <http://unimep.edu.br/letras-ingles-traducao-e-interpretacao>

UNASP (Centro Universitário Adventista de São Paulo) - <https://www.unasp.br/cursos/ec/graduacao/tradutor-e-interprete/>

FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) - <https://portal.fmu.br/graduacao/cursos/letras-traducao-ingles-portugues/>

ANEXO C: VERBETE DA WIKIPÉDIA SOBRE A DP (PD) EM INGLÊS

Parkinson's disease (PD) is a long-term degenerative disorder of the central nervous system that mainly affects the motor system.^[1] The symptoms generally come on slowly over time.^[1] Early in the disease, the most obvious are shaking, rigidity, slowness of movement, and difficulty with walking.^[1] Thinking and behavioral problems may also occur.^[2] Dementia becomes common in the advanced stages of the disease.^[2] Depression and anxiety are also common, occurring in more than a third of people with PD.^[2] Other symptoms include sensory, sleep, and emotional problems.^{[1][2]} The main motor symptoms are collectively called "parkinsonism", or a "parkinsonian syndrome".^{[4][8]}

The cause of Parkinson's disease is generally unknown, but believed to involve both genetic and environmental factors.^[4] Those with a family member affected are more likely to get the disease themselves.^[4] There is also an increased risk in people exposed to certain pesticides and among those who have had prior head injuries, while there is a reduced risk in tobacco smokers and those who drink coffee or tea.^{[4][9]} The motor symptoms of the disease result from the death of cells in the substantia nigra, a region of the midbrain.^[1] This results in not enough dopamine in these areas.^[1] The reason for this cell death is poorly understood, but involves the build-up of proteins into Lewy bodies in the neurons.^[4] Diagnosis of typical cases is mainly based on symptoms, with tests such as neuroimaging being used to rule out other diseases.^[1]

There is no cure for Parkinson's disease, with treatment directed at improving symptoms.^{[1][10]} Initial treatment is typically with the antiparkinson medication levodopa (L-DOPA), with dopamine agonists being used once levodopa becomes less effective.^[2] As the disease progresses and neurons continue to be lost, these medications become less effective while at the same time they produce a complication marked by involuntary writhing movements.^[2] Diet and some forms of rehabilitation have shown some effectiveness at improving symptoms.^{[1][12]} Surgery to place microelectrodes for deep brain stimulation has been used to reduce motor symptoms in severe cases where drugs are ineffective.^[1] Evidence for treatments for the non-movement-related symptoms of PD, such as sleep disturbances and emotional problems, is less strong.^[4]

In 2015, PD affected 6.2 million people and resulted in about 117,400 deaths globally.^{[6][7]} Parkinson's disease typically occurs in people over the age of 60, of which about one percent are affected.^{[1][3]} Males are more often affected than females at a ratio of around 3:2.^[4] When it is seen in people before the age of 50, it is called young-onset PD.^[13] The average life expectancy following diagnosis is between 7 and 14 years.^[2] The disease is named after the English doctor James Parkinson, who published the first detailed description in *An Essay on the Shaking Palsy*, in 1817.^{[14][15]} Public awareness campaigns include World Parkinson's Day (on the birthday of James Parkinson, 11 April) and the use of a red tulip as the symbol of the disease.^[16] People with Parkinson's who have increased the public's awareness of the condition include actor Michael J. Fox, Olympic cyclist Davis Phinney, and late professional boxer Muhammad Ali.



Illustration of Parkinson's disease by William Richard Gowers, first published in *A Manual of Diseases of the Nervous System* (1886)

<u>Specialty</u>	<u>Neurology</u>
<u>Symptoms</u>	<u>Shaking, rigidity, slowness of movement, difficulty walking</u> ^[1]
<u>Complications</u>	<u>Dementia, depression, anxiety</u> ^[2]
<u>Usual onset</u>	Age over 60 ^{[1][3]}
<u>Causes</u>	Unknown ^[4]
<u>Risk factors</u>	<u>Pesticide exposure, head injuries</u> ^[4]
<u>Diagnostic method</u>	Based on symptoms ^[1]
<u>Differential diagnosis</u>	<u>Dementia with Lewy bodies, progressive supranuclear palsy, essential tremor, antipsychotic use</u> ^[5]
<u>Treatment</u>	Medications, surgery ^[1]
<u>Medication</u>	<u>L-DOPA, dopamine agonists</u> ^[2]
<u>Prognosis</u>	<u>Life expectancy ~ 10 years</u> ^[2]
<u>Frequency</u>	6.2 million (2015) ^[6]
<u>Deaths</u>	117,400 (2015) ^[2]

ANEXO D: EXERCÍCIO DE TRADUÇÃO SIMPLIFICADA REALIZADO EM SALA DE AULA

EXERCÍCIO: Flesch Reading-Ease 46,8, Flesch-Kincaid Grade Level 11,5, Passive Sentences 46,1%

TP	Primeira tradução do texto de chegada	Texto de chegada simplificado
<p>Many people affected by Parkinson's disease want to know whether it can be passed down from one generation to the next. Directly inheriting the disease is quite rare. About 10 to 15 percent of all cases of Parkinson's are thought to be genetic forms of the disease. The other 85 to 90 percent of cases are classified as idiopathic, meaning the exact cause is unknown.</p>	<p>Muitas pessoas que são afetadas pela Doença de Parkinson querem saber se ela pode ser passada de uma geração para outra. Herdar a doença diretamente é bem raro. Em torno de 10% a 15% de todos os casos de Parkinson são formas herdadas de pai para filho. Os outros 85% a 90% são classificados como idiopáticos, o que quer dizer que têm causas desconhecidas.</p>	<p>Muitas pessoas que têm Doença de Parkinson querem saber se ela pode ser passada de pai para filho. Na verdade, isso é bem raro. Somente 10% a 15% dos casos de Parkinson são herdados de pai para filho. O restante dos casos possui causas desconhecidas.</p>
<p>Some research shows that having a first-degree relative with Parkinson's disease, such as a mother, father or sibling, increases your risk of Parkinson's twofold. People with an affected first-degree relative have about a three percent lifetime risk, as compared to people in the general population who have a 1 to 1.5 percent lifetime risk. So even if Parkinson's runs in your family, the chance of you going on to develop the disease is still very low.</p>	<p>Algumas pesquisas mostram que ter um parente de primeiro grau com a Doença de Parkinson, como pai, mãe ou irmão, aumenta em duas vezes as chances de desenvolver a doença. Pessoas com um parente de primeiro grau com Parkinson têm um risco de 3% de desenvolver a doença durante a vida, em comparação com pessoas da população geral, que têm um risco de 1% a 1,5%. Então, mesmo que a doença esteja no sangue da sua família, as chances de você vir a desenvolver elas ainda são bastante baixas.</p>	<p>As pessoas em geral têm cerca de 1% a 1,5% de chances de desenvolver Parkinson. Já as pessoas que possuem pai, mãe ou irmão com Parkinson têm o dobro de chances de desenvolver a doença. Ou seja, mesmo que a doença esteja no sangue da sua família, as chances de que você a desenvolva continuam sendo baixas.</p>

<p>To date, abnormalities in particular genes have been linked to an elevated risk of Parkinson's disease. The three most common genes related to Parkinson's are the following:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● PARK2 (parkin) ● LRRK2 (leucine-rich repeat kinase 2) ● Glucocerebrosidase (GBA) 	<p>Até o momento atual, anomalias em genes específicos têm sido relacionadas com o alto risco de desenvolver a Doença de Parkinson. Os três genes mais comuns a se relacionar[em?] com a doença são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● PARK2 (parkin) ● LRRK2 (cinase 2 com repetição rica em leucina) ● Glucocerebrosidase (GBA) 	
<p>Mutations in the GBA gene are most common in the general population. And mutations in the LLRK2 gene are most common in certain ethnic groups, accounting for about 30 to 40 percent of Parkinson's cases in North African Arabs and about 15 percent of Parkinson's cases in people of Ashkenazi Jewish descent.</p>	<p>Mutações no gene GBA são as mais comuns na população geral. E mutações no gene LKKR2 são mais comuns em grupos étnicos específicos, sendo que cerca de 30% a 40% dos casos de Parkinson ocorre em Árabes norte-africanos, e cerca de 15% em judeus Asquenazes.</p>	
<p>Even if you carry a gene mutation, it doesn't mean you will be diagnosed with the disease. It's not simply a mutation in one gene that matters. Experts believe that Parkinson's disease is caused by a complex interaction of genetic and non-genetic factors.</p>	<p>Mesmo que você carregue uma mutação genética, não significa que será diagnosticado com a doença. Não é somente uma mutação em um gene que importa. Especialistas acreditam que a Doença de Parkinson é causada por uma interação complexa de fatores genéticos e não genéticos.</p>	<p>Na população em geral a doença costuma se desenvolver por conta de uma mutação em um gene específico, o GBA. A mutação genética é uma espécie de erro na formação do gene. Quando o gene sofre mutação pode aumentar as chances de a doença aparecer. Mesmo assim, o fato de você ter uma mutação genética não quer dizer que você irá desenvolver a doença. Segundo especialistas, é a combinação de fatores genéticos e não genéticos que causa a Doença de Parkinson.</p>

ANEXO E: ORIENTAÇÕES PARA A ENTREGA DO TRABALHO FINAL DAS DISCIPLINAS DE TRADUÇÃO: TRADUÇÃO SIMPLIFICADA COMENTADA

Tradução do Inglês 3 U - Profa. Rozane R. Rebechi

Orientações para a entrega do trabalho final

1. O trabalho final compreende três etapas: (i) a simplificação do texto de partida (Parkinson's Disease); (ii) tradução do texto simplificado; e (iii) descritivo sobre as estratégias aplicadas à simplificação e à tradução desse texto, que deverá ter até duas páginas;
2. O trabalho deverá ser precedido de uma capa, com informações como nome do aluno, nome da profa., instituição e data;
3. O texto de partida, o texto simplificado em inglês e a tradução da simplificação para o português deverão estar em uma tabela, com três colunas;
4. O trabalho deve ser escrito com fonte 12, espaço 1,5, alinhamento justificado;
5. As referências devem seguir as normas mais recentes da ABNT;
6. O trabalho deve ser enviado por e-mail para a Profa. (rozanereb@gmail.com) e para Liana (liana.paraquassu@terra.com.br) até o dia 29/11/2017;
7. A nota do trabalho será uma média da simplificação, da tradução e do texto descritivo. Serão considerados para a correção:
 - a. estratégias de simplificação aplicadas e resultados alcançados;
 - b. naturalidade do texto traduzido;
 - c. revisão;
 - d. embasamento das justificativas;
 - e. formatação.
8. O texto descritivo deverá abordar questões trabalhadas durante o semestre – com ênfase especial aos textos trabalhados em seminários e as apresentações da professora.

Diretrizes de simplificação:

1. O texto em inglês deve ser simplificado em inglês, seguindo as métricas apresentadas em sala de aula e contidas no PowerPoint enviado pelo Moodle.
2. Não esqueça de analisar o texto no Word quanto ao índice Flesch, Flesch-Kincaid e outras métricas, como número de palavras por frase, etc., que o ajudarão a decidir quais ações devem ser tomadas para simplificar o texto.
3. Leia atentamente o perfil do leitor, enviado por e-mail e disponível no Moodle.

4. Após a tarefa de simplificação, traduza o texto. Lembre-se de verificar as métricas também no texto em português. O texto traduzido deve estar condizente com o perfil do leitor.

Crítérios de pontuação para avaliação da simplificação

1. O tradutor incluiu o índice Flesch nos comentários e o mediu de maneira confiável, com ferramentas como o Word ou o Coh-matrix-Port, como solicitado em sala de aula e nas diretrizes do trabalho final.
2. O tradutor conseguiu simplificar o texto, passando de um nível de complexidade de ‘muito difícil de ler’ para ‘padrão’, ou próximo a isso, como recomendado nas diretrizes do trabalho.
3. O tradutor empregou estratégias de simplificação, como redução do número de palavras por frase, redução do tamanho dos parágrafos, redução da voz passiva, eliminação ou substituição de advérbios complexos (terminados em -mente) e substituição de pronomes por substantivos (repetição).
4. O tradutor conseguiu simplificar o léxico geral do texto e os termos médicos, deixando o texto com uma linguagem mais acessível, de acordo com o perfil de leitor estipulado, sem que o texto perdesse a fluidez e coerência.
5. O tradutor justificou satisfatoriamente suas escolhas nos comentários do trabalho.

Crítérios de pontuação para avaliação da tradução

O texto traduzido será avaliado nas áreas listadas. A avaliação irá se basear no produto tradutório, bem como no processo, quando conveniente.

I. Significado (20)

1. A tradução apresenta o significado do original de forma acurada, sem alterações impróprias, omissões ou adições. Nuances sutis e matizes de significado foram corretamente traduzidos. (valor 20)
2. Pequenas alterações de significado, adições e omissões. (valor 15)
3. Houve alterações de significado, omissões e/ou adições injustificadas. A tradução apresenta erros de compreensão do original em alguns pontos. (valor 10)
4. A tradução apresenta alterações impróprias, impactantes em relação ao original. Contém soluções errôneas e/ou omissões e adições impactantes. A tradução apresenta muitos erros de compreensão do TF (texto fonte). (valor 0)

II. Língua-alvo (20)

1. A tradução apresenta fluência e pode ser lida como um texto original (não derivada de outro texto) escrito na língua-alvo. (20)
2. Embora, no geral, o estilo esteja adequado, há algumas expressões não condizentes com o gênero em questão. (15)
3. Algumas construções deixam transparecer a natureza não original do texto. A estrutura do TF aparece na tradução. (10)

4. A tradução está escrita em algum tipo de “terceiro código”; a língua do original exerce grande influência na tradução, a ponto de esta não poder ser considerada um exemplo de texto escrito na língua-alvo. (0)

III. Vocabulário (20)

1. Traduções corretas e apropriadas da terminologia. Demonstra um bom manejo dos termos específicos do assunto em questão. Atividade de documentação completa e cuidadosa. (20)
2. Alguns erros envolvendo a tradução da terminologia e de termos específicos. Atividade de documentação adequada, mas incompleta. (10)
3. Demonstra desconhecimento da terminologia específica. Sem trabalho prévio de documentação. (0)

IV. Equivalência funcional e textual (20)

1. O texto traduzido recupera corretamente os objetivos, a finalidade (função: informativa, expressiva, apelativa) e o público-alvo contemplados pelo original. Boa análise e aplicação bem-sucedida das conclusões obtidas. (20)
2. O texto traduzido recupera parcialmente os objetivos, a finalidade (função) e o público-alvo contemplados pelo original, mas não é exatamente equivalente na língua de chegada. Apresenta problemas na análise textual ou na aplicação dos seus resultados. (10)
3. O texto traduzido desconsidera totalmente os objetivos, a finalidade (função) e o público-alvo contemplados pelo original. A equivalência textual é mínima. O texto não poderia ser proveniente das mesmas circunstâncias contextuais apresentadas no original. (0)

V. O processo de revisão (20)

1. Processo de revisão e edição adequados. Percebe-se que várias versões foram criadas antes de se chegar à versão final. (20)
2. O texto apresenta o mínimo de revisão. Trata-se da primeira versão, com poucas mudanças. (10)

Critérios de pontuação para a avaliação da competência tradutória (tradução comentada)

A. Habilidades de processamento do texto-fonte e do texto-alvo. (50)

1. A tradução e os comentários demonstram que o tradutor reconheceu e estabeleceu todos os aspectos de intertextualidade (gênero, tipo textual) e de estrutura retórica em relação ao impacto esperado sobre as normas linguísticas e sobre o público, na cultura-fonte e na cultura-alvo. O tradutor reconheceu e estabeleceu todos os aspectos de tessitura (escolha lexical, estrutura sintática, coesão) e de estrutura em relação ao impacto esperado sobre as normas linguísticas sobre o público, na cultura-fonte e na cultura-alvo. (50)
2. Embora a tradução e os comentários demonstrem que o tradutor reconheceu e estabeleceu relações de intertextualidade (gênero, tipo textual) e de estrutura retórica em relação ao impacto esperado sobre as normas linguísticas e sobre o público, na cultura-fonte e na cultura-alvo, existem algumas dificuldades e problemas menores no reconhecimento ou no estabelecimento desses aspectos no texto fonte e/ou alvo. Embora a tradução e os comentários demonstrem que o tradutor reconheceu e estabeleceu vários dos aspectos de tessitura (escolha lexical, estrutura sintática, coesão) e de estrutura em relação ao impacto esperado sobre as normas linguísticas sobre o público, na cultura-fonte e na cultura alvo, existem algumas dificuldades e problemas menores no reconhecimento ou no estabelecimento desses aspectos no TF e/ou TA. (30)

3. A tradução e os comentários demonstram que o tradutor tem dificuldades/problemas em reconhecer e estabelecer a intertextualidade e a estrutura retórica. A tradução e os comentários demonstram que o tradutor tem dificuldades!

B. Aporte teórico (50)

1. O tradutor se apoiou em teorias e pesquisas adequadas para justificar suas escolhas tradutórias, exemplificando-as. (50)
2. O tradutor cita teorias e pesquisas importantes, mas não as relaciona devidamente às suas escolhas tradutórias. (25)
3. O tradutor não se apoia a pesquisas anteriores para justificar suas escolhas tradutórias. O processo tradutório é baseado em 'achismos'. (0)

ANEXO F: PERFIL DO LEITOR DO TEXTO A SER SIMPLIFICADO

Perfil do leitor: Luíza tem 14 anos, estuda em uma escola estadual, a mesma desde que ingressou na escola na 1ª série do ensino fundamental. Luíza está cursando o 1º ano do ensino médio. Seus programas favoritos são as séries americanas que passam no SBT, ela tem perfis no Facebook, Snapchat e Instagram, que acessa de seu smartphone. Luíza é a primeira de sua família a chegar ao ensino médio. Ela tem um irmão de 10 anos, que frequenta a mesma escola estadual. Seu pai tem 40 anos e trabalhada em uma fábrica de cimento em Sapucaia. Sua mãe tem 35 anos e trabalha em uma loja de departamento no centro da cidade. A família possui 1 computador em casa e um laptop. Costumam acessar a Internet para entretenimento e para trabalhos de escola. Luíza ouviu a mãe comentando com seu pai que o médico tinha dito que a avó Maria estava com Parkinson. Luíza, que nunca tinha ouvido falar dessa doença, decidiu fazer uma pesquisa no Google. Encontrou alguns artigos, sites e blogs sobre a doença, mas continuou sem compreender do que se tratava.

Ao traduzir o texto simplificado, leve em consideração o perfil da Luíza, seu nível de escolaridade e os índices que indicam que grau de complexidade um texto pode ter para que seja compreendido por alguém com o perfil da nossa leitora.

Score	School Level	Notes
90.0–100.0	5th grade	Very easy to read. Easily understood by an average 11-year-old student.
80.0–90.0	6th grade	Easy to read. Conversational English for consumers.
70.0–80.0	7th grade	Fairly easy to read.
60.0–70.0	8th & 9th grade	Plain English. Easily understood by 13- to 15-year-old students.
50.0–60.0	10th to 12th grade	Fairly difficult to read.
30.0–50.0	college	Difficult to read.
0.0–30.0	college graduate	Very difficult to read. Best understood by university graduates.

Lembre-se que você pode utilizar algumas ferramentas que o auxiliarão a simplificar o texto e medir se você está conseguindo alcançar seus objetivos.

O Word, na guia Revisão, possui estatísticas de legibilidade e o Coh-metrix Port mede diversos fatores de complexidade de um texto. Acesse em <http://143.107.183.175:22680/>.

Boa simplificação! 😊

ANEXO G: TEXTO APRESENTADO ÀS TURMAS DE TRADUÇÃO I PARA A TAREFA DE TRADUÇÃO SIMPLIFICADA

TEXTO PARA TURMA TRAD I

Parkinson's Disease

Neurologists often remark that Parkinson's is a highly variable disease. Persons with Parkinson's not only acquire the disease at different ages, they also manifest different clinical profiles, displaying symptoms that can progress at strikingly different rates. Persons with Parkinson's also report divergence in how they respond to treatments such as dopamine replacement therapy. Some are exquisitely sensitive to L-dopa medication, some much less so. Patients also vary widely in their susceptibility to medication-related side effects, from dyskinesias to hallucinations.

So, while Persons with Parkinson's may superficially look similar, they are in fact presenting with a vast spectrum of disease profiles or "phenotypes." Bas Bloem, Professor of Neurological Movement Disorders at Radboud University Medical Center in the Netherlands and founder of ParkinsonNet, argues that it is time we tried to unpack this profound puzzle. "Why are some people with Parkinson's completing crossword puzzles 15 years into the disease and others are demented... Why are some people playing tennis or skiing after 15 years and others, just five years after diagnosis, are unstable or even dependent on a wheelchair?"

Currently, most neurologists intuitively bundle their patients into a handful of clinical subtypes. Patients who initially present with tremor, for example, tend to have a more benign disease course than those who display prominent posture and gait symptoms. People with an older age of disease onset (over 75) tend to become demented more quickly than people with a much younger age of diagnoses. And medication responses like "on/off" fluctuations typically develop more rapidly in young onset patients – those who acquire Parkinson's under 40 – than those who develop Parkinson's disease in middle age.

But to Bas Bloem these are very crude subdivisions. In the age of precision medicine, he says, surely we can do better. "So now we have, what is it, five or six Parkinson's disease phenotypes, whereas in reality there are 5 million Parkinson disease phenotypes:

corresponding to the 5 million people worldwide with Parkinson's, each with their own individual profile." Now, while identifying five million phenotypes may be unrealistic, the goal of Bloem and his colleagues is to move towards a much finer granular profiling than we have currently.

Welcome to the Personalized Parkinson Project (PPP), an international collaboration involving Radboud University Medical Center, Radboud University, ParkinsonNet (all of them in The Netherlands) and Verily Life Sciences, an Alphabet spin off and sister company to Google (in the US). The PPP aims to track 650 patients with rather early Parkinson's disease diagnosis (5 years or less), initially for a period of two years. Researchers plan to periodically measure a plethora of biological and performance metrics. They will take detailed structural and functional brain images. They will sample and analyze spinal fluids, blood serum, plasma, DNA, and stool. Trained assessors will annually conduct detailed clinical exams. And, thanks to the Verily Study Watch, participants will be followed 24/7 outside the clinic as well.

Verily have built a high-tech watch that gathers a variety of physiologic and environmental signals from study subjects including movement, body position, pulse, ECG, galvanic skin response and more. As Dr. William Marks, Head of Clinical Neurology at Verily, puts it, "We designed this study device to be a wrist watch. It's very lightweight, it's very nicely designed, and it tells time. So subjects can substitute it for their wristwatch and then just forget about it and go about their daily lives." With the wearable device, researchers can acquire high quality raw data, monitor changes over time and eventually evaluate responses to therapeutic interventions such as new pharmaceuticals.

The overall project will generate a feast of health data of many different types, but unlocking the insights buried in that so-called "multidimensional" data will require advanced data analysis and machine learning techniques. Says Marks, "Our aim is to ingest large amounts of different data types, to curate that data and then join it together for multidimensional analyses." So, for example, researchers might apply machine learning to particular data types such as genomic data - in which case they might learn to what extent the known Parkinson's disease genes account for the variation in symptoms and rates of progression. Researchers might also analyze many other data types, say tau protein levels in

cerebrospinal fluid (CSF), to see if levels vary between PD patients and whether those concentrations of tau protein in patients' CSF help to predict progression.

“But then the really interesting question,” says Marks, “is how do we bring these different data types together. “ Using multivariate analytic techniques, researchers hope to discover particular combinations of biological and performance factors that can account for the variation among Persons with Parkinson's. Says Bloem half jokingly, “What you would like to do in the end is to say to a patient ‘You're 73, left handed, with red hair, you live in Michigan, you have two children, you used to be a professional soccer player. After looking at your brain scan and CSF profile, we can say that people just like you probably do best if they follow this regime of medication, diet, exercise etc.’”

The data generated in the Personalized Parkinson Project will be securely stored and shared with other projects that are exploring Parkinson's, including the Michael J Fox Foundation's Parkinson's Progression Markers Initiative ([PPMI](#)). In order to maintain patient confidentiality, Radboud computer scientist Professor Bart Jacobs has developed an advanced data management system called Polymorphic Encryption and Pseudonymisation.

The 13 million Euro project has been made possible by financial contributions from Verily, the Radboud university medical center, the Dutch national government, state government and the City of Nijmegen. The first patients will be enrolled in July 2017; spontaneously, already more than 170 eligible patients have volunteered to participate. The only inclusion criterion for the study is that the patients must have been diagnosed with Parkinson's for less than 5 years. The rationale is twofold. One: it enables researchers to follow the cohort for a long time (well beyond the initial two-year period). And two: because clinicians believe that Parkinson's is most amenable to remediation in its early phase.

Bloem and Marks hope that the project will eventually lead to clinical decision support tools that clinicians can use all over the world. As Bloem puts it, “Most Persons with Parkinson's in the world never get to see a Parkinson's expert... so my dream is to end up with a decision support system, a black box, that sits on the clinician's desk. And now he can say, ‘based on your kinetic profile, your CSF result, your stool analysis, your brain scan, your age, your gender, your disease duration, perhaps the color of your hair etc, the best evidence suggests

that people like you do well when they get this particular treatment.' With a better quality of life as a result. That's my dream."

ANEXO H: TEXTO APRESENTADO ÀS TURMAS DE TRADUÇÃO III PARA A TAREFA DE TRADUÇÃO SIMPLIFICADA

James Parkinson: The Man Behind the Shaking Palsy

Patrick A. Lewis*

Department of Molecular Neuroscience, UCL Institute of Neurology, London, UK

Abstract. James Parkinson occupies a unique position in the history of Parkinson's disease. As the man responsible for originally identifying and describing the disease that he called the Shaking Palsy, his name is familiar to anybody with a connection with the disease – patients, carers, clinicians and members of the general public alike. This review summarises the life and career of one of the most recognizable names in neurology.

Keywords: History of neurology, Parkinson's disease, James Parkinson

Although there is anecdotal evidence of Parkinson's disease throughout much of history [1–3], the establishment of the disease as a clinically distinct movement disorder has its origins in the work of James Parkinson, a medical practitioner working in London around the turn of the 19th century. Much of what we know about Parkinson's life comes from the diligent research of Leonard George Rowntree, a lecturer at Johns Hopkins Medical School in Baltimore, who wrote a seminal report on the life of James Parkinson in 1912 [4]. James William Keys Parkinson was born on 11th April, 1755 in what was then the village of Hoxton in Middlesex, just to the north of the City of London (Fig. 1A) [5, 6]. Hoxton is now filled with fashionable bars and restaurants, benefiting from its proximity to the banks and financial establishments that crowd the City of London. Throughout the course of his life, James Parkinson will have witnessed huge changes in the lives of the people who lived and worked around Hoxton as it was slowly swallowed up by the rapidly expanding metropolis and underwent the upheavals of the industrial revolution. Much of his life was spent in and around Hoxton

Square: although the house in which he grew up in and lived, number 1 Hoxton Square, has been demolished (the only existing photo is shown in Fig. 1B), a blue plaque commemorates his close association with the area (Fig. 1C) [4].

EARLY LIFE AND MEDICAL CAREER

We know very few details of his early life. His parents, John and Mary, had three children – James (the eldest), William and Mary [7]. John Parkinson worked as a doctor in and around Hoxton, being a member of the company of surgeons, and this obviously influenced the young James Parkinson. Following in his father's footsteps, he enrolled at the London Hospital in 1776. A fascinating insight into Parkinson's views on training to be a doctor is provided by a series of letters he compiled as a pamphlet on medical education in 1800 entitled "the hospital pupil". In it, he detailed the requirements and system of a medical education, emphasizing that "a sympathetic concern, and a tender interest for the sufferings of others, ought to characterize all those who engage themselves in a profession, the object of which should be to mitigate, or remove, one great portion of the calamities to which humanity is subject" [8]. It is likely that much of the

*Correspondence to: Patrick A. Lewis, Department of Molecular Neuroscience, UCL Institute of Neurology, Queen Square, London WC1N 3BG, UK. Tel.: +44(0)20348841016; Fax: +44(0)20 7278 5069; E-mail: Patrick.lewis@ucl.ac.uk.

P.A. Lewis / A Short Biography of James Parkinson

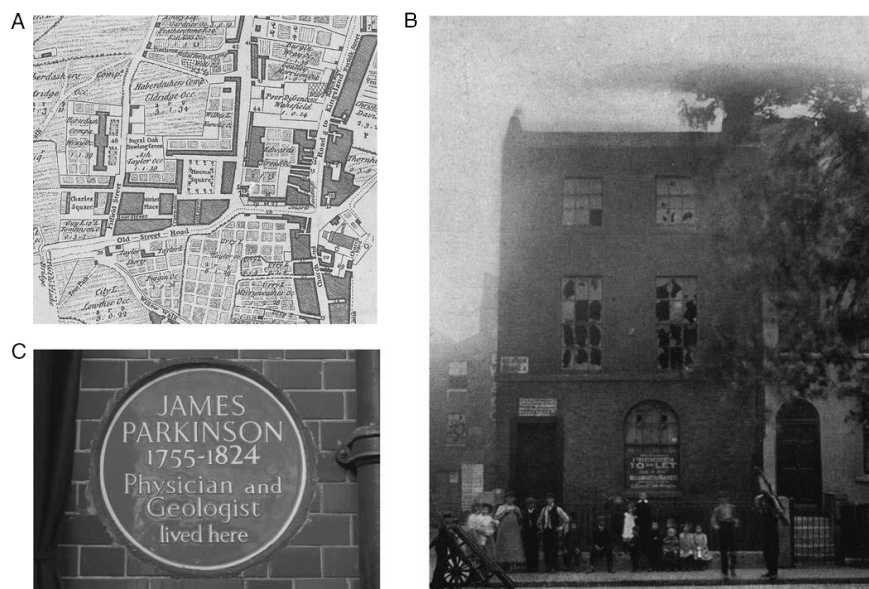


Fig. 1. James Parkinson's Hoxton. (A) A survey of Shoreditch from 1745, just prior to James Parkinson's birth, showing Hoxton square (centre) and St. Leonard's church (lower right corner) © British Library Board Cartographic Items 577.h.17 (B) Photo of 1, Hoxton Square dating from 1912 (taken from reference [4]) (C) The plaque commemorating James Parkinson on 1, Hoxton Square today.

advice dispensed in this book came from Parkinson's own experience of entering the medical profession. He was awarded a diploma of the Company of Surgeons (the precursor to the Royal College of Surgeons) in 1784, just a few months after the death of his father. In the days before such a job description existed, James Parkinson operated as a general practitioner in Hoxton for several decades, later in partnership with his son (also called James), who took over the running of the practise from his father when he retired [7, 9]. In addition to attending to the general health and wellbeing of the people of Hoxton, Parkinson was also heavily involved in the welfare of patients in the numerous mental health institutions, the Hoxton madhouses, that were located in and around Hoxton [10].

Parkinson was an active member of the medical community in London, and was elected a Fellow of the Medical Society of London in 1787. He wrote papers and pamphlets for the medical community and for consumption by the general public, presenting his first paper to the Medical Society of London in 1787 entitled "Some Account on the Effects of Lightning" [11]. For a more general readership, he wrote several books of medical advice, for example *The Town and Country Friend and Physician*. This dispensed advice

on medical issues ranging from "bleeding from the nose" to the "folly of too much care and anxiety after health" [12]. An example of the esteem in which James Parkinson's peers held him is his involvement with the Association of Apothecaries – an organisation that played an important role in the passing of the Apothecaries act of 1815, which in turn was an important step towards the development of a comprehensive medical education for medical practitioners [13]. Parkinson was heavily involved in the association, and was elected president in 1817 serving two terms [14].

THE SHAKING PALSY

Parkinson's extensive clinical experience and observational skills, gleaned from several decades of medical practice in Hoxton, served him well in what was to be his outstanding contribution to medical science – his description of the Shaking Palsy (Fig. 2) [15, 16]. From the outset it is clear that he was well aware of how devastating the disease could be:

"the unhappy sufferer has considered it as an evil, from the domination of which he had no prospect of escape"

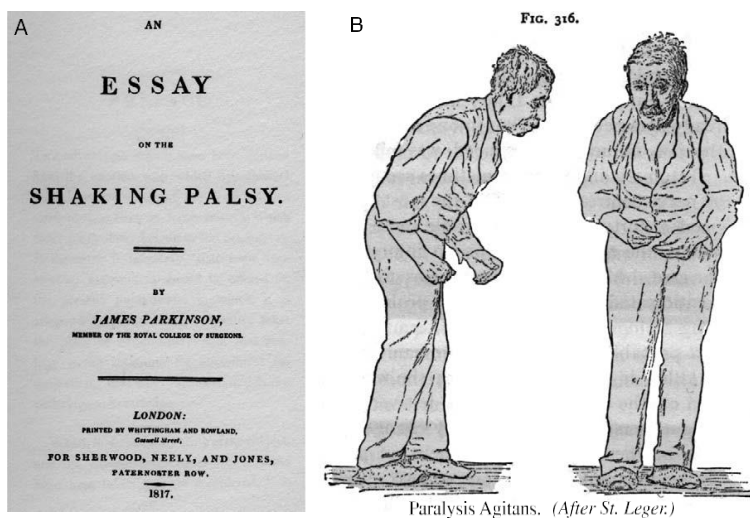


Fig. 2. James Parkinson's legacy to the field of neurology (A) The frontispiece to his essay on the Shaking Palsy, written in 1817. (B) An illustration of an individual with Parkinson's disease from William Gower's work *Manual of the Diseases of the Nervous System* written in 1886.

It is remarkable, and a testament to Parkinson's powers of observation, how much of the essay on the Shaking Palsy remains relevant to the description of patients with Parkinson's disease today [17, 18]. His definition of the Shaking Palsy is worth reproducing in full. He described it as a disease characterised by an:

"Involuntary tremulous motion, with lessened muscular power, in parts not in action and even when supported; with a propensity to bend the trunk forwards, and to pass from a walking to a running pace: the senses and intellects being uninjured."

The major difference between Parkinson's definition and the modern understanding of Parkinson's disease is with regard to his final observation, the importance of non-motor symptoms, as there is an increasing realisation that dementia is an important part of the symptomatic spectrum of Parkinsonism [19].

The centrepiece of the essay is Parkinson's report of a typical history for the Shaking Palsy, illustrated with a series of six cases from in and around Hoxton, sharing a number of characteristic symptoms. Although varying in detail (only two of the cases were directly examined by Parkinson, and of these a detailed case history was taken in one case), these contain a wealth of information that neurologists today would recognise from their own interaction with Parkinson's disease patients [18].

Much is made in the essay of the inadequacy of the treatments available to sufferers. The optimism of Parkinson's humanist tendencies prompted him to suggest that: "there appears to be sufficient reason for hoping that some remedial process may ere long be discovered, by which, at least, the progress of the disease may be stopped". Sadly it was to be 140 years before the work of Arvid Carlsson and others eventually led to the development of *levodopa* as a symptomatic treatment for the Shaking Palsy, and we still await an intervention that actually retards the progress of the disease.

It is important to note, when reading an essay on the Shaking Palsy, that Parkinson was working in uncharted territory. The study of neurological disease as we know it today was very much in its infancy, and the degenerative diseases that are so familiar now, such as Motor Neuron Disease or Alzheimer's Dementia, were still many years from being established as clinical entities. As the medical discipline of neurology took shape over the course of the 19th century, a number of its founding fathers (most notably Jean-Martin Charcot in Paris and Williams Gowers in London) acknowledged the contribution that Parkinson had made in bringing together and synthesising the case reports that he published in his essay on the Shaking Palsy [20–23]. The most obvious consequence of this was the naming of the disease in recognition of Parkinson's influence on the field.

PARKINSON'S LIFE OUTSIDE OF MEDICINE

Although it is his clinical work that has made its mark on history, during his lifetime Parkinson was as well known for his radical political views and his contribution to the emerging field of geology. As a young doctor, he wrote passionately and profusely on the subject of social reform. It should be remembered that Parkinson lived through turbulent times: the American declaration of independence was signed in 1776, and the French revolution started in 1789. Across Europe and the new world, the old order was being challenged, and Britain was no exception. In particular, there were growing calls for more representative government and an extension of the right to vote – calls which eventually led to the reform act of 1832. James Parkinson was an active voice in these calls, being a member of two of the leading London societies campaigning for reform of the electoral system: the London Corresponding Society and the Society for Constitutional Information [5]. Membership of such societies was controversial, and there were numerous attempts by the authorities to suppress publications by these societies and indeed to quash the societies full stop. Parkinson contributed to these debates under the pseudonym Old Hubert [24], writing a number of satirical, and for the time somewhat seditious, pamphlets directed at the establishment (Fig. 3) [25, 26].

It was through the London Corresponding Society that he became embroiled in the scandal surrounding an alleged attempt to assassinate King George III, immortalised as the Pop Gun Plot [27]. A number of members of the society were accused of high treason and imprisoned pending trial. Parkinson was called in

front of the Privy Council (a group of government ministers and lords acting as advisors to the king or queen of Great Britain) to face questioning regarding these individuals. In fact, we have a first hand account of this interrogation from Parkinson himself based upon his own shorthand notes (he was a strong proponent of shorthand, and encouraged medical students to take up the practice of this approach) and published in a contemporary pamphlet [28]. He was questioned directly by William Pitt the Younger, the prime minister of the time:

Mr. Pitt. – Pray, Mr. Parkinson, how came you to be invited on this committee?

Mr. Parkinson. – Because I believe they did me the honour to believe me firm in the cause (*Mr. Pitt smiled*) of *Parliamentary Reform*, and because I had just published a little tract for the benefit of the wives and children of the persons imprisoned on charges of High Treason.

Although it caused something of a stir at the time, it soon transpired that the plot was essentially a fabrication, and charges were dropped. It would appear that, as his medical practice increased, Parkinson moved away from the cause of social reform to focus more closely on medical issues – as witnessed by the publications and studies referred to above – along with a number of observations on other scientific subjects.

An example of this is his *Chemical Pocket Book* [29], a layperson's guide to the world of chemistry. This proved very popular, and ran to several editions before being overtaken by the rapid advances in chemistry over the first few decades of the 19th century [30]. More fundamental are his observations in the field of geology, and in particular palaeontology. In 1807 he was one of thirteen founder members of the Geological Society [31], and published a number of seminal observations on sedimentary rocks and the fossil record (Fig. 4A) [32, 33]. In recognition of this, a species of Ammonite (a now extinct type of mollusc) was named after him in 1821 by the naturalist James Sowerby [34] (Fig. 4B), making James Parkinson remarkable in having both a fossil species and a disease named after him. A further honour was bestowed upon him by the Royal College of Surgeons, who awarded Parkinson their honorary gold medal in 1823 for his work on fossils, noting that: "The fruits of your exertions are distinguished by the stamp of simplicity and truth. They express the most laudable zeal in the pursuit and the promulgation of knowledge, for the benefit of mankind" [35].

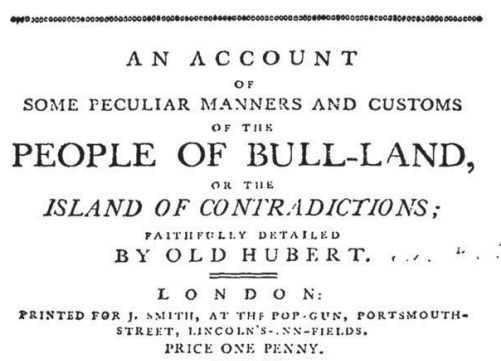


Fig. 3. Frontispiece from a pamphlet written by James Parkinson under the pseudonym Old Hubert.

ANEXO I: TRADUÇÃO SIMPLIFICADA REALIZADA POR ALUNO DO CURSO DE LETRAS BACHARELADO, ÊNFASE INGLÊS, PARA O TRABALHO FINAL DA DISCIPLINA DE TRAD III COMO EXEMPLO DE UMA SIMPLIFICAÇÃO BEM SUCEDIDA

<p align="center">Texto de Partida (TP)</p>	<p align="center">Texto Simplificado (TS)</p>	<p align="center">Texto de Chegada (TC)</p>
<p>James Parkinson: The Man Behind the Shaking Palsy</p> <p>Patrick A. Lewis* <i>Department of Molecular Neuroscience, UCL Institute of Neurology, London, UK</i></p> <p>*Correspondence to: Patrick A. Lewis, Department of Molecular Neuroscience, UCL Institute of Neurology, Queen Square, London WC1N 3BG, UK. Tel.: +44(0)20348841016 ; Fax: +44(0)20 72785069; E-mail:</p>	<p>PARKINSON'S DISEASE AND WHERE TO FIND IT</p>	<p>A DOENÇA DE PARKINSON E ONDE HABITA</p>

Patrick.lewis@ucl.ac.uk.		
<p>Although there is anecdotal evidence of Parkinson's disease throughout much of history [1–3], the establishment the disease as a clinically distinct movement disorder has its origins in the work of James Parkinson, a medical practitioner working in London around the turn of the 19th century. Much of what we know about Parkinson's life comes from the diligent research of Leonard George Rowntree, a lecturer at Johns Hopkins Medical School in Baltimore, who wrote a seminal report on the life of James Parkinson in 1912 [4]. James William Keys Parkinson was born on 11th April, 1755 in</p>	<p>Dear reader,</p> <p>Are you tired of not getting hold of Parkinson's disease? Well, by the end of this text, you will – hopefully – have understood what Parkinson's disease is. So, without further ado, let's get cracking!</p> <p>P.S.: Please, try and understand it! I beg you! I bet all my money on you at poker night!</p> <p>Yours sincerely,</p>	<p>Querido leitor,</p> <p>Cansado de não entender o que é a doença de Parkinson? Bom, ao terminar esse texto, você vai – se tudo der certo – entender o que é. Então, sem mais delongas, vamos nessa!</p> <p>P.S.: Faça uma forcinha para entender o que é! Eu lhe imploro! Apostei toda a minha grana em você na noite de pôquer!</p> <p>Atenciosamente,</p>

<p>what was then the village of Hoxton in Middlesex, just to the north of the City of London (Fig. 1A) [5, 6]. Hoxton is now filled with fashionable bars and restaurants, benefiting from its proximity to the banks and financial establishments that crowd the City of London. Throughout the course of his life, James Parkinson will have witnessed huge changes in the lives of the people who lived and worked around Hoxton as it was slowly swallowed up by the rapidly expanding metropolis and underwent the upheavals of the industrial revolution. Much of his life was spent in and around Hoxton Square: although the house in which he</p>		
--	--	--

<p>grew up in and lived, number 1 Hoxton Square, has been demolished (the only existing photo is shown in Fig. 1B), a blue plaque commemorates his close association with the area (Fig. 1C) [4].</p>		
<p>EARLY LIFE AND MEDICAL CAREER</p> <p>We know very few details of his early life. His parents, John and Mary, had three children – James (the eldest), William and Mary [7]. John Parkinson worked as a doctor in and around Hoxton, being a member of the company of surgeons, and this obviously influenced the young James Parkinson. Following in his father’s footsteps, he enrolled</p>	<p>WHAT IS PARKINSON’S DISEASE?</p> <p>To start our journey, let’s begin with the first-ever definition of Parkinson’s disease:</p> <p>“Involuntary tremulous motion, with lessened muscular power, in parts not in action and even when supported; with a propensity to bend the trunk forwards, and to pass from a walking to a running pace: the senses and intellects being uninjured.”</p>	<p>O QUE É A DOENÇA DE PARKINSON?</p> <p>Para começar a nossa jornada, vamos dar uma conferida na primeira de todas as definições da doença de Parkinson:</p> <p>“Movimento trêmulo involuntário, com força muscular diminuída, em partes inativas e até mesmo quando suportadas; com propensão de curvar o tronco para frente e passar de um ritmo de caminhada a um de corrida: com sentidos e intelecto permanecendo ílesos.”</p>

<p>at the London Hospital in 1776. A fascinating insight into Parkinson's views on training to be a doctor is provided by a series of letters he compiled as a pamphlet on medical education in 1800 entitled "the hospital pupil". In it, he detailed the requirements and system of a medical education, emphasizing that "a sympathetic concern, and a tender interest for the sufferings of others, ought to characterize all those who engage themselves in a profession, the object of which should be to mitigate, or remove, one great portion of the calamities to which humanity is subject" [8]. It is likely that much of the advice dispensed</p>		
--	--	--

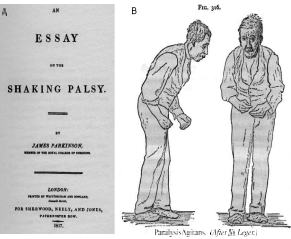
<p>in this book came from Parkinson's own experience of entering the medical profession. He was awarded a diploma of the Company of Surgeons (the precursor to the Royal College of Surgeons) in 1784, just a few months after the death of his father. In the days before such a job description existed, James Parkinson operated as a general practitioner in Hoxton for several decades, later in partnership with his son (also called James), who took over the running of the practice from his father when he retired [7, 9]. In addition to attending to the general health and wellbeing of the people of Hoxton, Parkinson was also</p>		
--	--	--

<p>heavily involved in the welfare of patients in the numerous mental health institutions, the Hoxton madhouses, that were located in and around Hoxton [10].</p>		
<p>Parkinson was an active member of the medical community in London, and was elected a Fellow of the Medical Society of London in 1787. He wrote papers and pamphlets for the medical community and for consumption by the general public, presenting his first paper to the Medical Society of London in 1787 entitled “Some Account on the Effects of Lightning” [11]. For a more general readership, he wrote several books of medical advice, for example</p>	<p>Found it complicated? Well, that makes two of us! That was James Parkinson’s definition of the disease. By the time he wrote it, he didn’t think – I guess – he’d write for you and me. But, thanks to people who feel our struggle, we have a much easier definition at hand:</p> <p>“Parkinson’s disease is a disorder of the brain that affects movement, often including tremors.”</p> <p>Better now, right? So, what usually happens to people who suffer from Parkinson’s is that they have these movements they cannot control. They tend to walk with their backs bent forward and in small shuffling steps, sometimes even freezing while at it.</p> <p>Besides these symptoms, there is another one that is very noticeable as well. The symptom that we are talking about is the one that affects memory. It’s dementia, the loss of</p>	<p>Achou complicado? Então somos dois! Essa daí foi a definição de James Parkinson. Quando a escreveu, ele não pensou – eu acho – que ia escrever para você ou para mim. Mas, graças a pessoas que nos entendem, temos à mão uma definição bem mais fácil:</p> <p>“A doença de Parkinson é um transtorno do cérebro que afeta os movimentos, geralmente incluindo tremores.”</p> <p>Ficou melhor, né? Então, o que normalmente acontece com as pessoas que têm a doença de Parkinson é que elas fazem uns movimentos que não conseguem controlar. Geralmente caminham com as costas curvadas para frente e com passos pequenos e arrastados, às vezes até mesmo congelando enquanto caminham.</p> <p>Além desses sintomas, também existe outro que é bem visível. O sintoma de que estamos falando é o</p>

<p><i>The Town and Country Friend and Physician.</i> This dispensed advice on medical issues ranging from “bleeding from the nose” to the “folly of too much care and anxiety after health” [12]. An example of the esteem in which James Parkinson’s peers held him is his involvement with the Association of Apothecaries – an organization that played an important role in the passing of the Apothecaries act of 1815, which in turn was an important step towards the development of a comprehensive medical education for medical practitioners [13]. Parkinson was heavily involved in the association, and was elected president in 1817 serving two</p>	<p>memory.</p>	<p>que afeta a memória. É a demência, a perda de memória.</p>
--	----------------	---

terms [14].

Fig. 1. James Parkinson's Hoxton. (A) A survey of Shoreditch from 1745, just prior to James Parkinson's birth, showing Hoxton square (centre) and St. Leonard's church (lower right corner) © British Library Board Cartographic Items 577.h.17 (B) Photo of 1, Hoxton Square dating from 1912 (taken from reference [4]) (C) The plaque commemorating James Parkinson on 1, Hoxton Square today.

<p>THE SHAKING PALSY</p> <p>Parkinson's extensive clinical experience and observational skills, gleaned from several decades of medical practice in Hoxton, served him well in what was to be his outstanding contribution to medical science – his description of the Shaking Palsy (Fig. 2) [15, 16]. From the outset it is clear that he was well aware of how devastating the disease could be:</p>	<p>When someone has dementia, he or she starts to forget about things. As years goes by, people with dementia tend to forget more and more. Depending on the case, dementia can take a lot of years to develop or affect people right away.</p> <p>As a matter of fact, did you know that dementia affects not only people's memory, but also their thinking and reasoning? So, yeah – believe it or not –, it gets really hard to write a shopping list. Or even to talk with other people!</p>	<p>Quando alguém tem demência, ele ou ela começa a se esquecer das coisas. Com o tempo, as pessoas com demência se esquecem cada vez mais. Dependendo do caso, a demência pode levar vários anos para se desenvolver ou pode afetar as pessoas de uma hora para outra.</p> <p>Aliás, você sabia que a demência afeta não só a memória das pessoas, mas também o pensamento e o raciocínio? Então – acredite se quiser –, fica bem difícil de escrever uma lista de compras. Ou até mesmo falar com outras pessoas!</p>
<p>“the unhappy sufferer has considered it as an</p>  <p>evil, from the domination of which he had no prospect of escape”</p>	<p>Of all the symptoms of Parkinson's, dementia is by far the one that hurts the most. It hurts not only people who have Parkinson's, but also close people like their parents, family, and friends.</p>	<p>De todos os sintomas de Parkinson, a demência é de longe o que mais machuca. Ela machuca não só as pessoas que têm Parkinson, mas também os pais, a família e os amigos.</p>

<p>Fig. 2. James Parkinson's legacy to the field of neurology (A) The frontispiece to his essay on the Shaking Palsy, written in 1817. (B) An illustration of an individual with Parkinson's disease from William Gower's work <i>Manual of the Diseases of the Nervous System</i> written in 1886.</p>		
<p>It is remarkable, and a testament to Parkinson's powers of observation, how much of the essay on the Shaking Palsy remains relevant to the description of patients with Parkinson's disease today [17, 18]. His definition of the Shaking Palsy is worth reproducing in full. He described it</p>	<p>It's hard to face it, but people who have Parkinson's don't forget about things on purpose. They just do because they can't help it. If they could, they wouldn't do it, but – again – they can't! So, however it hurts, the best we can do is empathize with them and help them through this disease.</p>	<p>É difícil de aceitar, mas as pessoas que têm Parkinson não se esquecem das coisas de propósito. Elas se esquecem porque não conseguem evitar. Se conseguissem, elas não iriam se esquecer, mas – de novo – elas não conseguem! Por isso, por mais que isso nos machuque, o melhor que podemos fazer é sentir empatia e ajudá-las no que for preciso.</p>

<p>as a disease characterized by an:</p>		
<p>“Involuntary tremulous motion, with lessened muscular power, in parts not in action and even when supported; with a propensity to bend the trunk forwards, and to pass from a walking to a running pace: the senses and intellects being uninjured.”</p>	<p>IS THERE A TREATMENT OR CURE FOR PARKINSON’S DISEASE?</p> <p>Now that you know what Parkinson’s is, you might be asking yourself: “Is there a cure or something like that?” Well, even though science has come a long way, we still haven’t found a cure for Parkinson’s disease. But – guess what! – treatment does exist! Yay!</p>	<p>EXISTE ALGUM TRATAMENTO OU CURA PARA A DOENÇA DE PARKINSON?</p> <p>Agora que já sabe o que é a doença de Parkinson, você deve estar pensando: “Tem cura ou algo do tipo?” Então, mesmo com os avanços da ciência nos últimos tempos, ainda não achamos uma cura para a doença de Parkinson. Mas – adivinha só! – existe tratamento! Yay!</p>
<p>The major difference between Parkinson’s definition and the modern understanding of Parkinson’s disease is with regard to his final observation, the importance of non-motor symptoms, as there is an increasing realization that dementia is an important part of the symptomatic spectrum of Parkinsonism [19].</p>	<p>Well, okay... I know that may not sound that great, but at least it’s something. Knowing that Parkinson’s is treatable is better than knowing you cannot do anything about it.</p> <p>So, yeah, the first thing that people who start to have symptoms of Parkinson’s should do is seek medical help. Then, after diagnosis, a doctor will be able to say what a patient needs, be it taking this or that medication, getting in exercise, or having speech therapy sessions. It all depends on the case in hand.</p>	<p>Tá certo... Eu sei que isso pode não parecer tão bom, mas ao menos é alguma coisa. Saber que Parkinson é tratável é melhor do que saber que você não pode fazer nada a respeito.</p> <p>Então, a primeira coisa que as pessoas que começam a apresentar os sintomas de Parkinson devem fazer é ir atrás de ajuda médica. Aí, depois do diagnóstico, o médico vai poder dizer melhor do que o paciente precisa, seja tomar esse ou aquele remédio, exercitar-se ou fazer sessões de fonoaudiologia. Tudo depende do caso em mãos.</p>

<p>The centerpiece of the essay is Parkinson's report of a typical history for the Shaking Palsy, illustrated with a series of six cases from in and around Hoxton, sharing a number of characteristic symptoms. Although varying in detail (only two of the cases were directly examined by Parkinson, and of these a detailed case history was taken in one case), these contain a wealth of information that neurologists today would recognize from their own interaction with Parkinson's disease patients [18].</p>	<p>FYI: WHO DISCOVERED PARKINSON'S DISEASE?</p> <p>I thought it'd be cool to finish this up with none other than James Parkinson himself. Well, just a portrait of him...</p>	<p>CURIOSIDADE: QUEM DESCOBRIU A DOENÇA DE PARKINSON?</p> <p>Achei que seria legal terminar esse texto com ninguém mais, ninguém menos que James Parkinson. Bom, só um retrato dele...</p>
---	---	--

Much is made in the essay of the inadequacy of the treatments available to sufferers. The optimism of Parkinson's humanist tendencies prompted him to suggest that: "there appears to be sufficient reason for hoping that some remedial process may ere long be discovered, by which, at least, the progress of the disease may be stopped". Sadly it was to be 140 years before the work of Arvid Carlsson and others eventually led to the development of *levodopa* as a symptomatic treatment for the Shaking Palsy, and we still await an intervention that actually retards the progress of the disease.



Figure 1: James Parkinson at his

finest.



Imagem 2: James Parkinson no seu melhor.

It is important

If it hadn't been for his

Se não fosse pelas observações

<p>to note, when reading an essay on the Shaking Palsy, that Parkinson was working in uncharted territory. The study of neurological disease as we know it today was very much in its infancy, and the degenerative diseases that are so familiar now, such as Motor Neuron Disease or Alzheimer's Dementia, were still many years from being established as clinical entities. As the medical discipline of neurology took shape over the course of the 19th century, a number of its founding fathers (most notably Jean-Martin Charcot in Paris and Williams Gowers in London) acknowledged the contribution that Parkinson had made in bringing together</p>	<p>observations, we wouldn't be able to have made so much progress towards understanding this disease named after him. So, thank you, sir!</p>	<p>dele, não iríamos ter conseguido avançar tanto para entender essa doença nomeada em sua homenagem. Por isso, obrigado, senhor!</p>
--	--	---

<p>and synthesizing the case reports that he published in his essay on the Shaking Palsy [20–23]. The most obvious consequence of this was the naming of the disease in recognition of Parkinson’s influence on the field.</p>		
--	--	--

ANEXO J: GUIA RÁPIDO DE SIMPLIFICAÇÃO TEXTUAL

Hoje, com a Internet, informações de todos os tipos estão, cada vez mais, ao alcance do público geral. Se quisermos, por exemplo, saber mais sobre uma doença diagnosticada na família, é só consultarmos o “Dr. Google” e lá encontraremos um sem-fim de informações sobre a tal doença.

Mas lembre-se: você deve verificar a fonte dessas informações, sendo importante buscar aquelas fontes que sejam gabaritadas e que tenham a autoria/responsabilidade de instituições/associações de saúde ou de profissionais devidamente identificados.

Além disso, será que essas informações são acessíveis a um público leigo? Alguém que não tenha formação da área de saúde conseguiria compreender o que esses textos, sites, etc. dizem?

A informação não deve, portanto, estar acessível somente no sentido de estar ao alcance do leitor, mas deve ser acessível de modo que possa ser compreendida por esse leitor.

É por isso que a acessibilidade textual é tão importante. Tornar um texto acessível significa democratizar o conhecimento. Com esse intuito, criamos um passo-a-passo de como simplificar um texto.

COMO SIMPLIFICAR UM TEXTO EM 10 PASSOS

PASSO 1: DESCUBRA O ÍNDICE FLESCH DO TEXTO

Faça uma análise do texto no Word para descobrir o índice Flesch do mesmo. O índice Flesch é um índice que mede a complexidade de um texto. Quanto maior o índice, mais fácil de ler. Veja a tabela a seguir.

Valor do índice escolaridade	Grau de	Leitura do texto
90-100	(5ª série)	muito fácil
80-90	(6ª série)	fácil
70-80	(7ª série)	razoavelmente fácil
60-70	(8ª e 9ª série)	padrão
50-60	(10ª a 12ª série)	razoavelmente difícil
40-50 (faculdade)	(cursando a	difícil
0-30 (completo)	(com 3º grau	muito difícil

Para analisar o texto no Word, vá na guia Revisão, depois em Ortografia e Gramática e faça a revisão ortográfica do texto. Após a conclusão da revisão ortográfica, o Word fornecerá as ‘Estatísticas

IMPORTANTE: Com essa informação em mãos, você poderá avaliar se o texto é acessível ou muito complexo para o leitor e, se muito complexo, adaptá-lo para que fique mais adequado ao perfil do leitor.

de Legibilidade' do texto e o Índice Flesch

PASSO 2: ESSA INFORMAÇÃO É REALMENTE IMPORTANTE PARA O LEITOR?

Leia todo o texto atentamente. Analise a **relevância das informações** de acordo com o **perfil do leitor**. No caso de textos médicos, esta é uma informação direcionada a médicos apenas? É uma informação que somente pessoas da área médica/de saúde teriam interesse em saber? Ou é uma informação importante para o público geral? Marque no texto aquelas informações que você considera pouco relevantes para o seu leitor e as retire do texto.

PASSO 3: ENCURTE!

Frases muito longas só dificultam! Reduza o número de palavras por frases, pois frases muito longas dificultam a leitura. Frases longas podem ser divididas em duas frases menores ou mais. Cuide também o tamanho dos parágrafos.

PASSO 4: TERMINOLOGIA PARA LEIGOS?

Agora, com o texto mais enxuto, **marque/realce em amarelo** os termos técnico-científicos que você considera pouco complexos para o leitor em questão. No caso de textos da área de saúde, marque todos os termos de cunho médico, por exemplo. Pesquise! Pois esses termos precisam ser explicados ou substituídos por outros mais acessíveis.

PASSO 5: NÃO ESQUEÇA O LÉXICO GERAL DO TEXTO

Não se esqueça que não são só os termos técnicos/científicos de um texto que podem ser complexos! Leia o texto novamente e busque palavras que podem ser consideradas complexas para o perfil do seu leitor. Foque nos substantivos e verbos, pois os advérbios, adjetivos e pronomes são casos especiais, que devem ser analisados separadamente. Marque os substantivos e verbos em vermelho e busque alternativas/sinônimos mais simples!

PASSO 6: OS ADVÉRBIOS COMPLICAM!

Você já consegue enxergar que o texto está mais simples? Podemos simplifica-lo mais ainda cuidando dos advérbios. Os advérbios podem ser um fator complicador de um texto, **principalmente**, os longos... aqueles terminados em **-mente**. Portanto, você deve substituí-los ou eliminá-los do texto.

Exemplos:

Atualmente, as crianças são mais independentes. Índice Flesch = 17.145

Hoje em dia, as crianças são mais independentes. Índice Flesch = 60.940

Lembre-se: Quanto maior o índice mais fácil de ler!

PASSO 7: CUIDADO COM A “FILA” DE ADJETIVOS!

Os **adjetivos** também podem contribuir para deixar o texto mais difícil de ler, principalmente quando utilizamos muitos adjetivos para descrever um objeto ou pessoa. Em inglês, os ‘**clusters de adjetivos**’ são muito comuns. Os falantes de inglês gostam muito, inclusive, de unir vários adjetivos (ou substantivos com valor de adjetivo) com hífen. Em português isso não é tão comum.

PASSO 8: FUJA DA VOZ PASSIVA!

Agora, com o texto já bem mais acessível, você deve observar a **voz passiva**. A voz passiva pode ser um complicador importante! Você pode verificar o percentual de voz passiva do texto no Word. Seguindo os mesmos passos que você fez para descobrir o índice Flesch (Ver passo 1). Se você verificar que o texto possui frases na voz passiva, vá atrás delas! E coloque as frases na ordem canônica, ou seja, **sujeito + verbo + objeto**.

PASSO 9: ÀS VEZES, REPETIR É BOM! PRONOMES

Evite muitos **pronomes**! Muitas vezes, queremos tornar o texto mais fluido e substituímos o sujeito e o objeto (substantivos) por pronomes. Mas não é raro o leitor se perder e não conseguir identificar ao que aquele pronome está se referindo. Portanto, muitas vezes, repetir os nomes não é ruim para a compreensão do texto.

PASSO 10: VERIFIQUE QUANTAS VEZES FOREM NECESSÁRIAS

Os **índices** que medem a complexidade de um texto podem não ser determinantes, pois estamos trabalhando com muitas variáveis e fatores subjetivos; contudo, os índices são um bom indicativo se você está indo no caminho certo. **Então, não esqueça de verificar o índice do seu texto simplificado!**

ANEXO K: DA PROPOSTA DE DISCIPLINA - GUIA DE NOÇÕES PARA USAR NA DISCIPLINA

A seguir, apresento um Guia de Noções a ser utilizado durante as aulas da disciplina com os principais conceitos trabalhados. Pelo fato de ser uma temática nova, acredito que um guia de consulta rápida com algumas das noções que serão trabalhadas em sala de aula será de grande valia, permitindo que o aluno se situe mais facilmente no tema da Tradução Especializada Acessível e suas relações.

Acessibilidade Textual (AT) – Pode ser compreendida como qualidade, uma condição do texto e, principalmente, como algo que se deseja promover ou concretizar de modo que determinada comunidade leitura tenha condições de compreender um dado texto. (FINATTO, 2018)

Alfabetização - A alfabetização é, portanto, o processo de aprendizagem onde se **desenvolve a habilidade de ler e escrever** de maneira adequada, e este processo se dá por meio do desenvolvimento de **atividades de alfabetização**, que envolvem o aprendizado do alfabeto e dos números, a coordenação motora e a formação de palavras, sílabas e pequenas frases. (SOARES, 1998)

Complexidade Textual (CT) - A Complexidade Textual (CT) é uma condição semântica, instaurada pela não familiaridade de um leitor ou grupo de leitores com um dado texto escrito e seu conteúdo lexical e/ou sintático. A complexidade de um texto é, portanto, uma propriedade ou condição do texto e, como tal, pode ser mensurada mediante a análise de seus atributos de construção verbal – pelo vocabulário (termos e léxico geral) presente no texto e também por sua configuração gramatical. (Fonte: Elaboração da autora nesta dissertação)

Índice Flesch - O índice Flesch é uma fórmula criada por Rudolph Flesch, no pós-guerra, para medir a inteligibilidade de um dado texto. O índice Flesch foi criado em 1948 e tinha como objetivo principal medir a complexidade dos manuais utilizados por imigrantes nas fábricas durante o pós-guerra nos EUA. A fórmula: $IFLF = 206,835 - ((1,015 \times \text{comprimento médio da frase}) + 0,846 \times (\text{número de sílabas por 100 palavras}))$. (Fonte: Wikipedia)

Índice Flesch-Kincaid - O índice Flesch-Kincaid foi criado na década de 70 por Peter Kincaid a pedido da marinha americana e tem como base o índice Flesch. Seu diferencial é que mede a inteligibilidade de um dado texto por grau de escolaridade.

Inteligibilidade - inteligibilidade é o que torna um texto mais fácil de ler do que outro. (DUBAY 2012, p. 7)

Legibilidade - A legibilidade diz respeito à tipografia e ao layout do texto (DUBAY 2012, p. 7).

Linguagem Acessível (LA) - A Linguagem Acessível é um ideal a ser alcançado, é algo que parte das concepções de um movimento social e que visava a democratizar o acesso ao conhecimento, especialmente via textos escritos. A acessibilidade deveria ser possível a todas as pessoas, independente do grau de escolaridade ou origem étnica, conforme R. Flesch já propôs. A Linguagem Acessível se apoia em um processo de simplificação da linguagem baseado em análise e reformulação lexical e sintática, mediante o uso de métricas, fórmulas, estimativas e testes com leitores, para atingir um objetivo: uma formulação de linguagem compreensível, acessível a um determinado público leitor que deverá, por sua vez, compreender a mensagem de um texto já na primeira leitura, utilizando as informações encontradas no próprio texto que lê, de acordo com as suas necessidades. (Fonte: Elaboração da autora nesta dissertação)

Letramento - É o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2009)

Letramento científico - É a capacidade de empregar o conhecimento científico para identificar questões, adquirir novos conhecimentos, explicar fenômenos científicos e tirar conclusões baseadas em evidências sobre questões científicas. Também faz parte do conceito de letramento científico a compreensão das características que diferenciam a ciência como uma forma de conhecimento e investigação; a consciência de como a ciência e a tecnologia moldam nosso meio material, cultural e intelectual; e o interesse em engajar-se em questões científicas, como cidadão crítico capaz de compreender e tomar decisões sobre o mundo natural e as mudanças nele ocorridas.” (INEP, 2010)

Letramento em Saúde - Letramento em Saúde é a capacidade que os indivíduos têm de obter, processar e compreender informações básicas e serviços de saúde necessários para tomarem decisões adequadas sobre sua saúde ou a saúde de quem são responsáveis (OSBORNE, 2013)

Medidas Simplificadoras - Conjunto de medidas e estratégias com vistas à simplificação de um texto. Elas podem ser de ordem lexical (por substituição ou explicação), de ordem sintática, por edição de conteúdo e recursos que visem o layout, design e organização do texto. (Fonte: elaboração da autora nesta dissertação).

Métricas de complexidade - Elementos textuais que podem contribuir para dificultar a leitura de um texto. Estas métricas podem ser de ordem lexical, como o uso de léxico especializado, e sintática, construções complexas como frases longas e voz passiva. (Fonte: Elaboração da autora nesta dissertação)

Plain Language - É um movimento que surgiu em países de língua inglesa como os EUA e Reino Unido e que defende uma linguagem mais acessível a todos. Segundo o site oficial do governo americano, Plain Language é a comunicação que o seu público consegue entender já na primeira vez que ouve ou lê. (Fonte: <https://www.plainlanguage.gov/about/definitions/>).

Simplificação Textual (ST) - Pode ser compreendida como um processo, como uma ação de reformulação, pelo qual o texto é submetido de modo a se tornar mais simples e acessível a um determinado público leitor. Por ser um processo de reformulação textual, a ST também pode ser entendida como uma forma de tradução intralinguística.

Tradução Especializada - Tradução especializada é, em geral, a denominação utilizada para diferenciar o ato de traduzir textos técnicos, científicos, médicos, legais etc. daqueles pertencentes a outras tipologias, como a literatura e a comunicação geral. (REBECHI, 2015, p. 52)

Tradução Especializada Acessível (TEA) – É a tradução de textos referentes à comunicação especializada e de cunho técnico-científico que envolve dois processos de tradução, primeiramente a tradução interlinguística e posteriormente a tradução intralinguística. O processo de tradução intralinguística é intergenérico e visa à simplificação do resultado da tradução interlinguística, com o principal objetivo de tornar esse texto mais acessível a um público leitor com determinado grau de conhecimento e/ou letramento, seja ele semiespecialista ou leigo. (Fonte: Elaboração da autora nesta dissertação)